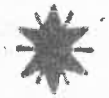
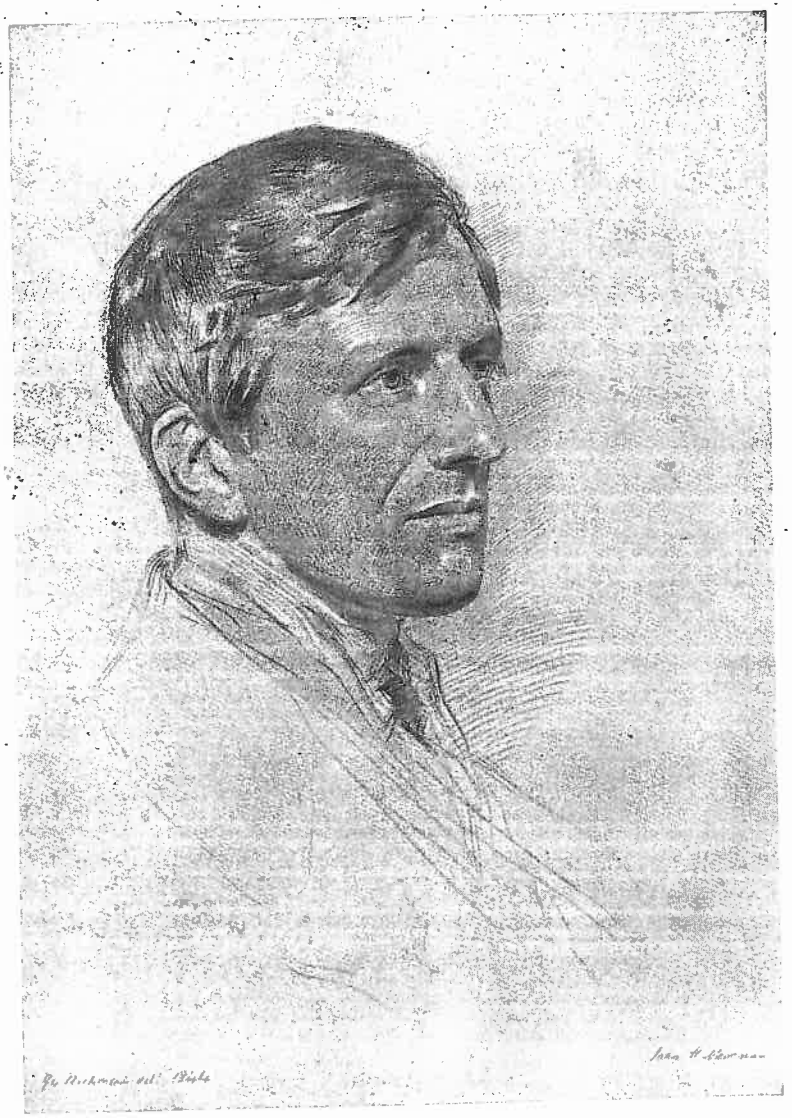
O CARDEAL NEWMAN

P. M. TEIXEIRA-LEITE PENIDO



EDITORA VOZES

http://www.obrascatolicas.com



JOHN HENRY NEWMAN

Pe. M. TEIXEIRA-LEITE PENIDO

O CARDEAL NEWMAN

1946
EDITORA VOZES LIMITADA
Petrópolis, R. J.
Rio de Janeiro São Paulo

http://www.obrascatolicas.com

I M P R I M A - S E
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM JOSÉ PEREIRA
ALVES, ADMINISTRADOR APOSTÓ-
LICO DA DIOCESE DE PETRÓPOLIS.
FREI MATEUS HOEPERS, O. F. M.
PETRÓPOLIS, 4-11-1946.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Introdução.

"O homem, sob muitos aspectos, o mais notável que haja surgido na Inglaterra no século passado e talvez o mais notável que a Igreja anglicana haja produzido em qualquer século: John Henry Newman" [1], esse homem quase que é desconhecido no Brasil. Raros os que lhe ouviram o nome, raríssimos os que lhe perlustraram qualquer obra. Alguns cuidarão talvez que melhor fora deixá-lo jazer no túmulo em que há 55 anos o desceram. Entretanto, convictos de que Newman tem algo essencial que dizer à nossa época e à nossa gente, elaborámos esta introdução à vida e obras do grande inglês, na esperança de induzir os leitores a se aprofundarem no estudo de uma e de outra.

Tão superior e complexa a personalidade de nosso herói, que lhe poderíamos haver posto em relevo os mais variados aspectos: haver retratado o orador, ou o filósofo, o teólogo, o prosador, o poeta, o apologista, o educador, o asceta, o polemista, o historiador, o epistológrafo... Todavia, em se tratando de um primeiro contacto, pareceu-nos mais oportuno levar o leitor ao que mais essencial e profundo encontramos em Newman. E' por aí que ele vive ainda, não apenas para eruditos, mas para todos nós. Com a perspicácia dos génios, Newman anteviu, um século de antemão, os males mais profundos de que ora padecemos e o único remédio que deles nos poderia libertar. Previu que o fascínio exercido pelas ciências exactas faria medrar e imperar aquela raça de homens que já Platão pintara a abraçar rochedos e carvalhos, proclamando que só existe o que cai sob os sentidos. Factos e mais factos, apenas factos. Previu que tal mentalidade arrastaria à negação de todo e qualquer ideal religioso e mesmo moral, reduzindo a felicidade

http://www.obrascatolicas.com

suprema do homem, a ser um animal bem nutrido. Previu estes dias em que dois psicólogos americanos, professores da Universidade de Harvard, desejando ser objectivos, ver-se-iam constrangidos a arrolar, entre os tipos representativos da "nova aristocracia" em via de formação, um indivíduo que "podemos imaginar, ordenando a destruição de um milhão de homens, ou até de uma nação inteira, sem o mínimo escrúpulo de consciência, coubesse-lhe poder para tanto." [2] Vem agora a bomba atômica abrir perspectivas fagueiras a esses "novos aristocratas"!

Se não há Deus, fora o nosso ventre, não meçamos sacrifícios para fartá-lo. Se tudo é sonho, salvo o gozo material, estulto seria regatear-lhe o preço. Para assegurar mais alto nível de vida material a uma classe ou a um povo, desencadeiam-se conflitos sociais cada vez mais agudos, guerras cada vez mais atrozes. Ainda se esse multiplicar de cataclismas persuadisse os homens que foram vítimas de mortal ilusão, ao imaginarem que a Ciência positiva, norteada pela Economia, viria assegurar a felicidade do mundo! Pudesse o lívido clarão de Hiroshima patentear a todos os olhos o trágico absurdo da exclamação de Víctor Hugo: "abri uma escola, fechareis uma prisão"!

Ingénuo seria amaldiçoar a ciência, ou mesmo proclamar-lhe a falência; urge apenas colocá-la no lugar competente: o de mero instrumento, de que podemos usar para o bem ou abusar para o mal. A era atômica consumou a derrocada dos adoradores da Ciência. Mesmo os totalmente cegos foram forçados a perceber que a nova fonte de energia pode tanto beneficiar a humanidade quanto aniquilá-la. Começou assassinando; agora o indispensável, para não perecermos todos, é encontrar um Fim ao qual as aplicações da Ciência se subordinem. Esse Fim, não lograriam porventura os sábios, ao rasgar os últimos véus que encobrem o real, desvendá-lo a nossos olhos extasiados? — Impossível. Impossível porque o método científico para manter-se fiel à própria índole, deve-se restringir à descrição dos fenômenos e descobrimento das leis que os regem. Pode, portanto, determinar tão-só o que é, nunca o que deve ser. Por outras palavras, apenas pode proferir juízos de realidade, jamais juízos de valor. E' por isso que a ciência pode servir ao vício como à virtude. A guerra de que emergimos veio mais uma vez comprovar a possibilidade de uma barbaria científica.

Educar sobre moldes puramente científicos, é desvirtuar a própria ciência. A biologia, a higiene, a psicologia, a sociologia, etc., podem apenas estabelecer proposições condicionais: *se* o educador deseja obter da criança tal espécie de comportamento, cumpre empregar tais e tais métodos, cientìficamente comprovados. Nunca, porém, poderão ditar proposições categóricas, como: o educador *deve* obter tal espécie de comportamento. Se pedagogos e sociólogos amiúde pretendem deduzir "cientìficamente" o comportamento ideal ou obrigatório, sinal é que, sem perceberem, ultrapassam o âmbito da ciência positiva, para invadir o domínio da filosofia moral ou social. A filosofia? Competir-lhe-ia então prefixar o fim ao qual se deveria curvar a ciência em suas aplicações? Seria então uma boa filosofia da vida, o supremo remédio para os males contemporâneos?

Falamos, já se vê, não de uma filosofia técnica para especialistas, porém de um "ideal de vida" inspirado pela filosofia, a ser difundido largamente por entre as massas. Aludimos também a um "remédio supremo" sem menoscabar os meios econômicos, políticos, etc.; temos em vista um ideal mais alto que nortearia todos os outros esforços de reconstrução e sem o qual estes falhariam. Para que poderiam servir, por exemplo, tratados internacionais hàbilmente elaborados, não traduzissem eles ideais que efectivamente animassem os povos que pretenderiam reger?

Seria bastante a filosofia?

Assim como profetizara o mal, Newman anteviu o remédio. Convencido da minguada eficacidade prática da

http://www.obrascatolicas.com

filosofia, sobrepôs à inspiração metafísica ou moral, por mais elevada fosse ela, *a fé cristã em Deus*. Ora, não deixa de ser digno de nota que, um século mais tarde, o mais genial filósofo contemporâneo haja chegado a conclusão idêntica.

Ao cabo de longa existência, consagrada toda a decifrar o enigma do homem e do universo, Henri Bergson, nimbado de glória e saber, exarou algumas dezenas de páginas, pejadas de doutrina e experiência, em que procura diagnosticar os males de que sofremos e os remédios que nos podem valer. [3] Atribui ele, em última análise, o desajustamento actual ao facto da humanidade encontrar-se como que esmagada sob o peso de progressos materiais, não compensados por um aperfeiçoamento moral proporcionado.

Desmedido o corpo, a alma franzina que nele vegeta é minguada demais para permeá-lo todo. Donde o "vazio" entre um e outro. Os tremendos problemas sociais e internacionais seriam expressões desse "vazio" e os esforços para enchê-lo, desordenados e ineficazes, por carecerem de suficiente energia moral. Ora, o genial pensador não propõe como remédio uma qualquer filosofia, antes conclui que o progresso mecânico exige um surto de *mística cristã*. Desviado da rota verdadeira — que o levaria a libertar a alma em vez de oprimi-la — o "mecanicismo" só logrará prestar serviços proporcionados ao seu poderio, quando a humanidade, por ele encurvada ainda mais sobre a terra, conseguir soerguer-se e voltar os olhos para o Céu. Acreditar, porém, em Deus como acreditamos no que ensinam os astrônomos sobre as estrelas, de bem pouco valeria.

Grande ilusão o imaginar que a educação religiosa da juventude se resolve com uma aula de catecismo por semana. Somos homens e não psitacídios. As verdades memorizadas, é mister torná-las vida. Newman insiste, sem esmorecer, sobre a imprescindível necessidade de uma fé actuosa, vivida. Não apregoa uma crença teórica, platônica, ensina a viver em presença de Deus. E' doutrina da Igreja, sem dúvida, mas a originalidade de Newman consiste em ilustrar os aspectos concretos dessa verdade. Um de seus mais célebres sermões versa sobre "as palavras irreais", *on unreal words;* vezes sem conta, em seus escritos, investe contra o verbalismo religioso, repreende os palreiros hipócritas, insta para que passemos do assentimento teórico ao real. Crer não já na palavra "Deus" ou na ideia abstracta de Deus, numa entidade irreal ou difusa, mas crer num Deus que é Pessoa concreta, viva, a qual trava relações conosco, em cujo conspecto pensamos e agimos.

Aqueles que decretam a falência do cristianismo, visam homens cujas proclamações atroam o mundo, mas que as desmentem ao depois, na vida cotidiana. Ao contrário, o cristão que vive concretamente em presença de Deus, Pessoa real privando com a alma, este será o Santo, cujas virtudes sobre-humanas contemplamos atônitos — por exemplo um Padre Damião entre os leprosos. Em grau inferior, pertencerá àquela legião de crentes votados ao serviço dos pobres, dos bárbaros em terras inóspitas; ou ainda um daqueles humildes, que na banalidade cotidiana *viveram* o Evangelho, espargindo entre os homens um pouco mais de beleza, um pouco mais de bondade. Fossem em número maior, conseguissem arrastar a humanidade, e o futuro não mais se pronunciaria tão borrascoso; dissipar-se-iam tantas apreensões sombrias e os políticos não mais vaticinariam que a humanidade se encontra à beira da destruição.

Ao homem contemporâneo, desnorteado, acabrunhado de dores, Newman aponta duas realidades radiosamente evidentes: a alma e seu Criador.

Mas, em que região se pode encontrar o Deus vivo e a alma viva? — Nos refolhos da *consciência moral,* ensina Newman. O Deus que ele anuncia não paira no empíreo — como o ser supremo dos deístas — nem se dilui pela natureza como a deidade invertebrada dos panteístas. — Não, Ele desce à consciência do homem, dela se apodera e nela traça o sulco mais profundo: a

http://www.obrascatolicas.com

lei moral. Voz do dever, voz de Deus. Aquela "dignidade da pessoa humana", que tantos proclamam sem precisar em que consiste, Newman ensina que ela se funda, de certo, na alma espiritual, na razão, na liberdade, mas, em última análise, consiste em *servir a Deus*. Servir, não apenas em teoria, pela imaginação, mas concretamente, na monotonia do eterno cotidiano, à custa de qualquer sacrifício. A pessoa humana só realiza seu verdadeiro destino, só atinge sua grandeza real, quando se dobra à Vontade de Deus que lhe intima a regra de conduta. O autêntico sentido da vida não será, pois, acumular riquezas, nem fartar-se de prazeres, nem cultivar as artes ou as ciências; o sentido da vida consiste na *divinização do homem* pela submissão prática e total à Vontade salvífica de Deus.

E o meio infalível de cumprir essa Vontade é a *fidelidade à luz*. Consentir em ser guiado por Deus, não há atitude mais necessária e mais difícil. Eis por que tão poucos são o que poderiam, deveriam haver sido. A humanidade, no ponto de vista moral, é quase toda composta de mutilados, de anões e até mesmo de abortos. Vidas truncadas, evoluções falhas. Em Newman, ao contrário, admiramos a inflexível constância, a lealdade sem jaça, a generosidade sem arrependimento. Ele ama a verdade divina e quer possuí-la a qualquer custo; está decidido a ir não já aonde desejar, senão aonde a verdade o chamar e na medida exacta em que ela o alumiar. Assim, é levado desde o protestantismo calvinista, pelo protestantismo anglicano, até a um ponto onde fulgura o dilema: "catolicismo romano ou ateísmo". Ainda uma vez anteviu profèticamente os dias de hoje. Se é certo que no mundo hodierno se trava renhida luta entre o ateísmo materialista com seu cortejo de guerras civis e internacionais, e a fé cristã em Deus, com seu reino de paz e amor, aparece igualmente com evidência solar que sòmente a Igreja Católica pode salvar a fé *viva* em Deus, sem a qual os homens nada mais são do que perigosa manada de animais daninhos, e as assembleias e conferências mundiais terão apenas a finalidade de permitir aos adversários que cobrem fôlego, para reencetar à luta com ferocidade possìvelmente maior.

Newman percebeu claramente que, contra a onda do materialismo, a tirania dos sentidos, as ciladas da imaginação, o ímpeto das paixões, a corrosão do cepticismo, o prestígio dos erros ambientes, existe uma única defesa eficaz: *a fé católica romana*. Então, ele despreza seus interesses materiais, calca aos pés os preconceitos de inglês anti-papista, faz calar os frêmitos da sensibilidade, enfrenta o escárnio, o ludíbrio e, fiel à voz de Deus que lhe revela à consciência o dever de submeter-se à Sé de Pedro, guardiã da Verdade, abjura o protestantismo e professa a fé romana. No grêmio da Igreja Católica prosseguiu por dilatados anos e até à morte, no serviço da verdade, a despeito da incompreensão de seus correligionários. Não se contentou apenas de doutrinar; praticou o que ensinava, ao preço dos mais duros sacrifícios.

Chega-nos assim sua mensagem duplamente acreditada: vivida pelo autor e confirmada pelos acontecimentos ulteriores.

Vem acrescer a oportunidade de transmitir ao público brasileiro os ensinamentos de Newman, a sedução que um protestantismo de importação anglo-saxônica exerce sobre vários dentre os nossos. Sem dúvida, poderão fortalecer-se os católicos vacilantes, ao averiguarem que o mais genial, o mais douto e um dos mais pios dentre os pastores protestantes, ao cabo de 29 anos de esforços contínuos para viver e aprofundar sua fé, chegou à conclusão de que a Reforma representa pavorosa corrupção e descaimento da religião de Cristo. Ainda mais os impressionará a lição, se atentarem em que a conversão de Newman não foi um caso esporádico, senão abriu a seus compatrícios o caminho de Roma. Seguindo-lhe as pisadas, desde 1845 até hoje, longa e ininterrupta série de pastores e leigos ingleses, notáveis pelo saber e as virtudes, venceram a pressão do meio, sacrificaram proventos temporais, sufocaram a voz do

http://www.obrascatolicas.com

coração, a tudo renunciaram enfim, para abraçar o catolicismo, abjurando o protestantismo. Temos aqui, não mais apologética teórica — um esgrimir de profissionais da dialética — mas apologética vivida, lastreada de lágrimas, mas permeada de luz.

Sobrepuja Newman essa plêiade de convertidos, não só por ser o precursor, como por transcender, qual personalidade excepcional, o espaço e o tempo. Profundamente inglês, encarnando as mais belas qualidades de seu povo, é também profundamente humano, ou melhor, é isto por ser aquilo. *Cor ad cor loquitur*, a divisa que escolheu para as armas cardinalícias, lhe traduz de modo admirável a influência: muito além das idiossincrasias raciais e das peculiaridades nacionais, ele sabe penetrar até àquelas recônditas regiões onde as almas todas se podem encontrar e entender.

A grande lição que nos traz a conversão de Newman, acresce outra que nos vem de sua vida católica.

Pelejou com denodo pela educação cristã, pela ciência cristã. Tinha certeza de que entre a fé esclarecida e a razão que usa correctamente de suas luzes, é impossível qualquer choque real; almejava, pois, que o grande surto do saber profano, ao qual presenciava, não prejudicasse o saber divino, pelo contrário, viesse servir os interesses morais e religiosos da humanidade. — Vem hoje Bergson afirmar-nos que a ciência moderna poderia haver espiritualizado o homem em vez de escravizá-lo à matéria. — Por esse ideal bateu-se Newman a vida toda. E em vão. Nenhum eco conseguiu despertar nos meios católicos. Faliu miseramente! Denegrido, combatido, paralisaram-se-lhe os esforços. Só vários decênios mais tarde, viria Leão XIII com seu genial renovamento da alta cultura cristã. A Universidade de Lovaina — seguida por tantas outras entre as quais me seja permitido citar a de Friburgo na Suíça de que tanto me ufano de haver sido aluno e mestre — provaram a possibilidade de unir a fé mais ardente com a mais objectiva pesquisa. Seria pueril, entretanto, negar que os católicos chegaram *tarde demais!* O progresso científico que não havia sido sàbiamente orientado pela fé, se fez contra a fé. Assistimos à tremenda apostasia dos meios culturais. Os sábios em sua maioria, infensos ou indiferentes à religião, como escaparia esta à pecha de obscurantismo? Como recuperaria o terreno perdido? Hoje, enfrentamos outros problemas. Encontram-se sobretudo no campo social. Aqui também há a deplorar a atitude de inúmeros católicos, emperrados numa resistência puramente negativa ao comunismo, olvidando que se Pio XI condenou o comunismo, também condenou o capitalismo contemporâneo. Desde Leão XIII clamam os papas pela reforma social. Cegos e moucos, muitos católicos confundem reforma social com obras de beneficência, quando necessitamos ainda mais duma reestruturação social mercê de instituições jurídicas que assegurarão mais equitativa distribuição dos bens materiais e culturais. Se essa reforma não for feita pelos cristãos, far-se-á contra os cristãos. Porque certamente se fará.

Possa o exemplo do grande convertido inglês ensinar-nos qual a atitude que convém a um católico diante do mundo moderno: nem repulsa, nem capitulação, mas conquista. A repulsa não, porque, na tremenda fermentação contemporânea, muita verdade vem à tona e não é lícito repelir *qualquer* verdade, porque a verdade vem de Deus. Portador de uma grande esperança, o católico não pode ser passadista, um simples "laudator temporis acti". Tampouco a capitulação, porque nessa fermentação contemporânea aparece muito erro venenoso: aceitá-los seria fazer perecer as grandes verdades dogmáticas e morais, pelas quais deveríamos sacrificar a própria vida.

Conquista: Newman é insigne exemplo da aliança entre a ortodoxia inflexível e a atitude acolhedora e progressista. Ele faliu por não encontrar sequazes. Quanto a nós, não devemos, não *podemos* falir! Ou então temos que nos resignar a voltar às catacumbas.

*
* *

http://www.obrascatolicas.com

Quando colegial em Paris, recebi, como prêmio de inglês, uma biografia de Newman e desde logo enamorei-me por ele. Com que veneração e fervor peregrinei mais tarde por aquele Oxford onde brilhara, sofrera, encontrara a verdade! Com que maravilha lhe fui aos poucos estudando as obras! Mais que qualquer outro, inspirou-me desde cedo aquele entusiasmo pelas coisas de Inglaterra, que me tem seguido por entre as vicissitudes dos tempos e da vida. Acadêmico, quis consagrar ao pensamento newmaniano uma tese de doutorado. Se os conselhos de meus mestres orientaram-me diversamente a escolha, nunca perdera a esperança de publicar uma obra sobre o bem amado Cardeal. E devo às instâncias de Tristão de Ataíde o poder realizar agora a antiga aspiração. Aliás em condições menos felizes: a literatura newmaniana já forma considerável acervo, o qual, naturalmente, falta em nossas bibliotecas. Ainda não se cogita muito por aqui que as Bibliotecas são o esteio da cultura de um povo. Todavia, a fidalga gentileza dos jesuítas do Rio e de Tristão de Ataíde — à qual rendo mil graças — pôs-me à disposição as obras completas de Newman, sua grande biografia por Wilfrid Ward, os volumes clássicos de Thureau-Dangin e alguns outros mais, que constituíam o mínimo necessário para um livrinho como este que, longe de se ter em conta de exaustivo, apresenta-se tão-só como desataviada introdução à vida e obras de John Henry Newman, que a voz autorizada de Pio XII acaba de proclamar "glória da Grã-Bretanha e da Igreja toda." [4]

Encetada no centenário de sua heróica conversão à fé romana, possa este pequeno ensaio contribuir a firmar nossa adesão à verdadeira Igreja; possa igualmente incentivar muitos espíritos a se abeberarem no manancial inesgotável e tão benéfico da doutrina newmaniana.

CAPÍTULO I.

O Encontro com Deus.

1. Delineia-se um Carácter.

Ingleses e franceses empenhavam-se na derradeira das grandes guerras que os opuseram através dos séculos, quando a 21 de Fevereiro de 1801 nasceu em Londres um menino, John Henry Newman, em cujas veias se vinham confundindo os sangues inimigos. Seu pai, o banqueiro John Newman, pertencia à velha estirpe inglesa, enquanto a mãe, Jemima Foudrinier, descendia de huguenotes emigrados após a revogação do Edito de Nantes. A atmosfera de exaltação patriótica que lhe cercou a meninice e adolescência (velho, recordava ainda haver admirado, aos 5 anos incompletos, candeias ardendo às janelas, em regozijo à vitória de Trafalgar [1]), talvez houvesse contribuído para lhe arraigar n'alma um modo de pensar e sentir radicalmente ingleses. E sempre encarou com pouca simpatia e mesmo com desconfiança o que não era autóctone, insular.

De vontade tenaz e dominadora ("vês que não prevaleceste contra mim", observa a mãe; "sim, replica a criança, mas também esforcei-me quanto pude para vencer") [2]; muito apegado aos seus, mormente à mãe e à irmã menor, Mary, revela susceptibilidade quase mórbida: não tolera as pirraças dos companheiros de escola; a mínima censura lhe é insuportável [3]; tímido e desconfiado de si mesmo [4], mostra-se, em consequência, ansioso por estímulo e queixoso de ser incompreendido. [5] Ferido inevitàvelmente pelo contacto das coisas e dos homens, retrai-se [6]; pouco comunicativo, até mesmo hermético diante de estranhos, embora expansivo, meigo, compreen-

http://www.obrascatolicas.com

sivo junto aos íntimos. Alheio ao mundo exterior, de pronto fatigado pelos jogos e exercícios físicos, John Henry asila-se no mundo encantado dos livros. Infatigável leitor, estudioso em excesso, poeta, prosador e orador desde a meninice, conserva todavia a mente em harmonioso equilíbrio, servido pela rara rectidão de juízo, pela ponderação que o afasta, como por instinto, das atitudes extremadas. Sempre terá horror ao exagero.

Compensando a tendência à introversão, distinguia John Henry funda desconfiança do verbalismo e das abstrações estéreis [7]; como todos os intuitivos, pouco fiava no silogismo e nas deduções rigorosamente encadeadas. Preferia a visão directa, imediata, que pressente, adivinha, contempla. Seu entranhado apego — aliás bem inglês — aos factos, ao concreto, favorecia-se de acuidade sensorial fora do comum, sobretudo no que se refere aos sons e perfumes. [8] Gozava intensamente da beleza de uma paisagem [9]; violinista proficiente, a execução dos quartetos de Beethoven arrancava-lhe gritos de alegria. [10] Dialético subtil e curioso de psicologia concreta; teólogo e poeta; capaz de sacrifícios heróicos e descoroçoado por uma simples falta de atenção; vivendo no mundo dos espíritos, porém sequioso de amizades humanas; desprendido das coisas materiais e apegadíssimo ao seu "home" e aos objectos familiares — esses traços que consideramos antagônicos por estarmos habituados a vê-los realizados separadamente, vinham integrar uma personalidade complexa, que a mesma riqueza tornava enigmática ao comum dos homens: "Quem o entende?" queixava-se o próprio Manning.

Todavia, o que acima de tudo caracterizou Newman desde criança, foi o ter as antenas voltadas para o Invisível. Assinalava-se por verdadeira percepção do reino dos espíritos. [11] Qual "leit-motiv", aflora essa intuição na obra inteira: inspira-lhe o melhor poema: "The dream of Gerontius", e expressa-se de modo sobremodo límpido, no portentoso sermão "The invisible world". Criança, o "senso espiritual", por não ter ainda encontrado o

próprio objecto, detinha-se entre ficções imaginosas: "Soía desejar que os contos de mil e uma noites fossem verdadeiros; fantasiava influxos desconhecidos, poderes mágicos, talismãs. Cismava às vezes que a vida é quiçá um sonho, ou que eu era um anjo e este mundo uma ilusão forjada pelos outros anjos companheiros meus que, por brinco, escondiam-se de mim e me enganavam com a aparência do mundo material." [12] Em breve, porém, captaram suas antenas aquelas místicas realidades que a mãe, calvinista fervorosa, lhe apontava na Bíblia. Entrou então a indagar o que era, donde vinha, para onde ia, por que vivia, o que dele seria exigido. [13] Sobretudo, penetrou-lhe nalma, para jamais esvaecer, um poderoso sentimento da Presença de Deus. [14]

Acontece que uma relíquia ou uma lembrança da primeira idade, um lugar, um livro, uma palavra, um perfume, um som, leva-nos a recordar nossa infância e logo percebemos (o que então não podíamos saber) que a presença de Deus nos envolvia e sossegava. E' mesmo possível que ainda agora não saibamos discernir plenamente o que tornava esses primeiros anos tão radiosos e esplêndidos. Enchem-nos a alma pensamentos ternos e afectuosos para com esses tempos, sem sabermos por que. Acreditamo-nos nostálgicos desses mesmos anos, quando suspiramos, na realidade, a presença de Deus, que sobre eles pairava. [15]

2. A Primeira Imagem de Deus.

Generalizando a própria experiência, Newman descrevia, do seguinte modo, a religião duma alma infantil:

"Tomemos uma criança normal e abrigada de influências que lhe destruam os instintos religiosos. Suponhamos tenha agravado os pais: espontâneamente, sem esforço algum, como se fosse o mais natural dos actos, há de se colocar na presença de Deus, implorando que a reconcilie com eles. Atentemos na opulência desse simples acto. Primeiro, supõe a existência, na mente da

http://www.obrascatolicas.com

criança, dum Ser invisível com o qual ela se encontra em relações imediatas e de tal modo familiares que é possível a Ele recorrer sempre que deseja; supõe em seguida que a benevolência deste Ser é certa e até óbvia, ou melhor, que Ele lhe quer mais e lhe está mais próximo do que os próprios pais; supõe ainda um Ser que a pode ouvir em qualquer lugar e lhe pode ler os pensamentos e entender a oração silenciosa; um Ser, enfim, bastante poderoso para operar decisiva mudança no comportamento dos outros em relação à criança. Que visão forte e íntima de Deus deverá ela ter atingido, se uma angústia vulgar é suficiente para levá-la espontâneamente a implorar consolo e ajuda dum Poder invisível e pessoal! Divisa a sua mente a imagem dum Ser que, por ameaças e promessas implícitas, intima certos actos que o senso moral da criança aceita como justos e bons. E', pois, a imagem dum Ser de bondade, por ordenar e urgir o justo e o bom, provocando não só esperança e medo, mas ainda despertando amor, já que é próprio da bondade o despertar amor. Os diversos elementos da lei moral que a criança mais ou menos conscientemente aceita — verdade, pureza, justiça, benevolência e outros — são apenas formas e aspectos da bondade. Sentindo-os todos, a seu modo, é levada por causa deles todos a amar o Legislador que lhos inculca.

Esta imagem de Deus que é bondade — em si, e relativamente à criança — precede toda e qualquer racionalização. Embora não saiba explicar o termo "Deus", seus actos provam que, para ela, é muito mais do que simples palavra. Escuta de certo, maravilhada e interessada, fábulas ou histórias; entende obscuramente o que ouve acerca das pessoas e coisas deste mundo; mas tem no coração algo que deveras vibra, reage e dá significação profunda às primeiras lições que recebe a respeito da vontade e providência de Deus." [16]

E' inegável que essa religião infantil, como a descreve Newman, promana de uma educação puritana — esse puritanismo que tanto contribuiu a dar inquebrantável têmpera ao carácter inglês — e o historiador das ideias morais poderia averiguar, uma vez ainda, o pavoroso descaimento verificado no decurso de um século apenas: o "Dever vóz de Deus" falando ao coração, substituído pelo "dever preconceito estúpido", que cerceia o livre expandir-se dos instintos ou, na melhor das hipóteses, pelo "dever adestramento", convenção arbitrária destinada a possibilitar o convívio social (como aqueles reflexos condicionados que, no intuito de poupar móveis e assoalhos, os casais "modernos" fazem adquirir aos cãezinhos que lhes vêm substituir os indesejados filhos).

Como quer que seja, aparece bem claro quão inexacto fora classificar Newman entre os "introvertidos". Inexacto porque o termo é demasiado vago.

O cultivar das matemáticas puras pode ser considerado actividade introvertida porquanto alheia ao individual, ao mundo visível e tangível; contudo, difere, e muito, o matemático do sonhador. Este caracteriza-se por um perpétuo fantasiar, que é livre elaboração de ficções; aquele vive entre entidades às quais seu espírito se submete, e que são válidas para todas as inteligências; não se nutre de quimeras, senão da verdade.

Também do amor à verdade dimana a "introversão" de Newman; tal o traço fundamental que lhe delineia o carácter. *"Ex umbris et imaginibus in veritatem"*, assim compendiou ele a sua existência. Essa verdade, à qual devotou a vida, Newman não a plasma como o sonhador ou o artista, ele a recebe do meio social — da família e, por ela, da Igreja na qual nasceu —; não é tampouco verdade especulativa como a que o matemático ou o metafísico perseguem; é verdade concreta e vital que envolve nosso próprio destino; enfim é mais que a verdade moral humana, que enamorou Sócrates ou Epicteto: — é uma verdade religiosa, divina.

Cumpre, portanto, substituir o rótulo "introversão", vago ou inadequado, por este outro tão mais preciso: "deoversão". [17]

http://www.obrascatolicas.com

Quando, mais tarde, o contemplamos em Oxford, deslizando com passo rápido e silencioso, a cabeça para frente, os olhos como que fitando uma visão que só a ele se desvendava [18], não cuidemos que Newman fosse um vulgar "ensimesmado". *Nunquam minus solus quam cum solus*" diziam-lhe; de facto [19]: Newman nunca estava só porque sempre estava com Deus.

3. Crise e Conversão.

Levando viva no coração essa primeira Imagem de Deus, chega aos catorze anos. Adolescência, idade de rebeldia. Transcorridos os dias da infância entre seres objectivos que lhe povoam o pequeno universo, descobre o rapaz o mundo interior, toma consciência de si mesmo, engolfa-se no subjectivismo egocêntrico. E, ensimesmado, considera-se o centro do mundo. Não conformismo, revolta contra a autoridade; oposição às normas familiares; horror a todo constrangimento; espírito de crítica que poderia chegar à iconoclastia. Muito frequentemente, a rebelião contra Deus e a moral desfecha numa crise de sensualidade, porém em certos indivíduos, com decidido pendor intelectual, a crise reveste feição muito mais profunda. Num assomo de soberba, o adolescente diviniza a própria razão, usurpando direitos absolutos. "A razão despontou em mim como uma luz, escreve H. Taine. A primeira vítima desse livre exame foi a minha fé religiosa. Estimei demais minha razão para admitir outra autoridade que não a sua; não quis dever senão a mim a regra de minha conduta e a direcção de meu pensamento. O orgulho e o amor à liberdade me haviam alforriado." [20] — Atitude anti-religiosa típica. [21] — Assistimos então à elaboração tumultuosa, pelo adolescente, das mais variadas hipóteses e teorias — estéticas, filosóficas, políticas, etc. E' um vertiginoso pulular de ficções. Crê por vezes servir a verdade, quando apenas serve a *sua* verdade. Expulsou Deus de seu espírito, para Lhe tomar o lugar: adora-se a si mesmo.

Newman adolescente não soçobrou nessa tão grave crise. Podemos aplicar-lhe o que escreveu sobre um de seus personagens: "a índole de um menino é variável e, ao atingir a adolescência, Agellius, conservasse embora a fé religiosa em sua acuidade e vigor primitivos, todavia, os graciosos ímpetos infantis tinham, em certa medida, esmorecido." [22] A leitura de livros racionalistas desperta-lhe uma tendência à dúvida que, recalcada embora, nunca desaparecerá por completo. Certo dia, ao copiar uns versos franceses contra a imortalidade da alma, exclama: "Abominável, porém quão plausível!" [23]

Na sua mente, a Imagem de Deus não se apaga por completo, mas desbota e torna-se inoperante. Deseja ainda ser virtuoso, porém fora da prática religiosa; não mais entende por que devemos amar a Deus. [24] Completa 15 anos. Vai deixar o colégio para tornar-se acadêmico, quando, em fins de 1816, sob o influxo do mestre de letras clássicas, o Rev. Walter Mayers, pastor calvinista [25], experimenta o acontecimento central de sua existência, denominado por ele: "conversão". Atentando em suas origens calvinistas, seríamos levado a classificá-la entre as inúmeras "conversões de adolescentes" outrora comuns entre os protestantes "evangélicos" [26], não nos houvesse desenganado o próprio herói: "sem dúvida ele fora convertido à vida espiritual (pelos "evangélicos")... porém não fora convertido daquela maneira peculiar que é tida como obrigatória (entre os "evangélicos"): ao contrário, converteu-se a tal ponto contra as regras que, aos olhos dos "evangélicos" normais, era mui duvidoso que ele jamais se houvesse deveras convertido." [27] E' que a conversão "evangélica" resume-se numa violenta crise afectiva, regida por um ritmo ternário: o indivíduo, partindo de um estado neutro ou, por vezes, até hostil, atravessa um período de tensão angustiosa (a "convicção do pecado") a qual, ao afrouxar-se ("abandono"), dá lugar a intensa exaltação sentimental ("certeza da salvação"). Ora, Newman, ao contrário, não experimentou nenhum dentre tais afectos violentos [28],

http://www.obrascatolicas.com

mas tão-sòmente o renovar-se dos princípios religiosos admitidos durante a infância. Retorno à religião inicial e fortalecimento nela. [29] Ao descobrir a luz da própria razão; descobre simultâneamente que esta luz é reflexo de outra Luz. Mais. Que não se acha só, mas que na parte mais recôndita de seu espírito habita um Outro, e que esse Outro é Deus.

A experiência da "conversão" consistiu — para empregar a terminologia newmaniana — em passar a Imagem de Deus do plano "nocional" ao plano "real", isto é, do abstrato ao vivido. [30] Não mais está contemplando a *ideia* de Deus: *experimenta* a presença actual de uma Pessoa concreta, viva, que entra com ele em relações directas, ao coração lhe fala e faz sentir seus direitos, desperta respeito, mas sobretudo amor.

Como reage o adolescente, ante o Deus que a ele se revela? — Converte-se. Sentindo a própria dependência, renuncia à autonomia, entrega-se, submete-se, curva-se, rende-se à obediência de seu Criador. Desde essa hora forja-se indestructível liame que o prende a Deus: — "aquela incomunicável e tremenda relação que liga a criatura ao seu Criador." [31]

Designando-se sob nome fictício, Newman descrevia a atitude básica de sua alma: "Talvez o que caracterizasse Charles, acima de tudo, fosse um sentimento habitual da Presença divina, sentimento que não assegurava a conformidade perene de pensamento e de acção, mas que, em todo caso, aí estava, qual coluna de nuvem que lhe ia adiente a mostrar o caminho. Sentia-se criatura de Deus, coisa de Deus e não coisa sua." [32]

E como se fazia ouvir a voz de Deus? — Através da consciência, que lhe ditava o dever. Entre os diversos "intuicionismos", o newmaniano salienta-se por essa feição profundamente "moral".

Outra personagem de Newman, a donzela pagã Calista, discute com um filósofo grego: "Polemo, acreditas num só Deus? — Por certo, acredito numa qualquer coisa de eterno existindo por si mesmo"; respondeu. — "Pois

bem, replicou ela, eu sinto este Deus dentro do meu coração; sinto-me em presença d'Ele que me diz: faze isto, não faças aquilo. Responder-me-ás que tal ditame é mera lei de minha natureza, como o é o alegrar-me e o entristecer-me. Não o posso admitir! Não. E' o eco de uma voz que a mim fala. Nada me persuadirá que, enfim de contas, não procede de uma Pessoa exterior a mim. Quando a ela obedeço, sinto-me satisfeita; ao contrário, se desobedeço, sinto-me exactamente como quando desagrado ou ofendo um amigo respeitado. Vês, Polemo, que acredito em algo mais que em "qualquer coisa". Acredito n'Aquele que é mais real para mim que o sol, a lua, as estrelas, a terra risonha, a voz dos amigos. Perguntarás: quem é Ele? Disse-te algo sobre si mesmo? — Não, infelizmente, e como o deploro! mas não renunciarei ao que tenho por ser incompleto; o eco supõe a voz, a voz de alguém que fala; e a este eu o amo e temo..." [33]

Desde a experiência crucial de seus 15 anos, Newman adoptou, para jamais abandoná-la, uma atitude de completa "deoversão". E como primeira conseqüência da conversão, refere renovado pendor para alhear-se dos fenômenos materiais: "confirmação da minha desconfiança na realidade dos fenômenos materiais; repouso do pensamento em duas — e só duas — realidades absolutas e radiosamente evidentes: eu e meu Criador." [34] *Solus cum Solo.* — Antropocentrismo? Subjectivismo? Reflexivismo? — Três vezes, não. — Teocentrismo radical, sim.

A "deoversão" poderia contrariar o apego, já assinalado, pelo facto concreto, pelo dado sensorial, não considerasse Newman a intuição espiritual como realidade tão concreta quanto a sensação — mais autêntica até, porquanto mais imediata, mais imanente, logo menos sujeita a deformações. Alheamento e apego, ambos os traços dessa riquíssima personalidade, vinham-se irmanar no "sacramentalismo". Sinal visível de invisível realidade, tal é o Sacramento da Igreja. Alargando o sentido, Newman via em todo o universo material uma manifestação visível do invisível. Físico ou histórico, o mundo exterior revela

http://www.obrascatolicas.com

realidades mais altas e arcanas. A natureza torna-se uma grande parábola; as coisas materiais de opacas passam a ser translúcidas; como que despem a realidade própria para se tornarem reflexos da divindade, sinais, símbolos de seres espirituais; disfarces sob os quais estes se escondem para melhor estimular nossa amorosa pesquisa. No sermão sobre S. Miguel, composto em 1831, exprime-se sobre os anjos: "Cada sopro de ar, cada raio de luz e calor, cada panorama formoso, é, por assim dizer, a orla de suas vestes, o ondear daqueles cujas faces contemplam Deus." [35] Citemos ainda estoutro fragmento de sermão onde se afirmam a um tempo a intuição do invisível e a sacramentalidade do visível: "Pertencemos a um outro mundo, fomos separados da sociedade dos demônios e trazidos àquele reino invisível de Cristo que só a fé divisa; levados àquela misteriosa Presença de Deus que nos rodeia, está em nós e em torno de nós, dentro de nosso coração e nos envolvendo como um manto de luz, que esconde, aos olhares da divina Pureza, as cicatrizes de nossas almas descoradas, e as torna brilhantes como anjos; e que também se derrama sobre nós, através de todas as manifestações de beleza e de graça que o mundo visível encerra, como estrelas inúmeras ou — se é permitido dizer — qual via láctea de companheiros divinos, os íncolas do monte Sião onde habitamos." [36]

Não é apenas a natureza que se transfigura, é o eu que descobre enfim seu verdadeiro destino [37]: a experiência da adolescência lhe fixa de uma vez por todas a meta da existência: *servir a Deus*. Servir não apenas em teoria, pela imaginação, mas na prática, à custa de qualquer sacrifício.

Para Newman, ser religioso não é aproveitar-se de Deus, mas obedecer-lhe: "A religião, entendo, é conhecimento de Deus, de sua vontade e de nossos deveres para com Ele." [38] — "Declaro que me parece o mais ousado paradoxo supor que, existindo Deus, não nos devamos preocupar de pensar n'Ele e de indagar o que deseja de nós. Ser-me-ia mais fácil admitir a não-existência de

Deus, que admitir Lhe seja indiferente que eu caminhe ao bel prazer e viva sem Lhe dar a primazia." [39] — Ter espírito de fé "é sentir muito sèriamente que somos criaturas de Deus, é ter conhecimento prático do mundo invisível; é entender que este mundo aqui não basta à nossa felicidade; é olhar além, para Deus, perceber-lhe a presença, servi-lo, esforçar-se por conhecer-lhe a vontade e cumpri-la; é derivar dele nossa beatitude." [40] "A essência da verdadeira conversão consiste na entrega de si; uma entrega sem reservas ou condições. Eis o que não quer admitir a maioria daqueles que vêm a Deus. Gostariam de salvar-se, mas a seu modo; gostariam de capitular, mas sob condições, de trazer consigo o que lhes pertence; enquanto o verdadeiro espírito de fé leva a esquecer de si e olhar para Deus, a desprezar nossos desejos, hábitos, importância, dignidade, direitos e opiniões, dizendo ao contrário: "entrego-me em vossas mãos, Senhor; fazei de mim o que quiserdes; esqueço-me de mim; divorcio-me de mim; morri a mim mesmo, seguirei a Vós." [41] O diálogo entre a alma só e Deus só, não se trava sobre o plano das noções abstractas, nem mesmo dos afectos — embora comporte uns e outros — trava-se sobre o plano da vontade. Por outras palavras, não é contemplação teórica, nem exaltação sentimental, é atitude de concreta submissão, de dom total da criatura ao bel prazer do Criador. "Todos os verdadeiros cristãos tendem ao estado em que já se encontram os Anjos, para quem a inteira sujeição a Deus em pensamentos e obras constitui a felicidade, e o cativeiro total, absoluto, da vontade sob a vontade divina forma a plenitude da alegria e a vida imperecível." [42] Gravemente advertia uma correspondente: "Ainda não submetestes vossa afectividade e vossa vontade à Vontade de Deus; mais do que n'Ele pensais em vós. Não considerais bastante que sois criatura d'Ele, logo que, se de um lado estais sob os cuidados d'Ele, do outro estais à sua disposição. Aqui tendes a um tempo esperança e temor, aqui tendes um pensamento tremendo! Estais sob Sua mão todo poderosa:

http://www.obrascatolicas.com

humilhai-vos. Sois criatura d'Ele: alegrai-vos de que Ele vos sustente, submetei-vos ao que determina Ele." [43] Eis por que o anelo supremo de Newman foi ser um instrumento dócil nas mãos de Deus, e a mágoa mais cruciante o averiguar a aparente inutilidade de sua vida. [44]

O serviço de Deus, longe de ser cativeiro, como o serviço dos homens, liberta a personalidade. Por se ter aferrado ao Absoluto, goza de soberana liberdade em relação ao contingente. Está imune ante o prestígio dos sistemas, das modas, dos "slogans". Tampouco deixa-se seduzir pelos "grandes homens" ou pelo "pensamento das massas", pensamento anônimo, despersonalizado que representa a absorção do indivíduo pelo meio, sufocando toda originalidade no pensar e no sentir. A segunda conversão de Newman — do anglicanismo ao catolicismo — representa justamente o triunfo do personalismo. Resiste à mais tremenda pressão social, afirma-se senhor de si, face ao modo de sentir colectivo; agrega-se a uma Igreja odiada ou desprezada pela imensa maioria dos ingleses. E só se curva ao Criador. Se Newman, católico, logrou afinal impor-se até mesmo aos protestantes, foi porque sua fortíssima e sobranceira personalidade nunca abdicara.

Um racionalista como Sócrates poderá jactar-se de gozar de liberdade em relação à colectividade; sobrepuja-o, todavia, o homem verdadeiramente religioso, porquanto o racionalista permanece prisioneiro do próprio eu, enquanto o religioso, ao submeter realmente o eu ao Criador, liberta-se da autolatria, alforria-se do cativeiro de suas idiossincrasias, sestros, caprichos e tiques mentais. Com efeito, esse Absoluto ao qual se rendeu, apresenta-se-lhe como Suma Verdade. E doravante *toda* verdade se lhe torna preciosa, qual reflexo da Verdade que ele adora; desperta-se-lhe insaciável sede de saber, — ao mesmo tempo que a consciência, da inadequação entre a Verdade absoluta que é Deus e as verdades fragmentárias, imperfeitas, que são o quinhão do homem; o contraste sempre presente entre Aquele que é, e aquele que

não é, abrem, escancaram o espírito, desapegam-no para sempre da mesquinhez egocêntrica, do subjectivismo ilusório. De facto, uma das consequências da conversão de Newman foi neutralizar, recalcar o cepticismo nascente. [45] Quem realizou uma dessas experiências decisivas, escapa ao tormento da dúvida. Em seu diário, Newman consigna: "A realidade da conversão corta a dúvida pela raiz, forjando entre Deus e a alma uma cadeia completa em todos os elos. Sei que estou certo. — Como sabeis? — Sei que eu sei." [46] Aqui temos o "cogito" newmaniano, bem diverso, já se vê, do cartesiano. Para Newman, a verdade não se funda sobre a impossibilidade de duvidar do próprio pensamento; a verdade existe porque Deus existe. A evidência básica não é mais o eu pensante, mas o eu enquanto dependente do Legislador supremo. De sorte que a intuição fundamental, em vez de ser consciência do próprio eu, é consciência simultânea de duas existências: de Deus e da alma. *Solus cum Solo*. Verdadeira paixão teológica apossou-se desde então de sua mente, e nela perdurou até à mais extrema velhice. Já aos 16 anos escreveu vários sermões e coligiu textos escriturísticos comprobatórios dos diversos versículos do símbolo atanasiano; também meditou sobre a regeneração baptismal, a predestinação e a graça eficaz [47]: insólitos assuntos para um adolescente!

Mais insólita ainda, para um jovem protestante daqueles tempos, a resolução que toma de viver célibe, a fim de conservar-se mais desembaraçado, mais livre no serviço de Deus. [48] Se, actualmente, existem no anglicanismo imitações das Ordens religiosas católicas — oriundas justamente daquele movimento de Oxford que Newman devia encabeçar em 1833 — até então o celibato por motivos religiosos aparecia aos ingleses qual invenção diabólica e ridícula da Igreja de Roma. Newman, porém, desde que sua consciência lhe pede a renúncia ao matrimônio, não hesita: voz da consciência, voz de Deus.

Assim é que, enquanto a maioria dos adolescentes soçobra na luxúria, ele opta pela virgindade; enquanto

http://www.obrascatolicas.com

a maioria se rebela contra Deus e abandona a religião da infância, ele, reconhecendo pràticamente o soberano domínio de Deus, vota-se ao Seu serviço. — E persevera. Eis o insólito, logo o admirável. Quantos jovens há que experimentam doces momentos de exaltação religiosa, sentem-se levados a desejar sacrificar-se por Deus, mas logo esmorecem e deixam-se seduzir por outras experiências, profanas. Não assim John Henry; para sempre, entregou-se a Deus. Com tenacidade bem inglesa, aferra-se àquela vivência dos 15 anos; ela lhe norteará a existência toda, não só dominando a vida espiritual como guiando-lhe a actividade literária: a quarentena de volumes em que esta se expande são como o desenvolvimento da primeira intuição de Deus. Cantou-a em seus poemas, sistematizou-a e justificou na *Grammar of Assent*, tentou propagá-la nos *Sermões*, e, na *Apologia;* relata como a religião do adolescente se desenvolveu harmoniosamente desde o protestantismo calvinista, até ao catolicismo romano. Assim, os 74 anos que ainda viveu após a primeira conversão formam um conjunto singularmente uno, cujo segredo se encerra em duas palavras: *Viver em Presença de Deus.*

CAPITULO II.

Retorno à Igreja Antiga.

1. O Universitário.

Beirando os 16 anos, John Henry Newman foi matriculado — a 14 de Dezembro de 1816 — no Trinity College, Oxford. "Veio com entusiasmo tão singelo e caloroso que quase chegava a ser infantil." [1] E como não teria vibrado ao ler a divisa da venerável Universidade: "Dominus Illuminatio mea" — que tão bem correspondia a suas tendências profundas?

Oxford muito conservara de seu carácter medieval. Não sòmente nos encantadores edifícios góticos, mas ainda na organização acadêmica: um conjunto de Colégios autônomos, dirigidos por um Reitor *(Head, President, Principal, Master, Provost)*, assistido por *fellows* ou beneficiados, célibes, eleitos por seus pares, residindo, em geral, no próprio Colégio, entre os quais escolhia o Reitor os *tutors* ou mestres, encarregado, cada um, de uma turma de alunos. O corpo discente, dividia-se em *commoners* e *scholars;* estes beneficiavam de uma bolsa de estudos *(scholarship)* conquistada em concurso, o que lhes valia acrescido prestígio.

Newman desde logo fez-se notar como estudante excepcional. O seu "tutor", encontrando-se com o velho Newman, exclamara: "O' Mr. Newman, que belo presente nos fizestes!" [2] Em 1818 alteia-se à categoria de "scholar". Apaixona-se pelos clássicos; analisa Gibbon e Locke; entusiasma-se pelo violino, funda um club musical que realiza concertos semanais; deleita-se com a prosa de Walter Scott e as poesias de Southey e de Crabbe; para temperar os ardores da imaginação, recor-

http://www.obrascatolicas.com

re à austeridade das matemáticas. Nas horas de lazer, edita um jornaleco e publica também um poema sobre o massacre de S. Bartolomeu; canta os tristes amores de um protestante e duma católica, ambos vítimas das maquinações de um monge fanático. [3]

Em 1820, apresenta-se aos exames finais para o grau de B. A. (Baccalaureus Artium). Podia o candidato escolher entre duas categorias de provas: umas mais fáceis, para o comum dos alunos; outras excepcionalmente difíceis, conferindo ao laureado especial distinção (honours), sendo mais cobiçada a denominada "double first", a saber, honras de primeira categoria em duas matérias diversas, por exemplo: letras clássicas e matemáticas. Esse era o título ambicionado por John Henry. Todos lhe profetizavam estrondoso sucesso; foi um estrondoso malogro. Jovem demais — a idade normal para o bacharelado era de 22 anos e contava ele apenas 19 — estudando meses a fio de 9 a 15 horas por dia; mal alimentado; chamado a exame antes do que esperava, entra em provas exausto, perturba-se completamente, e conquista apenas o grau comum. A decepção foi imensa. Pungido por profunda mágoa, escreve aos pais: "Acabou-se... não fui feliz e a dor que me aflige ao vo-lo anunciar, não se pode exprimir... Fiz tudo quanto pude para atingir a meta, não poupei esforço algum; minha reputação no Colégio é tão firme quanto antes, se bem não tão brilhante. Quem tomba na batalha, após haver sido bravo, é honrado como herói; glória semelhante não deveria também nimbar quem cai na arena das lides literárias?" [4] Newman começava então a aprendizagem da grave lição do cristianismo: vencer através da derrota, conquistar a glória da Ressurreição pela morte da Cruz... De facto, a esse insucesso inicial deverá o ter podido seguir sua verdadeira vocação: a clericatura. O pai, que ambicionava para John Henry brilhante carreira forense, desanimou e permitiu-lhe seguir o próprio pendor. Aliás, se o pai se desalentou, o filho não desfaleceu. A indomável energia que lhe temperava o ânimo,

a consciência que nunca o abandonou de seus notáveis dotes, afirmaram-se na resolução arrojada, temerária até, de concorrer para o "fellowship" de Oriel College, o centro intelectual por excelência da Universidade. [5] "Bastava alguém ser "fellow" de Oriel, para que o considerássemos todos como dotado de milagrosa inteligência", escreverá Mark Pattison em suas Memórias. [6] Mais tarde, Newman emprestará a um personagem seu os sentimentos que lhe iam nalma por aqueles tempos: "Recordava o respeito e arrebatamento com que viera à Universidade qual santuário sagrado; como de quando em quando lhe despontava a esperança de conquistar um dia o direito de residir num dos antigos Colégios. Recordava em particular certa noite em que subira com um amigo ao alto de uma Torre para observar as estrelas, e enquanto o amigo se atarefava com a Ursa maior, ele, imbuído de pensamentos terrenos, debruçara-se a contemplar os pátios dos colégios, profundos, sombrios, apenas alumiados a gás, e cismava se jamais conseguiria vir a ser "fellow" deste ou daquele colégio." [7]

No diário íntimo, consigna que, outrora, queria afastadas de si riquezas e reputação, "agora quão mudado estou! Sempre a rezar para que entre em Oriel!... Senhor, dispõe de mim como melhor convier à tua glória, porém dá-me resignação e contentamento." [8] Apresentou-se então a concurso, e contra todas as expectativas — persegue um fogo fátuo, pensavam os amigos [9] — venceu. Depois, uma cena bem inglesa. Segundo a praxe, o mordomo do Reitor de Oriel penetra, solene, no aposento de Newman para trazer-lhe a boa nova. Encontra o eleito tocando rabeca. Ao digno servidor, não se afigura a ocupação condizente com a pretensão a tão subida honra, e tartamudeia: "Receio ter que vos comunicar uma notícia má; acabais de ser eleito "fellow" de Oriel e requerem vossa imediata presença." — "Very well", responde Newman, e continua a tocar. Perturba-se mais ainda o outro e pergunta se, por acaso, não se enganara de pessoa. — "Não. Está muito bem", contesta

http://www.obrascatolicas.com

Newman, e prossegue com a música. Que bela exibição de fleuma! Mas, apenas se retirara o mordomo, Newman atira o instrumento para longe, desce aos pulos as escadas, e corre ao Colégio. (Cinquenta anos mais tarde recordava ainda os semblantes expressivos dos transeuntes e as barretadas dos fornecedores.) Chega ao "Commun Room" de Oriel: a exaltação se transmuta em intenso sentimento de inferioridade. Ele, obscuro rapaz de 21 anos, considerar como seus pares aquelas celebridades universitárias e até chamá-las pelo nome! Tìmidamente, saúda os novos colegas, mas quando lhe vai ao encontro Keble — "o primeiro homem de Oxford" — recua, encolhe-se, deseja sumir dentro da terra.[10] Sempre considerou o dia 12 de Abril de 1822 como o ponto decisivo de sua carreira. O posto que alcançara dava-lhe independência material, fama, relações brilhantes nos meios intelectuais, bem mais, a possibilidade de desenvolver os dons religiosos e profanos que seu espírito abrigava.[11] Os amigos exultaram; um deles escreveu-lhe: "podes agora escolher entre duas carreiras: a clericatura, que te levará ao arcebispado de Cantuária; o forum, que te conduzirá à magistratura suprema. Qual a encosta que escolherás galgar?"[12]

Os novos colegas, entretanto, entraram a duvidar do acerto da escolha; tão tímido, tão reservado (já a mãe apontava-lhe como seu maior defeito a falta de confiança em si)[13], Newman lograria jamais desabrochar? Afinal, ocorreu-lhes ideia feliz: encarregar Whately de desbastar esse bisonho.[14] Richard Whately, posteriormente arcebispo anglicano de Dublim, era, na época, um dos espíritos mais brilhantes de Oxford. Grande agitador de ideias, discutidor temível, a todos encantava pela inexaurível palestra, conseguindo pôr a gosto os mais retraídos. Convidando Newman a acompanhá-lo nos passeios, logo conquistou-o e fê-lo sair da concha; em breve pôde anunciar aos "fellows" de Oriel que se não haviam enganado: o jovem recém-eleito era talvez o mais lúcido espírito que conhecia.[15] Nomeado Reitor de Alban Hall,

Whately convidou o novo amigo para vice-reitor; também lhe requestou a colaboração para um tratado de Lógica, estampado em 1826. Newman por sua vez declara: "Quando eu era ainda mal-jeitoso e tímido em 1822, tomou-me pela mão e comportou-se como mestre suave e animador. Em toda a acepção do termo, abriu-me a mente; ensinou-me a pensar e a usar a razão."[16] Muito tempo não passou, sem que o novato, enfim amansado, tomasse parte na vida intelectual de Oriel, e que sua influência ultrapassasse o âmbito do Colégio.

Entretanto, por entre esse fervilhar de ideias, apesar do apetite onívoro, que ia das matemáticas puras à poesia, da história eclesiástica à geologia, do hebraico à mineralogia, Newman não só permanecia religioso, como mais e mais se iam aprofundando suas preocupações espirituais. Entra em ordens anglicanas a 13 de Junho de 1824 e escreve: "Acabou-se. Quando as mãos episcopais me foram impostas, estremeceu-me o coração. Tão terríveis as palavras "para sempre"! No dia seguinte: "Para sempre! Até à morte serei responsável pelas almas."[17] Nomeado coadjutor da freguesia de S. Clemente, visita pessoalmente seus dois mil paroquianos, na maioria indigentes; reconstrói a igreja; reforma o canto; funda uma escola gratuita; enceta sua carreira de pregador, fixando os princípios dos quais jamais se demoverá: "Bem sei que meus sermões contêm verdades amargas à generalidade dos homens; mas a doutrina do Cristo crucificado é a fonte única de virtude e piedade reais, a única base da paz e consolo." E mais ainda: "O pregador que visa antes de tudo consolar parece desconhecer a finalidade de seu ministério. A *santidade* é a grande meta. Há de haver luta e trabalho. O consolo é um cordial, mas ninguém ingere cordiais da manhã à noite."[18] Em 1826 deixa S. Clemente por ter sido nomeado um dos quatro "tutors" de Oriel. Não considera as novas funções como puramente didácticas ou acadêmicas — se assim fora, não as tivera aceito — mas como uma forma de pastoração, um meio de ganhar almas para Deus.

http://www.obrascatolicas.com

"Que eu encete meus novos deveres lembrando-me que sou ministro de Cristo, que tenho por missão pregar o Evangelho; lembrando-me do valor das almas e que haverei de responder pelas facilidades que me são proporcionadas de fazer bem aos estudantes a mim confiados", escreve no seu Diário.[19] E à mãe: "Uma grande empresa se me oferece aqui: confio que Deus me fará a graça de empreendê-la com o devido espírito e de nunca perder de vista que me reservei, para sempre, para o serviço d'Ele. Há o perigo constante do amor pelas tarefas literárias vir a ocupar lugar demasiado importante nos pensamentos do "tutor", ou de considerar ele seu ofício como um cargo meramente secular, um degrau para futura promoção."[20] Intelectual como era Newman, essa intensidade de vida religiosa deveria dimanar de uma fonte teológica; de facto, os primeiros anos de Oriel foram decisivos para a evolução de suas concepções religiosas: começou por abandonar o calvinismo, beirou o protestantismo liberal, e, por fim, ancorou na Alta Igreja anglicana. Hawkins, "fellow" e depois Reitor de Oriel, chamou-lhe a atenção sobre um facto que haveria de exercer influxo capital sobre sua conversão ao catolicismo: a Bíblia, a falar pròpriamente, não foi destinada por seu Autor a ensinar a doutrina; o ensino foi confiado a um órgão vivo: a Igreja; a Bíblia servirá de critério para verificar a exactidão da catequese. Numa palavra, Hawkins fê-lo descobrir o valor da Tradição. Ensinou-lhe também que o Baptismo era um verdadeiro sacramento da regeneração; portanto a graça não se reduzia a mera imputação extrínseca, antes, era algo intrínseco.[21] Whately, por sua vez, convenceu-o de que Cristo fundou uma Igreja *visível*, independente do Estado.[22] Enfim, a um outro "fellow", W. James, deveu a crença de que os bispos são sucessores verdadeiros dos Apóstolos.[23]

Newman, porém, não era um puro teórico; a experiência vital seria, para ele, o critério supremo; mais do que essas discussões teológicas, contribuiu para destacá-

lo do calvinismo a falta de correspondência desta doutrina à sua experiência individual como à sua experiência de pastor de almas.[24] Da mentalidade calvinista, porém, sempre conservaria a austeridade, a importância capital atribuída aos problemas morais.

Acontece, todavia, que os teólogos de Oriel demonstravam decidido pendor pelo "protestantismo liberal". Atraído um instante por esse sistema que correspondia às tendências céticas latentes, Newman logo depois verificou que desfecharia na incredulidade, desmentindo aquela experiência profunda em que Deus se lhe tornara tão real como o próprio existir. Assim é que foi levado a romper com o "protestantismo liberal", como se apartara antes do "protestantismo evangélico".

E' muito para observar que Newman não entendia por esse termo "liberalismo" o que hoje em dia significa, a saber: horror à tirania e consequente espírito de tolerância, arejamento de ideias. De todo. "Liberalismo" para Newman é o que actualmente chamamos "cientificismo" em matéria de filosofia, "naturalismo" na moral, "laicismo" em política, "racionalismo" em religião. Resumia-se o tal "liberalismo" em *tudo* submeter ao domínio *exclusivo* da razão humana, logo a negar qualquer Revelação divina.

Já sòlidamente arraigado no protestantismo alemão, esse "liberalismo" infiltrava-se então no protestantismo inglês. Newman pôde observar de perto e concretamente o desfecho lógico de tal tendência, na pessoa de Blanco White, padre católico espanhol que, ao se tornar pastor protestante, fixara-se em Oxford. Comum amor ao violino e às ideias aproximara-o de Newman, que ele alcunhava "o Platão de Oxford". Newman, com alarme e infinita tristeza, viu o amigo resvalar a pouco e pouco do protestantismo "liberal" à pura incredulidade.[25] Com intuição profética previu que esse "liberalismo", naquela época aparentemente inócuo e parecendo até animado por intuitos generosos, representava, na realidade, gigantesco esforço de descristianização, a "grande apostasia"

http://www.obrascatolicas.com

predita por S. Paulo. E então, resolveu enfrentar o perigo. Essa defesa da fé — defesa não apenas negativa senão eminentemente positiva — constituiu a grande tarefa de sua vida. E foi assim que, na primeira fala cardinalícia — a 12 de Maio de 1879 em Roma — ao indicar a inspiração profunda de toda sua actividade, declarava: "Por 30, 40, 50 anos, tenho resistido, com o melhor de minhas forças, ao espírito de liberalismo na religião. Nunca a Igreja necessitou mais urgentemente de soldados que pugnem contra ele, do que nesse momento em que o erro se espalha sobre o mundo todo, como um engodo... O liberalismo religioso é a doutrina segundo a qual não existe verdade positiva em matéria de religião e uma crença é tão boa quanto a outra. E ganha força e consistência cada dia. Não se coaduna com o reconhecimento de qualquer religião como verdadeira; ensina até que todas devem ser toleradas porque são todas apenas questão de opinião. A religião revelada não é uma verdade, senão um sentimento, um gosto; não é um facto objectivo, milagroso; cada indivíduo tem o direito de interpretá-lo como lhe agrada à fantasia. A devoção não se funda necessàriamente sobre a fé. Podemos frequentar templos protestantes ou católicos, tirar proveito de ambos, sem pertencer a nenhum. Podemos comungar em pensamentos e afectos espirituais, embora não partilhemos de todo as mesmas doutrinas, nem entendamos a necessidade de partilhá-las. Já que a religião é peculiaridade tão pessoal, e posse tão íntima, não devemos levá-la em conta nas relações sociais. Se um indivíduo arvora uma nova religião cada manhã, que nos importa? Seria tão despropositado indagar sobre a religião de alguém, como sobre suas fontes de renda ou sua maneira de dirigir a família. A religião não é, de forma alguma, o laço que une a sociedade.

"Até agora o poder civil foi cristão. Mesmo em nações como a minha, separadas da verdadeira Igreja, eu ouvia comumente quando era jovem: "o Cristianismo é a lei do país." Hoje, aquela feliz estrutura social, fruto

do cristianismo, está alijando esse mesmo cristianismo. A sentença que referi e muitas outras que dela dependem desapareceu, ou está por desaparecer em toda parte e, no fim deste século, se o Todo Poderoso não intervier, estará olvidado.

"Até aqui foi admitido que só a religião, com suas sanções sobrenaturais, era bastante forte para obter das massas conformidade à lei e à ordem; agora, filósofos e políticos empenham-se em resolver o problema, dispensando a ajuda do cristianismo. À autoridade e ensino da Igreja substituiu-se a educação para todos, totalmente leiga, destinada a persuadir cada indivíduo que é de seu interesse pessoal ser ordeiro, trabalhador e sóbrio. Como grandes princípios activos — destinados a substituir a religião junto às massas assim cuidadosamente educadas — o liberalismo propõe as verdades fundamentais da ética: justiça, benevolência, a experiência comprovada, as leis naturais imanentes à sociedade, que actuam espontâneamente em matéria social, quer física, quer mental: por exemplo, no governo, no comércio, nas finanças, na saúde pública, nas relações internacionais. Quanto à religião, é um luxo particular, que o homem pode desfrutar se quiser — pagando-o naturalmente — mas que não deve infligir a outrem, nem gozar com incômodo dos vizinhos.

"A essência dessa apostasia é a mesma em toda parte, variando embora nos detalhes e matizes, conforme as nações... Devemos relembrar que, no liberalismo, há muita coisa boa e verdadeira; quando mais não seja, os preceitos de justiça, veracidade, sobriedade, domínio de si mesmo, benevolência, que são a um tempo princípios expressos seus e leis naturais da sociedade. *E' tão-só no instante em que este conjunto de princípios se apresenta como devendo invalidar a religião e expulsá-la, que lhe proclamamos a malícia.*

"Nunca houve ardil do Inimigo tão hàbilmente concertado e com tantas perspectivas de sucesso. E não demorou em corresponder à expectativa, pois está arrastan-

http://www.obrascatolicas.com

do indivíduos capazes, sérios, virtuosos, homens idosos com louváveis antecedentes e jovens no início da carreira..." [26]

A primeira manifestação dessa tendência, que Newman enfrentou, foi o protestantismo "liberal" de seus colegas de Oriel, que se resumia em usar da razão nas matérias que não são de sua alçada, ou antes em colocar a razão acima da fé mesmo em assunto religioso [27] e desfecha lògicamente numa religião sem dogmas, seja um pseudo-misticismo sentimental, aspiração sem conteúdo bem definido, — seja um "moralismo" que pretende conservar a ética cristã, amputando-a do dogma cristão. Mas, o que Newman experimentara ao converter-se, infligia cabal desmentido a essa forma de protestantismo. Uma religião sem verdades a crer, sem Deus a cultuar, não só lhe parecia uma contradição, como contrariava a sua mais profunda experiência, ao descobrir e viver a Verdade, quando Deus se lhe tornara tão real como o próprio existir: "Desde a idade de 15 anos, o dogma foi o principal fundamento de minha religião; não conheço outra, nem mesmo posso conceber outra forma de religião; a religião como sentimento puro é, a meu ver, sonho e irrisão. Devoção sem um Ser supremo, é como amor filial sem pai." [28] Não é apenas contradição teórica, é contradição prática, que se manifesta pela inviabilidade, a esterilidade das religiões sem dogmas.

Amontoam-se sobre as estantes os livros em que filósofos das mais variadas escolas procuram propagar ideias religiosas de sua própria invenção, todas natimortas. O renovar-se das tentativas constitui mais um documento da estranha incapacidade dos homens em aproveitar a experiência alheia.

Hoje, após duas guerras de extermínio, alguns moderaram o sonho cientifista por haverem sentido na própria carne os efeitos da barbaria científica. Descrentes do poder moralizador da ciência — porque decididamente não basta abrir escolas para fechar prisões — clamam

pelo advento da "ética cristã", contanto seja ela totalmente desligada da "crença cristã". Sonho e irrisão, exclamaria Newman, pois a conduta pressupõe a doutrina; suprimida está, como subsistirá aquela? Como obter não apenas palavreado sobre "fraternidade cristã" senão conduta fraternal, se exterminais o *Pai comum* que está nos céus? Como obter "solidariedade cristã" se rompeis o místico laço que vincula os homens a Cristo, e, por Cristo, uns aos outros? "O que fareis ao mínimo dos meus, é a mim mesmo que o fareis." Nos Evangelhos, a moral directamente flui da doutrina, sem a qual carece de toda base justificativa. Só podemos agir segundo nosso pensar; se pensamos que o Credo cristão é irracional e repelente, não poderemos agir como cristãos. Entende-se que num país saturado de darwinismo, onde imperam as ideias de luta pela vida e sobrevivência do mais forte, seja a educação orientada para a aquisição daquela "agressividade" que permitirá ao indivíduo de "furar" na vida, seja por que meio for. Mas, esperar de tal educação um florescer de virtudes evangélicas seria a mais simplória das utopias. As Beatitudes serão acoimadas de romantismo piegas, e o amor ao próximo não passará de fraqueza ou covardia. A máxima suprema de conduta será o *homo homini lupus*, e o resultado, aquele mesmo que nos comunicam telegramas como este: "O Sr. J. Edgar Hoover, chefe do Bureau Federal de Investigação e fundador dos "G-Men", declarou aos chefes da Associação Internacional de Polícia que a onda de crimes nos Estados Unidos, actualmente, era "real e sangrenta" e que a imprensa estava antes subestimando-a que exagerando-a. Os arquivos dactiloscópicos do F. B. I. revelam um exército de criminosos de 6 milhões de indivíduos que foram presos, tirando-se-lhes as impressões digitais, sendo que um dentre cada vinte e três habitantes deste país é um criminoso... Os crimes em Outubro último revelaram um acréscimo de 23% sobre a média do ano anterior; os roubos 38%, e os crimes mais graves 19%... Por outro lado, a detenção de moças me-

http://www.obrascatolicas.com

nores de 18 anos aumentara de 198% desde 1939, enquanto que a de rapazes também menores de 18 anos fora acrescentada de 48% por homicídio, 70% por defloramento, 39% por furtó, 72% pór assaltos a mão armada, 55% por roubos de automóveis e 101% por embriaguez e automobilismo em estado eufórico... O tempo chegou em que os pais devem ser responsabilizados não só perante sua própria consciência, mas também perante a sociedade." [29] Com efeito, a experiência prova — não obstante os malabarismos dos filósofos — que, faltando o santo temor e amor de Deus, só resta para moralizar os homens a Polícia, e como esta não é omniciente nem onipotente, o imperativo moral há por força de reduzir-se a: "faze o que quiseres, mas não te deixes apanhar."

Insistir sobre a "dignidade da pessoa humana", negando, ao mesmo tempo, a existência da alma espiritual e imortal, criada à imagem de Deus, antes afirmando que o homem não passa de macaco aperfeiçoado destinado a produzir riquezas, é uma irrisão que deixa o indivíduo impotente diante do ímpeto dos instintos, inerme diante do Leviathan estatal. Atribuir-lhe "direitos imperscriptíveis" por uma espécie de ficção legal, revela-se o mais inoperante dos expedientes. Uma pessoa poderá viver de ficções enquanto as acreditar verdadeiras, mas nenhum homem de senso se rege por uma ficção desde que a conhece por tal, e não há filosofia mais estéril que a filosofia do "fazer como se..." Muito normal é, portanto, que a descrença no dogma cristão haja abolido os costumes cristãos; nem possível será restaurar estes, sem debelar aquela.

Veio comprovar a clarividência de Newman a trágica sorte do protestantismo na Alemanha, berço e terra de eleição da corrente "liberal" ou racionalista. Exalçado ao poder, Hitler não encontrou grandes dificuldades em nazificar as igrejas "reformadas". Houve, bem certo, muitas e louváveis resistências individuais, porém as igrejas como tais cederam logo às imposições do

"Reichsbischof" Müller nomeado pelo Führer. "Ninguém sofre o martírio por uma opinião", afirmava Newman, e as crenças protestantes estavam reduzidas a meras opiniões sem consistência. Do lado católico o contrário se deu: houve a deplorar inúmeras defecções individuais, mas a Igreja, como tal, resistiu: permanecia intacto o arcabouço do Dogma, contra o qual vinha-se despedaçar a ideologia nazista. Já em 1851, Newman escrevia: "o catolicismo tem sido perseguido (na Irlanda) por 300 anos e nesse momento está mais vigoroso do que nunca. Desafio que se possa aduzir um só exemplo duma nação que, em condições semelhantes, consiga permanecer luterana ou calvinista por um século apenas. Onde está o país, no mundo inteiro, em que o protestantismo prospera sob a perseguição, como o catolicismo na Irlanda?" [30]

Levado a romper com o protestantismo "liberal", como antes se apartara do protestantismo "evangélico", Newman, por não mais encontrar ao redor de si em que se firmar, resolveu apegar-se aos Santos Padres. Ainda nos bancos da escola, lera, na História eclesiástica de Joseph Milner, copiosos excerptos de S. Ambrósio, S. Agostinho e doutros Padres, e enamorou-se pelos doutores da Antiguidade. Desde então, os primeiros séculos tornaram-se-lhe o paradigma, o ideal da cristandade. [31] Quis vivificar sua fé anglicana, ao contacto da fé apostólica, não já num anseio de arcaísmo, mas num desejo de assegurar a continuidade do cristianismo através do tempo: a revelação vinda do mesmo Cristo, prolonga-se pelos séculos afora, sem hiato, ao contrário, sempre mais desenvolvida, até ele, Newman. Escreve então a grande obra sobre "Os Arianos do 4.º século." [32] O diuturno contacto com a Tradição haveria de depurar-lhe o espírito de qualquer resquício de protestantismo, evangélico ou liberal.

Do "evangélico", pois que a Tradição é a mesma negação do livre exame bíblico. Ao aprofundar-se naquelas intérminas controvérsias dogmáticas dos quatro

http://www.obrascatolicas.com

primeiros séculos, Newman averiguava que, por mais diferissem os contendores, concordavam *todos* em que a Religião não se funda sobre a Escritura interpretada ao sabor de cada um; funda-se na fé vinda dos Maiores, cujo símbolo não é lícito modificar nem mesmo dum iota. Critério máximo é a Apostolicidade, órgão decisivo, a Igreja visível. Não há sombra de individualismo naqueles tempos; não é o fiel que decide quais as verdades a crer: é a autoridade dogmática. Os próprios arianos rejeitavam o "homoousios" sob pretexto de que a fórmula não era tradicional.

Por outro lado, o arianismo apresentava-se a Newman qual primeiro ensaio de "liberalismo"; é a razão que invade o domínio da fé e logo a destrói. Como não se confirmaria o dogmatismo de sua adolescência, ao admirar Atanásio sofrendo quarenta anos de calamidades, para defender o dogma da divindade de Cristo? Entre os Padres, encontrava almas irmãs da sua, a viver no Invisível; a acreditar que além das verdades conquistadas pela razão humana, outras há, dimanadas directamente de Deus e que Jesus nos veio ensinar. Sabedoria divina que sobrepaira a toda sabedoria humana.

Por outro lado, ao entrar em contacto com o cristianismo patrístico, pujante, caudaloso, a quem os próprios conflitos internos serviam de látego e forçavam o caminhar para frente, como não sentiria Newman o contraste entre esse cristianismo fresco, vigoroso, e o anglicanismo apático, servo do Estado, bispos e pastores entorpecidos pelo bem-estar, mais preocupados de gozar suas prebendas e benefícios que de conquistar o mundo moderno? Como resistiria essa igreja anemiada ao sopro do "liberalismo" incréu? Entretanto era tido o anglicanismo na Inglaterra como o lídimo representante da Igreja dos Padres: não convinha pois abandoná-lo, mas, sim, fazê-lo tomar consciência de seu papel. Se carecia evidentemente de renovação, não devia renovar-se abraçando o racionalismo — este, ao contrário, apenas o desintegraria — nem tampouco o "romanismo" que

se achava "corrompido"; só atingiria a meta retornando às fontes abençoadas do Cristianismo Antigo.

Se a lição dos Santos Padres desvendava-lhe aos olhos extasiados um ideal altíssimo de cristianismo, a observação pessoal de uma Igreja antiga, a católica romana, iria contribuir para afastar Newman da mentalidade "insular", alargando-lhe, arejando-lhe as ideias, prejudicadas embora por seus arraigadíssimos preconceitos.

2. Roma Sinal de Contradição.

Em Dezembro de 1832 partiu Newman para um cruzeiro no Mediterrâneo, em companhia de Hurrell Froude, seu colega de Oriel College e seu mais íntimo amigo. Durante a viagem o "cripto-catolicismo" vem à tona, porém os preconceitos anti-romanos demasiado fortes impedem-no de se libertar e o conflito interior manifesta-se como "ambivalência" afectiva: o catolicismo se lhe antolha qual objecto a um tempo de fascínio e de horror.

A primeira menção que encontramos de catolicismo em sua correspondência é datada do Natal de 1832, em Malta. Avistara no lazareto um pobre homem que, impedido de assistir aos ritos litúrgicos, orava, voltado para uma igreja do outro lado do porto: "E' para mim motivo de confusão, comenta, que o mais humilde "romanista" dê a seu Salvador um testemunho que eu, seu próprio ministro, não dou." [33] Impressiona-o favoràvelmente o esplendor dos templos malteses [34], e não duvida que entre os católicos "haja santos talvez maiores do que os nossos." [35] Doutro lado, persuade-se que o catolicismo representa a "perversão dos sentimentos melhores, mais santos, mais elevados da natureza humana" [36], e exagera ainda os desvios da Igreja grega. [37] A beleza serena do culto anglicano parece-lhe sobremodo preferível à exterioridade e à exuberância mediterrâneas. [38] Detestável impressão lhe deixa Nápoles; verda-

http://www.obrascatolicas.com

de é que ali aportou em pleno carnaval; o amálgama de religiosidade e de paganismo devia por força escandalizá-lo.[39] Deplorável o estado da Igreja; Satanás desencadeara-se de novo. Tudo isso, contudo, não passava de escaramuças; venhamos ao verdadeiro campo de batalha: — Roma.[40] Renova-se e até se exaspera, a ambivalência afectiva: "dor e prazer se entretecem" escreve, e ainda: "uma confusa multidão de pensamentos amargos e doces assedia o peito"; aplica a Roma a parábola do trigo e do joio indissolùvelmente entremeados.[41]

A primeira impressão foi a de todo e qualquer homem culto: "Roma é o lugar mais espantoso do mundo." — "Que posso dizer de Roma, senão que é a primeira das cidades e que todas as outras por mim vistas (até mesmo a querida Oxford) são como pó em comparação da majestade e glória de Roma." — "E' a primeira cidade que me sinto capaz de admirar." — "Roma é uma das mais encantadoras moradas que se pode imaginar."[42]

Por inverossímil que pareça, consta que os protestantes ingleses da época só conseguiam ver na Cidade Eterna ruínas pagãs e obras de arte da Renascença; teria sido Newman o primeiro a atrair-lhes a atenção para a Roma dos Apóstolos e dos mártires, a Roma de S. Leão e de S. Gregório![43] Esta Roma cristã arrebatou literalmente o coração do viajante. Insistem suas cartas, sempre e sempre, sobre as sacratíssimas lembranças que fazem de Roma, para todo cristão sincero, objecto de inexcedível veneração e amor. "Como descrever a tristeza com que deixei o túmulo dos Apóstolos? Roma não como cidade, antes como cenário de história sagrada, roubou-me um pedaço do coração, que parece rebentar-se, agora que vou partir." — "Deveria falar-vos do *Miserere* em Roma, de minha visita a S. Pedro, da iluminação pela Páscoa... de nosso demandar a igreja de S. Tomás de Cantuária, de minha peregrinação ao lugar do martírio de S. Paulo, às Catacumbas — de todos os outros espectáculos que me roubaram metade do coração." — "Quanto a Roma, não posso falar em outra coisa. Temos o túmulo de S. Paulo, de S. Pedro, de S. Clemente; igrejas fundadas por S. Pedro e por Dionísio; outras, nas catacumbas, usadas durante as perseguições; a casa e a mesa de S. Gregório; o sítio do martírio de S. Pedro e S. Paulo; mas a lista é infinita."[44]

Quanto a Roma católica moderna, admira o indescriptível esplendor dos templos, o decoro do clero: os seminaristas parecem-lhe a um tempo cândidos e argutos; aprecia o profundo substrato de cristianismo[45]; enfim espanta-se do sentido de segurança dos romanos na incolumidade de sua Cidade.[46]

Predominam contudo as impressões desfavoráveis, fruto, na maior parte, de seus preconceitos anti-papistas e também de suas idiossincrasias de inglês cem por cento. Deparam-se-lhe no catolicismo pavorosas corrupções: a Santa Missa, o purgatório, a mariolatria, o culto das imagens, a superstição![47] Sem embargo falta-lhe o ânimo de declarar, como outrora, que a Igreja romana é a prostituta de Babilônia[48]; socorre-lhe em vez a crença de sua infância sobre as "influências ocultas": decide que a Roma actual está ainda infestada pelo *genius loci*, o "espírito" da Roma pagã.[49] Coberta de cilícios, a Igreja romana, assentada à beira do caminho, interpela quem passa, perguntando se há dor semelhante à sua.[50]

Essa polaridade afectiva, misto de amor e de ódio, de desejo e de repulsa, exterioriza-se a contento na exclamação, repetida em duas cartas: "O' Roma, pudesses tu não ser Roma!"[51]

De regresso à Inglaterra, viajou pela Sicília, onde perigosíssima febre o veio prostrar. Essa doença, teve-a sempre por importante crise em sua vida religiosa.[52] E' que o diálogo travado em 1816, entre a alma e Deus, repetia-se sob forma dramática, intensificada, e por vezes deformada pelo delírio: era sempre a criatura que se encontrava frente às soberanas exigências do Criador. "Desde o primeiro dia, achando-me acamado, muitos pen-

http://www.obrascatolicas.com

samentos assaltaram-me a mente. Senti que Deus combatia contra mim e entendi afinal o motivo: combatia-me por causa de minha vontade própria... Também repetia constantemente a mim mesmo: não pequei contra a luz; em certo momento sobreveio um sentimento de irresistível consolo: o amor de Deus que me escolhia; senti que a Ele pertencia." [53] Ao fâmulo que o interrogava sobre as derradeiras vontades, contestou: "não morrerei, porque não pequei contra a luz; não morrerei porque Deus me destina a trabalhar ainda." [54] O delírio revela às claras o mais profundo da mente de Newman: aquela experiência já antiga, do domínio especial de Deus sobre ele, restringe-se e se precisa a um tempo; o que Deus exige é que sirva à luz; por conseguinte, o crime, digno de morte, seria pecar contra a Luz. [55] Isento dessa falta, Newman não morrerá, nem pode morrer, pois ainda não cumpriu a missão luminosa e divina. E a resposta de Newman só pode ser o dom de si próprio, a entrega generosa: "Um sentimento estranho sobreveio, que Deus vem ao encontro de quem trilha pelos seus caminhos; que se lembram d'Ele, no seu caminho; que eu devo entrar nos caminhos de Deus, nas suas veredas; que devo fazer o que a mim compete; que Deus vai ao encontro dos que se alegram e obram a justiça, e d'Ele se recordam em seus caminhos — esses textos sacros me obsessionavam; decidi meter-me a caminho na alvorada do dia seguinte." [56] Passagem cujo estilo embaraçado revela a incoerência febril; no delírio vem à tona a preocupação profunda: seguir a senda divina e não a sua; e ele, devaneando, interpreta materialmente, como urgência de trilhar sem demora os caminhos sicilianos; assim os remorsos de resistir à vontade divina interpretou-os como se a enfermidade fosse castigo por ter vindo à Sicília contra a vontade dos amigos. [57] Também é de notar a consciência da missão que o espera — "tenho algo que realizar na Inglaterra" — meses antes de lançar-se à grande obra: o movimento de Oxford. [58]

Restabelecido, navega rumo a Marselha; compõe o famoso hino: *"Lead kindly light"*; expressão poética do mistério interior. Invoca a Luz amorável à qual se dedicou, cuja guia quer seguir, renunciando às próprias luzes; cuja claridade ele, imerso em trevas, elongado da pátria, implora, satisfeito que a meta — onde o aguardam sorrisos de Anjos — permaneça às escuras, contanto um a um se lhe iluminem os passos, se lhe descubram as sucessivas etapas do lento processo da maturação religiosa. [59]

De Marselha, escreve à mãe: "o pensar em casa trouxe-me lágrimas aos olhos nesses últimos dois meses. Deus me está dando lição severa de paciência; confio que não haja desperdiçado por inteiro a ocasião de aproveitá-la, submetendo-me. E' a vontade d'Ele. Esforço-me em pensar que, onde quer que esteja, Deus é Deus, e eu sou eu." [60] *Solus cum solo.*

3. O Movimento de Oxford.

Só poderia a Igreja anglicana nascer e medrar no seio de um povo dotado do gênio do compromisso. Assombra-se o estudioso estrangeiro, diante daquele amálgama de elementos heteróclitos e mesmo antagônicos — calvinismo, luteranismo, catolicismo, racionalismo — que se matizam em cambiantes infinitas. Por certo, em qualquer outro meio essa bela estrela em breve explodiria, semeando os fragmentos em direcções opostas. Não assim na Inglaterra: a diversidade de opiniões desfaz-se apenas em correntes contrárias, controvérsias renhidas e defecções, seja para o protestantismo radical das seitas dissidentes, seja para o catolicismo romano, ou, infelizmente, em grau sempre maior, para a completa incredulidade; mas, como o Império político — o "Commonwealth" — cujo esfacelamento foi tantas vezes predito, mas jamais se realizou, assim a Igreja de Estado — o "Establishment" — perdura há quatro séculos, não obstante os mais pessimistas vaticínios.

http://www.obrascatolicas.com

Newman, que estamos habituados a considerar apenas como o mais célebre dos nossos convertidos do anglicanismo — logo como adversário deste — foi ao contrário o maior reformador da seita anglicana. Se ainda hoje possui ela vitalidade, deve-a sobretudo ao "anglo-catolicismo" que deriva de Newman. Prestou, por conseguinte, aos seus compatriotas os mais assinalados serviços na esfera religiosa, já apontando o caminho de Roma, já impedindo que muitos entre os que permaneceram no seio da heresia, se despenhassem, como os protestantes alemães, no abismo do racionalismo incréu.

Lembro-me de como me surpreendeu, ao viajar pela Inglaterra, a visita que fiz a uma igreja "anglo-católica" dedicada a S. Wilfredo. Em nada se distinguia de nossos templos, salvo, talvez, no gosto mais apurado das decorações. Altar, sacrário, lâmpada do Santíssimo, Via Crucis, estátuas de santos, confessionários, tudo parecia católico-romano. E não só o culto, mas também a doutrina (excepto a infabilidade papal), e mesmo a ascese (há também ordens religiosas no anglicanismo) assemelham-se o mais possível às de Roma. Se atentarmos que antes de Newman e dos companheiros de luta, tudo isso era considerado entre os anglicanos abominável "corrupção papista", avaliaremos o vasto caminho já percorrido rumo à verdade, e à única Igreja de Cristo.

Asseguraram-me reiteradas vezes ingleses católicos de velha estirpe que o "movimento de Oxford" houvera prejudicado a renascença católica na Grã-Bretanha, porquanto muitos anglicanos, contentando-se com a aparência exterior do catolicismo, jamais cobram ânimo para transpor o limiar da nossa Igreja. Parece-me, pelo contrário, que, não fora o movimento de Oxford, haveria sido o anglicanismo tragado pelo "liberalismo" incréu como sucedeu ao protestantismo germânico e escandinavo; quanto às almas verdadeiramente religiosas, essas ter-se-iam agregado aos "dissenters" ou não-conformistas "evangélicos". Não percebo o que com isso ganharia a Igreja romana. Ao passo que o movimento de Oxford

conseguiu ao menos deter, em parte, o processo de descristianização. Também não olvidemos que a maioria dos convertidos ingleses nos vem do "anglo-catolicismo".

A intuição profética, que é, por vezes, privilégio do gênio, levava Newman a prever que a religião caminhava para tempos borrascosos, em que se travaria implacável combate entre cristianismo e racionalismo. Não já o racionalismo filosófico, deísta, do XVIII século, senão o racionalismo cientificista, ateu, do XIX, que trazia em seu bojo o mais eficaz dos argumentos — o único, no fundo capaz de impressionar os homens — o Sucesso. Os espantosos progressos da pesquisa científica, o êxito tangível da técnica — na indústria, comércio, transportes, higiene, etc. — deveriam levar a humanidade à adoração de nova e todo-poderosa deidade: a Ciência. O advento dos diversos totalitarismos teve por efeito evidenciar claramente que aqueles problemas que o "liberalismo" pretendia interditar à religião — problemas políticos, sociais, econômicos — dependem, em última análise, de questões metafísico-religiosas: resolvem-se diversamente segundo o indivíduo crê ou não crê em Deus. De sorte que o mundo contemporâneo está como que esquartejado por duas grandes forças: o ateísmo materialista com o seu cortejo de guerras internacionais e civis, e a fé cristã em Deus, com seu reino de paz e amor. Hoje, qualquer um compreende isso; mas, em 1825, essa visão — não já teórica senão concreta — requeria excepcionalíssima perspicácia. Conhecedor do perigo, Newman indagava como haveria de enfrentá-lo a Igreja anglicana. À primeira vista, apresentava-se excelente a situação. Esmagadora maioria de ingleses professava o cristianismo, dividindo-se entre o anglicanismo oficial e as diversas seitas dissidentes. Porém, a sagacidade de Newman descobria, sob tão lisonjeiras aparências, realidade diversa e inquietadora. Partilhava-se o caudal anglicano, em três ramos principais: "a Baixa Igreja" ou "evangélica", muito próxima dos não-conformistas e na qual nascera Newman; a "Alta Igreja", tradicional e ritualista, então

http://www.obrascatolicas.com

minguada em número e influência; enfim, a "Igreja larga" ou liberal, crescendo dia a dia, representando o que, em linguagem moderna, qualificaríamos de "quinta-coluna" da incredulidade. E esta cumpria combatê-la com denodado vigor. Os "evangélicos" eram por demais individualistas para se preocuparem com as repercussões sociais da religião; seriam, pois, incapazes de deter o "laicismo" e o "naturalismo" a despontar então na Inglaterra. Ademais, Newman percebia claramente que o "evangelismo" e sua fonte — a Reforma protestante, longe de ser renovação, era a primeira etapa da desintegração da civilização cristã. O desfecho normal do princípio protestante do "livre exame" seria o indiferentismo religioso. Os factos provavam que a "Igreja larga" ganhava mais e mais terreno sobre a "Igreja Evangélica" e já em 1829 Newman escrevia à mãe: "vivemos numa época nova. Há progresso no sentido da educação universal; até aqui dependia-se dos outros, e especialmente do clero, para as verdades religiosas; agora cada qual tenta julgar por si mesmo. Sem pretender que o cristianismo em si se opõe à livre pesquisa, penso, todavia, que de facto ele se opõe hoje à forma particular que revestiu a liberdade de pensamento. Cristianismo significa fé, modéstia, humildade, obediência; contra ele trabalha um espírito de latitudinarismo, indiferentismo e cisma, um espírito tendente a destruir a doutrina, qual fruto da beatice, e a disciplina, como instrumento da ambição clerical... E, agora, saliento um outro fenômeno: o talento do dia está contra a Igreja... O partido da Igreja... é pobre em dotes mentais." [61] Perigo mortal para uma religião de Estado, chefiada pelo Rei e apoiada sobre o imenso poderio das instituições políticas. Reinava o Rei, porém não governava, donde o anglicanismo se encontrava pràticamente sob o domínio do Parlamento, cujos membros elongavam-se mais e mais da fé cristã. A que abismos poderia a Igreja inglesa ser arrastada, por um governo infenso à religião? Já o advento de um ministério "whig", em 1830, resultara em várias mediads prejudiciais à Igreja; outras anunciavam-se, mais radicais ainda. Alarmado e indignado, exclamava Newman que preferia ver a Igreja despojada de seus bens e dispersa aos quatro ventos, do que sujeita ao radicalismo político. [62]

Pior ainda: bispos e pastores anglicanos, entorpecidos pela prosperidade material, consideravam por demais sua profissão como meio de vida, e não como divina missão. Ou a Igreja reagia contra a frouxidão espiritual que a consumia e repudiava a sujeição ao poder civil descristianizado, ou desintegrava-se totalmente: reformar-se ou perecer!

Mas qual seria o princípio da reforma? Não o protestantismo, que desfecha na incredulidade, não o romanismo, que está corrompido. Resta adoptar uma *via média* entre as mutilações protestantes e a decadência romana. [63] Ora, esta *via média* era a mesma apontada pelos Santos Padres. Só assim chegaria a Igreja anglicana a sentir que não se reduzia a mera instituição de Estado, mas, pelo contrário, continuava e desenvolvia o cristianismo primitivo. "Com o anglicanismo dividido e ameaçado, ignorante de sua verdadeira força, eu comparava aquele Poder fresco e vigoroso, dos primeiros séculos. No seu zelo triunfante pelo Mistério Primeiro (a Eucaristia) pelo qual tanta devoção sentira desde minha juventude, reconheci o passo de minha Mãe espiritual: *Incessu patuit dea.* A vitória sobre si mesmo que seus Ascetas manifestavam, a paciência de seus Mártires, a irresistível energia de seus Bispos, o ritmo alegre de seu progresso, me exaltavam e envergonhavam a um tempo. Pensava: olha este quadro e aquele! Por minha Igreja sentia afecto, mas não ternura; experimentava desalento ante seu futuro, cólera e desprezo diante de sua perplexidade inerte." [64] Que um retorno à Igreja antiga não fosse utópico, vinha comprovar, aos olhos de Newman, a semelhança entre os males e escândalos que vitimavam o anglicanismo e os que assolaram o cristianismo do IV século. Se, agora, bispos hereges ocupavam muitas sés inglesas, também inúmeras sés haviam sido regidas en-

http://www.obrascatolicas.com

tão por bispos arianos; se o anglicanismo sofria da intromissão estatal, também a Igreja antiga muito padecera nas mãos dos imperadores bizantinos; se, agora, clero e fiéis afrouxavam-se, também então. Bastara entretanto um só Atanásio para salvar a Igreja antiga, por que a Igreja anglicana não germinaria igualmente o seu Doutor? [65] Retorno aos Padres, como remédio à tibieza, ao regalismo e sobretudo à descrença; a actividade doutrinal de Newman norteia-se pelo dilema: *"ateísmo, ou catolicismo patrístico"*. A desconfiança na filosofia e na capacidade da razão de atingir pelas próprias forças a verdade moral e religiosa, foi-lhe imputada por certos críticos à influência do "tradicionalismo" de Bonald e de Lamennais. Na verdade, Newman apenas traduziu, sob forma psicológica, concreta e moderna, a venerável doutrina de Maimônides, utilizada por S. Tomás e autenticada pelo Concílio do Vaticano, sobre o conhecimento das verdades religiosas naturais [66], conquistadas fora da revelação cristã, apenas por número diminuto de homens, após longuíssimas pesquisas, e, ainda assim, desfiguradas por numerosos erros. Newman, ao verificar até que ponto, no mundo moderno, a inteligência se desorientara e pervertera, persuadiu-se que o grande baluarte da fé em Deus e da crença na imortalidade da alma seria o catolicismo dos Santos Padres. [67] Não era "tradicionalismo", era antevisão profética desses nossos tempos em que se verificaria a deliquescência do protestantismo na própria terra de origem e em que se imporia ao mundo; com insistência cada vez mais trágica, a opção: materialismo ateu ou catolicismo. — Que o materialismo apresente feição política democrática ou comunista, pouco importa: é sempre ateu.

O Movimento de Oxford trouxe o ímpeto reformador a três sectores principais: afirmou a independência da Igreja em face do Estado; lutou contra o "liberalismo", difundindo a doutrina dos Santos Padres e afirmando a necessidade de apoiar a devoção sobre o dogma; despertou o fervor dos clérigos anglicanos, relembrando-lhes que não eram funcionários públicos senão sucessores dos Apóstolos, ao mesmo tempo que sacudia a tibieza dos leigos, concitando-os a uma vida religiosa mais profunda e conforme à piedade antiga.

Não entraremos no detalhe dessas renhidas lutas, pouco inteligíveis, aliás, para o público brasileiro, tão alheio ao pensamento religioso da Inglaterra. Nem este livrinho ostenta pretensões a erudição; visa apenas colocar Newman o mais perto possível de nós. Baste-nos, pois, narrar que, a 14 de Julho de 1833, John Keble — ex-*"fellow"* de Oriel, célebre por sua piedade e suas poesias religiosas — proferiu, perante a Universidade de Oxford, retumbante sermão sobre a "apostasia nacional". Newman opinou que chegara o momento de agir. Mais uma vez, aliás, verificava que o insucesso inicial era o caminho da vitória: Hawkins, o reitor de Oriel, desentendendo-se com ele, não lhe confiou mais aluno algum. Após o relativo malogro dos exames de formatura, era novo e cruciante revés. Todavia, foi justamente por estar desimpedido das funções de *"tutor"*, que pôde se consagrar corpo e alma ao Movimento. Coadjuvado por alguns amigos — Keble, Froude, Rose, Perceval, Palmer e mais tarde Pusey — Newman resolveu publicar uma série de "folhetos para o tempo presente" — *tracts for the present time*, donde o nome de "tractarianismo" que recebeu o movimento. Colimavam essas brochuras "fazer reviver as doutrinas outrora professadas pelos grandes teólogos de nossa Igreja e ao depois caídas em desuso... a sucessão apostólica, a santa Igreja católica, constituíam verdadeiros princípios de acção para nossos predecessores." A 19 de Setembro de 1833, Newman publicava a primeira dessas brochuras, intitulada: "Pensamentos sobre os encargos confiados ao ministério sagrado"; visava convencer os pastores anglicanos de que não eram funcionários, senão sacerdotes pertencentes a uma ordem sagrada fundada pelo mesmo Jesus, cujos chefes eram os Bispos, transmitindo-se de geração em geração o admirável encargo. Abriam o escrito essas bem

http://www.obrascatolicas.com

significativas palavras: "A meus irmãos no sacerdócio sagrado, presbíteros e diáconos da Igreja da Inglaterra, ordenados pelo Espírito Santo e a imposição das mãos..." Propunha em seguida a questão candente: hoje tendes, para vos sustentar, a força imensa do Estado; mas se amanhã o governo esquecesse a Deus, sobre que terreno vos colocaríeis para exigir de vossos rebanhos deferência e respeito? E concluía: "Receio que tenhamos olvidado o esteio sobre o qual se deve firmar nossa autoridade, a saber o facto que descendemos dos Apóstolos." Newman almejava, pois, despertar no clero anglicano a consciência da apostolicidade: é porque vimos dos Apóstolos que podemos ensinar o Evangelho com autoridade; de outra forma não nos caberia poder maior do que a qualquer outro homem; na melhor das hipóteses seríamos funcionários eclesiásticos, nunca, porém, ministros de Cristo. E esse renascer da tradição apostólica levaria consigo um renovar-se da teologia e da espiritualidade; revigoraria em particular a vida sacramental.

A campanha de Newman revolveu, perturbou profundamente o anglicanismo. Partidários e adversários concordaram que nunca se vira, na multissecular universidade, alguém exercer tamanha influência. É-nos difícil aquilatar-lhe a extensão e importância, pois que a vida pròpriamente universitária entre nós só existe sobre o papel. Esforcemo-nos todavia por imaginar o que poderiam ter sido duas pequenas cidades como Oxford e Cambridge, inteira e apaixonadamente dedicadas às lides do espírito; onde os mais doutos dentre os ingleses consagravam-se ao ensino e onde os jovens da elite do país quase obrigatòriamente passavam. Em Oxford, Newman reinava, graças a seus excepcionais dotes intelectuais e morais, graças também à magia de sua eloquência. Nomeado, já em 1828, vigário de St. Mary's, a paróquia da Universidade, ele aí pregava todos os domingos à tarde. Professores e alunos apinhavam-se no vetusto templo, para ouvir aquela voz que os contemporâneos descrevem

como maviosa, para saborear aquela eloquência que rasgava novos caminhos à arte de pregar. Os mais belos dentre esses sermões, Newman publicou-os em 10 alentados volumes que alcançaram tiragem enorme e até em nossos dias são considerados monumentos de oratória sacra. A quem está habituado às galas de Vieira ou de Bossuet, o inglês parecerá bem pouco eloquente; a quem está afeito aos sentimentos exuberantes de Lacordaire, afigurar-se-á frio e seco. De facto, não há eloquência mais despida de retórica, mais avessa à pirotécnica oratória; pregador mais recatado na expressão dos sentimentos que lhe sacodem a alma. No púlpito, Newman, segundo o costume inglês, lia seu manuscrito, não levantava os olhos do papel; não fazia um só gesto; nem mesmo se lhe enxergavam as mãos; apenas movia um pouco a cabeça. Sem embargo, desterremos de nossa mente os "grandes oradores", leiamos com alma desprevenida essas orações. Antes de tudo, verificaremos com alívio a ausência daqueles lugares comuns que atulham os sermonários; essas prédicas nada têm de convencional, foram não só meditadas, senão vividas, antes de serem pronunciadas. Bem depressa, também, há de seduzir-nos a requintada beleza do estilo; de clássica pureza, portador de excepcional força de convicção; grave sem pretensão, simples, embora imaginoso; cristalino, conquanto subtil, é fonte perene de prazer literário. Ao depois, passaremos da espantosa capacidade de análise psicológica, que explora as mais recônditas lapas do coração humano. Por fim, rasgando o cendal tecido pelo recato do pregador, vislumbramos um coração que fala ao nosso coração. "Cor ad cor loquitur". E que nos diz esse coração? Procura transmitir, despertar, aquela radiosa vivência dos seus quinze anos: a alma só em presença de Deus só. Faz-nos sentir que ser religioso não é honrar Deus com os lábios ao passo que o coração mais e mais d'Ele se alonga; ser religioso não é frequentar os templos no domingo e viver pagãmente a semana; ser religioso não é admitir uma série de verdades abstractas. Não; ser re-

http://www.obrascatolicas.com

ligioso é *viver* do Invisível, é reconhecer *concretamente* que nenhuma fibra deste nosso coração a Deus deve escapar.

Donde a abundância e argúcia das explorações psicológicas, para descobrir em nós o que ainda não é de Deus; donde a incansável denúncia do farisaísmo dos falsos cristãos, da inconsequência, da falta de generosidade, das capitulações dos tíbios; donde a análise desapiedada dos anseios e inclinações desordenadas do homem "natural"; donde, enfim, a afirmação solene, insistente, majestosa, dos soberanos direitos de Deus. Aos auditores de Oxford, pregava já as tremendas verdades, que mais tarde colocará nos lábios de um cínico do III século, objurgando um cristão frouxo em tempos de perseguição: "Eu te desprezo; não tens coragem de ser cristão. Sê lógico e vai chiar na fogueira! Mas não és homem dessa têmpera... Eu te desprezo. A ti e a toda a tua gente. Que diferença entre vós e os outros? Dizeis: a terra é vaidade; a vida, um sonho; a riqueza, um engano; o prazer, um engodo. Entretanto, sois tão amantes do mundo, tão cobiçosos de ganho, tão ciosos de vossa reputação, tão ambiciosos de poder, quanto qualquer velho e jovial pagão que — pretendeis vós — está a caminho do Inferno!" [69] A uma geração que só se inclina ante o visível e o tangível, que só se preocupa com a prosperidade do comércio e indústria, forceja o pregador para comunicar sua percepção do Invisível; torna tão vivas a nossos olhos extasiados as realidades da fé, que nos animamos a adoptar para com elas uma atitude tão concreta e prática como para com as realidades deste mundo visível. [70]

Da influência sem par, exercida por Newman em Oxford, restam-nos muitos testemunhos, não só de amigos como ainda dos que mais tarde seriam adversários encarniçados, embora não lograssem escapar, no momento, ao influxo dominador. Assim o historiador céptico J. A. Froude escreve: "Quando me matriculei em Oxford, John Henry Newman começava a ganhar fama. As autoridades responsáveis observavam-no com inquietação; os meios intelectuais encaravam com interesse e curiosidade a aparição de um desses homens de indiscutível génio que provàvelmente marcaria sua época. Sua aparência impressionava. De altura acima da média, débil e magro; a cabeça grande; as feições, notàvelmente semelhantes às de Júlio César: a fronte, a forma das orelhas e nariz eram quase as mesmas e o contorno da boca, muito peculiar, era, direi, exactamente o de César. Muita vez pensei nessa aparência e acreditei que se estendesse também ao temperamento. Em ambos havia essa força nativa de carácter que recusa amoldar-se às circunstâncias, que abriria caminho e se tornaria um poder no mundo; clareza de percepção intelectual, desdém pelas convenções, temperamento imperioso, voluntarioso, acompanhado, porém, pela mais cativante brandura, doçura, sinceridade de coração e intenção. Newman e Júlio César foram destinados ao comando pela natureza; ambos tinham o dom de atrair dedicação apaixonada de amigos e discípulos... Um homem de génio é uma fonte que contém sempre mais do que mana... Essa verdade verificava-se especialmente em Newman. Por muito que me tenha impressionado sua poesia, *ele* era essa poesia e muito mais ainda. Até então, jamais vira personalidade tão impressionante. Encontrava-o em particular de tempos em tempos, frequentava-lhe a igreja e ouvia-lhe os sermões domingo após domingo. Pretendem que era insidioso, que levava seus discípulos a conclusões predeterminadas, velando todavia cuidadosamente seus intentos. Muito ao contrário, ele era o mais transparente dos homens. Dizia-nos o que acreditava ser verdadeiro. Ignorava aonde isto o levaria. Quem se alçou a uma eminência qualquer neste mundo, recusa continuar o caminho às cegas e é impelido a cada passo por uma força interior... O espírito de Newman abraçava o universo. Interessava-se por tudo quanto ocorria, nas ciências, na literatura, na política. Nada era demasiado grande, nada corriqueiro demais, desde que espargia qualquer luz so-

http://www.obrascatolicas.com

bre a questão capital: que, em verdade, é o homem? qual o seu destino?... Conosco, estudantes, Newman não entrava em questões tão capitais... Quando o encontrávamos, conversava sobre os assuntos do dia: literatura, homens públicos, acontecimentos, tudo quanto apresentava interesse geral. E parecia sempre mais bem informado que qualquer dos interlocutores; porém nunca assumia ares superiores, nunca foi pedante ou autoritário; mas tinha o dom de convencer. Quando errávamos, sabia por que errávamos e corrigia-nos desculpando-nos os erros. Talvez seu mérito supremo na conversa haja sido nunca procurar ser espirituoso ou dizer coisas notáveis. Podia ser irônico, nunca maldoso; jamais se lhe ouviu contar uma anedota maliciosa. Prosaico não poderia ser, porquanto era a ligeireza em pessoa — a ligeireza de uma força elástica — e prendia o interesse, porque nunca falava por falar, mas por ter algo que dizer. Assim é que nós, estudantes, que jamais víramos homem igual; a quem ele aparecia em contraste tão favorável com o universitário comum, começámos a dedicar a Newman a estima de discípulos por um mestre idolatrado. A mais singela palavra que deixava cair era entesourada, qual diamante intelectual. Para centenas de estudantes, o símbolo genuíno de fé era: "Credo in Newmanum." [71] O mesmo Froude, já velho e desalentado, escrevia em 1880: "Desde que ouvi pela última vez aquela voz maviosa, despedaçou-se-me a fé por completo; se a pudesse de novo ouvir, quiçá despertar-se-ia ao menos qualquer eco desses dias antigos?" [72] Mathew Arnold, o Sainte Beuve inglês, corifeu daquele protestantismo "liberal" a Newman, tão infenso, escrevia: "O nome do Cardeal Newman ainda giganteia em nossa imaginação; seu génio e seu estilo são ainda forças poderosas. Há 40 anos estava na flor da idade; vivia perto de nós em Oxford e parecia em vésperas de transformar o que era para nós a instituição mais nacional e natural do mundo: a Igreja da Inglaterra. Quem resistiria ao encanto daquela aparição espiritual, deslizando à luz frouxa da

tarde, pelas naves de St. Mary's, assomando ao púlpito e depois, rompendo o silêncio com a mais arrebatadora das vozes, proferindo palavras e pensamentos que formavam uma música religiosa, subtil, doce e plangente?" [73]

Mais completo ainda o poeta e crítico literário, John Campbell Shairp: "O Movimento, quando no auge, estendia sua influência muito além do círculo daqueles que lhe adoptaram expressamente as opiniões: não existia, pelo menos em Oxford, um só estudioso que não fosse influenciado mais ou menos directamente por ele. Apenas os muito vadios ou muito frívolos, permaneceram inteiramente imunes. Em todos os outros provocou uma gravidade de conduta, uma seriedade, não fáceis de encontrar no seio dum grande conjunto de rapazes. Levantou o nível da moral em Oxford a uma altura que talvez jamais haja atingido. Poder-se-ia falar em exagero, em nervosismo. Talvez fosse. Em todo o caso era preferível, para os rapazes, ao cepticismo, ou ao cinismo... Se tal era o aspecto geral de Oxford, nessa época, qual seria o centro e alma da qual dimanava tão grande força? — Provinha, desde vários anos, sobretudo de um homem, em muitos pontos o mais notável que a Inglaterra haja visto neste século, talvez o mais notável que a Igreja anglicana haja produzido em qualquer século: John Henry Newman. A influência, que conquistara sem intenção aparente, era algo de inteiramente "sui generis" em nosso tempo. Misteriosa veneração o tinha envolvido aos poucos; agora, era quase como se um Ambrósio ou um Agostinho houvessem retornado dos tempos antigos... Que qualidades poderiam inspirar tais sentimentos? Havia naturalmente o saber, o requinte; havia o génio — não o de um filósofo, mas o dum pensador original e subtil —; havia inigualável agudeza dialéctica; tudo isso exalçado pela imaginação de um poeta. Havia também aquele absoluto alheamento do mundo, aquela renúncia a tudo quanto os homens mais prezam; a alma indomável pronta a tentar o impossível... O centro donde essa força irradiava, era o púlpito de St. Mary's, com aqueles maravilhosos

http://www.obrascatolicas.com

sermões da tarde. Domingo após domingo, mês após mês, ano após ano, prosseguiam, cada qual continuando e aprofundando a impressão causada pelo anterior... Muito simples a liturgia; nada de pompa ou de ritualismo; os dirigentes do movimento, caracteristicamente, abandonavam essas coisas aos irmãos mais débeis. Fixavam-se-lhes os pensamentos sobre as grandes questões que tocavam o cerne das realidades invisíveis. Mais digna de nota no ofício, era a beleza, era a entoação argentina da voz de Newman quando lia as Lições. Parecia dar sentido novo às palavras familiares... Quando começava a pregar, um estranho, afeito à oratória sacra tipo Boanerges, não se impressionaria muito. Nenhuma veemência ou declamação e exibição de argumentos complicados. Quem esperasse por "um grande esforço intelectual", estaria quase certo de retirar-se decepcionado... O modo de falar apresentava uma peculiaridade que, ao recém-chegado, exigia tempo para se acostumar. Cada frase, ou pelo menos, cada pequeno período, era proferido ràpidamente embora com dicção muito clara; seguia-se uma pausa de quase um minuto; depois, vinha nova frase, rápida, seguida de novo silêncio. Era necessário certo tempo ao ouvinte para se habituar; mas, isso feito, começava o encanto a obrar. A aparência e atitude do pregador eram de alguém que habitava um mundo a parte e que embora conhecesse bem sua época, nela entretanto não vivia. Da reclusão do estudo, da ascese, da oração, da moradia habitual no invisível, ele parecia emergir naquele único dia da semana, para falar aos outros das coisas que tinha sabido e contemplado... Sua força aparecia sobretudo na maneira nova e imprevista com que fazia reviver antigas verdades morais ou espirituais, que todos os cristãos admitem, mas que a maioria deixa de sentir... Colocava o dedo — tão suave porém tão enérgico — bem no íntimo do coração do ouvinte e revelava-lhe coisas sobre si próprio que ele nunca soubera. As mais subtis verdades — que exigiriam, do filósofo, páginas de circunlocuções e palavras complicadas — ele as deixava cair de passagem, numa ou duas frases do mais transparente inglês. Que estilo elegante, mas que energia tranquila! Tão suave e tão forte, tão simples, porém tão sugestivo, tão familiar e tão requintado!... Qualificar esses sermões de eloquentes, não os descreveria com acerto; eram, antes, sublimes poemas, dum cantor inspirado, efusões dum profeta, arroubado, embora senhor de si. E a voz que as pronunciava ressoava ao ouvido acostumado, qual deliciosa melodia supra-mundana. Através do silêncio do elevado templo gótico, caíam as palavras, como o gotejar compassado da água, em gruta vasta e sombria. Após ouvir aqueles sermões, podíamos ainda não admitir as opiniões peculiares à Alta Igreja; porém seria mais empedernido que a maioria dos homens, aquele que se não sentisse envergonhado mais que nunca de toda grosseria, egoísmo, mundanismo; aquele que não sentisse as verdades da fé trazidas mais perto de sua alma... Após um intervalo de 25 anos, como volta vívida a lembrança do vazio doloroso, do tremendo silêncio que tombou sobre Oxford quando aquela voz emudeceu e soubemos que nunca mais a ouviríamos! Era como se estivesse alguém ajoelhado à noite, no silêncio de vasta catedral, e o grande sino, badalando solenemente na torre, de repente parasse. Sem dúvida, para muitos a pausa não durou. Em breve procuraram aqui e ali novos mestres e precipitaram-se violentamente no polo oposto do pensamento. Mas outros houve que não esqueciam; as palavras já então impressas daqueles maravilhosos sermões, lidas às manhãs e às tardes dos domingos, no recesso dos aposentos, faziam-nos fremir até que se desatassem em lágrimas abundantes e dulcíssimas. Desde então ouviram muitas vozes de mestres, nenhuma, porém, jamais lhes penetrou a alma como a dele." [74]

Embora tão longos, transcrevi esses depoimentos de três homens notáveis — todos adeptos de ideias mui opostas às de Newman — para que bem claro aparecesse que não cedi ao pendor — natural num biógrafo

http://www.obrascatolicas.com

— para o exagero, quando qualifiquei de sem igual a influência exercida por Newman em Oxford. Citei-os, sobretudo, para que o leitor avalie bem o heroísmo do homem que, livremente, renuncia a essa glória, a esse principado espiritual; abandona sua universidade, sua paróquia, seus discípulos; perde os incomparáveis amigos sem os quais sua vibrante sensibilidade quase não podia subsistir — para que? Para juntar-se a um pugilo de homens — como eram então os católicos ingleses — restos minguados de três séculos de perseguições; indivíduos pouco cultos, — por lhes ser vedado o acesso às universidades — geralmente desprezados pelos seus concidadãos como maus patriotas, adeptos de grosseira e imoral superstição italiana; gente lucífuga e — como todos os que vivem no ostracismo — de espírito retraído e tacanho. Que terrível sacrifício para um cérebro genial e um coração quase feminino! — Mas, se o anglicanismo era a sombra e o catolicismo a Verdade? Não prometera ele seguir a luz, a qualquer custo? [75]

CAPÍTULO III.

Em Demanda de Roma.

1. A Primeira Dúvida.

O evolver religioso de Newman, com estar referto de dor e heroísmo, carece todavia daquelas reviravoltas trágicas, daquelas ásperas lutas pela libertação, que distinguem muitas conversões morais. Houve, pelo contrário, sempre evoluir positivo, progresso rectilíneo e gradual, quase imperceptível. [1] Pelo mesmo motivo, não se enquadra no panorama que, frequentemente, nos apresentam as conversões, dogmáticas ou morais, de adultos.

Converte-se um homem aos 45 anos. De ordinário, significa triunfal afirmação da infância e adolescência, em plena idade madura. Se, pois, quisermos entender o fenômeno, deveremos procurar, no já longínquo passado, as origens da crise, a cujo desfecho assistimos. Ao perscrutarmos, então, a psique infantil, descobriremos um feixe de tendências contrastantes, que ainda podem coexistir justamente porque se encontram em estado de indivisão confusa. São apenas virtualidades, esboços dinâmicos apontando os diversos caminhos pelos quais a energia psíquica se poderia futuramente enveredar. Com o correr dos anos, e sobretudo na adolescência, há de se processar uma seleção. Múltiplas as tendências, limitadas tanto a energia individual como as possibilidades oferecidas pelo meio, divergentes também as tendências e indispensável entretanto um mínimo de unidade mental, forçoso será escolher, logo sacrificar. No mais das vezes essa escolha se processa paulatinamente, mercê do intercâmbio entre o indivíduo e o ambiente, por entre indecisões, tentativas e bruscas variações, alterna-

http://www.obrascatolicas.com

tivas e hesitações. A pouco e pouco um grupo de tendências predomina e se afirma como centro dinâmico em torno do qual vem se organizar o psiquismo. Sucede todavia que — sob o influxo de circunstâncias exteriores, como a mudança de meio, ou então pelo próprio evoluir interno que desfecha em crise — uma tendência outrora sacrificada e mesmo eliminada em aparência, de súbito revive e se impõe. Não morrera, hibernava; agora desperta com renovado vigor, e triunfa. Esta reviviscência dá origem à impressão de mudança radical, de renúncia e subsequente reorientação completa da existência; poderá também aparecer como o realizar-se, tardio embora, do verdadeiro eu: não mais sacrifício, antes libertação, afastamento dos obstáculos que impediam o expandir-se às soltas. Nada perdeu porque tudo ganhou. — Quando se processam sobre o plano religioso, ambos os fenómenos merecem o nome de "conversão".

Acontece todavia que a evolução religiosa de Newman nada tem a ver com o primeiro quadro psicológico e apresenta apenas mui longínqua semelhança com o segundo. Não só não houve ruptura ou reviramento algum, mas nem mesmo encontramos renascimento de complexos temporàriamente afastados; verificamos apenas o lento desenvolver-se, o desabrochar, o frutificar, da religião de criança. Donde, se canônica e teològicamente é lícito falar na "conversão" do grande anglicano ao catolicismo, psicològicamente o termo revestirá um sentido bastante impróprio. Designará a luta do eu fundamental para sobreviver e triunfar contra condições sociais adversas. Adiantou Newman, certa feita, que "aqueles judeus tornaram-se cristãos, nos tempos apostólicos, que já de antemão eram o que se poderia denominar cripto-cristãos" [2]; assim também não seria descabido afirmar que Newman desde o início fora um "cripto-católico" [3], e que a abjuração de 9 de Outubro de 1845 é o pleno desabrochar da religião da infância e adolescência. Nem mesmo aparece qual reviviscência do passado: é a perduração e amadurecimento dele. — Não

obsta que, no momento, o herói não lesse claramente na própria alma; só o tempo lhe desvendaria a meta pela qual ansiava sem a conhecer, a luz que pressentia sem saber quando viria a brilhar.

Desde o aprofundar-se-lhe da crença em Deus, em Agosto de 1816, até à profissão de catolicismo em Outubro de 1845, a sua evolução religiosa foi um contínuo, embora muito lento, progredir na mesma direcção. Em carta endereçada aos 86 anos a um pastor "evangélico", podia declarar que buscara e encontrara no catolicismo o desabrochar pleno e lógico de sua fé de moço. "Quisesse eu indicar o motivo de minha inteira e absoluta dedicação (à Igreja católica), que poderia eu aduzir, senão que aquelas grandes e candentes verdades, recebidas quando criança do ensinamento "evangélico", a Santa Igreja romana mas imprimiu no coração com novo e sempre crescente vigor? Ao simples "evangelismo" de meus primeiros mestres ela acrescentou por certo; porém nada obscureceu, diluiu, enfraqueceu. Ao contrário, encontrei uma energia, um auxílio, um conforto, um consolo nos dogmas da divindade e da redenção de Nosso Senhor, em sua presença real na Santa Comunhão, em seu poder humano-divino, que todos os bons católicos desfrutam, sem dúvida, mas que nos cristãos "evangélicos" existem apenas sob forma apagada." [4]

Por que então esse caminhar tão lento? — Porque o homem não é um silogismo; só a pouco e pouco descobre — vivendo — as implicações reais dos princípios que desposa. — A estorvar a marcha de Newman contribuíram também e muito dois potentíssimos factores. Antes de tudo, os preconceitos anti-romanos, extremamente vivazes na Inglaterra de antanho. [5] Como todo bom inglês de seu tempo, Newman piamente acreditava que o Papa era o Anticristo, e a Igreja católica a prostituta de Babilônia. [6] Quando da sua primeira estadia em Roma, escreveu à mãe: "Quanto ao sistema católico-romano, desde sempre o detestei tanto, que o não posso detestar mais, agora que o vejo com os próprios olhos." [7]

http://www.obrascatolicas.com

Outro embaraço provinha-lhe da sensibilidade sempre vibrante, quase feminina, que o aferrava à Igreja de seu baptismo, aos incomparáveis amigos de Oxford, à paróquia anglicana que pastoreava. [8]

Qual seria então a força bastante poderosa para vencer a resistência dos preconceitos e domar as revoltas do coração? — Aquela força invencível que lhe veio da conversão primeva: *Solus cum Solo*. Saber, concretamente, que não pertencia a si mesmo, mas a Deus, em cuja presença vivia [9] — eis a fonte perene de generosidade sem limites. [10]

Sobre o plano dogmático, tal atitude viria a traduzir-se por uma fidelidade perfeita à verdade divina. Nunca cerrar os olhos à verdade; segui-la à custa de qualquer sacrifício; ir não aonde quisesse, senão aonde a verdade o chamasse, e na medida exacta em que a verdade o alumiasse. Se o Evangelho de S. João é o evangelho da Luz — uma Luz que é Vida — pode-se afirmar que a existência de Newman correu sob o signo do 4.º evangelho. Essa fidelidade à Luz é, a nosso ver, a característica mais profunda e mais admirável de Newman. Ele não só exarou, como viveu, esta áurea sentença: *"nossa liberdade consiste em sermos cativos da verdade."* [11]

Citemos apenas uma frase, em que se manifesta a um tempo sensibilidade fremente e generoso amor à verdade. Em 1844 morria-lhe o *alter ego* dos tempos de estudante, John William Bowden. Comenta Newman: "chorei amargamente sobre o féretro, pensando que ele me havia deixado tão às escuras ainda, quanto ao caminho da verdade e sobre o que devo fazer para agradar a Deus e cumprir-lhe a vontade." [12]

O "temporalismo" exerceu também favorável influência em Newman, que emprestava importância capital ao factor "tempo" na vida humana. Não já o tempo abstracto dos matemáticos, senão o tempo psicológico, vivido, que mede o desdobrar de nossa vida interior e lhe assegura o lento amadurecer. Desde adolescente aceita-

va qual princípio básico: "crescer, única atestação da vida." [13]

Ora, crescer não é mero acumular mecânico, mas um desenvolver-se orgânico; tampouco é evolução transformista, senão progresso homogêneo. [14] Idêntica permanece a essência, porém ao descer no terreno concreto da existência, progride, enriquece. As ideias, pelo simples facto de subsistirem na mente, germinam [15]; tornam-se familiares e distintas, revelam aos poucos novos aspectos, entram em relação com outras noções até que, insensível e silenciosamente, um novo conjunto de doutrinas se vai organizando sem que o espírito perceba distinctamente o que nele se processa e cria. Sabe que caminha, ignore embora a meta. [16] Eis, porém, que circunstâncias externas constrangem-no a formular claramente os pensamentos que estão a germinar nas profundezas da mente; terá talvez que defender contra objecções essas ideias novas, logo analisá-las, aquilatá-las, provê-las de um arcabouço racional, sistematizá-las enfim. Haverá destarte um progresso que, por sua vez, será ponto de partida de novos desenvolvimentos. Assim, passo a passo, caminham as doutrinas religiosas; é tão-sòmente aos poucos que a comunidade — a Igreja — e o indivíduo — Newman — assimilam vitalmente o dogma e a moral, penetram-lhe as implicações recônditas e as inesgotáveis riquezas. Newman descobria pois que essa Verdade, à qual se rendera, adolescente, sem restricção alguma, não era algo estagnado, petrificado, mas algo vivo e fecundo, que haveria de germinar, crescer, frutificar. A intuição concreta do progresso no tempo justificará a passagem da comunidade cristã primitiva à cristandade medieval, ao catolicismo moderno como também a evolução do próprio Newman, do evangelismo à alta Igreja anglicana e enfim ao catolicismo romano.

No sermão intitulado "Conversões repentinas" onde esboça explicações psicológicas que, desenvolvidas por W. James 70 anos mais tarde sob o nome de "maturação subconsciente" [17], tanta repercussão obtiveram, en-

http://www.obrascatolicas.com

contramos as linhas esclarecedoras: "Em alguns homens forma-se paulatinamente um carácter religioso que vem desabrochar em determinadas opiniões doutrinais, embora ao mesmo tempo eles professem externamente uma fé incompatível com tais opiniões. Suponhamos por exemplo terem tido a desdita de haver sido educados como pagãos, judeus, infiéis, ou hereges; por longo prazo admitirão as noções que lhe forem inculcadas, sem perceber que elas contrariam o que se lhes está formando na mente, até que por fim esse sistema latente irrompe e faz pressão sobre as outras opiniões. Então, a superfície externa do erro, que não mais tem raiz no espírito, repentinamente se destaca por obra de qualquer acontecimento fortuito, assim como se desmorona de súbito um edifício que há muito estava por cair." [18]

Nessas condições, só se destacaria da Igreja anglicana quando a lenta maturação dos princípios católicos, abrigados em seu espírito, o levasse a conclusões que implìcitamente contradiriam o anglicanismo, ao mesmo tempo que factos exteriores, quase sempre fortuitos, viessem explicitar e tornar patente tal contradição. [19] Sem de todo se envidar em abandonar sua Igreja — antes, aferrando-se a ela com desesperada energia — chegaria a encontrar-se fora dela em virtude da simples força expansiva da verdade que, automàticamente, expulsa o erro, como a luz espanca as trevas.

No caso de Newman as circunstâncias adventícias, que lhe esboroaram as convicções anglicanas, foram algumas leituras efectuadas em Agosto e Setembro de 1839. Até então, por mais que percebesse as deficiências do anglicanismo de seu tempo, não duvidava, um instante sequer, do anglicanismo como tal, e muito menos cogitava de repudiá-lo pois nele votava absoluta confiança [20] e nutria intenso horror ao que denominava "corrupção romana". [21]

A *via media,* por Newman rasgada, representa um triunfo do "temporalismo"; pretende provar que o anglicanismo — escapando tanto às mutilações "evangélicas" como às "corrupções" romanas — é o autêntico desabrochar, através dos séculos, do cristianismo primitivo: "nós, os filhos da Santa Igreja... temos apenas uma voz, aquela única voz que foi da Igreja desde os primórdios." [22] Da lição dos Santos Padres, aprende grandes verdades católicas que exterminam o racionalismo descrente dos liberais, assim como o emocionalismo anárquico dos "evangélicos": a necessidade dos dogmas; a visibilidade da Igreja; os sacramentos como canais da graça; a importância da hierarquia eclesiástica; redescobre essas verdades e logo as proclama, empenhado em "catolicizar" quanto possível o anglicanismo. O "criptocatolicismo" torna-se dia a dia "fânero-catolicismo". [23] Eis, porém, que, naquele fim de verão, prosseguindo nas suas pesquisas históricas sobre as antigas heresias, ao estudar o monofisismo, e em seguida, ao tomar conhecimento dum artigo de Wiseman sobre o donatismo, divisa nova verdade, entrevê nova luz — verdade e luz, sinistras para ele: era o relampejar de Roma! A esse clarão, rápido porém fulgurante, percebe que Cantuária e Roma haviam ambas perpetuado duas atitudes dos primevos cristãos: Roma a dos ortodoxos, Cantuária, desgraçadamente, a dos hereges! "Logo descobri que os únicos argumentos que tornavam o anglicanismo defensável constituíam inexpugnável fortaleza para as heresias primitivas, e que a justificação dos Concílios primitivos tornava-se apologia igualmente convincente para o Concílio de Trento. Dificílimo provar que eutiquianos ou monofisitas fossem hereges, a menos que o fossem também os protestantes e anglicanos; difícil encontrar razões contra os Padres de Trento, que não valessem contra os Padres de Calcedônia; difícil condenar os Papas do XVI século sem também condenar os do V. O drama da religião: luta entre erro e verdade era sempre um e o mesmo. Os princípios e processos da Igreja de hoje eram os da Igreja de então; os princípios e processos dos hereges de então, eram idênticos aos dos Protestantes de hoje. Descobri, quase aterrorizado, a semelhança tremenda, — tanto mais tre-

http://www.obrascatolicas.com

menda quanto silenciosa e desapaixonada — entre os anais mortos do passado e a crônica febril do presente... De que serviria então continuar a controvérsia, defender minha posição, se, afinal, eu apenas forjava argumentos a favor de Ario e de Eutiques, e tornava-me advogado do diabo contra Atanásio o sofredor e Leão o majestoso? Esteja minha alma com os Santos! Ousaria levantar a mão contra eles?" [24]

Sobreveio o artigo de Wiseman sobre o Donatismo, em que o autor insistia sobre uma sentença de S. Agostinho: *securus judicat orbis terrarum.* "Quem poderia explicar as impressões que sofri? Esta simples frase de S. Agostinho feriu-me com uma força que nunca sentira em outra palavra qualquer... foi como o "tolle, lege... tolle, lege" da criança que converteu o próprio Agostinho. *Securus judicat orbis terrarum.* Essas grandes palavras do antigo Padre, interpretando e resumindo o longo e variado decurso da história eclesiástica, absolutamente pulverizavam a teoria da *via media.*" [25] Encontra-se ferido e pelas próprias armas. Apelara à Antiguidade como norma de ortodoxia e essa mesma Antiguidade, tão pressurosamente demandada, vibrava-lhe golpe certeiro e mortal [26]: o critério da ortodoxia é a comunhão com o orbe cristão. *Securus judicat orbis terrarum:* a sentença de Agostinho fazia Newman passar da apreensão puramente teórica à compreensão real da universalidade da Igreja. Quem está fora do grande Corpo místico, está fora de Cristo. De nada serviria ao "anglo-catolicismo" repristinar doutrinas antigas, se se encontrava de facto separado do conjunto dos fiéis. Cortada a vide da videira, não mais recebe a seiva que a vivifica e faz frutificar. — Medite essa doutrina quem, por aberração, se sentisse atraído pela pretensa "Igreja católica brasileira"! Já de há muito Newman percebera que a verdadeira Igreja não podia deixar de ser una, como una é a verdade. A série de igrejolas "evangélicas" em perpétuo conflito, votadas a um processo ininterrupto de divisões e subdivisões, constitui verdadeiro desafio à vontade de Cristo, que, an-

tes de padecer, pedira, urgira, impora aos seus a Unidade. Newman, porém, percebia agora que, para ser Una, a Igreja tinha que ser universal. Admitir diversos ramos autônomos, o grego, o romano, o anglicano, etc. (é a famosa "branch theory" dos anglo-católicos) rompe a unidade, fragmenta, nacionaliza a Igreja, logo judaíza a Igreja, pois que a Sinagoga afirma-se nacionalista; Cristo, ao contrário, trouxe uma revelação ecumênica, valendo para todas as pessoas, nações e raças; portanto a Igreja, prolongamento de Cristo, deveria abrir-se a todos, abranger os povos sem excepção, logo permanecer a um tempo una e universal, pregar as mesmas verdades à humanidade em seu conjunto. Herege é quem secede, separa-se da universidade dos crentes, para formar uma seita, ligada muita vez a determinada região e dominada por um governo.

A esta luz sinistra, o anglicanismo apresenta-se a Newman tal qual é; não já o órgão da Igreja católica na Inglaterra, senão mera seita nacional, heresia bairrista, como o donatismo na África do IV século. Assim como esses hereges antigos se haviam apartado da comunhão universal dos crentes, para formar conventículos regionais, assim no XVI século os ingleses se haviam separado do orbe católico, para fundar *sua* igreja, bem inglesa. Daí o dilema: ou os donatistas não eram hereges, ou os anglicanos também o eram. [27]

Pavorosa angústia! Inglês até à medula dos ossos, como lhe amargava o averiguar que seu povo estava fora do verdadeiro rebanho de Cristo! Ele, o ídolo de Oxford, o reformador da Igreja, deveria confessar à face da Inglaterra, que se enganara, que a "via média" não passava de sonho e ilusão; deveria enfrentar o escárnio dos inimigos que, desde o início do Movimento, lhe denunciavam o Chefe como papista encapuchado? Deveria, ainda mais, abandonar tudo quanto amara, para abraçar o que até então detestara?

Nessa hora de angústia, pega da pena, e confia a um amigo a dúvida que o atenaza [28] e um mês depois

http://www.obrascatolicas.com

revela a um outro a "terrível suspeita." [29] Passeava com Henry Wilberforce, discípulo caríssimo e, como ele, pastor anglicano. Achavam-se não longe de Southampton, naquela New Forest, que deixa a quem a percorre tão sensível impressão de mistério. Conversando, chegou a ponto de confessar que vislumbrava a possibilidade de ser levado a abraçar o catolicismo romano. Horrorizado, exclamou Wilberforce que preferia de muito vê-lo morto! Newman, porém, sentindo que não pertencia a si mesmo, senão a Deus, a cuja vontade se devia curvar, replicou com firmeza profunda que, "viesse jamais esse perigo a tornar-se premente, rogaria aos amigos orassem a fim de que Deus houvesse por bem levá-lo deste mundo, antes que desse tal passo, *caso não correspondesse à plena vontade do Senhor.*" [30]

Rompido o equilíbrio mental por tão rude choque [31], Newman forceja por restabelecê-lo. Um espírito como o seu, que desconfia da lógica pura, e acredita na acção do tempo [32], no lento ruminar dos problemas antes de os resolver, não pode mudar de Igreja pelo simples facto de topar com uma dificuldade cuja solução imediata não encontra. Passados alguns meses, quiçá lograria tudo aclarar? Aliás, não aceitara de viver em trevas, contanto o guiasse Deus passo a passo? Dez anos antes havia já, no seu diário, notado seu "lento progredir, conduzido cegamente pela mão de Deus e ignorando aonde Ele o levava." [33] Se Cantuária apresentava dificuldades, não se debatia também Roma contra as suas? [34] Sem embargo, fora rompido o equilíbrio, misteriosa mão escrevera sobre a parede, e quem viu um fantasma não pode agir como se o não houvera visto. [35] Durante cinco anos, peleja febrilmente para salvar sua crença no anglicanismo; por um poderoso esforço de pensamento, fabrica uma igreja para uso pessoal. [36] Implora instantemente a Luz amorável que o guia; amiúde prostra-se em oração pela noite inteira. [37] Por mais que se esforce a combatê-lo, de novo entretanto volta o fantasma. [38] Recua então de trincheira em trincheira, à medida que aumenta a pressão da doutrina romana. [39] Varia os recursos da apologética defensiva, joga com as "notas" da Igreja: outrora asseverara que, se a força de Roma reside na catolicidade, Cantuária, em compensação, sobreleva em apostolicidade. [40] Quando os acontecimentos anulam tais recursos, Newman mantém que resta ao menos uma nota ao anglicanismo: a "santidade", a qual falece ao romanismo. [41] Na falta de "notas" externas, socorre-se do testemunho arcano do Espírito, no íntimo da alma. [42] Como compensação às dúvidas, recrudesce o fervor anti-papista. [43] Indigna-se quando alguém afirma que ele caminha rumo a Roma. [44] Contudo, as circunstâncias externas tornam-lhe mais clara a evolução interior e precipitam a crise. [45] Em 1841 tenta um supremo e desesperado esforço para demonstrar que, a despeito das aparências, o anglicanismo comporta dose suficiente de catolicidade [46]; publica o 90.º "tract" que versava os 39 artigos da fé anglicana e pretendia demonstrar que tais artigos haviam sido redigidos de maneira bastante vaga e flexível para não excluir os católicos; se algo condenavam era mais abusos do que dogmas romanos; em suma, poder-se-ia permanecer no anglicanismo, conservando embora o essencial do catolicismo. Levantou-se tremenda borrasca. Um após outro, os Bispos anglicanos — e a mesma Universidade de Oxford — condenaram o folheto sedicioso. A Igreja da Inglaterra rejeitava solenemente o ousado que pretendera fazer reviver sua apostolicidade. [47] E não só. No seu afã de "descatolicizar" o anglicanismo, os hierarcas ingleses consagraram um bispo anglicano para Jerusalém, com jurisdição até mesmo sobre os hereges luteranos. [48]

Para quem, como Newman, mais se fiava dos factos que das teorias, a rejeição do "anglo-catolicismo" por bispos e fiéis patenteava de maneira insofismável que a *via média* não passava de criação fantástica, brotada da imaginação de um teólogo sonhador. [49] Mais tarde, analisará com a costumeira perspicácia a ilusão da qual se enamorara e que acabava de esboroar-se qual castelo en-

http://www.obrascatolicas.com

cantado: "Disse que não devemos dar trelas à imaginação, ao formarmos uma opinião sobre a Igreja nacional. De facto, se nós a enfeitamos de contornos ideais, como se fossem reais, se lhe atribuímos uma existência independente e uma história própria, como se fosse de facto, e não apenas de nome, uma Igreja, então poderemos de certo nos interessar por ela, reverenciá-la, querer-lhe bem, como homens que se apaixonaram por um retrato, ou, como nos romances, batalham os cavaleiros por nobres damas que jamais viram. Assim é que estudiosos dos Padres, arqueólogos, poetas, começam por supor que a corporação religiosa a que pertencem é aquela mesma cujo passado estudaram, e logo a enfeitam com a beleza e majestade que a história relata ou seu engenho cria. Desenganá-los não é empresa fácil, nem requer pouco esforço. Tal erro lhes é por muitos modos caro demais para ser abandonado de bom grado. Por fim, entretanto, seja pela força das circunstâncias ou por inesperado acidente, dissipa-se-lhes a ilusão e, como nos contos de fadas, quebra-se o encanto e desaparece o castelo mágico. Nada mais se avista a não ser a charneca selvagem, o rochedo árido, o pasto abandonado. E assim exactamente sucede com a Igreja da Inglaterra. Assombrados contemplamos o que nos parecia tão supramundano e encontramo-lo tão vulgar e sem valor. Percebemos então que dantes não nos guiava a razão; fôramos torcidos pela educação e assoberbados pela afectividade." [50]

Enfim desenganado, Newman percebe que o protestantismo tende mais e mais para a incredulidade. O antigo dilema: "cristianismo patrístico ou ateísmo", precisa-se ainda mais e vem a ser: "catolicismo romano ou ateísmo." Em 1840 escreve: "Entro a recear muito que nenhuma corporação religiosa tenha vigor bastante para vencer a coalisão do mal, afora a Igreja católica" [51], e em 1845: "Desde há anos tenho sentido convicção crescente de que não há meio termo entre o Panteísmo e a Igreja de Roma." [52] Mais uma vez foi profeta.

Seja-me permitido evocar uma recordação pessoal. Encontrando-me na Europa, convidou-me certa sociedade de universitários protestantes para realizar várias conferências de índole religiosa. Espantei-me que tal pedido fosse dirigido a um sacerdote católico. Logo a resposta veio muito franca: "não confiamos no ensinamento dos nossos pastores; sabemos que nenhum crê na divindade de Cristo e vários até duvidam da mesma existência de Deus!" Nos Estados Unidos consta das estatísticas que existem 100 milhões de pessoas, alheias a toda e qualquer religião. [53] Ainda que esse algarismo seja exagerado, leva a concluir que o protestantismo americano se desintegra paulatinamente, ao passo que o catolicismo romano, longe de declinar, cresce, embora lentamente, arrolando no actual momento cerca de 23 milhões de fiéis. Vem confirmar essa conclusão recente inquérito sobre a fé de 500 pastores americanos, cujos dados são tão pouco alentadores quanto possível. Mais e mais aparece que só a Igreja católica poderá salvar a fé viva em Deus, sem a qual a humanidade nada mais é senão perigosa manada de animais daninhos.

2. A Agonia.

Enjeitado pelo anglicanismo, Newman demite-se de seu "fellowship" de Oriel, e do curato de St. Mary's; retira-se para Littlemore, subúrbio campestre de Oxford. Rodeado de alguns amigos, entrega-se a uma existência quase monacal: pobreza, oração, penitência, estudo. Para o desventurado teólogo, segue-se um período sobremaneira doloroso. Leal como era, sentia-se impossibilitado de permanecer numa Igreja da qual duvidava; sensível em demasia, angustiava-se diante de tantos sacrifícios feitos e de outros mais árduos ainda que lhe restam por fazer. [54] Se duvidava demais do anglicanismo para nele continuar, também por demais duvidava do catolicismo para nele ingressar. Achava-se espiritualmente esquartejado. Numa carta escrevia: "Nada é tão penoso como a

http://www.obrascatolicas.com

hora indecisa do crepúsculo"; e ainda: "Como é terrível ver-se a gente obrigado a tomar decisões capitais envolto em tais trevas — todavia, eu que tanto preguei sobre o dever de caminhar noite adentro para onde Deus chama, sou a última pessoa a ter direito de queixar-se." [55]

Fazem crescer a tensão as incessantes perguntas dos amigos, a pedir esclarecimentos ou propor dúvidas acerca do anglicanismo; muitos deles sentem-se atraídos pelo catolicismo romano; alguns transfogem, esforce-se embora Newman em retê-los no grêmio do anglicanismo. [56]

A desorientação intelectual deflagra em tumulto afectivo. Perde confiança em si: outrora exercera no seio da Universidade e da Igreja uma influência sem par; agora via-se obrigado a confessar que se apoiara sobre princípios vacilantes! E nada garantia que, de futuro, não viesse a ser constrangido a renegar as novas teorias com que se amparava no momento [57]; tanto mais que obscuro pressentimento lhe significava que deveria caminhar ainda, e caminhar como sempre, sem divisar a meta. [58]

Afectivamente sente-se como que esquartejado. De um lado, experimenta o atrativo de Roma: a pureza da doutrina, a autoridade que a salvaguarda, a apostolicidade que lhe assegura a continuidade com o cristianismo primitivo, o progresso doutrinal que lhe garante o carácter de Igreja viva. [59] Ao demitir-se do curato de St. Mary's, justifica-se, alegando que "ama Roma por demais." [60] Não obstante, o que lhe parece abusos e excessos romanos, repele-o e afugenta-o [61]; o pensamento de ser infiel à Igreja de seu baptismo melindra-lhe a lealdade [62]; enfim, pondera, essa inclinação para Roma, não será porventura obra do espírito das trevas, castigo por qualquer pecado oculto? [63] Receia, ainda mais, descoroçoar tantas e tantas almas que nele haviam confiado como em guia seguro. [64] Voltava-se contra ele agora seu próprio dilema: "catolicismo ou ateísmo"; era de supor que muitos dos seus asseclas, recusando-se a acompanhá-lo até ao catolicismo romano, se despenhassem na incredulidade. [65] E que dizer da lancinante perda de tantos e tão excelentes amigos? [66] Certo dia percorreu as poucas milhas que separam Oxford de Littlemore em companhia de um familiar, não proferiu palavra, mas quando chegaram ao destino, a mão do companheiro estava banhada das lágrimas de Newman. [67] A 25 de Setembro de 1843, assomou, pela derradeira vez, a um púlpito anglicano; pregou sobre a "separação dos amigos". Evocou as grandes cenas de despedida que a Bíblia relata; depois, não mais logrando calar o que lhe oprimia o coração, apostrofou a Igreja anglicana: "O' minha Mãe! de onde te adveio que as boas coisas espargidas sobre ti, não as consegues guardar? Os filhos que dás à luz não ousas reconhecê-los por teus? Por que não lhes aproveitas o zelo e não tens ânimo para lhes gozar o amor? Porque tudo quanto de generoso há na intenção, de terno ou profundo na devoção — tuas flores e esperanças — resvalam de teu seio sem encontrar abrigo em teus braços?..."

"Quem te tornou estranha à tua carne, e teus olhos cruéis aos teus próprios filhinhos? A tua prole, o fruto de teu seio, os que te amam e quereriam mourejar por ti, com que temerosos olhos os consideras, como se foram maus presságios, ou então os detestas como se te ofendessem; — quando muito os toleras, como se tivessem apenas direito à tua paciência, calma e vigilância, para deles te descartares com maior facilidade. A eles impões, a fim de serem tolerados, que permaneçam o dia todo indolentes; ou então os convidas a irem-se para onde sejam mais bem aceitos, ou a eles os vendes por nada ao estrangeiro que passa." Conclui, dirigindo aos auditores de tantos anos as comovedoras palavras: "E vós, irmãos meus, corações bondosos e cheios de afecto, ó amigos carinhosos, se conhecestes alguém cujo destino foi ajudar-vos pelos escritos ou palavras a bem agir; se vos disse jamais o que já sabíeis sobre vós mesmos, ou que não sabíeis; se vos interpretou as necessidades e sentimentos e por interpretá-los vos consolou; se vos fez sentir a existência de uma vida mais alta que a de todos os dias e

http://www.obrascatolicas.com

de um mundo mais esplendoroso que este visível; se vos animou ou vos sossegou; se abriu caminho a quem procurava ou aquietou quem estava perplexo; se o que disse ou fez provocou em vós interesse por ele e lhe valeu vossa benevolência — lembrai-vos dele no tempo vindouro, conquanto não mais lhe ouçais a voz, e orai para que, em todas as circunstâncias, saiba discernir a vontade de Deus e em todos os tempos esteja pronto a cumpri-la." [68] Conhecer e realizar a vontade de Deus: eis o que sustenta Newman na hora turva da tempestade interior. A sua conversão de homem maduro vem decidi-la aquele mesmo chamamento que lhe provocara a conversão de adolescente: a voz de Deus através do dever. [69] E, se aguarda ainda dois longos anos antes de dar o passo supremo, é justamente por não ver, bastante claro, o dever. Era necessário rezar ainda, estudar ainda, esperar ainda.

À irmã que o censurava respondeu, indignado: "que direito tens de me julgar? Que direito tem a multidão que me há de julgar? Qual entre os meus pares, entre os muitos que falarão levianamente de mim, tem tal direito? Quem tem direito de me julgar, salvo o meu Juiz? Quem, como eu, não poupou esforços (por fracos que tenham sido), a fim de conhecer qual o *meu* dever? Quem tem maiores probabilidades de saber o que devo fazer? E' possível haja errado, mas ùnicamente o Senhor me pode julgar." [70] *Solus cum solo.*

A uma senhora, inclinada a abjurar o anglicanismo, escreve: "Tenho absoluta certeza que nada, a não ser o chamamento claro do dever, pode autorizar quem quer que seja a deixar nossa Igreja. Nenhuma preferência por outra Igreja, encanto por sua liturgia, esperança de maior adiantamento espiritual, e, de outro lado, nenhuma indignação ou aborrecimento com pessoas ou coisas, entre as quais nos encontramos na Igreja inglesa. A simples questão é: posso eu (pergunta pessoal; não se outro qualquer pode, mas se posso *eu*) ser salvo na Igreja

inglesa? Estaria *eu* seguro, se morresse esta noite? Seria um pecado mortal para *mim* não aderir a outra Igreja?" [71]

A experiência do adolescente, perdurando até à idade madura, decide-o a pautar-se tão-sòmente pelo sentimento do dever, desprezando as sugestões da imaginação e os pendores da afectividade. Votara-se à verdade, e a verdade é objecto da razão. "Determinei deixar-me guiar não já pela imaginação mas antes pela razão. Vezes sem conta repeti essas palavras, nos anos seguintes, em conversas ou cartas. Não fora essa austera resolução e ter-me-ia feito católico mais cedo." [72] Já num dos primeiros *"tracts"* (Julho de 1834) escrevera: "Se considerarmos a força dos argumentos em favor de Roma e os títulos que tem à nossa admiração, reverência e gratidão, ser-nos-ia possível resistir-lhe como resistimos, poderíamos nos impedir de derretermo-nos em ternuras e de precipitarmo-nos na sua comunhão, não foram as palavras da mesma Verdade, que nos intima a preferir a Verdade ao universo inteiro?" [73] Assim o fascínio com que a Igreja romana lhe encantava a sensibilidade, longe de incentivá-lo a converter-se, era-lhe mais um motivo de desconfiança. [74]

Guiar-se pela razão; esta, uma vez ainda, apontava-lhe o factor "tempo" como decisivo: "toda a lógica do mundo não me poderia haver feito caminhar mais depressa para Roma. Como não era lícito dizer que, por haver eu vislumbrado o campanário para onde me dirijo, findou-se a jornada, tão pouco possível seria aniquilar as léguas que minha alma haveria de transpor antes de chegar a Roma... Grandes actos requerem tempo." [75] E' tão difícil saber onde se acha o dever; tão fácil interpretar como voz divina o doidejar da própria fantasia! Só com o correr dos meses e dos anos, averiguar-se-ia não fora ele vítima de uma ilusão; amadureceriam, desenvolver-se-lhe-iam as concepções religiosas, explicitando as virtualidades que em si encerravam. [76] Nada lhe poderia apressar a marcha, fora um claro chamamento de Deus [77], pois que o espírito de fé exige respeitemos e

http://www.obrascatolicas.com

sigamos as ordens divinas, não porém que as antecipemos. [78]

Duas dificuldades embargavam-lhe ainda a evolução. Em primeiro lugar, a Igreja romana parecia — senão em teoria, ao menos em prática — contrariar a experiência fundamental do *"Solus cum solo"*, porquanto no catolicismo os santos, e sobretudo a Virgem Maria, ocupam aparentemente um lugar que só deveria competir a Deus. Por que esses intermediários entre a criatura e o Criador? [79] Ora bem, a leitura dos sermões de S. Afonso de Ligório e mais ainda o estudo dos Exercícios de S. Inácio, capacitou-o de que a mesmíssima experiência religiosa encontrava-se no catolicismo e até sob forma mais acendrada e pujante. Os Exercícios "constam dos actos mais puros e directos da religião — o convívio entre Deus e a alma, durante um período de recolhimento e arrependimento, de boas resoluções e de estudo da vocação — nos quais a alma encontra-se *"sola cum solo"*; nuvem alguma se vem interpor entre a criatura e o Objecto de sua fé e de seu amor." [80]

A segunda dificuldade era de índole histórica: como explicar a diferença entre catolicismo hodierno e cristianismo primitivo? Definitivamente separado do anglicanismo, Newman hesitava em aderir ao catolicismo, porquanto afugentavam-no ainda as aparentes "inovações" romanas em matéria de fé. Para que se resolvesse o conflicto em repulsa definitiva ou em aceitação incondicional, impunha-se-lhe responder ao seguinte quesito: terá Roma acrescentado deveras novos dogmas à fé apostólica, ou então o que à primeira vista lhe parecia "corrupção" romana, seria apenas o desabrochar da crença primitiva, graças ao aprofundamento cada vez mais intenso e vivo do depósito revelado? Haveria hiato, corrupção, ou continuidade, desenvolvimento? Aquele "temporalismo", cuja virtude comprovara nas dificuldades passadas, não lograria porventura dirimir o debate axiológico que opunha as Igrejas cristãs? Entra a indagar, nova e derradeira vez, se aquela verdade à qual se rendera, adolescente, era algo estagnado, petrificado na letra da Bíblia, ou algo vivo, pujante, que haveria de germinar, crescer, frutificar, no seio fecundo da Igreja.

Decide escrever um ensaio sobre o desenvolvimento doutrinal e resolve que, não tivessem esmorecido, ao cabo do trabalho, suas propensões católicas, pediria admissão na grei romana. [81] Escrevia horas a fio, de pé; os companheiros notavam que o corpo se lhe descarnava e os raios do sol coavam-se por aquela face sempre mais desmaiada e quase translúcida.

3. A Grande Descoberta.

Já no V século S. Vicente de Lerins, em seu "Commonitorium", procurara mostrar que a fé cristã, ao desenvolver-se, amplia-se sem todavia transmudar-se. Porém, as indicações sumárias que nos legou, antes agitavam questões que as resolviam. Os grandes escolásticos, propondo embora certos princípios de solução, não trataram o problema com a merecida amplitude, de sorte que a questão, suscitada em 434, aguardou 14 séculos — até 1845 — para ser examinada a fundo: o *"Essay on the development of christian doctrine"*, foi a genial continuação do *"Commonitorium"*.

A teoria de Newman representa contribuição de importância capital, não só para a apologética como ainda e sobretudo para a teologia. Introduziu, com efeito, neste ramo de saber, uma realidade fecundíssima: *o tempo*.

Newman transferiu arrojadamente para o campo histórico o problema apologético da Igreja. Em vez de argumentar, a perder fôlego, sobre textos da Bíblia — a letra mata — vamos interrogar a história, grande mestra da verdade. Por não ser duma essência abstracta, subsistindo no mundo de Platão, mas uma religião concreta, vivida por milhões de homens, o cristianismo estará fatalmente submetido à historicidade. Acompanhemos-lhe pois a existência desde os primeiros albores, atentemos no seu crescer e colhamos as lições que nos

http://www.obrascatolicas.com

inculca esse espectáculo. Ora, pondera Newman, se existe verdade incontestável, é que o cristianismo tal qual no-lo apresenta a história durante 16 séculos, nunca foi protestante. [82] Com ironia mordaz aponta Newman que, se quisermos afirmar a existência do protestantismo antes de Lutero, deveremos admitir que misterioso e devastador dilúvio varreu-o da face da terra de maneira tão radical que nem mesmo deixou cadáveres a testemunhar-lhe a fugaz realidade. Tome o protestante qualquer de suas doutrinas prediletas — sua noção de fé, de culto espiritual, a negação da eficácia dos sacramentos ou da Igreja visível — debalde há de procurá-las no cristianismo primitivo tal qual a história no-lo mostra. [83] Essas doutrinas são meras deduções da Escritura, feitas com 16 séculos de atraso. Se há coisa certa, històricamente falando, é que o cristianismo antigo não se pautava pela Bíblia interpretada ao sabor de cada um, mas pela tradição oral: a pregação dos Apóstolos e a dos Bispos sucessores dos Apóstolos. Essa pregação revestia um carácter de testemunho *objectivo* — como demonstra sobejamente o livro dos *Actos* — no qual não era permitido introduzir modificação alguma. Os Apóstolos eram testemunhas do próprio Cristo, os primeiros Bispos eram testemunhas dos Apóstolos e, por eles, de Cristo. Assim, por exemplo, no século II, S. Ireneu, Bispo de Lião, afirmava que a doutrina por ele ensinada fora recebida de seu mestre S. Policarpo, Bispo de Esmirna, o qual por sua vez a recebera directamente de S. João Evangelista, o qual a recebera imediatamente do mesmo Cristo. Uma cadeia de testemunhas que não admitiam interpretações privadas — logo subjectivas e divergentes —, mas ensinavam autoritativamente e exigiam absoluta submissão a esse ensinamento. Quando S. Paulo, por exemplo, "percorreu a Síria e Cilícia, confirmando as igrejas e ordenando-lhes que guardassem os preceitos dos Apóstolos e dos presbíteros [84], está claro que tolheu aos fiéis todo e qualquer livre exame. Em face do cristianismo histórico, o protestantismo ortodoxo vê-se acuado a sustentar este paradoxo: Cristo fundou uma religião para em seguida fazê-la desaparecer sem deixar vestígios e esperar 16 séculos — qual bela adormecida no bosque — a vinda do príncipe encantado, Lutero. "Eles estão sempre em busca duma fabulosa simplicidade primitiva, nós nos assentamos sobre a plenitude católica. Eles procuram o que nunca foi encontrado, nós aceitamos e praticamos o que mesmo eles reconhecem ser algo essencial. Eles são constrangidos a manter que a doutrina da Igreja nunca foi pura, nós dizemos que nunca se pode deturpar. Nós acreditamos que uma promessa divina preserva a Igreja da corrupção doutrinal; eles, ninguém sabe que promessa os anima a demandarem aquela pureza imaginária." [85]

Os acontecimentos posteriores vieram demonstrar a exactidão dos assertos de Newman. O surto gigantesco da história das origens cristãs nas Faculdades de teologia protestante corroeu o luteranismo e o calvinismo ortodoxos, substituindo-os por um racionalismo vagamente deísta. Tanto assim que K a r l B a r t h e outros sequazes da "teologia dialéctica", para restaurar uma doutrina relativamente ortodoxa, desencadearam violenta reacção contra o historicismo. Em verdade, a história é fatal à fé protestante; esta só logra medrar repudiando o cristianismo histórico e deduzindo a religião exclusivamente da Bíblia, fora de todo e qualquer contacto com o tempo — logo com a realidade humana. Se respeitamos um e outra, verificamos em seguida que o cristianismo evoluiu através dos séculos. Objectam entretanto os adversários que o mero constatar duma "evolução" condenaria por si só a legitimidade do catolicismo. Se muitos aspectos de tal progredir, por secundários, não constituem dificuldade, muitos outros, ao contrário, afiguram-se-lhes quais acréscimos essenciais: por exemplo, que diferença de desenvolvimento entre os 12 artigos do Símbolo dos Apóstolos e as muitas dezenas de proposições de fé que enumeram os dogmáticos modernos! Criada pelas mãos divinas, a religião cristã só poderia evo-

http://www.obrascatolicas.com

luir por obra do trabalho humano; logo esse evoluir nada é senão um deturpar-se, um corromper-se. Todo o esforço de Newman colima demonstrar que os desenvolvimentos, os acréscimos, longe de condenar o catolicismo, comprovam-lhe a verdade.

De início estabelece que toda doutrina, ao tomar posse do intelecto e do coração, não permanece ali qual germe morto ou inerte, torna-se um princípio activo, sempre a exigir da mente um renovado esforço de compreensão, sempre tendendo a aplicações variadas e multiformes, a propagar-se em diversas direcções. Nesse perpétuo dinamismo consiste a vida das ideias. Ora, é de prever que uma religião que nos revela as verdades mais ricas, nos infunde a vida mais sublime e invade todas as regiões de nosso ser, constituirá um princípio sumamente activo, com tendências a se desenvolver pujante e diversamente. [86] De facto, Cristo não compara seu Reino a um aerólito, caído do céu e imobilizado para sempre na inércia da esterilidade, ele o compara a princípios vivos: o fermento, que penetra e leveda a massa; o grão de mostarda, que a pouco e pouco brota e se alteia; à semente, que, lançada à terra, germina e cresce. Essas parábolas inculcam de modo claro que o desenvolver-se, o progredir da religião cristã não seria algo de artificial ou extrínseco, mas algo interno, correspondendo ao poder imanente de expansão vital e exigido por ele. [87] Tão rica e profunda a mensagem da fé que só aos poucos lograriam os homens penetrar-lhe os arcanos, pelo meditar sempre mais sagaz, que considera as mesmas verdades sob ângulos diversos para aquilatar-lhes a coerência e medir-lhes as consequências. Tão fecundo o germe lançado por Cristo, que nunca cessaria de fertilizar as inteligências através dos séculos, quando, mudadas as condições político-sociais, surgiriam novos problemas a reclamar soluções adequadas, ou quando o fervilhar dos erros, o pulular das heresias, constrangiria a fé cristã a se definir sempre mais claramente, admitindo verdades que, de modo explícito, não se encontram na Bíblia, e

destarte acrescendo o Símbolo de novos artigos. Ou a fé cristã é mero psitacismo ou não basta a pura letra da Escritura. Quando lemos, por exemplo, no princípio do Evangelho de S. João esta tremenda revelação: "O Verbo se fez carne", surgem de súbito três perguntas: que se entende por "Verbo", por "carne", por "se fez". [88]

Nem se diga que são perguntas ociosas. Ou somos papagaios ou devemos entender o que cremos. As respostas aos três quesitos constituem outros tantos desenvolvimentos da Escritura, os quais, por sua vez, suscitam novas questões exigindo outras tantas respostas e assim ao infinito. Tão premente a necessidade, que os mesmos protestantes, por uma flagrante contradição, vêem-se obrigados a "acrescentar" à Bíblia. Onde se encontra na Bíblia, interroga Newman, a supremacia do Rei em matéria religiosa? Onde a legitimidade do uso de armas, ou a obrigação do culto público, ou a substituição do domingo ao sábado, ou o baptismo dos inocentes, para nada dizer do princípio fundamental que a Bíblia e só a Bíblia constitui a religião? Bem mais, em que lugar das Escrituras está resolvida a questão do Cânon dos livros sagrados? Questão básica, entretanto, para quem nada admite fora da Bíblia. Ora, aí está a história a nos informar que, além dos nossos 4 evangelhos canônicos, havia dezenas de outros, que existia uma série de apocalipses fora do de S. João, que circulavam Actos e epístolas de diversos apóstolos, etc. Por que considerar uns autênticos, os outros apócrifos? — Porque, respondem, estes são inspirados e aqueles não. — Mas como o sabeis? Apenas com a letra da Bíblia nunca resolvereis esse problema, vital para vós. E' imprescindível apelar para a autoridade infalível da Igreja. [89] Surgem outros enigmas: será a Escritura um documento que se interpreta a si mesmo, ou então carecerá um intérprete, e na afirmativa onde está esse intérprete? Ainda: além do que recordam as Escrituras, nada mais foi revelado? — Essas e muitas questões que os livros sagrados não resolvem explìcitamente, os protestantes resolvem-nos dedu-

http://www.obrascatolicas.com

zindo, arquitectando teorias, logo desenvolvendo a doutrina bíblica. São os primeiros a violar a regra, por eles decretada, da absoluta imutabilidade da doutrina evangélica. Mais ilógica ainda a posição dos anglicanos que admitem explìcitamente a evolução — pois aceitam os primeiros concílios ecumênicos — mas, ao depois, fazem-na arbitràriamente parar, e cristalizam o cristianismo no mais rígido imobilismo. Chegamos, pois, a um dilema: ou a religião é algo irreal e inassimilável — nesse caso poderá ser estática — ou é destinada a ser vivida por homens entrosados no curso da história —, e deverá desenvolver-se, progredir, evoluir. A alternativa entretanto requer um complemento, porquanto se viver é mudar e ser perfeito é ter mudado frequentemente [90], todavia a doença e a morte são igualmente mudanças, evoluções. Por outras palavras, há uma evolução que é progresso, desenvolver-se harmonioso; há outra evolução que é descaimento, corrupção. Não basta, pois, mostrar que o catolicismo do século presente é o cristianismo antigo mais evoluído, cumpre ainda tornar patente que o catolicismo actual representa uma evolução *homogênea:* mudou, porém conservando-se o mesmo; é sempre novo e sempre antigo. De facto, o que os anglicanos exprobram a Roma não é precisamente ter feito adições à Escritura (o que eles mesmos fazem); exprobram-lhe o ter corrompido a palavra divina. Qual, pois, será o critério que nos permitirá discernir, na existência concreta, a legítima evolução e a corrupção? Newman distingue dois casos bem diversos: o discernimento efectuado por um indivíduo isolado que, de fora, contempla, qual espectador, a história da Igreja já realizada; o discernimento social, efectuado pela própria Igreja no decurso da evolução. O segundo, doutrina Newman, requer uma autoridade infalível. De nada adiantaria ter-nos Deus dado a revelação, não a houvesse ele protegido contra a corrupção no seu espontâneo e inevitável desenvolver-se. Para tal, investiu a Igreja com um poder infalível que lhe faculta discriminar, sem erro possível, se tal desenvolvimento

particular é progresso ou aberração. Abandonar tal função autentificadora ao senso próprio de cada cristão é abrir a porta à mais absoluta anarquia doutrinal, o que tornaria supérflua a própria revelação. [91] Não existe unidade na doutrina sem um órgão da verdade. Se o cristianismo é uma religião social e dogmática, destinada aos homens de todas as idades, ele deve ter um doutrinador infalível, sem o qual estaríamos condenados ou ao latitudinarismo ou aos sectarismos. À cátedra infalível, preferiu o anglicanismo a uniformidade oca, e as seitas dissidentes preferiram a infinita fragmentação. A Alemanha e Genebra principiaram pela perseguição e desfecharam no cepticismo. A doutrina da infalibilidade é menos intolerável do que esse imolar da fé ou da caridade. [92]

"A ideia mesma de revelação implica um informante, um guia actual; bem mais, um informante e guia infalível. Não apenas mera declaração abstracta de verdades dantes desconhecidas, ou um documento histórico, ou o resultado de pesquisas arqueológicas — mas a mensagem e a lição destinada a este e àquele homem concreto. Tanto é verdade que desde a Reforma prevaleceu entre nosso povo a concepção que a mesma Bíblia é tal guia; donde o Papa e a Igreja foram rejeitados como autoridade rival, não apenas contrária mas ainda usurpadora. Por conseguinte, na proporção em que averiguarmos que o livro sagrado não está adaptado ou destinado a esse fim, neste mesma medida somos compelidos a retornar àquele Guia vivo e presente que, até a época em que nós ingleses o rejeitamos, era considerado como dispensador das Escrituras segundo as necessidades dos tempos e das circunstâncias, o árbitro da doutrina verdadeira e das práticas santas de seus filhos... Dizem-nos que Deus falou. Onde? Num livro? Sujeitamo-lo a provas e sentimos decepção. Desaponta-nos aquele sacratíssimo e beatíssimo dom, não por defeito seu, mas porque o empregam para uma finalidade à qual não foi destinado. A resposta do Etíope, quando S. Filipe lhe perguntou se entendia o que lia, é a mesma voz da na-

http://www.obrascatolicas.com

tureza: Como o poderei eu compreender, se não houver alguém que mo explique? A Igreja desempenha esse ofício; ela faz o que ninguém mais pode fazer e tal é o segredo do seu poder." [93] A divina autoridade do catolicismo está inclusa na mesma divindade do cristianismo. [94]

Inteiramente diverso o problema do discernimento entre evolução legítima e corrupção quando o defronta um protestante que inquire se o catolicismo é cristianismo autêntico ou cristianismo corrupto. A esse indagador não podemos satisfazer apelando para a autoridade infalível da Igreja, que ele ainda não admite. Devemos apresentar provas e argumentos tirados da razão e não da fé.

Newman propõe-lhe um duplo processo de investigação. Em primeiro lugar convida-o a averiguar se de facto não é possível verificar històricamente exemplos de progresso dogmático que revistam a aparência da homogeneidade. Será um conhecimento mais vivo duma verdade do patrimônio primitivo, um aprofundar de suas consequências, um desabrochar de suas virtualidades conforme às necessidades religiosas da humanidade no decurso dos séculos. De tal desenvolvimento orgânico, Newman apresenta uma série de exemplos: o cânon do Novo Testamento, o pecado original, o baptismo das crianças, a comunhão sob uma só espécie, o *homoousios*, a dignidade de Maria e dos Santos, o primado do Papa. Insiste sobre o facto que não se deve procurar na Igreja primitiva a doutrina já plenamente elaborada, enriquecida de seus desenvolvimentos ulteriores, mas tão-sòmente um germe, nada mais. Germe divino que, na sua inércia aparente, permanece vivo, prestes a se desenvolver logo que as circunstâncias o exigirem ou permitirem. [95] E' claro, por exemplo, que na era das perseguições o grande problema, para a Igreja, consistia em sobreviver — era de mártires e não de doutores; portanto não se pode esperar que ela se empenhasse em grandes desenvolvimentos doutrinais; não deve, pois, causar estranheza a

escassez de testemunhos nesse sentido; entretanto, os poucos textos que até nós vieram demonstram a presença do patrimônio da revelação, vivo, activo, porém oculto, prestes a desabrochar naquele esplêndido florescer de doutrinas cristológicas e trinitárias, na paz do século IV. [96] São outros tantos exemplos de verdades inicialmente admitidas de modo implícito que, ao depois, se afirmaram explìcitamente e por fim desenvolveram-se plenamente. [97] Observações que muito poderiam aproveitar a certos autores de compêndios teológicos, os quais, olvidando que a semente não é a árvore nem o embrião o adulto — conquanto a árvore venha da semente e do embrião o adulto — apresentam argumentos "ex traditione" mui pouco convincentes. Querem a toda força descobrir na tradição primitiva a doutrina já desenvolvida e, para tal, violentam os textos.

Ao anglicano que a contempla na perspectiva delineada por Newman, a Igreja romana actual aparece mais do que qualquer outra como herdeira legítima da Igreja dos Padres. "Voltassem sobre a terra S. Atanásio ou S. Ambrósio, não há que duvidar da Igreja que reconheceriam como sua. Concordariam todos que esses Padres, apesar de suas opiniões particulares — apesar de seus protestos, se quiserem — encontrar-se-iam mais a gosto junto a um S. Bernardo, a um S. Inácio de Loiola, ou com um pároco isolado em seu presbitério, com as irmãs de caridade ou com o povo iletrado diante do altar, do que com os sectadores de qualquer outro credo. Será mesmo lícito acrescentar que esses dois Santos, que ambos residiram em Tréveris — um como exilado, o outro como embaixador — se porventura viajassem mais para o norte e chegassem a uma outra cidade risonha [98] situada entre bosques, prados verdejantes e ribeiros tranquilos — os santos irmãos haveriam de se desviar de muitas naves majestosas, de claustros solenes e indagariam o caminho da capela onde a missa é celebrada na ruela populosa dum subúrbio abandonado." [99] Como es-

http://www.obrascatolicas.com

sas linhas deveriam escandalizar — e perturbar — aquela Oxford tão ciosa de sua religião e de sua universidade!

Persiste, todavia, a dúvida importuna e insistente: como discriminar pràticamente o desenvolvimento fiel da fé, dos desvios, resvalos, falsificações? Não basta que o catolicismo actual seja històricamente o sucessor do cristianismo primitivo, é mister ainda provar a legitimidade da sucessão. Não conhecemos, por ventura, muitos exemplos de doutrinas e instituições que decaem? Newman elaborou — é a parte mais original da obra — *sete* critérios discriminativos, cuja convergência justifica plenamente a crença que a Igreja romana actual é herdeira legítima da Igreja primitiva. Esses sete sinais ou testes são os seguintes: 1.º conservação do mesmo tipo; 2.º continuidade de princípios; 3.º poder assimilativo; 4.º dedução lógica; 5.º antecipação do futuro; 6.º conservação do passado; 7.º contínuo vigor.[100] De todas essas notas que diferenciam a evolução homogênea da corrupção ou da transformação, só a primeira foi desenvolvida por Newman; as outras estão apenas esboçadas, a última sòmente indicada. Sente-se que o livro foi composto às pressas e em plena crise interior.

Vicente de Lerins já havia apontado o critério da *conservação do mesmo tipo,* ao aduzir a comparação tirada do corpo humano que se desenvolve sem mudar de espécie nem mesmo de individualidade. Pequeninos os membros da criança, maiores os do adolescente, grandes os do adulto; entretanto são os mesmos membros. Deverá ao contrário ser considerada degenerescência toda evolução que acarrete qualquer mudança de tipo. Se a Igreja lança de si a heresia é porque nela descobre um desenvolvimento que deforma a própria essência do cristianismo. No plano intelectual, a heresia corresponde ao monstro biológico.

Tomando embora ao Lirinense o argumento, Newman sabe desenvolvê-lo com grande originalidade. Poderia ter mostrado a continuidade que une o catolicismo moderno ao cristianismo antigo, escolhendo como ponto de partida

quer o aspecto dogmático quer o moral, quer o ascético, quer o cultural, quer o litúrgico, quer o social. Sem embargo deixa-os todos de lado, remetendo-os à explicação dos seis outros critérios discriminativos. Guiado pelo seguro instinto apologético que lhe inspirou páginas tão eficazes, Newman escolheu o ponto de vista a um tempo mais imprevisto e mais apto a impressionar leitores protestantes: as acusações assacadas ao catolicismo. Mostra que bem longe de provarem contra ele, provam a favor porque são análogas às calúnias inventadas pelos pagãos contra o cristianismo primitivo. Há continuidade nas suspeitas, nas acusações. Newman arrola as apreciações desfavorabilíssimas exaradas pelos autores pagãos: que tremendo libelo! Depois, recorda o que, ao catolicismo hodierno, imputam os protestantes: é a mesma voz acusadora que se faz ouvir! Conclui com um período cuja eloquência o leitor saboreará melhor, se tiver em mente que Newman escrevia para um público que qualificava a Igreja romana de "sinagoga de Satanás", de "prostituta de Babilônia" e o Papa de "Anticristo": "Se houver hoje em dia no mundo uma forma de cristianismo que é acoimada de professar superstições grosseiras, de tomar aos pagãos seus ritos e costumes, de emprestar a fórmulas e cerimônias um poder oculto; — uma religião cujas exigências oprimem e escravizam as inteligências, que é destinada aos espíritos fracos e aos ignorantes, que se mantém graças ao sofisma e à impostura, que contradiz a razão e exalta a fé puramente irracional; — uma religião que deprime as pessoas cordatas graças a suas doutrinas pessimistas sobre a gravidade e as consequências do pecado; que atribui às mínimas acções de cada dia um título para recompensa ou condenação, anuviando assim as perspectivas do futuro; — uma religião que enaltece a renúncia à riqueza e desmancha o prazer de quem dela quisesse gozar; — uma religião cujas doutrinas, boas ou más, são desconhecidas pela generalidade dos homens; que ostenta tão evidentes sinais de insensatez e de erro, que num relance os desco-

http://www.obrascatolicas.com

brimos, sendo absurdo examiná-la cuidadosamente; uma religião tão evidentemente abominável que pode ser caluniada ao acaso e a bel-prazer, pois seria insensato querer medir a relativa culpabilidade dos seus actos, ou determinar a custo até que ponto tal ou tal anedota sobre ela é bem verídica, ou ainda discernir o que deve ser concedido sinceramente, o que é impossível, o que prova em ambos os sentidos, o que não está provado, o que padece justificação plausível; — uma religião tal, que a conversão a ela suscita sentimentos que nenhuma outra seita provoca, salvo o judaísmo, o socialismo, o mormonismo, a saber sentimentos de curiosidade, suspeita, medo, nojo, como se algo estranho houvera sucedido ao convertido, como se fora iniciado a qualquer mistério, se comungasse a influências temíveis, como se fora filiado a uma corporação que o reclama, absorve, lhe anula a personalidade, reduzindo-o a simples órgão ou instrumento do conjunto; — uma religião que os homens odeiam como dada ao proselitismo, anti-social, revolucionária, dividindo as famílias, separando os melhores amigos, corrompendo as máximas de governo, zombando das leis, dissolvendo o império, inimiga da natureza humana e conspirando contra seus direitos e privilégios; — uma religião que é considerada defensora e instrumento das trevas, tão poluída que atrai sobre um país a cólera do céu; — uma religião que todos associam à intriga e à conspiração, da qual falam em voz baixa, que eles farejam antecipadamente em tudo que se desconcerta, e à qual atribuem tudo quanto é inexplicável; uma religião cujo próprio nome repudiam como mau e que, por instinto de conservação, eles perseguiriam, coubera-lhes o ensejo; — se tal religião existe hoje, no mundo, em verdade essa religião não é dissemelhante do cristianismo tal qual o mesmo mundo o julgou, recém-saído das mãos do seu Divino Autor." [101] — Continuidade no opróbrio!

Newman estuda em seguida os aspectos externos da Igreja no século IV, para concluir novamente: "Se no

dia de hoje existe uma forma de cristianismo que se distingue pela organização cuidadosa e consequente poderio; se ela se expande pelo mundo; se se faz notar pelo zelo para a conservação da fé; se é intolerante com respeito ao que considera erro; se peleja sem cessar contra outros agrupamentos denominados cristãos; se ela, e ela só, é chamada "católica" pelos mundanos — bem mais, pelas próprias rivais — e se ela, e ela só, de seu lado, empresta a esse título o maior valor; se qualifica as êmulas de "hereges" e lhes prediz males futuros, e as concita uma a uma a virem-lhe ao encontro renunciando a qualquer outro laço; se as outras, de seu lado, alcunham-na de "sedutora, meretriz, apóstata, anticristo, demônio"; se as outras por mais que difiram entre si consideram aquela como inimiga comum; se forcejam por unir-se contra aquela e não o conseguem; se são apenas locais, se se subdividem continuamente, enquanto aquela permanece una; se essas desaparecem sucessivamente e são substituídas por outras seitas, enquanto aquela continua a mesma — tal igreja dos nossos dias não é dissemelhante do cristianismo histórico tal qual se nos antolha na época nicena." [102] — Continuidade na expansão e na luta.

Por fim, Newman considera detidamente o cristianismo dos séculos V e VI e remata: "Se existe hoje em dia uma forma de cristianismo que se estende através do mundo todo, embora com importância e prosperidade variáveis segundo os lugares; — se está sujeita ao poder de soberanos e magistrados, alheios de diversas maneiras à sua fé; se nações florescentes e grandes impérios, professando embora ou tolerando o nome cristão, se opõem todavia antagônicamente a ela; — se os sábios sustentam teorias e adoptam conclusões que lhe são hostis e criam um sistema de exegese subversivo das Escrituras; — se perdeu pelo cisma Igrejas inteiras; se a ela se opõem poderosos agrupamentos outrora partes integrantes suas; — se foi expulsa por completo ou quase por completo de certos países; — se alhures seus doutores são peados, seus

http://www.obrascatolicas.com

rebanhos oprimidos, seus templos ocupados, suas propriedades possuídas em condomínio; — se em outras nações seus membros são degenerados e corrompidos, se eles são sobrepujados em consciência e virtude como em dons intelectuais, pelos próprios hereges que ela condena; — se prosperam as heresias e certos Bispos no âmbito da Igreja são negligentes; — e se em meio a tantas desordens e temores há apenas uma Voz por cujas decisões os povos esperam confiantes, um Nome e uma Sé para os quais olham com esperança, e se este nome é Pedro e esta Sé Roma — em verdade tal religião não é dissemelhante do cristianismo dos séculos V e VI." [103] — Continuidade nas contradições, nos descaimentos locais, na fidelidade a Roma.

Como acima fica dito, os outros critérios de discriminação entre autêntico desenvolvimento e ilegítima corrupção, Newman apenas os esboçou. Vamos resumi-los brevemente.

A segunda nota é *a continuidade dos princípios*. Por esse termo "princípio" Newman entende os axiomas ou máximas que presidem ao progresso doutrinal. Por exemplo: a base e lei de evolução de todas as doutrinas protestantes, por mais variadas e contrastantes sejam elas, é o princípio do livre exame. [104] Entre os princípios básicos do catolicismo arrola Newman o dogma, a supremacia da fé, a teologia, o sentido espiritual das Escrituras, a sacramentalidade, a graça, o ascetismo, a malícia do pecado, a possibilidade da santificação, a necessidade do progresso homogêneo. Está claro que a alteração dos princípios que regulam um processo de desenvolvimento, equivale à corrupção do mesmo. Ora, a história nos revela não já a destruição desses princípios através dos séculos, mas a continuidade de sua existência e de seu vigor; operam na Igreja hodierna como operavam na primitiva. Portanto, a evolução a que presidem, longe de ser corrupção, é progresso. "Ademais, se é verdade que os princípios da Igreja moderna são os mesmos da antiga, cumpre afirmar que qualquer que seja a diferença

na crença entre os dois períodos, serão as concordâncias maiores do que as discrepâncias, pois dos princípios dimanam as doutrinas. Logo, a quem asseverar que o sistema romano-moderno é uma corrupção da teologia antiga, caberá o ônus de descobrir uma diversidade de princípios entre ambas; por exemplo, provar que o livre exame vigorava nos primórdios do cristianismo e foi perdido posteriormente, ou ainda que a Igreja moderna é racionalista enquanto a antiga se guiava pela fé." [105]

Vem em seguida *a capacidade de assimilação*. Todo ser vivo cresce, absorvendo alimentos que lhe provêm de fora e que ele transforma na própria substância. Ora, as ideias religiosas não fluctuam no vácuo; vivem e actuam num meio social dado, lutam sem trégua contra religiões rivais, entram em contacto com filosofias diversas, exercem e sofrem influências variadas. Maior a vitalidade, maior a faculdade de absorção [106], isto é, maior o poder de conservar intacta a unidade, nutrindo-se embora das antagonistas, como a vara de Aarão devorou as varas dos feiticeiros egípcios. [107] "Assim o cristianismo cresceu e aumentou, recebendo alimento de tudo quanto se lhe aproximava e, apesar disso, logrou preservar sua essência primeva, porque havia apreendido e amado uma verdade que não era imaginação subjectiva mas revelação definitiva." [108] Os ensinamentos verídicos ou as práticas e devoções louváveis, preconizadas por tal doutor privado — e até mesmo encontradas no seio de certas heresias — a Igreja teve bastante vitalidade para aproveitá-las e integrá-las à própria substância, tal a continuidade e firmeza de seus princípios. "Só ela logrou rejeitar o nocivo sem sacrificar o bom e sintetizar elementos que alhures são sempre incompatíveis." [109] Existe certa virtude ou graça no Evangelho que transmuta a qualidade de doutrinas, opiniões, usos, actos e caracteres pessoais uma vez a ele incorporados, e os torna bons e aceitáveis, posto que antes estivessem inquinados ou, no máximo, fossem apenas sombras da verdade. [110] Assim o catolicismo santificou, depurou, aproveitou certas festas ou ceri-

http://www.obrascatolicas.com

mônias de origem pagã. Não é apenas um acréscimo extrínseco, senão um transformar, um assimilar imanente.

O quarto sinal do autêntico desenvolvimento é o facto dele ser *consequência lógica,* necessária, duma outra verdade já aceita pela fé, consagrada pela Igreja, de forma que negar aquela equivale a negar esta. S. Pedro, por exemplo, justificou o baptismo do centurião Cornélio, exclamando: "Poderá alguém recusar a água baptismal a estes que já receberam o Espírito Santo tão bem quanto nós?" Newman expende aqui a famosa controvérsia sobre os pecados cometidos após o baptismo. Certas igrejas ocidentais sustentavam que três dentre esses pecados (homicídio, adultério, idolatria) eram irremissíveis; outras desposavam uma doutrina mais benigna, a qual acabou por predominar: podia a Igreja absolver essas faltas em seguida à severa penitência pública por ela imposta; donde fluiu lògicamente a doutrina da satisfação pelas culpas em geral e — lògicamente ainda — a doutrina da expiação, no purgatório, das faltas não suficientemente apagadas na presente vida; donde ainda, a doutrina do valor meritório das boas obras, donde enfim a justificação da vida penitente dos monges. [111]

"Quando uma ideia vive, isto é, influi e actua, desenvolver-se-á com certeza segundo a própria índole, mas as tendências que por fim se actualizarem poderão — favorecendo as circunstâncias — manifestar-se mais cedo, tão bem quanto mais tarde. E' possível que determinados desenvolvimentos ocorram desde o início, ainda que um lapso considerável de tempo seja necessário para levá-los à plenitude." [112] A *antecipação do futuro* ou seja a aparição, embora embrionária e fugitiva, duma doutrina que só séculos adiante logrará se perfazer, é um novo sinal de que as realizações posteriores são, na verdade, desenvolvimentos fiéis do dado primitivo. Newman aponta como exemplo o culto das relíquias, que dimana deste princípio básico que a matéria é passível de influência divina, doutrina que, por sua vez, é consequência directa da verdade fundamental do cristianismo: o Verbo

se fez carne. Donde a reverência dos primeiros cristãos pelo corpo que deveria ressuscitar em virtude da ressurreição do corpo de Cristo; reverência mais especial pelos despojos dos mártires que haviam participado mais de perto da paixão de Cristo e no futuro reinariam com ele. O culto dos mártires foi uma antecipação do culto das relíquias. [113]

O sexto sinal ou critério é inverso e complementar do quinto; em vez de procurar, no passado, presságios do que seria mais tarde, indagamos se o passado sobrevive no presente. De facto, a corrupção tem início no instante preciso em que um processo evolutivo, longe de desenvolver as doutrinas primevas, inverte-lhes a direcção; ao contrário, a evolução homogênea *conserva* seus antecedentes; se, por definição, algo se lhes deve ajuntar, essa adição ilustra e não obscurece, corrobora e não corrige, acresce e não destrói. [114] Sirva de exemplo o culto de Nossa Senhora que, a ouvir os protestantes, é uma corrupção do cristianismo, porquanto afasta, distrai as almas da adoração de Cristo. Se assim fora, responde o apologista, haveria que reconhecer a procedência da acusação; acontece, porém, que a devoção à Virgem, longe de apartar de Cristo, a Ele leva; longe de enfraquecer a fé em Cristo, a conserva e tutela. Ensina a história que não são aquelas igrejas cristãs caracterizadas pelo culto de Maria que cessaram de lhe adorar o divino Filho, mas precisamente aquelas que renunciaram a todo culto mariano. "Os que eram acoimados de adorar uma criatura em vez de Cristo, adoram-nO ainda; os acusadores que se jactavam de adorar Cristo de maneira tão pura, esses, — todas as vezes que lhes foi facultado desenvolver livremente seus princípios — deixaram de adorá-lo de todo." [115]

Enfim, Newman observa que a duração, feita de *vigor contínuo,* é característica do verdadeiro desenvolvimento, distinguindo-o respectivamente da corrupção e da estagnação. A corrupção é um processo vigoroso e breve que logo resulta na desorganização, na morte, no apo-

http://www.obrascatolicas.com

drecimento. A estagnação, a decadência podem perdurar; em compensação falta-lhes energia vital; reina o torpor. Ora, se considerarmos o correr dos séculos através dos quais se manteve o sistema católico, a gravidade das provações pelas quais passou, as súbitas e espantosas mudanças internas e externas que lhe sobrevieram, a incessante actividade mental e os dons intelectuais de seus asseclas, os entusiasmos que suscitou, a violência das controvérsias que dividiram seus fiéis, a impetuosidade dos assaltos que suportou, as crescentes responsabilidades que lhe decorreram do contínuo desenvolvimento de seus dogmas — é impossível que não se houvesse esfacelado e perdido, fosse ele uma corrupção do cristianismo. — E ele vive sempre, se é que existe no mundo filosofia ou religião viva, vigorosa, pujante, persuasiva, progressista, *vires acquirit eundo*; que cresce sem se agigantar, se expande e não se debilita; germina sempre, mas sempre fiel à própria natureza. [116]

Eis, porém, que Newman interrompe sùbitamente suas considerações; renuncia a acabar o livro: a luz viera mais cedo do que esperava. Então ele, que tanto contemporizara — justamente porque não via a luz — apenas distinguiu a verdade, não hesitou um segundo a mais: interrompeu a obra e abjurou. "Só é tolerável a dúvida quando quem duvida está firmemente decidido a abraçar a verdade, qualquer seja ela e a qualquer custo, sem detença alguma, tão logo lhe seja esclarecida — orando ainda, enquanto duvida, para que o mais cedo possível seja levado ao conhecimento da verdade... A fé não é a conclusão de certas premissas, mas resulta de um acto da vontade, o qual, por sua vez, resulta da convicção de que acreditar é *meu dever*." [117] Fiel pois à luz interior que lhe aponta o dever, ele obedece, filialmente, sem demora, sem alarde, sem exaltação sentimental alguma.

Como a recompensar-lhe o heroísmo, Deus mandou para acolhê-lo no grêmio da Igreja, um Santo, o Padre Domenico Barberi, Passionista. Sobre ele, escreveu

Newman: "Nas encostas dos Apeninos, perto de Viterbo, vivia, nos primeiros anos deste século, um pastorzinho, cujo espírito desde cedo fora atraído para o Céu. Um dia, quando orava diante de uma imagem da Madonna, sentiu muito viva a impressão de que estava destinado a pregar o Evangelho sob os céus do Norte. Mas não apareciam os meios de transformar em missionário um pastor romano; nem melhoraram as perspectivas quando o rapaz encontrou-se na Congregação da Paixão, irmão leigo para começar e mais tarde sacerdote. Todavia, se os meios exteriores não apareciam, a impressão interior permanecia sempre, e até determinou-se ainda mais; não foi apenas o indistinto "norte", mas a Inglaterra que se lhe gravou no coração. Coisa estranha, passaram os anos e, sem que ele o procurasse — pois era filho da obediência — nosso camponês encontrou-se afinal na mésma plaga do mar nórdico, donde César antigamente contemplara um novo mundo a conquistar. Mas, que conseguisse atravessar o canal da Mancha, parecia ainda tão pouco provável como outrora; não menos provável, todavia, do que fora sua vinda até ali. Soía contemplar as ondas inquietas, impiedosas, e punha-se a cismar se um dia viria em que nelas singraria. E o dia chegou afinal — não por determinação sua, mas daquela mesma Providência que, trinta anos antes, lho havia feito antecipar." [118] Durante essas décadas de espera, em que tanto se lhe apuraram a paciência e a confiança, o humilde e santo passionista repetia que "muita vez Deus se faz servir pela aparente inércia." De facto, o longo aguardar, fiel e intrépido, embora em circunstâncias desalentadoras; a docilidade ao sopro do Espírito Santo que o impelia para a Inglaterra, porventura não mereceriam de Deus os sobrenaturais auxílios que alentariam e guiariam Newman em seu lento caminhar? Tudo parece separar essas duas almas — salvo a grandeza de ambas — entretanto, na mística região dos espíritos, elas se atraem e cada passo as aproxima; vencem as distâncias materiais, os abismos espirituais, até que por fim se en-

http://www.obrascatolicas.com

contrem, à voz do mesmo Cristo que nunca ouviram em vão.

Às 11 horas da noite de 8 de Outubro de 1845, o P. Domenico della Madre di Dio chegava a Littlemore. Chovia torrencialmente; acercou-se da lareira para secar as vestes. Uma porta abriu-se; entrou o grande anglicano e, prostrado aos pés do humilde enviado de Roma, implorou a incorporação no "único rebanho de Cristo." [119] Para ambos, a espera fora longa; para ambos a recompensa foi inefável... Aos 15 anos, quando Deus lhe dera a conhecer a majestade de seus direitos, John Henry se entregara: "Falai, Senhor, porque vosso servidor escuta." E Deus lhe falara pela voz do dever; Deus pedira-lhe muitos trabalhos e dera-lhe muitas vitórias. Depois, no apogeu do gênio e da glória, Deus o abatia aos pés de um pobre camponês italiano. E agora, como outrora, Newman, desapropriado de si, rendia-se à obediência do seu Criador.

CAPÍTULO IV.

Cristo e Minerva.

1. Loss and Gain.

Abjurado o anglicanismo, Newman retomou o manuscrito do "Essay on the development of christian doctrine"; não o levou a cabo todavia; traçou apenas, à guisa de conclusão, as comovedoras linhas: "Sobre a beatífica visão de paz, assim meditava um homem cuja prece contínua fora que o Misericordiosíssimo não desprezasse a obra das suas mãos nem o abandonasse às próprias forças; — tal o seu pensar quando se lhe enevoavam os olhos, e ele podia apenas usar da razão em matéria de fé. E agora, caro leitor, breve é o tempo, longa a eternidade. Não afasteis de vós o que aqui encontrais; não o considereis apenas qual assunto de controvérsia actual; não lhe empreendais a leitura já decidido a refutá-lo e procurando o melhor meio de fazê-lo; não vos iludais ao imaginar que o que aqui está é fruto da decepção, do enfado, da inquietação, de melindres, da susceptibilidade ou de qualquer outra fraqueza. Não vos deixeis enredar pelas lembranças dos dias passados, não decidais que a verdade é o que desejais seja verdadeiro, nem transformeis em ídolos esperanças acariciadas. Breve o tempo, longa a eternidade. *Nunc dimittis servum tuum, Domine, secundum verbum tuum in pace. Quia viderunt oculi mei salutare tuum.*"

O futuro Cardeal Wiseman, então ainda Bispo-coadjutor, recebeu-o a 31 de Novembro, conferindo-lhe a crisma. A entrevista, começada com certo embaraço, logo tornou-se cordial; esses dois homens superiores não encontraram dificuldade em se compreender.

http://www.obrascatolicas.com

Wiseman escrevia a um amigo: "Asseguro-vos que, em tempo algum, a Igreja recebeu um convertido que a ela haja vindo com maior docilidade e simplicidade de fé." [1] Ficou assentado que Newman seguiria mais tarde para Roma, a fim de se preparar ao sacerdócio; por enquanto, travaria conhecimento com os novos correligionários. Aproveitou para viajar pela Inglaterra afora, visitando as instituições católicas; acolhido cordialmente, admirou a profunda piedade, o alheamento do mundo, a prudência dos católicos de velha estirpe; estes, entretanto, não parecem ter-se apercebido que Deus os brindava com o maior gênio religioso do século. De facto, muitos anos não passarão, e a grande lucerna será ciosamente colocada debaixo do alqueire... Por funesto e lamentável haja sido tal acontecimento, só surpreenderá quem ignore a situação do catolicismo inglês naquela época. Num sermão pregado seis anos mais tarde — obra-prima literária que Macaulay sabia de cor e George Eliot não podia citar sem derramar lágrimas — Newman traçou este quadro comovedor: "A Igreja católica não mais existia neste país e nem sequer uma simples comunidade católica; apenas alguns sequazes da antiga religião, passando silenciosos e tristes, como recordações do que havia sido. Os "católicos romanos" eram não já uma seita, nem um corpo por pequeno fosse ele a representar a Grande Comunhão estrangeira — mas um simples punhado de indivíduos que se poderiam contar como seixos, ou como os destroços de um grande dilúvio; acontecia apenas que conservavam uma crença que outrora fora, na verdade, professada por uma Igreja. Aqui, um pugilo de pobres irlandeses, indo e vindo no tempo da sega, ou uma colônia deles alojada em bairro miserável da grande metrópole. Ali, talvez, uma pessoa adiantada em anos, que se via pelas ruas, grave, solitária, estranha — embora nobre no porte — que diziam ser de boa família e também "católica romana". Certa casa antiquada de aparência lúgubre, cercada por altos muros, o portão de ferro, o jardim plantado de teixos

— conheciam-na qual moradia de "católicos romanos"; mas quem eram eles, que faziam, que se entendia ao qualificá-los de "católicos romanos" ninguém sabia dizer — conquanto soasse mal o nome e cheirasse a hipocrisia e superstição. E também quando vagueávamos pela grande cidade, contemplando-a com os olhos curiosos de menino, porventura topávamos hoje com uma capela de Irmãos Moravos ou uma assembleia de Quakers, e amanhã com uma capela de "Católicos romanos"; mas nela não se colhia informação alguma; apenas círios a arder, meninos vestidos de branco a balançar turíbulos; o que tudo isso significava só se podia saber pelos volumes de Histórias e de Sermões protestantes; e estes não davam boas referências do "catolicismo romano"; antes, depunham que outrora havia desfrutado de poder e dele havia abusado... Semelhante a este, era mais ou menos o conhecimento que do cristianismo tinham os pagãos antigos. Perseguiam os fiéis até que sumissem da face da terra, para, ao depois, chamá-los "gens lucifuga", isto é, povo que fugia da luz do dia. Tais eram os católicos na Inglaterra, encontrados pelos cantos e becos, nos porões e nos sótãos, ou nos ermos campestres, segregados da população entre a qual viviam. Assim lobrigavam-nos, por entre névoas ou ao crepúsculo — como fantasmas adejando daqui e dali — os soberbos protestantes, senhores da terra. Por último, eles tanto se quebrantaram, tão desprezíveis se tornaram, que do próprio desprezo brotou a compaixão; os mais generosos dentre os tiranos entraram a desejar conceder-lhes qualquer favor, convictos de que tais crendices eram demasiado absurdas para jamais alastrarem-se novamente, e que os mesmos católicos, uma vez prestigiados civilmente, logo renunciariam a elas e delas se envergonhariam. Assim, por simples compaixão de nós, começaram a aviltar nossa doutrina perante o mundo protestante, a fim de que nossa própria estupidez, ou nossa descrença secreta, fizessem jus à misericórdia." [2]

http://www.obrascatolicas.com

Que contraste com o meio aristocrático, com os requintes de intelectualidade de Oxford! Será de espantar que a longa vida católica de Newman houvesse sido pungida pela saudade daqueles benditos decênios? O seu primeiro livro escrito no seio da Igreja romana, intitulou-o *"Loss and Gain, the story of a convert"*. Como "história" é um malogro completo; tanto quanto sua outra tentativa no gênero: *"Callista, a tale of the third century"*. Exímio orador, ensaísta e poeta, Newman carecia do talento de romancista. Valem e muito, sem embargo, esses dois volumes não apenas pelo inimitável estilo, como ainda por nos revelarem o sentir e pensar de Newman. São, no fundo, documentos autobiográficos. Em "Loss and Gain", Newman, encobrindo-se sob o véu transparente de uma ficção, relata algumas das perplexidades e dores que lhe atenazaram a alma nos últimos anos de Oxford e os motivos que o levaram a abjurar o anglicanismo. *Loss and Gain,* "perda e ganho", o próprio título é significativo. Newman era demasiado leal para ocultar os sacrifícios tremendos que a conversão exigia. Um grande intelectual como ele não podia deixar de sentir saudades do convívio dos sábios que encontrara no seio da Universidade; coração sensibilíssimo, não podia deixar de lamentar a quase ruptura com a própria família, a perda daqueles amigos e discípulos afeiçoadíssimos que deixava no anglicanismo. Ao abandonar de vez Littlemore, em princípios de 1846, confia a um correspondente: "Podes avaliar minha soledade. Nas últimas doze horas, ressoavam-me aos ouvidos as palavras: "Obliviscere domum tuam et domum patris tui..." é como o adiantar-se para o alto mar." [3] Falando aos anglicanos, em 1850, exclamava: "Poderia eu olvidar todos aqueles dias de vida feliz sem cuidados ou inquietações dignas de nota, sem pensamentos desolados ou febris, sem trevas espirituais, sem duvidar do amor de Deus por mim ou de sua providência? Poderia eu esquecer — mas nunca poderei — aquele dia de minha juventude em que, pela primeira vez, mancipei-me ao serviço de Deus, na vetusta Igreja de

S. Frideswide, padroeiro de Oxford? Como me desfiz em lágrimas abundantes e dulcíssimas... embora não considerasse a ordenação como rito sacramental?... Poderia eu apagar da memória — ou mesmo desejar apagá-las — aquelas ditosas manhãs, claras ou sombrias, ano após ano, em que na minha igreja de St. Mary's, celebrava vosso rito de comunhão?..." [4] Já idoso, em 1863, escrevia a Isaac Williams, seu antigo coadjutor em St. Mary's: "De todas as coisas humanas, talvez me estejam mais perto do coração Oxford e algumas paróquias do campo. Nem consigo capacitar-me de que jamais verei de novo o que tanto amo... mas, por que desejaria rever aquilo que não é mais o que amei? Tudo muda e o passado jamais retorna." E a Keble, no mesmo ano: "Sempre penso em Você com respeito e afeição e não há quem mais ame do que você, Isaac Copeland e muitos outros que poderia nomear — a não ser Aquele a quem devo amar sobre todos e supremamente. Ele é compensação superabundante a todas as perdas. Dê-me Ele a sua presença e nada quererei ou desejarei — mas, ninguém a não ser Ele pode compensar a perda desses semblantes familiares de antanho que continuamente me ocupam o espírito." [5]

Houve quem interpretasse essas saudades, cuja expressão continuamente aflora nos diários e cartas de Newman, como sendo arrependimento por haver mudado de religião. Impossível maior equívoco. Newman sentia-se inconsolável tão-sòmente pelas perdas *humanas* que fizera e que o catolicismo não podia compensar sobre o nível humano. Difícil criar novos laços afectivos aos 45 anos, tanto mais que não havia afinidade humana alguma entre ele e seus novos correligionários: outra a cultura, outra a mentalidade, outras as preocupações. Por mais que se estimassem mùtuamente, haveria sempre entre eles intransponível barreira, humanamente falando. Era fatal que, após um período de expectativa e mútua observação, se estranhassem e desentendessem. Mas, sobre o plano religioso a situação mudava por completo.

http://www.obrascatolicas.com

A vacuidade do anglicanismo aparecera a Newman uma vez por todas; ele nunca voltou atrás, um passo sequer. Mais de 20 anos após à abjuração contestava a um anglicano: "Quanto à sua segunda pergunta: "Jamais vos arrependestes de haver deixado a Igreja da Inglaterra?" posso sinceramente responder: nunca, nem um só momento. Desde que me fiz católico, gozei de paz e contentamento perfeitos." [6] "Nunca tive uma só dúvida sobre o catolicismo", escreverá na *Apologia.* [7] Mais ele vivia a religião de Roma, mais ela lhe aplacava os anseios do espírito e do coração. Intelectualmente sentia que "emergira das névoas do erro à luz e paz da verdade católica." [8] Aos mesmos anglicanos a quem confiava suas saudades, dizia também: "Lembra-me de como me sentia um desterrado quando tomava na estante de minha biblioteca os volumes de S. Atanásio ou de S. Basílio e dispunha-me a estudá-los; como ao contrário, trazido afinal à comunhão católica, osculava-os com delícias, sentindo que neles encontrara mais do que quanto perdera *(Loss and gain!)* e dizia a essas páginas inanimadas — como que falando directamente aos gloriosos santos que as legaram à Igreja: "Agora sois minhas e sou vosso sem engano possível!" [9]

Afectivamente, Newman parece haver sido empolgado e consolado, desde os primeiros tempos de convertido, pelo mistério da Eucaristia. A H. Wilberforce, em Fevereiro de 1846: "Escrevo-lhe num quarto ao lado da capela. E' tão incompreensível bênção ter a Presença real de Cristo na própria casa, que isso absorve todos os outros privilégios e destrói, ou deveria destruir, todo sofrimento. Saber que Ele está pertinho; poder muitas e muitas vezes ao dia ir a Ele — e esteja certo, caríssimo, quando me encontro assim em presença d'Ele, Você não é esquecido. Onde se acha o SSmo. Sacramento é de certo o lugar por excelência da intercessão. Assim Abraão, nosso pai, implorava diante do Senhor seu Deus, escondido no vale." [10] Em "Loss and Gain" deixou-nos suas impressões de neo-convertido sobre a Missa. Vários

anglicanos perguntam ao novo católico como aquele engrolar do latim a toda pressa e que ninguém pode entender se coaduna com o "culto racional" que S. Paulo preceitua? Retruca o outro: "Para mim nada mais consolador, mais pungente, mais exaltante, mais acabrunhador, que a Missa tal qual é celebrada entre nós. Poderia assistir a missas sem fim sem sentir cansaço. Não consiste em proferir apenas fórmulas — é uma grande Acção, a maior que existir possa sobre a terra. Não é simples invocação, antes, — se ouso empregar o termo — é evocação do Eterno. Torna-se presente sobre o altar, em carne e sangue, Aquele perante o qual se curvam anjos e estremecem demônios. Alvo e explicação de cada parte da solenidade é esse acontecimento tremendo. Palavras são necessárias não já como fim, senão como meio; nem são apenas súplicas ao trono de graças, senão instrumento de algo muito maior: a consagração, o sacrifício. Apressam-se como que impacientes de cumprir sua missão. Correm rápidas, tudo é rápido, como partes integrantes de uma só acção. Correm rápidas porque são palavras tremendas de sacrifício, obra demasiado grande para sofrer detença. Assim foi dito no princípio: "O que fazes, faze-o depressa." Passam rápidas, porque como o raio reluz de um lado ao outro do céu, assim a vinda do Filho do homem. Passam rápidas, porque são como as palavras de Moisés, invocando o nome do Senhor, o Senhor Deus, misericordioso e benigno, paciente e abundante em bondade e verdade. Como Moisés sobre a montanha, também nós "apressamo-nos e curvamos a cabeça até ao chão, adorando." Todos em redor, cada qual em seu lugar, aguardamos o grande Advento, "esperamos o revolver das águas." Cada qual em seu lugar com o próprio coração, suas necessidades próprias, os próprios pensamentos, as próprias súplicas — separadas, porém concordes —, atentamos no que está ocorrendo, vigiando-lhe o decurso e unindo-nos ao seu consumar-se. Não seguimos com labor e desânimo um formulário rígido de orações, de princípio a fim, antes, como num concerto de

http://www.obrascatolicas.com

instrumentos musicais, cada qual diferente embora concorrendo todos para uma suave harmonia, assim desempenhamos nossa parte junto ao Sacerdote de Deus, amparando-o, embora guiados por ele. Aí estão criancinhas e velhos, simples lavradores e seminaristas, padres preparando-se para a missa ou dando graças, donzelas inocentes e pecadores arrependidos — de todas essas almas diversas eleva-se um só hino eucarístico, de que a Grande Acção é fim e medida. E vós me perguntais se não é formalismo, culto irracional? — Mas é simplesmente estupendo!" [11]

2. Primeiras Nuvens.

Durante aqueles meses de expectativa, pôde também Newman saborear profunda alegria: guiados por seu exemplo, muitos anglicanos pediram admissão no seio da verdadeira Igreja; avalia-se em mais de trezentas essas primeiras conversões [12]; outras virão ainda e desde há um século perdura a corrente que arrasta a Roma pastores e intelectuais anglicanos. "E' impossível, declara um contemporâneo, Mark Pattison, descrever o enorme efeito produzido no mundo acadêmico e eclesiástico na Inglaterra inteira pelo facto de que um só homem mudou de religião." Gladstone afirma que é uma época na história da Igreja anglicana; mais tarde dirá Disraeli que essa conversão deu à Inglaterra uma sacudidela que ainda a abala e um dos grandes historiadores ingleses, Lecky, assevera que, nessa ordem de ideias, não houve acontecimento mais importante desde os Stuarts. [13]

Em Setembro de 1846, acompanhado por dois discípulos de Littlemore, Ambrose St. John e Richard Stanton, partia Newman para Roma, onde Pio IX o acolheria com efusiva bondade. Os alunos do Colégio "De Propaganda Fide" presenciaram edificante espectáculo: um homem maduro, por tantos anos mestre em famosa Universidade, autor fecundo e aureolado de glória, sentava-se nos bancos escolares, entre adolescentes. Escusado dizer que o

ensinamento não satisfez a Newman, tão pouco adaptado era às necessidades da época. Haveriam de decorrer mais de 30 anos, antes que Leão XIII infundisse vida nova aos estudos eclesiásticos. Ordenado sacerdote em 1847, Newman decidiu-se, após longas hesitações, a implantar na Inglaterra os Oratorianos — congregação fundada no século XVI, por S. Filipe Néri — cujos membros não pronunciam votos, porém vivem em comunidades sob a mesma regra. Passados alguns meses de noviciado, regressou à Pátria e fixou-se em Birmingham, em meio duma população católica pobre e pouco letrada. Vários ex-anglicanos juntaram-se a ele, em particular Ambrose St. John, que viria a ser o mais fiel e dedicado dos amigos, e William Faber, que se faria conhecer como poeta, orador e autor de obras ascéticas. Em 1849, irrompendo uma epidemia de cólera, Newman ofereceu-se espontâneamente para ministrar os doentes, o que lhe granjeou inúmeras simpatias. Entrementes retorna à sua missão de pregador; protestantes e católicos acorrem para ouvi-lo. Benson, futuro arcebispo anglicano de Cantuária, ouve os sermões da Quaresma de 1848 e logo escreve a um amigo: "E' um homem em quem revivem as mortificações da idade média. Que Cristo o ajude! Ensinou-me admiráveis lições... Falou com eloquência de anjo. Jamais ouvi pregação igual nem penso que jamais ouvirei... Por certo, se existe nesta geração um homem dotado por Deus de dons extraordinários para glorificar seu nome, Newman é esse homem." [14] O pregador deu à luz alguns desses sermões no volume *"Discourses addressed to mixed Congregations"* (1849), literàriamente superiores às prédicas de Oxford, porém menos comovedoras talvez. Em 1850 consegue várias e notáveis conversões, realizando em Londres brilhantes conferências destinadas aos antigos companheiros do movimento de Oxford [15]; no ano seguinte, em Birmingham, pronuncia outras, para defender os católicos contra a fúria anti-papista suscitada pelo restabelecimento da Hierarquia eclesiástica na Inglaterra e a elevação de Wiseman ao cardinalato. De ordinário,

http://www.obrascatolicas.com

Newman refreava seu pendor à ironia; por uma vez, porém, deixou-lhe livre expansão; o resultado foi uma sátira brilhantíssima e arrasadora, do fanatismo, dos preconceitos estúpidos, que alimentavam a histeria anti-católica.[16] Mas, em pleno triunfo, despontou a primeira daquelas nuvens que em breve se adensariam, toldando-lhe o horizonte durante quase trinta anos até que o próprio Papa o despregasse da cruz onde altos eclesiásticos o haviam pregado.

Aproveitando-se da psicose anti-romana que sacudia a velha Albion, certo Achilli, ex-dominicano italiano, cuja vida crapulosa lhe valera ser expulso da Ordem e aprisionado pelo Santo Ofício, fazia propaganda anti-católica em Londres, apresentando-se como inocente vítima da tenebrosa Inquisição, conseguindo até ser honrosamente recebido por Lord Palmerston, ministro das Relações Exteriores. Newman verberou-lhe os escândalos em tremenda passagem de sua quinta conferência.[17] O despudorado egresso apelou para os tribunais, intentando um processo de difamação. Newman valera-se, para esmagar o infame, de um artigo de Wiseman, na "Dublin Review"; solicitou do Cardeal a documentação que possuía; este, porém, nada lhe forneceu, parecendo desinteressar-se do assunto. Ulcerado por lhe faltar o apoio sobre o qual contava e que lhe era bem devido, Newman via-se na iminência de ser condenado como caluniador: belo triunfo para os fanáticos protestantes, novo alimento para as paixões anti-romanas! Mas o processo corria; amigos devotados decidiram-se a partir para a Itália em busca de testemunhas; uma representação enérgica de Wiseman, pensavam eles, abrir-lhes-ia os arquivos da polícia napolitana. Novamente se lhes deparou a inexplicável displicência do Cardeal. Então, resolveram agir sós; com grandes dificuldades e enormes despesas, conseguiram trazer à Inglaterra algumas das vítimas do don-juanesco ex-frade. Foram meses de terrível angústia para Newman. Abriu-se o processo; juiz e jurados, dando prova de revoltante parcialidade, condenaram Newman como difamador e a muito custo

escapou da prisão. Ele que, durante o processo, passava os dias e até as noites na capela dos Oratorianos, prostrado diante do Santíssimo[18], recebeu o veredicto com calma e até com alegria. "Há vinte anos escrevo em verso e prosa sobre o valor do sofrimento por amor à Verdade. Não tenho direito de queixar-me." — "Herdei a sorte dos católicos: sofrer e triunfar. Não lembrais as minhas palavras de há quinze anos, repetidas dia a dia, um ano antes desse incidente: que eu me havia apartado do mundo, que dele esperava o pior e que triunfaria através disso?"[19] Não foi baldada essa esperança. O público inglês, sempre amante do "fair play", reagiu ante a clamorosa injustiça; em editorial "The Times" comentava os debates e o julgamento e os declarava "indecorosos quanto à matéria, não satisfatórios quanto ao resultado e pouco conducentes a incrementar o respeito do povo pela administração da justiça, ou a estima das nações estrangeiras pelo nome e carácter ingiês. Estamos que um golpe severo foi vibrado na administração da justiça neste país. Doravante assistirão aos católicos sobejos motivos para asseverarem que não se lhes faz justiça desde que uma causa tende a despertar os sentimentos protestantes de juízes e jurados."[20] Acresce que Achilli perdia-se aos olhos ingleses, atascando-se na mesma Inglaterra em novas imundícies. Apaziguou-se como por encanto o temporal anti-papista. Newman saía do processo moralmente vencedor, mas sobrecarregado da enorme dívida de 12.000 libras esterlinas![21] Pobre como era, onde encontraria recursos para saldar tamanho compromisso? Vieram-lhe entretanto logo, das mãos gratas dos católicos. Profundamente sensibilizado, exarou no volume "Idea of University", que então publicava, a dedicatória: "Em grata e imorredoura recordação dos muitos amigos e benfeitores, vivos e mortos, patrícios e estrangeiros, da Grã-Bretanha, Irlanda, França, Bélgica, Alemanha, Polônia, Itália e Malta; da América do Norte e outros países que, por suas fervorosas preces e penitências, por seus es-

http://www.obrascatolicas.com

forços generosos e pertinazes, por suas esmolas munificentes, libertaram-me do peso duma grande ansiedade..."

Ainda, porém, em pleno processo Achilli, armava-se outra borrasca que lhe valeria novos e pungentíssimos dissabores. O episcopado irlandês havia decidido a fundação de uma Universidade Católica, para abrigar seus jovens diocesanos da influência anti-religiosa das Universidades leigas, recentemente criadas em Cork e em Galway. O Arcebispo de Dublim, o futuro Cardeal Cullen, convidou Newman para reitor da Universidade católica. Grande sacrifício para ele deixar seu convento, os amigos, os estudos, até mesmo a Pátria para entregar-se a tarefas administrativas que o não encontravam aparelhado. Doutro lado, desde há mais de 30 anos, persuadira-se que a missão à qual a Providência o destinara, era a de irmanar Fé e Ciência. Não chegara afinal a ocasião propícia? Não prometera fidelidade à Luz? Ora, a Luz apontava-lhe o caminho da Irlanda. Não se votara igualmente a cumprir a vontade de Deus? Ora, essa vontade era-lhe significada pelo convite do Arcebispo, mais ainda, pelo desejo expresso de Pio IX. Aceitou, pois, o reitorado em 1851. Por sete anos forcejou em vão. A falta de interesse dos irlandeses, o desentendimento com o Arcebispo, resultaram em novo e fragoroso revés. Newman regressou a Birmingham curtindo a mágoa do retumbante malogro, lamentando os insubstituíveis anos perdidos, tendo sofrido inúmeros dissabores e até mesmo penosa humilhação pública das mãos de Cullen. Seria, entretanto, errôneo — logo injusto, amesquinhar o conflito, reduzindo-o a mera rivalidade pessoal entre Cullen e Newman. Ao contrário, animosidade alguma os separou jamais. Newman edificava-se com a profunda piedade do Arcebispo, admirava-lhe o zelo indefesso pela Religião; Cullen, por seu lado, votava a Newman sincera estima, e quando, mais tarde, Roma entrou a suspeitar da ortodoxia do grande convertido, este encontrou no Cardeal irlandês estrénuo e valioso defensor. Antes, separava-os certa incompatibilidade de temperamentos e mais ainda irremediável conflito de ideias sobre a educação universitária.

Partidário da escola "antiga", Cullen, autoritário em extremo, governava clero e fiéis com férrea disciplina. Entendeu que o Reitor da Universidade devia ser apenas o dócil porta-voz do Arcebispo; e por todos os meios procurou cercear as iniciativas de Newman. Este, por dois anos, aguardou que o empossassem no cargo para o qual fora convidado; a despeito de seu expresso pedido, sem consultá-lo, nomearam o vice-reitor e o secretário. Quando problemas urgentes aguardavam solução, Newman recorria ao Arcebispo, mas este nada resolvia e agastava-se quando o reitor tomava providências. Mais ainda. Para compensar os dissabores do processo Achilli, e sobretudo para dar a Newman maior autoridade, o Cardeal Wiseman obteve-lhe de Pio IX a nomeação para Bispo "in partibus"; comunicando-lhe a grata notícia, solicitou "a consolação e honra de ser o prelado sagrante." Tornada pública a promoção, Newman recebeu felicitações sem conta de prelados e fiéis e até mesmo presentes valiosos. Passavam-se os meses entretanto e as letras apostólicas não chegavam... Soube-se, então, que Cullen, cioso de sua autoridade, interviera em Roma: preferia, como Reitor, um simples sacerdote... Pelo mesmo motivo, decidira que na Universidade, destinada embora aos leigos, estes não usufruíssem de influência alguma; eclesiástica seria a administração, eclesiásticos os professores, os alunos submetidos a uma disciplina quase clerical, abrigados de todo contacto com o mundo e com as ideias "modernas". Newman, ao contrário, era partidário convicto da liberdade quer para si quer para outrem. Declarava: "nada de grande e de vivo pode-se fazer senão quando os homens têm autonomia e independência." [22] Entendia, pois, que ao Reitor devia caber ampla iniciativa na organização da nova Universidade, e aos professores, liberdade plena de pesquisa nos seus respectivos sectores. Quanto ao laicato como tal, Newman — ainda uma vez precursor — atribuía-lhe uma função bastante

http://www.obrascatolicas.com

semelhante ao que hoje denominamos "Acção católica". Queria os leigos piedosos, cultos, empreendedores, colaborando deveras com seus pastores e não apenas "dóceis meninozinhos, aos quais manda-se fechar os olhos, abrir a boca e engulir o que se lhes dá." [23] Quanto à Universidade, sustentava a opinião de que, por ser mantida pelos recursos dos leigos, normal seria que os leigos partilhassem do governo da instituição, que leigo fosse o corpo docente em sua quase totalidade, e que os estudantes, embora amparados religiosamente, gozassem das mesmas liberdades que seus colegas de Oxford ou Cambridge; propôs até — "horresco referens" — que se destinasse um teatro à recreação dos estudantes! "Se uma Universidade é preparação para a vida neste mundo, que seja de facto o que pretende ser. Não é um convento, nem tão pouco um seminário; é uma instituição que prepara homens do mundo, para o mundo." [24] Querer transformá-la em "estufa" equivale a atirar, terminados os estudos, jovens completamente desarmados ao encontro dessas mesmas influências deletérias das quais se pretendia abrigá-los.

O conflito com o Arcebispo era, pois, insanável e, em 1858, Newman deixou definitivamente a Irlanda, desalentado. Apenas conseguira duas realizações duradouras, — simbolizando belamente o seu anseio de irmanar Ciência e Fé —: construiu a Igreja da Universidade e criou a Faculdade de Medicina. Quanto ao resto, forçoso lhe foi deixar apenas sobre o papel a magnífica Universidade católica que idealizara. Doíam-lhe, também, aqueles anos perdidos, que a vida já em declínio tornava tanto mais preciosos. Mas, uma vez ainda, venceu pela Cruz. O malogrado empreendimento deu-lhe ensejo de precisar suas teorias sobre as relações entre a Razão e a Religião e de meditar sobre o magno problema da educação superior.

3. Ilusões Cientificistas.

Observou Tristão de Ataíde curiosa e significativa coincidência: "O mês de Outubro de 1845 ia assistir, com três dias apenas de intervalo, a dois acontecimentos que iam marcar definitivamente as duas maiores vertentes intelectuais e sociais de nosso tempo — a vertente autênticamente cristã e a vertente negadora, naturalista e crescentemente anti-cristã. A 6 de Outubro de 1845 descia Renan os degraus do Seminário de Saint Sulpice para nunca mais os subir de batina, como no-lo conta ele em suas memórias. Três dias depois, a 9 de Outubro, do outro lado da Mancha, em uma pequena aldeia nos arredores de Oxford, era recebido no seio da Igreja católica o maior convertido do século, o futuro Cardeal Newman." [25]

Uma interpretação superficial desses dois grandes dramas espirituais — dessa alternativa que ainda hoje se nos oferece, ou por melhor dizer, se impõe a nós — levaria a qualificar o convertido de retrógado e o apóstata de progressista. Aquele se abismava num sistema obsoleto; este trilhava álacre o risonho caminho que a "evolução benéfica" rasgava à humanidade nova. — Sim, é verdade que Renan era de seu tempo e Newman reagia contra seu tempo; mas o próprio tempo se encarregaria de esclarecer qual dos dois perseguia quimeras!

Egresso do seminário, Renan, conquistado pela fé cientificista de Berthelot, compôs "L'Avenir de la science", que, prudentemente, só publicaria 45 anos mais tarde. Esse panegírico copioso e ditirâmbico, resume-se na sentença: "La science est une religion"; eis aí a própria alma do cientificismo! Reconhece tão-sòmente uma crença, a crença no valor e no futuro da ciência e só admite um culto, o culto do facto científico. Esses métodos rigorosos cuja excelência o renovamento do saber e a conquista da natureza demonstram, tornemo-los ainda mais precisos, apliquemo-los sem desfalecer a todos os domínios, e resolveremos então o enigma do universo ao mesmo tempo que asseguraremos a felicidade dos homens, ir-

http://www.obrascatolicas.com

manando-os enfim no culto do Saber. Conquanto ironizasse sobre tudo, Renan permaneceu a vida toda fiel adorador de Minerva. Votara-lhe o seu primeiro livro e ainda nas derradeiras páginas de seu derradeiro volume, professava essa sua fé, vaticinando: "A obra judaica, a saber o cristianismo, terá um fim; a obra grega — a saber, a ciência — continuará sem fim." O Estado liberal, imbuído dessas doutrinas, forcejou o máximo para espalhar a cultura científica, desirmanada — e aí está seu erro fundamental — da cultura moral e religiosa; e piamente creu que abrir uma escola seria de facto fechar uma prisão. O resultado desse otimismo delirante é o que se está vendo. "O velho liberalismo, observa Pio XII, esforçou-se por criar, sem a Igreja e em oposição a ela, a unidade (do gênero humano) na cultura secular e no humanismo secularizado. Aqui e ali resultou de sua força destruidora e da reacção hostil que despertou, sua substituição pelo totalitarismo. Em uma palavra, que trouxeram como resultados, depois de pouco mais de um século, esses esforços sem a Igreja e amiúde contra ela? — A liberdade humana sepultada; um mundo que, por sua brutalidade e barbaria, pelo que conseguiu na destruição, porém sobretudo por sua trágica desunião e insegurança, jamais tinha tido igual." [26] Mal terminado o cataclisma, ainda não desmobilizadas todas as tropas, já se planeja a guerra atômica; Truman pede ao povo menos militarista do mundo que aceite o treino militar compulsório e permanente, e com toda calma encara, como coisa já assentada, as futuras agressões a golpes de bombas atômicas. Entretanto, não nos haviam prometido cem vezes, mil vezes, que a vitória das Nações Unidas marcaria o advento da paz universal num mundo melhor? Se os aliados visavam libertar os povos do terror, digamos sem rebuços que falharam miseramente. A humanidade vive, ao contrário, transida de medo. Não espanta, pois, que um dos mais ardentes corifeus do optimismo cientificista, H. G. Wells, agora desenganado, soçobre no pessimismo integral: "O mundo está chegando a seu fim;

é iminente a expiração de tudo quanto chamamos vida e não há possibilidade de escapar a esta fatal iminência... Persuadido estou de que não haverá saída nem caminho algum que nos permita ladear o atoleiro ou nos salvar dele. E' o fim." [27] Uns poucos irreductíveis, em desesperado esforço para escapar ao desalento, não hesitam em renegar o dogma fundamental do cientificismo: a idolatria do facto. Cerram os olhos para não enxergar o que ensinam os acontecimentos; fogem do presente para se refugiar num futuro que sua imaginação romântica pinta cor de rosa; alguns deles, para acobertar a deserção, distinguem entre "ciência" e "técnica científica". Esta seria amoral, causadora de males sem número; aquela seria pura, imaculada, geradora apenas de virtude, fraternidade, felicidade sem nuvens. A idade de ouro advirá com o reinado do "espírito científico"; este, e não a técnica científica, realizará o paraíso sobre a terra.

Mas a distinção é sofística e inoperante. Impossível exaltar sempre mais a ciência e carregar de crimes a técnica. Fruto normal e necessário da ciência, a técnica não se pode dela separar; antes, tende a unir-se a ela sempre mais estreitamente. Até o puro sábio aos poucos se vem tornando também um técnico; é que o saber se socializa em ritmo acelerado: o homem de ciência não trabalha isoladamente, está entrosado numa obra colectiva, depende do Estado, da empresa industrial que o emprega; estes pedem antes de tudo resultados, eficiência, orientam a mesma pesquisa pura no sentido de sua utilização, como o vimos em grande escala, durante a guerra. Ademais, se é verdade que a técnica, por natureza, é amoral, servindo tanto o mal quanto o bem, podendo destruir como beneficiar a humanidade, também é verdade que não cabe à ciência ditar normas morais e ordenar à técnica que esteja a serviço apenas do bem. A ciência não cogita nem pode cogitar de moral; prefere tão-só juízos de realidade e jamais juízos de valor: determina o *que é*, nunca o *que deve ser* — por exemplo, que temos a obrigação de usar da energia atômica só-

http://www.obrascatolicas.com

mente a serviço da humanidade, jamais com finalidades de dominação egoísta. Integrar ao "espírito científico" elementos de ordem moral, — tais como altruísmo, amor à liberdade, fraternidade, pureza de costumes, probidade —, é deturpar a essência do saber positivo. Por outro lado, recusar "espírito científico" às Universidades alemãs — templos gloriosos da mais alta ciência — e aos sábios germânicos, cumulados embora de prémios Nobel, não passa de irrisão ou de violento paradoxo. Entretanto, a ciência alemã — a mais autêntica como ciência — pôs-se ao serviço da tirania hitlerista, como a ciência soviética trabalha em prol da tirania stalinista! Enfim, quem interpretar a realidade com ânimo isento, logo verificará que a cultura científica desenvolve apenas a inteligência, o que não basta para tornar bom o homem. Grande benefício é ordenar o intelecto por meio de métodos rigorosos; porém não asseguram eles a excelência da conduta. Averiguamos até que a implacável objectividade conferida à razão pela disciplina científica não raro apaga as intuições do senso moral e estanca a generosidade do coração. Prova sobejamente a experiência, que pode alguém dissertar com proficiência sobre ética e repudiá-la ao depois, na prática; com maioria de razão poderá alguém atingir verdadeira eminência em matemáticas ou física, e não passar de crápula, na vida cotidiana.

Sòmente à moral e mais ainda à religião, cabe competência para prefixar — não já à ciência considerada em abstracto — mas ao sábio *concreto,* um ideal que lhe norteie a conduta, logo dirija a utilização que fará de suas descobertas. Em outras palavras, o "espírito científico", para se não tornar força destruidora, requer, *exige,* a orientação do "espírito religioso".

Essas verdades, que hoje se nos afiguram truísmos, constituíam no tempo de Newman grandes novidades, novidades, aliás, pouco gratas aos seus contemporâneos, ébrios de cientificismo. Foi imperecível mérito seu o haver arrostado a impopularidade, repetindo sem esmorecer a doutrina salvífica, durante toda sua longa vida.

Cumpre, entretanto, notar atentamente, para não lhe entender mal o pensamento, que Newman jamais foi inimigo da cultura, nem tão pouco desconheceu as benemerências da ciência. Constituiria, pois, flagrante injustiça averbá-lo no rol dos obscurantistas. Dotado pessoalmente de insaciável desejo de saber, almejava estender a todos os benefícios da cultura. Apenas reclamava que se não cultivasse a ciência *sem* a religião, muito menos *contra* a religião: antevia que tal alheamento ou conflito seria fonte de males irreparáveis. Longe de querer destruir a sabedoria grega, queria conservá-la e incrementá-la, sublimando-a na sabedoria de Cristo. Nas palavras justíssimas de um crítico americano: "Newman tinha em mente tanto seus contemporâneos como seus sucessores, quando asseverava que uma educação que omite no seu currículo o conhecimento religioso é uma educação incompleta, deformada, perigosa. Convencido de que a educação — sendo o homem o que é — sempre compreenderá uma qualquer teologia, quiçá uma teologia inferior e mortal de autolatria da natureza humana, ele preocupava-se naturalmente em defender aquela teologia que considerava única verdadeira e o fundamento dessa cultura ocidental que ele sentia cambaleante à beira do abismo da barbaria." [28]

Pode a humanidade salvar-se pelas próprias forças? Eis, em última análise, o que está em discussão nos debates culturais de ontem e de hoje. A essa pergunta, Newman respondia resolutamente: "Não; a natureza humana necessita de ser socorrida do alto; sem Deus a ampará-la, só poderá cavar o próprio túmulo, porquanto o progresso desencadeará forças que levarão o mundo à ruína total."

Já mesmo antes de abraçar o catolicismo, Newman tivera ocasião de tomar pùblicamente posição na controvérsia. O famoso estadista Sir Robert Peel, ao inaugurar a biblioteca pública da cidadezinha de Tamworth, em

http://www.obrascatolicas.com

1841, pronunciara retumbante oração, na qual endeusara a cultura naturalística secular. Minerva chegava enfim, trazendo nas divinas mãos a salvação da humanidade. "A ciência, afirmava Sir Robert, é a um tempo felicidade, poder e virtude"; logo, "tornando-se mais sábio, o homem torna-se melhor." Newman então estampou no *Times* uma série de sete cartas em que dissipava a ingênua ilusão do político.[29] Não sente dificuldade em demonstrar que uma coisa é saber, outra fazer; doses maciças de saber não têm o poder mágico de tornar o homem bom; não consola do desaparecimento de um ente querido o saber que a morte é um facto natural; ninguém adquiriu humildade ou benevolência por lhe haverem dito que devia "colaborar com o grande e imutável plano de felicidade universal e cooperar com o desígnio geral e tendências do sistema presente do universo." Quem fez o mínimo acto de secreta renúncia, quem se fortaleceu contra a dor e o perigo pelas teorias de Laplace? "Muitas palavras não são precisas para estabelecer que, tomando a natureza humana como actualmente existe, e presumindo que exista uma arte de viver, asseverar que esta consiste ou reside essencialmente no culto do saber, que uma descoberta logra mudar o espírito, uma distração científica salvá-lo... que a dor, a cólera, a covardia, a paixão, ou o orgulho, possam ser subjugados, examinando cientificamente conchas ou ervas, respirando gases, lascando pedras ou calculando a longitude, é o maior dos logros que jamais charlatão ou sofista impingiu a um auditório boquiaberto. Se a virtude consiste no domínio da mente, se tem por fim a acção e por perfeição a ordem íntima, a harmonia, a paz, cumpre procurá-la em recintos mais augustos e santos do que as bibliotecas e salas de leitura."[30] Contra o renascer do culto de Minerva pondera: "Independentemente de toda outra consideração, a grande diferença na prática, entre os objectos do cristianismo e os da religião pagã, consiste em que a glória, a ciência, o saber, ou qualquer dos belos nomes que usem, jamais pensaram um coração ferido,

nem mudaram um coração pecador, enquanto que a palavra de Deus é eficaz. As noções que o Cristianismo nos traz estão prenhes de força; dom sobrenatural as acompanha, soerguendo-as para corresponder às necessidades de nossa natureza. A ciência não é poder, nem a glória a primeira e única formosura, mas a Graça e a Palavra — qualquer que seja o nome — foi de início um princípio estimulante, renovador, organizador. Criou de novo o indivíduo, transferiu-o e o uniu a um corpo social composto de membros criados da mesma maneira. Purificou o homem de seus males morais, elevou-o à esperança e energia, impelindo-o a propagar uma irmandade entre seus semelhantes e a fundar uma família, ou antes, um reino de santos por toda a terra; introduziu nova força no mundo, e o impulso que comunicou perdura até nossos dias."[31] Defende-se, entretanto, Newman de ser obscurantista e inimigo do saber: "Não abrigo desejo fanático de negar um lugar a qualquer objecto de pensamento ou método racional, no cultivo da mente... A grande e *verdadeira máxima é não sacrificar nenhum, senão combinar, logo harmonizar todos eles*. Não podem todos ser o primeiro; a cada qual compete seu lugar, e o problema reside em encontrar esse lugar. Colocar na frente o que é secundário, não é menor erro do que deixá-lo de lado."

Enganam-se, pois, lamentàvelmente os cientificistas quando pretendem fazer do saber profano a base da educação, desterrando a moral e a religião ou considerando-os, na melhor hipótese, como artigos de luxo. Enxertadas num espírito cristão, as ciências muito lhe poderão dar e dele muito receber, mas "se na educação começamos pela natureza antes da graça, pelas demonstrações antes da fé, pela ciência antes da consciência, pela poesia antes da prática, estaremos equivalentemente entregando-nos aos apetites e paixões e fazendo ouvido de mercador à voz da razão. Em todo caso, colocaremos mal o que, bem colocado, é um dom divino."[32] Mas, perguntarão talvez, se o saber positivo não é nem pode ser um sistema de moral, não lograríamos, todavia, dele *de-*

http://www.obrascatolicas.com

duzir máximas de conduta? Rebate Newman que tais regras se revelariam de todo ineficazes. A ciência não é nem pode ser princípio de acção moral. "As deduções carecem de poder suasório. De ordinário, atinge-se o coração, não já pela razão mas pela imaginação, pelas impressões directas, o testemunho dos factos e acontecimentos, pela história e a descrição. Pessoas nos influenciam, vozes nos enternecem, olhares nos subjugam, actos nos inflamam. *Muito homem morrerá e viverá por um dogma; nenhum suportará o martírio por uma dedução*... Eis, também, por que os moralistas são vítimas de desconfiança e zombaria. Dizem e não fazem; contemplam as máximas de conduta em vez de realizá-las no concreto." [33] "Se começamos pelo conhecimento científico e argumentações lógicas... se tentamos fazer o homem moral e religioso por meio de bibliotecas e museus, então sejamos lógicos e contratemos químicos para cozinheiros e mineralogistas para pedreiros." [34] Em resumo, intrìnsecamente excelentes e nobres como são os estudos científicos, dignos de ocupar um grande lugar na educação liberal, fecundos em benefícios temporais para a sociedade, não são, nem podem ser instrumentos de educação moral. A física não ministra fundamentos para o sentimento religioso; fornece tão-só materiais; o saber enche o espírito, mas não o plasma; a apreensão do invisível é o único princípio conhecido capaz de sobrepujar o mal moral, de educar as multidões, organizar a sociedade; enfim, o homem nasceu para a acção e esta brota, não de deduções, mas de impressões, não de raciocínios senão da fé." [35]

Os princípios esboçados nesse escrito improvisado, "The Tamworth Reading Room", Newman, coagido por suas funções de fundador e reitor da Universidade católica de Dublim, iria defini-los melhor, enriquecê-los, desenvolvê-los, dar-lhes feição menos polêmica, nas conferências que pronunciou em 1852. Elaborou assim uma filosofia de educação superior, originalíssima para a época e cuja excelência os acontecimentos vieram corroborar.

4. Humanismo Cristão.

A inspiração profunda que anima *"The idea of a University"*, é aquele mesmo amor pela Verdade, que consumia Newman desde a adolescência. Até transferir-se para a Irlanda, preocupara-se mais com a verdade religiosa; porém, a verdade científica também é reflexo da Luz divina; cumpria, pois, discernir melhor a verdade profana, estabelecer-lhe os direitos, para melhor irmaná-la, em seguida, à verdade sagrada.

Newman ideia a Universidade, sobretudo como estabelecimento de ensino; a tarefa de descobrimento, da pesquisa que dilata os limites do saber, ele adscreve-a, de preferência, a Institutos ou Academias científicas. Outra coisa é inventar, outra ensinar. Embora comporte a primeira actividade, uma Universidade persegue sobretudo fins didácticos. [36] Que ensina? Ensina a encontrar a verdade. Saber por saber, eis a sua finalidade. [37] Não se propõe objectivos morais. [38] Nem, a falar pròpriamente, a utilização imediata do saber. [39] Desde Bacon ouve-se repetir que "saber é poder", e desde Locke, que a educação deve ser orientada para o exercício de uma profissão. Newman não cogita de negar o axioma baconiano e ainda menos combate a legitimidade de um ensino técnico, utilitarista, que tenha em mira tirar proveito da ciência. Mantém, todavia, que ao lado desse saber útil, voltado para o exterior, há um saber desinteressado, imanente ao espírito: conhecer o que são as coisas e não, imediatamente, como tirar delas vantagem; este é o saber do profissional, aquele o saber do "gentleman". Tal é, pròpriamente falando, o ensino universitário, cuja finalidade consiste não já em construir pontes, ou sanar doenças, senão em cultivar a mente. [40] Essa cultura intelectual, que alarga e afina o espírito, adquire-a o estudante, aprendendo a observar os factos, a discriminar-lhes os antecedentes e consequentes, a concatená-los, a generalizar as conclusões obtidas, a sistematizar enfim o saber. Estejam todavia em paz os utilitaristas! A formação universitária, embora desinteressada, adquirida pelo

http://www.obrascatolicas.com

que é, e não pelo que serve, está longe de carecer de utilidade prática. "Quem aprendeu a pensar e raciocinar, a comparar, distinguir e analisar; quem afinou o gosto, formou o juízo e aguçou a visão mental, não será de certo, só por isso, advogado ou orador, homem de estudo ou médico, bom proprietário de terras ou homem de negócios, soldado ou engenheiro, químico ou geólogo, ou arqueólogo, mas estará em condições intelectuais de se consagrar a qualquer dessas ciências ou profissões — ou a qualquer outra pela qual tenha pendor ou especial talento — com uma facilidade, elegância, flexibilidade e sucesso, desconhecidos de qualquer outro homem, em outras condições. Nesse sentido, portanto — e disse até agora apenas rápidas palavras sobre um grande assunto — a cultura intelectual é, em toda a força do termo, *útil*.

"Por negar que o saber profissional seja o fim adequado da educação universitária, não quero que suponham que menoscabo os estudos, artes e ofícios particulares ou os que neles se empenham. Por afirmar que o ensino do direito e da medicina não constituem o fim de uma Universidade, não entendo que ela não deva ensinar direito ou medicina. Que poderia ensinar, aliás, senão tal ciência particular? Ensina tudo, por ensinar todos os ramos do saber. Estou, porém, que haverá esta diferença entre um professor de direito, de medicina, de geologia ou de economia política, dentro da Universidade e fora dela: fora, corre perigo que sua profissão o absorva a ponto de estreitar-lhe o espírito e de dar aulas que nada mais serão do que aulas de um advogado, médico, geólogo ou economista; enquanto no seio de uma Universidade saberá ao certo o lugar que lhe compete a ele e a sua ciência; chegou a esta como que descendo de uma grande altura, de onde inspeccionou o conjunto do saber; a mesma emulação com outras disciplinas coíbe-lhe as veleidades de exorbitar e lhe vale um espírito particularmente lúcido e largo, uma especial liberdade e domínio de si; consequentemente ele trata de sua especialidade

com espírito filosófico e com recursos que deve, não já a essa disciplina como tal, mas a sua educação universitária." [41] Assim a Universidade é o grande meio de exalçar o nível intelectual da sociedade; a cada um ensina a ler na própria mente, a ver as coisas como são, a ir logo ao essencial, a desemaranhar os fios do pensamento, descobrindo os sofismas e descartando o que não vem ao caso. Quem tirou proveito da educação universitária, "desfruta a tranquilidade de um espírito que vive em si, vivendo embora no mundo, e encontra dentro da própria alma meios de felicidade quando não os pode obter fora. Possui algo que lhe serve em público e sustenta-o no retiramento, sem o qual a boa sorte é apenas trivial, com o qual o malogro e a decepção conservam ainda certo encanto." [42]

Claro está que o instrumento de tão alevantada cultura não poderá ser a memória senão a razão. Investe Newman contra a pedagogia — tão em voga naquela época e ainda em a nossa — que colima antes de tudo obter do aluno que acumule conhecimentos, decore "pontos", mas sem assimilar devidamente a matéria. Ele reprova os programas enciclopédicos, formadores de céptticos ou pedantes. [43] Pouco aproveita o espírito, entulhando-se de factos, se ele os não sabe analisar, comparar, ordenar. "Uma grande memória faz tão pouco um sábio quanto um léxico equivale a uma gramática... Por vezes deparam-se-nos pessoas que viram muita coisa, ou homens que em seu tempo desempenharam papel importante, mas nada generalizaram, nada observaram, no sentido próprio da palavra. São fontes abundantes de informes fragmentários, curiosos e interessantes, sobre homens e coisas e, tendo vivido sob o influxo de princípios vacilantes em religião e em política, falam de tudo e de todos como de outros tantos fenômenos, completos em si, mas que não levam a nada. Não discutem esses factos, não ensinam coisa alguma, não instruem quem ouve, apenas palreiam." [44] Muito ao contrário, a finalidade do estudo universitário não é pròpriamente fazer adquirir conheci-

http://www.obrascatolicas.com

mentos numerosos, senão aprender a pensar e a reflectir sobre os conhecimentos, assenhorear-se dos factos pela razão, introduzir ordem e método no caos aparente dos dados fenomenais. [45] Donde a necessidade de uma atitude eminentemente activa, da parte do estudante: "podem-se ouvir mil prelecções e ler mil volumes, e ao cabo, saber tanto quanto antes; não basta, pois, receber passivamente; a matéria deve ser penetrada actual e activamente, abraçada, dominada. A mente deve ir ao encontro do que lhe vem de fora." [46] No termo de longo e perseverante esforço, atinge-se, enfim, a mais alta virtude intelectual: a sabedoria.

Cultor perfeito de Minerva, o universitário ideal poderá igualmente ser servo de Cristo? Este é o velho problema do humanismo cristão, já debatido pelos Santos Padres, repristinado ao tempo da Renascença, e formulado novamente de modo trágico, na época de Newman. Ele via subir o fluxo triunfante da Ciência, quase sempre afogando as crenças cristãs dos estudiosos. Em carta de 1877 escrevia: "Perguntais a minha opinião sobre as perspectivas da Igreja; os velhos, como sabeis, são em geral desalentados, porém minhas apreensões não vêm de hoje, elas duram há mais de 50 anos. Durante todo esse tempo pensei que uma época de descrença generalizada estava por chegar; de facto, por todos esses anos, as águas têm subido como um dilúvio. Antevejo o tempo, após a minha morte, em que apenas os cimos das montanhas avistar-se-ão, como ilhas sobre a expansão deserta das águas. Falo sobretudo do mundo protestante — todavia, grandes acções e grandes sucessos dos chefes católicos serão necessários, grande sabedoria e coragem deverão vir-lhes do alto, se a Santa Igreja deve ser preservada dessa calamidade tremenda. Embora qualquer provação que lhe advenha seja temporária, poderá ser violenta enquanto durar." [46]

Dividiram-se infelizmente os católicos ao enfrentar o perigo. Muitos, para deter o preamar, tentaram levantar o dique do obscurantismo: anatematizar os erros moder-

nos e encastelar-se numa torre de marfim, reduzindo os fiéis a uma grei piedosa e ignorante. "A ciência é o inimigo nato, se não for detido o seu progredir, destruirá certamente tudo quanto nos é caro e digno de veneração." [47] Tal era o lema do Arcebispo de Dublim e da quase totalidade de seus colegas do Reino Unido: "os prelados consideram todo e qualquer intelectual como trilhando o caminho da perdição." [48] Mais tarde, Newman, elevado às honras cardinalícias, levantará veemente protesto contra o "Niilismo" de certos hierarcas: "sabem proibir, mas são incapazes de dirigir ou de criar." [49] Newman, muito ao contrário, repelia a opção entre cientificismo e obscurantismo. Para com o saber positivo adoptava uma posição, não já de desconfiança, de resistência defensiva, senão uma atitude de simpatia e de conquista. Só destarte, pensava ele, lograr-se-ia preservar as classes cultas do agnosticismo, da irreligiosidade com suas funestas consequências morais. A melhor resposta ao cientificismo seria a realização de uma Universidade que formasse sábios cristãos. Quero, dizia ele, que as mesmas pessoas sejam oráculos de saber e templos de devoção; quero que os intelectuais leigos sejam devotos e os eclesiásticos devotos sejam intelectuais. [50] Valia-se do patrocínio de seu Padre espiritual S. Filipe Néri, que fugira tanto à atitude do Cardeal Bembo, capitulando ante a renascença pagã, como à de Savanarola, tentando inverter o curso do tempo. "Filipe, para melhor dirigi-la, preferiu ceder à corrente, que não lograria deter, da ciência, da literatura e da arte, a fim de suavizar e santificar o que Deus houvera criado bom e o homem corrompera." [51] Outro patrono mais apropriado ainda: Santo Tomás de Aquino. Este se defrontara com um problema sob certos aspectos ainda mais grave do que o cientificismo: o filosofismo. De facto, a ciência só quase incidentemente interfere com a religião, enquanto a filosofia trata de Deus, da alma, do livre arbítrio, da obrigação moral, questões todas essas vitais para a religião. Ora, no século XIII, a filosofia que procurava infiltrar-se no mun-

http://www.obrascatolicas.com

do cristão era radicalmente pagã: os neo-platônicos e mais ainda Aristóteles representavam um racionalismo que poderia corromper até ao cerne o espírito católico. Enquanto certos eclesiásticos, pios porém timoratos, condenavam Aristóteles, e se encurralavam num agostinismo ultra-conservador, Tomás de Aquino, audaciosamente, conquistava Aristóteles, não já apelando a um concordismo fácil e superficial, mas por um processo de decantação, de assimilação vital.[52] Tais conceitos foram, desde então, mil vezes repetidos, porém, na época de Newman, constituíam, como observa seu biógrafo, novidade quase integral.[53]

E' de notar, também, que a tentativa Newmaniana de harmonizar ciência e fé não se prendia apenas a preocupações apologéticas, a questões de táctica oportunista. Preocupava-o, sim, a apostasia dos homens de ciência — 30 anos antes de Huxley, ele descrevia a atitude agnóstica[54] — mas, acima de tudo, era movido pelo acendrado amor à Verdade, a qual vem toda inteira — saber profano e saber sagrado — do Pai das luzes. E por isso mesmo não suportava fosse sacrificado qualquer de seus aspectos. Recusava-se a precaver o conflito entre ciência e fé, recorrendo ao expediente protestante da religião sem dogmas, isto é, abandonando o reino da verdade à ciência, e acantonando a religião no puro domínio do sentimento. Seria considerar a religião como uma espécie de poesia, ou melhor, de música, que se pode nutrir só de sentimento. Porém aí está a história a nos ensinar que não existe religião viva sem um sistema de crenças; a fé tem por objecto a Verdade. Verdade diversa da científica, embora tão real e muito mais preciosa. Já que ciência e religião partilham-se o saber total, aquela ensinando a verdade sobre o visível, esta sobre o invisível, torna-se impossível todo conflito *real* entre ambas. Tão diferentes os respectivos objectos, como poderiam colidir? No máximo, exigirão que os coordenemos, nunca que os reconciliemos. Não só a diversidade de objecto, como a identidade de origem torna o conflito impensável: natureza e graça, razão e revelação promanam do mesmo divino Autor, cujas obras não se podem mùtuamente encontrar.[55] Mais detido exame descobre, todavia, certos pontos de intersecção desses dois grandes círculos de conhecimento, donde a possibilidade de choques *aparentes*. A revelação, embora tenha por objecto essencial o mundo invisível, projecta, vez ou outra, a sua luz sobre o mundo visível: a Bíblia, por exemplo, encerra uma cosmogonia, contém vários livros de índole histórica, etc. Sobre esses pontos pode acidentalmente surgir uma aparência de conflito entre a ciência e a fé.[56] Apóiam-se justamente sobre tais aparências o cientificismo e o obscurantismo, aquele para descartar a fé, este para condenar a ciência. Newman rejeita um e outro excesso. Máxima fundamental de sua filosofia é que a verdade não pode contrariar a verdade; a máxima segunda é que amiúde a verdade parece contrariar a verdade, e a terceira máxima é que devemos na prática pacientar, não nos apressando em atribuir gravidade maior a tais aparências.[57] Conhecido é que todo saber humano progride através de mistérios e antinomias, originados pela complexidade do real e a deficiência de nossa compreensão. Por que então estranhar que surjam conflitos entre certas conclusões da ciência e certas doutrinas religiosas; por que, sobretudo, atribuir-lhes logo índole trágica e insanável? "Não pode haver sabedoria maior do que aceitar a verdade, qualquer seja ela desde que apareça claramente, embora encontremos dificuldade em acomodá-la com outra verdade já conhecida."[58]

Estribado nesses princípios, podia Newman condenar sem rebuços o obscurantismo e reclamar para os sábios aquela liberdade na sua esfera de pesquisa, que é indispensável ao adiantamento do saber. Como poderiam progredir se lhes embargam os passos? Errarão, por certo, os cientistas, mas o erro muitas vezes é caminho da verdade; e poderá esse erro medrar por um tempo, mas a verdade acabará por prevalecer.[59] "Quem crê na Revelação com aquela fé absoluta que é prerrogativa do católico,

http://www.obrascatolicas.com

não é criatura nervosa que se assusta com qualquer ruído repentino e se desassossega por qualquer figura estranha ou nova que se lhe antolhe. Não só não apreende como até zomba da ideia que algo possa ser descoberto cientìficamente que contradiga qualquer dogma da religião. Sabe sobejamente que não existe ciência que ao expandir-se não corra risco de invadir, sem intenções hostis, a seara de outras disciplinas; sabe também que se alguma ciência existe, capaz, por sua posição soberana e inexpugnável, de suportar esses embates involuntários com os filhos do século, tal ciência é a teologia. Está certo, sem possibilidade de dúvida que, se algo parece demonstrado pelo astrônomo, o geólogo, o historiador, o arqueólogo, o etnólogo, que contradiga a fé, acabaremos por força verificando que tal doutrina *não* foi demonstrada, ou não é *contraditória* à fé, ou enfim não contradiz uma verdade *realmente revelada,* mas é algo que foi confundido com a Revelação. E se, no momento, afigura-se contraditória, ele de bom grado aguardará... confiará o problema à razão, à reflexão, ao juízo ponderado, ao senso comum, ao tempo, esse grande interpretador de tantos segredos." [60] Os obscurantistas nada teriam a recear, para a pureza da fé, de uma Universidade em que ciência e teologia se expandissem livre e harmoniosamente, conscientes ambas de seus direitos como dos respectivos limites.

Os mesmos motivos que impeliam Newman a rejeitar o obscurantismo religioso levaram-no a protestar contra o cientificismo anti-religioso. Um e outro erro provém da mesma raiz: a estreiteza de espírito, a tendência monopolizadora, certo "imperialismo" intelectual. "Se os cientistas certamente haveriam de opor-se ao teólogo que determinasse a órbita de Júpiter pelo Pentateuco, por que seria eu acoimado de pusilanimidade e falta de liberalismo, quando não tolero a tentativa dos homens de ciência, de teologizar por meio de astronomia?" [61]

Esboçando uma doutrina que será particularmente cara a Maurice Blondel, Newman insiste sobre a inter-

dependência de todas as coisas. Tudo está ligado a tudo; logo, nada se pode adequadamente conhecer, sem conhecer o conjunto dos seres; os factos que estuda a ciência, não se encontram isolados, fazem parte de um todo, e, como tais, sustentam relações inúmeras. Não podendo abraçá-las de um só relance, faz-se mister dividi-las, classificá-las — de modo mais ou menos artificial — e entregar a cada ramo de saber uma categoria dada de relações. Podemos, por exemplo, considerar este homem concreto, Pedro, em relação a seus componentes materiais, a sua constituição psíquica, a sua existência familiar, a sua vida social, ao Ser supremo que o criou, etc. Tal processo de análise abstractiva é necessário e legítimo, contanto não olvidemos que as diversas ciências assim delimitadas nos fornecem tão-sòmente uma série de verdades *parciais*. Haverá que equilibrá-las, entrosá-las, sintetizá-las. Será mútilo, logo falso, todo conhecimento que procurará reduzir um facto concreto, apenas ao sistema de relações peculiares a tal ciência ou a tal conjunto de ciências. [62] Teríamos, então, uma série de verdades parciais, que enlouquecidas, presas do delírio de grandeza, querem exorbitar de sua esfera e se igualar ao saber total.

Como poderia uma Universidade, fiel a seu nome, nos ensinar a conhecer "plantas e terrenos; répteis e feras; gases, crosta terrestre e mudanças atmosféricas; sol, lua e estrelas; o homem e suas actividades; a história do mundo; a sensação, a memória e as paixões; o dever; as causas e efeitos; enfim todos os seres imagináveis, excepto um só: — Aquele que os fez a todos, isto é: Deus?" [63] Longe, pois, de banir das Universidades a cadeira de Teologia, deveríamos colocá-la no ápice do ensino superior, desde que, para conhecer adequadamente a verdade, devemos conhecê-la *toda;* ora, nem uma ciência só, nem duas, nem um conjunto de ciências, nem mesmo a totalidade das ciências profanas, constitui a Verdade total. [64]

Investigando a raiz derradeira da secreta hostilidade que opunha então crentes e cientistas, Newman descobre,

http://www.obrascatolicas.com

não já motivos objectivos — pois objectivamente não há conflito insanável entre os dois tipos de conhecimento — mas motivos subjectivos, psicológicos, oriundos da *deformação profissional* que, no teólogo, pode gerar o obscurantismo, no homem de ciência, o cientificismo. Todo estudo, perseguido exclusivamente, amortece o interesse por qualquer outro; chega até a impedir que se entenda esse outro. Deformada por tais antolhos, a visão mental restringe-se pavorosamente: a realidade não mais se estructura segundo uma pluralidade de planos, antes torna-se unidimensional; tudo quanto não entra no quadro mental assim minguado, é proclamado irreal; habituado a meditar sobre o invisível, o teólogo menoscabará o saber positivo, enquanto o cientista adestrado na experimentação do visível, tornar-se-á avesso ao invisível e descambará no "fanatismo do beato, sem poder valer-se da desculpa deste: que a sua doutrina, ele a recebeu do Céu." [65] Sendo o homem naturalmente religioso, desterrada a religião revelada por Cristo, outra lhe usurpará o lugar e veremos, por exemplo, economistas declararem que a sua disciplina tem um valor ético e que produzir riquezas é caminho seguro da virtude e da bem-aventurança! [66]

Entre os ídolos, ante os quais prostravam-se seus contemporâneos, Newman cita: a Utilidade, o Progresso, a Filantropia no domínio social, e, no domínio da matéria: a Anatomia comparada, a Frenologia, a Electricidade. [67] Desde então, quantos novos ídolos vieram enriquecer esse panteão! — A Evolução, a Sociedade, a Humanidade, a Classe, a Raça, o Inconsciente, a Sexualidade, e tantos mais! Justificáveis e respeitáveis, esses diversos conceitos, enquanto se mantiveram dentro de seus limites naturais, transformaram-se em charlatanismo mortal, desde que exorbitaram.

Rênan cuidava que, renegado Cristo, estabelecer-se-ia o culto de Minerva. Enganou-se. Apagam-se as luzes sobre o altar da deusa: às portas acha-se a barbaria científica.

5. Medicina, Moral e Religião.

Aplicando esses princípios a um caso concreto, Newman dirigiu seu derradeiro discurso em Dublim aos mestres e alunos da Faculdade de ciências médicas que fundara. Adverte-os contra o perigo da deformação profissional. Por estarem afeitos a lidar com certo conjunto de factos, correm o perigo de nada ver além desses factos; de não entender que, se representam uma verdade parcial, não constituem toda a verdade. O médico considera no homem o animal; nem pode proceder doutro modo. Mas será o homem *apenas* um animal; serão a anatomia, a fisiologia e disciplinas afins, as ciências supremas? A deformação profissional levará o médico a convencer-se de que o homem tem por *únicas* funções "nascer, crescer, comer, beber, andar, reproduzir-se e morrer." [68] Claro que, assim pensando, será muitas vezes levado a formular preceitos contra a moral e a religião. Se já Newman observava, há quase cem anos, que "os conselhos mais detestáveis tinham sido dados por médicos eminentes" [69], que diremos nós nesses dias em que médicos não menos eminentes aconselham e praticam o aborto, a esterilização, a vivisecção no homem e até o assassínio de velhos e incuráveis? Nem se vê por que censurá-los, se o homem é apenas um macaco aperfeiçoado. Mas será apenas isso? Claro que à medicina não compete resolver o problema nem tão pouco a qualquer ciência empírica. Mas então quem salvará esses valores morais, na falta dos quais corremos para a escravização do fraco pelo forte, o embrutecimento geral e a destruição mútua dos homens? Será a filosofia que nos salvará? Humanista como era, Newman não ignorava Platão ou Aristóteles, Cícero ou Sêneca, mas percebia com evidência que os sistemas de filosofia moral ideados por esses pensadores, com serem incapazes de angariar mais que um punhado de adeptos, revelam-se desprovidos de eficácia prática — salvo casos raros, excepcionais — logo, seriam incapazes de resistir ao embate do cientificismo. Não negava a chamada "moral natural"; admitia que

http://www.obrascatolicas.com

podemos, *sobre o papel,* delinear um sistema de educação naturalística de incontestável nobreza; apegando-se, porém, à lição dos factos, Newman mantém que, na imensa maioria dos casos, tal sistema nem mesmo logrará conservar a moral "natural".[70] Sòmente a Religião, e notadamente a Religião católica, é capaz de salvaguardar e fomentar o ideal moral. Ninguém nega que almas religiosas sinceras nem sempre conformam sua conduta aos ditames da moral. Se pecam, porém, não o fazem por obedecer à Religião, ao contrário, é por não lhe obedecer; não é por serem religiosos, mas apesar disso — resta que onde há religião há consciência moral, logo remorso, logo possibilidade de regeneração. Enquanto, esvaída a religião, desfaz-se — salvo raras e louváveis excepções — a moral. Assim é que, no mundo ateu hodierno, assistimos ao aniquilamento da consciência; a mais crapulosa devassidão justifica-se pretextando: "é a natureza"; a mais torpe desonestidade apresenta-se como "esperteza"... O homem religioso quando pratica o mal sabe que é mal; poderá, pois, corrigir-se; o ateu contemporâneo perdeu a noção do bem e do mal — a queda é sem remédio. Newman explana-o em algumas páginas singelas mas prenhes de maior verdade prática e de especial oportunidade nesses tempos de educação leiga, utilitária, tecnocrata. "Observareis, senhores, que essas disciplinas mais altas de que falei, não se apresentam à inteligência dos homens por notificações e informes impressionantes e evidentes como aqueles que fundam a ciência física. A natureza está diante de nós, manifesta, tangível, oferecendo-se aos sentidos de modo tão inequívoco que a ciência fundada sobre ela se nos afigura tão real quanto o nosso próprio existir. Ao contrário, os fenômenos que formam a base da moral e da religião nada têm dessa luminosa evidência. Ao invés de impor-se a nosso conhecimento de maneira que os não possamos passar por alto, são eles apenas ditames da consciência ou da fé. Sombras desmaiadas, rastros, autênticos de certo, porém delicados, frágeis, quase evanescentes, que o espírito ora reconhece,

ora desconhece — discerne quando calmo, perde quando se agita. O reflexo do céu e das montanhas na superfície do lago é prova segura de que existem, em torno dele, montanhas e céu; todavia o crepúsculo, a névoa, a tempestade repentina, escorraçam a bela imagem, que não deixa após si o mínimo vestígio. Algo semelhante são a lei moral e os ensinamentos da fé tal qual se antolham aos espíritos individuais. Quem poderá negar a existência da Consciência? Quem não lhe sente a força das injunções? Mas quão bruxoleante a luz em que se manifesta; quão débil seu influxo, comparado com aquela evidência da vista e do tacto que funda a ciência física! Com que facilidade deixamo-nos persuadir em sentido contrário à mais clara visão do dever! Como este ou aquele preceito moral se desfaz em pó, quando o manejamos brutalmente! Como o receio de pecar se desvanece, tão rápido como o rubor da modéstia se apaga do semblante! Dizemos então: "tudo isso não passa de superstição!" Entretanto, tempos depois, olhamos ao derredor e deparamos, surpreendidos, com a mesma lei do dever, os mesmos preceitos morais, os mesmos protestos contra o pecado. Ali estão, dominando-nos, nos seus antigos lugares, como se jamais tivessem sido afastados — qual escrita divina na parede da sala do festim. Então chegamo-nos a eles talvez com brutalidade e examinamo-los desrespeitosamente, abordamo-los com cepticismo, e de novo esvaem-se como outros tantos fantasmas — brilhantes em sua fria beleza, mas sem apresentar-se fisicamente a nós para que lhes examinemos mãos e pés. Assim, essas aparições augustas, sobrenaturais, resplandecentes, majestosas, delicadas — por mais que nosso coração lhes reconheça a soberania, não se podem igualar — como fundamento de um saber, aos factos sólidos, palpáveis, materiais, que constituem o fundamento da física... Aquela grande instituição, a Igreja católica, foi portanto estabelecida pela divina mercê qual antídoto presente e visível — o único possível — da vista e do tacto. A consciência, a razão, os bons sentimentos, os instintos morais, as conclusões

http://www.obrascatolicas.com

da religião filosófica, não se podem de todo medir com os factos inexoráveis (porque *são* factos, embora haja outros factos além deles) que formam o fundamento da ciência física e, em particular, da ciência médica. Senhores, se ouvis, como deveis ouvir, o murmúrio da verdade moral em vós e o impulso a crer, podeis estar certos de que nada, sobre a terra, pode defender bastantemente esses ditames soberanos de vossa alma, nada os pode vindicar e preservar, e vos conservar leais a eles, afora a Igreja católica. Tendes receio que esses ditames se esvaiam; vedes, sobressaltados, que eles estão a desaparecer, sob a pressão contínua da ciência material à qual dedicastes vossa vida. E' verdade; não o nego; salvo em circunstâncias mui especiais e propícias, eles desaparecerão, se não tiverdes o catolicismo a sustentar vossa fidelidade a eles. O mundo é um rude adversário da verdade espiritual; às vezes com punho de ferro, outras com lógica pertinaz, outras com uma rajada de factos irresistíveis, ele exerce pressão sobre vós. O que ele diz, talvez seja verdade até um certo ponto; mas não é toda a verdade, nem a mais importante verdade. Essas verdades mais importantes que o coração espontâneamente admite — quanto à sua essência —: a existência de Deus, a certeza da retribuição futura, as exigências da lei moral, a realidade do pecado, a esperança de auxílio sobrenatural — de tudo isso a Igreja é, de facto, o único e indômito defensor.

"Mesmo quem a não considera divina, deve conceder isso... Mais não vos peço do que encarar a Igreja e admiti-la como um facto, — tal qual as outras coisas são factos. Há 18 séculos está neste mundo e, por todo esse tempo, batalhou do modo mais audaz e obstinado, em prol da raça humana, para manter as verdades inegáveis — embora relativamente obscuras — da religião. Sempre activa, sempre alerta quando são atacadas por qualquer inimigo. Conseguiu fazê-las atravessar mil perigos. Ora pregando, ora suplicando, ora discutindo — por vezes expondo seus ministros à morte, outras também,

embora raramente, vibrando golpes — por actos peremptórios ou concessões pacientes, a Igreja prosseguiu a luta e cumpriu seu encargo. Não espanta que maldigam dela, pois mereceu-o: conseguiu atrair o ódio e as censuras dos adversários pelo próprio êxito que teve em combatê-los... E' sempre a mesma, sempre jovem e vigorosa, sempre a vencer os erros novos com as antigas armas. Assim, senhores, expliquei por que é tão oportuno e desejável... trazer a Faculdade de medicina à sombra da Igreja católica." [71]

Que o ideal de humanismo cristão delineado por Newman em Dublim, não era uma dessas utopias que só vivem nos sonhos de pseudo-viventes, prova-o de modo irrefragável, a existência vitoriosa da Universidade de Lovaina e de suas já numerosíssimas irmãs menores. Aí, refulge o fervor da fé irmanado ao mais rigoroso espírito científico; aí, as diversas disciplinas não vogam erradias; antes, integram-se em síntese harmoniosa e bem estructurada; aí, mestres e alunos não são formigas nem abelhas votadas a insano labor cujo sentido derradeiro ignoram — vindas do nada, vão para o nada — sabem mestres e alunos, muito ao contrário, que vêm de Deus e vão para Deus; sabem que a verdade à qual consagram a vida não é, em última análise, uma ilusão cruel, mas o reflexo da Luz suprema: Deus.

http://www.obrascatolicas.com

CAPÍTULO V.

Sol por Entre Nuvens.

1. "Historia Calamitatum".

Ao regressar da Irlanda, Newman enceta a composição de considerável obra sobre as relações entre a Razão e a Fé. Logo em seguida, porém, recebe comunicação oficial do Cardeal Wiseman, encarregando-o, em nome do episcopado da Grã-Bretanha, de uma nova versão inglesa da Bíblia. Sempre dócil aos superiores eclesiásticos, em cuja voz seu espírito religioso percebia um eco da voz de Deus, interrompe a obra começada e entrega-se à nova tarefa. Esta, aliás, agradava-lhe sobremodo, por dar-lhe ensejo de pôr seus soberbos dotes de escritor ao serviço da Palavra inspirada e também porque lhe permitiria, nos Prolegômenos, encontrar muitas das objecções levantadas em nome da ciência moderna contra a veracidade das Escrituras. Angariou óptimos colaboradores, organizou as modalidades do empreendimento e atirou-se ao trabalho com entusiasmo. Tal importância atribuía aos Prologômenos, que encabeçou o manuscrito com a inscrição:

In festo S. Gregorii
1857
Opus Magnum
In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti.

Zelo tão aceso lhe valeria apenas nova e amarga decepção. Ao cabo de um ano de aturados esforços, recebeu outra comunicação de Wiseman, participando-lhe que o episcopado americano havia confiado ao Arcebispo de Baltimore a elaboração da nova versão da Bíblia e receava a concorrência da tradução newmaniana. A

http://www.obrascatolicas.com

vista dessa dificuldade, o Cardeal desinteressou-se do empreendimento. Grande foi o prejuízo dos católicos de fala inglesa: abandonado o projecto britânico, tampouco vingou o americano. Quanto a Newman, sentiu profundamente o golpe; mais um ano precioso e insubstituível fora perdido; despendera vultosa soma e devia enfrentar novo insucesso causado por aqueles mesmos que com tamanho ardor tentara servir.[1] Ignorava então que era apenas o primeiro dentre os numerosos nimbus que em breve se adensariam no seu horizonte. Muito tempo não passará e Newman sentir-se-á atirado no mais completo ostracismo.

Como hoje chocam-se católicos da "direita" e católicos da "esquerda", com irreparável dano da cristandade, assim, no século passado, dividiam-se os católicos da Europa continental em dois grupos ou partidos que se digladiavam sem mercê: os conservadores ou ultramontanos e os progressistas ou católicos liberais. Dissentiam em relação às ideias políticas emanadas da Revolução francesa e espalhadas através da Europa pelas hostes napoleônicas; divergiam na atitude que assumiam face ao movimento cultural moderno; discordavam enfim quanto à infalibilidade e poder temporal dos papas. São familiares a todos nós os nomes dos principais corifeus dos dois partidos em França: Montalembert, Lacordaire, Gratry, Dupanloup, entre os liberais; de Maistre, Veuildot, Pie, Guéranger, entre os conservadores. Repercutiram igualmente nas Ilhas britânicas as idéias continentais; Newman ver-se-ia envolvido nessas pugnas; naturalmente desagradaria a todos, logo seria hostilizado por todos, com a consequente frustração e, por último, a completa paralisação de suas actividades públicas. Desagradaria "naturalmente", dizemos, porque uma das características do gênio newmaniano é o senso do equilíbrio; não já o amor ao compromisso, às soluções bastardas, antes, o amor às sínteses superiores que dominam os erros e excessos opostos, reconciliam, harmonizando-as, verdades parciais e por isso mesmo contrastantes. De

sorte que Newman haveria de estar "naturalmente" de acordo com todos — até um certo ponto — e em desacordo com todos — até um certo ponto. Pela força mesma das coisas, encontrar-se-ia numa situação de isolamento completo; nem Manning se queixava sem motivo de que ninguém entendia, ao certo, o que ele opinava; de facto era o único, estrictamente o único, entre os católicos influentes, a pensar como pensava. Era também fatal que cada um dos campos adversos o acusasse de pactuar com o inimigo.

O episcopado inglês agrupava-se unânime em torno do Arcebispo de Westminster, Cardeal Wiseman, ao qual sucederia em 1865 o futuro Cardeal Manning. Mal amparado pelo primeiro, Newman teve que enfrentar a decidida hostilidade do segundo.

Admirador sincero e profundo das indiscutíveis qualidades de Wiseman, Newman lamentava que estivesse dominado pelo desejo de sucessos imediatos e vistosos; que medisse os méritos pelos resultados instantâneos e brilhantes. Queria de Newman "conversões de grandes personagens, de aristocratas, de sábios e não simplesmente de gente pobre"; queria sermões retumbantes, conferências que causassem sensação; enfim, ostentar-se, ser falado, impressionar; quem o não conseguia era servo inútil. Entre irônico e amuado, queixava-se Newman de que o Cardeal considerava-o "qual bravio e incompreensível animal, que Wiseman deveria exibir em espectáculo, como sendo ele o caçador que o havia capturado."[2]

Quanto a Manning, era velho amigo seu, sete anos mais moço e como ele filho de banqueiro e "fellow" de Oxford. Parecia destinado à mais brilhante carreira na Igreja anglicana; arcediago de Chischester, famoso como pregador, grande amigo de Gladstone, tentara, a conselho deste, refutar o *Essay on the development of christian doctrine,* sem consegui-lo todavia; a agitação causada pelo "Movimento de Oxford" despedaçou-lhe a fé anglicana e em 1851 convertia-se ao catolicismo. Newman convidou-o logo para cooperar na fundação da Universi-

http://www.obrascatolicas.com

dade católica de Dublim e dedicou-lhe em 1857 o volume de *"Sermons preached on various occasions"*. Tão exímias as qualidades de Manning que logo se tornou o mais escutado conselheiro de Wiseman e catorze anos apenas após a conversão, veio a suceder-lhe à testa da hierarquia inglesa. Manning, mui longe de ser um espírito retrógado, foi um dos pioneiros do "catolicismo social". Numa época em que grandes proprietários, industriais, comerciantes, consideravam como a mais natural das coisas que os proletários passassem míngua para enriquecê-los mais ainda, Manning revelou-se estrênuo, indefesso campeão dos direitos dos trabalhadores, em cartas pastorais, conferências, artigos de revistas e jornais, assim como no livro "Dignidade e direitos do trabalho". "Minha política, declarava, é uma política social" e acrescentava: "durante mais de 50 anos vivi entre os pobres... vi e ouvi-lhes as necessidades, sofrimentos, misérias, assisti ao malogro de suas reclamações e esperanças; minh'alma toda está com eles"; mais ainda: "o século XX não pertencerá aos capitalistas nem à burguesia, porém ao povo." Advertiam-no: "cuidado, Eminência! o que fazeis, é puro socialismo!" — "Não sei, retrucava, se para vós é socialismo; para mim é simplesmente puro cristianismo!" — "O lugar da Igreja é entre os pobres." Protesta contra as condições miseráveis em que viviam os operários, nos "slums" — equivalentes londrinos de nossas favelas — mas que a falta de sol, as névoas do Tâmisa, tornavam de uma indescriptível insalubridade. "Em país algum, como na Inglaterra, comentava Manning, riqueza e pobreza são tão extremadas." E por isso exige para os operários "o direito ao trabalho e ao pão"; reclama o salário mínimo e mais outras providências sociais; durante todo o seu episcopado recusa obstinadamente construir a catedral de Westminster e destina todos os recursos que consegue angariar a levantar escolas e capelas nos quarteirões pobres, promove a construção de hospitais, apóia todas as obras de beneficência que lhe parecem viáveis, sejam elas dirigidas por católicos ou protestantes; quando

a *Pall Mall Gazette* denuncia vergonhoso escândalo de tráfico de menores, Manning aplaude vigorosamente a campanha e como alguém se espantasse de que um Cardeal se intrometesse em assunto tão escabroso, revida: "Ainda que doze tribos de fariseus e doutores da lei se levantassem contra mim, não me impediriam de fazer o que julgo meu dever"; verificando que os proletários buscavam no alcoolismo um lenitivo para os males que os afligiam, resolve combater o flagelo; contrariado, criticado, luta com incomovível e bem inglesa tenacidade; funda ligas de temperança, organiza manifestações pelas ruas de Londres; arenga o povo; mesmo doente, recusa sorver uma só gota de vinho, alegando: "se o povo souber que o velho Cardeal bebe vinho, achará que pode continuar a abusar do álcool"; em perigo de morte exclama: "meu mais consolador pensamento é que salvei muitos pobres da bebedeira." Acatado pelos mesmos protestantes, foi nomeado pela rainha Vitória membro de várias comissões reais; seu maior triunfo alcançou-o em 1889 por ocasião da parede dos estivadores do porto de Londres. Duzentos mil homens achavam-se sem trabalho, periclitava o comércio e a indústria, a miséria era enorme; exaltados os ânimos, pairava sobre Londres a ameaça de motins, quiçá de guerra civil; Manning, embora seus 82 anos, atirou-se à luta; após onze dias de esforços sobrehumanos, conseguiu um acordo entre patrões e trabalhadores, o qual foi denominado "a paz do Cardeal"; também quando veio a falecer, três anos mais tarde, prodigiosa multidão de operários apinhou-se nas ruas para prestar homenagem àquele que veneravam como seu grande amigo. [3]

Causa maravilha verificar que, emergido apenas das catacumbas, o catolicismo inglês se tenha colocado à frente da cristandade, apontando-lhe as duas directivas que o século presente faria triunfar: o humanismo cristão de Newman e o cristianismo social de Manning. Ambos, pois, pioneiros, um, da cristianização do saber, o outro da cristianização da democracia, bem longe de se excluir,

http://www.obrascatolicas.com

completavam-se. Portanto, a considerar as coisas de modo objectivo, nada, absolutamente nada, deveria tê-los oposto um ao outro. Mas, os homens não vivem entre essências ideais; na prática, a complexidade das circunstâncias, as divergências temperamentais, não raro dividem, separam, os que tudo deveria unir. Chocaram-se, pois, os dois grandes ingleses porque, tendo preocupações diversas — culturais este, político-sociais aquele — não lograram perceber que seus esforços, no fundo, convergiam, pois que visavam ambos levar Cristo ao mundo moderno em seus diversos sectores. Chocaram-se também, por serem de mentalidade oposta: Newman, arredio, contemplativo, tolerante, amante da liberdade; Manning, sociável, realizador, intransigente e autoritário em extremo; chocaram-se sobretudo porque Manning pouco ou nada entendia dos problemas intelectuais de seu tempo; ao clero e fiéis pedia apenas disciplina estreita e piedade ardente — aliás dava o exemplo de uma vida piíssima, severamente ascética, consagrada ao cumprimento do dever, animada por incansável zelo pela conversão dos pecadores e aperfeiçoamento dos bons; quanto ao saber, parecia-lhe que seriam suficientes, aos sacerdotes, os escritos dos Santos Padres e Doutores; ao povo, o catecismo e os autores ascéticos. Para que embaraçar-se em questões inúteis que apenas serviriam para inquietar as almas, fomentar o orgulho, dividir os espíritos, abalar a fé? Porventura não bastará a nós o que bastou a nossos pais? Em último caso, se insopitável prurido vos urge a manejar a pena, contentai-vos, os clérigos, de versar pontos de direito eclesiástico — proveitosos para o governo diocesano — ou casos de moral — úteis para o confessionário — ou questões litúrgicas — contribuindo ao decoro do culto — ou, enfim, escrevei livros de piedade, que edifiquem as almas. Fugi todo contacto com o "pensamento moderno", fonte perene de perdição!

A Santa Igreja afigurava-se a Manning qual cidadela assediada por mil inimigos insidiosos e mortais; ora, sabemos, pela experiência dos últimos anos, a que

intransigências, a que injustiças, a que tiranias até, pôde levar a "psicose de guerra". O mínimo desejo de objectividade, de "fair play", já é classificado de "derrotismo" e quase de "traição". Poderemos estranhar que Manning, ao ver Newman procurar um ponto de encontro com as "ideias modernas", logo o julgasse chefe da "quinta-coluna" da incredulidade? Foi muito bem dito: "Manning temia em Newman o que era incapaz de entender: o exercício de um intelecto superior, logo original." [4] Era, pois, lógico tentasse com incansável tenacidade embargar todos os passos de Newman e arruinar-lhe a influência.

A fomentar as prevenções do Arcebispo, contribuiu e muito a influência de outro ilustre convertido, William George Ward. Este tomara parte conspícua no Movimento de Oxford; inteligência possante — "tenho um intelecto de arcanjo habitando num corpo de rinoceronte" — dizia ele; discutidor temido; incapaz de adoptar uma atitude comedida; humorista, original, e até excêntrico, começara sua carreira de "fellow" de Balliol College, manifestando as mais extremadas convicções "liberais" ou seja racionalistas. Certo domingo à tarde convidou-o um amigo a ouvir Newman pregar em St. Mary's. "Para que escutar semelhantes mitos?" retrucou. Como o amigo insistisse, acedeu... e foi conquistado. Em breve tornava-se um dos mais fervorosos partidários do "tractarianismo". Foi W. G. Ward que inventou e propagou o grito de guerra: "Credo in Newmannum"; ao mesmo tempo, e por curiosa inconsequência, impelia o Movimento em direcção a Roma, forcejasse embora Newman por deter o discípulo desenfreado.

Em 1844, Ward publica um grosso volume, *O Ideal de uma Igreja cristã,* cujo "romanismo" agressivo causa enorme escândalo; a Universidade de Oxford condena o livro e expulsa de seu seio o "fellow" prevaricador. Em Setembro de 1845, antecipando-se a Newman, o seu mais fogoso discípulo submete-se a Roma. [5] Preso pelos laços do matrimônio, impedido, portanto, de abraçar a clericatura, W. G. Ward consola-se, ensinando teologia

http://www.obrascatolicas.com

dogmática, no seminário católico de S. Edmundo; submetendo a família a uma piedade e disciplina quase monásticas; incutindo na prole a persuasão de que deviam todos consagrar-se a Deus (de facto teve um filho Bispo e três filhas religiosas). Extremado como era, não tardou a se encastelar no mais rígido conservantismo doutrinário; até em assuntos livremente debatidos entre católicos, queria impor a cada um suas opiniões como únicas verdadeiras. Quem não anuía, era logo acoimado de "minimista", de candidato a herege, etc. Via na infalibilidade papal a panaceia para os males modernos. "Gostaria de encontrar toda manhã, à mesa do "brekfast", meu número do "Times" contendo uma bula pontifícia." Como o piedoso desejo não fosse atendido, livrou-se do embaraço, estendendo a infalibilidade a toda e qualquer palavra do Papa: "num sentido figurado, podemos dizer que Pio IX nunca cessou o seu contínuo pronunciamento "ex catedra". [6] Concepções tão extravagantes não podiam deixar de chocar-se com o bom senso newmaniano, que não só admitia como advogava o livre debate, entre católicos, dos assuntos ainda não dirimidos pela Santa Sé, persuadido de que da discussão objectiva jorraria a luz. Para W. G. Ward, o "Credo in Newmannum" não tardou em se metamorfosear em "anathema sit"! Ainda no dia da sagração de Manning, escrevia ao nóvel Arcebispo: "Não seria perigoso falar de J. H. N. com plena simpatia? Se verdade é (e para mim não resta dúvida) que ele exerce a mais poderosa influência em favor daquilo que de facto (embora ele não o creia) é: 1.º deslealdade ao Vigário de Cristo; 2.º secularismo — não será um mal dar a impressão de que não há motivos para desconfiar dele?" [7] Com zelo indefesso, pôs-se a censurar, a denunciar, ao Arcebispo e ao Papa, os escritos, os ditos e até os silêncios de Newman. Pusey pretendia que todos os anglicanos convertidos ao catolicismo "se tinham estragado, salvo Newman, tão perfeito, que nada, nem mesmo a passagem para Roma, poderia alterá-lo, salvo também Ward, tão ruim, que nada o poderia piorar." [8] Seríamos quase tentados de acreditar na maliciosa pilhéria, não soubéssemos que em W. G. Ward sanha tão ardorosa e inquisitorial não era sustentada por qualquer sentimento menos nobre. Dedicou a vida inteira ao mais elevado ideal; não se pode culpá-lo se o temperamento, por vezes, o impelia a lutar contra moinhos de vento. Jamais deixou de votar a seu ídolo de Oxford amizade e admiração. Escrevia-lhe em 1875 que desde o desentendimento mútuo, "sentia-se intelectualmente órfão" e ainda: "asseguro-vos que toda a coloração de minha vida mudou-se, quando perdi vossa simpatia." [9] Mas, persuadido de que Newman estava a corromper o catolicismo por dentro, como não reagiria com extremado vigor?

O último parceiro da tríplice aliança anti-newmaniana era Monsenhor George Talbot, de muito, o menos interessante dos três. Segundo filho de Lord Talbot, fora pastor anglicano e convertera-se ao catolicismo em 1847; fizera carreira no Vaticano, onde se tornara camareiro de Pio IX e seu conselheiro em negócios ingleses. Não sei se por estupidez, ou por obra de qualquer tara psicopatológica (o infeliz acabou os dias demente) tornou-se desapiedado perseguidor de Newman. Enfurecia-se de que este apelasse à colaboração inteligente e activa dos leigos, em assuntos religiosos; parecia-lhe isso a subversão mesma da ordem estabelecida na Igreja; e em memorável carta a Manning exalava suas iras: "Qual o ofício dos leigos? — Organizar caçadas; oferecer recepções. E' disso que entendem" e rematava: "Newman é o homem mais perigoso da Inglaterra." [10] Claro que haveria de apresentar a Pio IX os actos e escritos de Newman, sob a pior luz possível.

Quais os sentimentos da vítima de tão ferrenhos inimigos? Sobre vários pontos capitais, encontrava-se de pleno acordo com eles. Sofrera demasiado da anarquia protestante, para não abraçar cordialmente o princípio de autoridade. [11] Por mais que haja discordado das tendências intelectuais dos Bispos ingleses ou de certas directivas da cúria romana, foi sempre de uma obediência não

http://www.obrascatolicas.com

só exemplar como até escrupulosa. Seria o último a erguer a bandeira da revolta. "Nunca resisti nem poderia resistir à voz dum legítimo Superior, falando na sua esfera própria." [12] "Não me parece um acto de coragem opor-se alguém aos legítimos superiores; são eles que arcam com as responsabilidades, deixemo-las a eles." [13] "Compete a mim ser o primeiro a dar o exemplo da submissão. Bem algum jamais promanou da resistência aos pastores do rebanho. São eles os guardiães da doutrina; eles que devem dar conta das almas; eles que são responsáveis se a Igreja sofre. Nunca ousarei lhes não deixar a responsabilidade pura e simples; meu único dever nesse particular é auxiliá-los com minhas orações." [14] "Em nossa época pelo menos, "quantula sapientia regimur"! Ora bem! se isso pudesse ser dito de qualquer instituição humana, eu me sentiria indignadíssimo, porém é a mesma certeza que tenho da divindade da Igreja, que logo me torna fácil o suportar. Tudo isso será revogado; talvez cause muito detrimento temporário, mas será revogado. E nada melhoraríamos, desobedecendo. Poderíamos, sim, complicar as coisas e atrasar as reformas necessárias. Nosso papel é obedecer. Se tivermos paciência, tudo acabará por se remediar." [15]

A um correspondente que se queixava de Wiseman, respondia Newman que muito havia sofrido do Cardeal e que lhe sobejavam motivos de desgosto e lamentação, "mas, prosseguia, esteja certo de que conselho melhor não há que o do Apóstolo: "se teu inimigo tem fome, dá-lhe de comer" e abandonemos nossa causa simplesmente às mãos do bom Deus. Ele a defenderá como sabe e ainda que não apraza à sua Vontade suprema remediar-nos pùblicamente, poderá compensar-nos com bênçãos íntimas." [16] Com plena justiça, podia pois W. B. Ullathorne, Bispo de Birmingham, de quem Newman era súbdito, dar-lhe em 1864 o seguinte testemunho público: "Durante os longos anos de nosso convívio houve apenas um assunto sobre o qual, após a primeira experiência, fui obrigado a medir cuidadosamente as palavras, foi quando

surgiram questões relativas a vosso dever de eclesiástico. Achei necessário ser cauteloso, porquanto sempre vos mostrastes tão disposto e pronto a ir até além da mais ligeira expressão de minha vontade ou desejo." [17]

Ardentemente piedoso, Newman conhecia e denunciava, tanto quanto Manning ou Ward, os perigos do intelectualismo unilateral; ensinava que "mais um homem é culto em teologia ou nas ciências profanas, mais santo deve ser para conseguir salvar-se." [18] Seus sermões, anglicanos ou católicos, são constante incentivo à devoção sincera e profunda. Enfim, amante como era da Antiguidade cristã, jamais sacrificaria o inestimável tesouro da Tradição. Mas, — e nesse ponto discordava de ambos os amigos — estava convencido que, por ser católico, não devia viver intelectualmente fora de seu tempo, regredir à contra-Reforma ou à Idade Média. A concepção que expendera no "Essay on the development of christian doctrine", impedia que se encerrasse no estatismo, e ainda mais que fosse retrógado. Convinha, sem dúvida, que muitos elementos havia na cultura moderna, de todo inaceitáveis para um católico; convencera-se, porém, que essas mesmas negações anti-religiosas propunham ao pensamento cristão sérios problemas; não bastava repeli-los a golpes de anátemas, forçoso era o enfrentá-los honestamente. Sem contar que, ao lado do erro, havia muita verdade cuja assimilação traria à cultura católica notável enriquecimento. Newman convidava, pois, seus correligionários a um longo trabalho de *decantação*. Essas ciências novas que ainda engatinhavam — a história da Antiguidade cristã, a história dos dogmas, a patrologia, a crítica bíblica, a arqueologia — vivificadas e dirigidas pela Tradição, trariam ao saber eclesiástico sadio renovamento, como também, manejadas por espíritos hostis à fé, levariam a verdadeiras catástrofes religiosas. Os milhões de apostasias causadas por um único livro de Renan provam sobejamente a clarividência de Newman. Este não acreditava na possibilidade de encerrar o laicato em "estufa espiritual" para abrigá-lo dos influxos do pensa-

http://www.obrascatolicas.com

mento moderno. Afigurava-se-lhe quimérico desejar que os fiéis formassem uma grei ignorante e dócil, governada patriarcalmente pelo clero. A Idade Média, com seu analfabetismo quase geral, passara irrevogàvelmente; nestes dias de instrucção generalizada, tarde ou cedo, pelos livros, os jornais, as conversas, entrariam os fiéis em contacto com as ideias negadoras da fé e encontrar-se-iam desarmados, presas fáceis da epidemia de apostasias que então grassava. "Quando me encontro com um rapaz inteligente e reflectido, sinto medo e quase pavor ao pensar no futuro. Como resistirá ele à espécie de dilúvio intelectual que tenta submergir a cristandade?" [19] Bem diverso do sistema da "estufa" ou da "torre de marfim", o ideal que Newman propunha ao laicato, em suas conferências de Dublim: "Penso que incalculável benefício resultaria para a causa católica — superior quase ao que lhe adviria de teólogos ou controversistas singularmente dotados — se um conjunto de homens de vossa condição de vida existisse nas grandes cidades da Irlanda; homens não já disputadores, altercadores, tagarelas, presunçosos... antes homens grave e sòlidamente educados na cultura católica, inteligentes, perspicazes, versados na religião, sensíveis à sua beleza e majestade, atentos aos argumentos em seu favor, conhecedores das dificuldades que apresenta e do modo de ocorrer-lhes." [20]

Não é que Newman desejasse lançar todos os cristãos nesse oceano proceloso dos altos estudos religiosos; bem sabia que qualquer homem, mesmo culto, não está aparelhado para tanto; a preocupação de não perturbar a fé dos simples, ele a tivera desde os seus dias anglicanos e jamais a perdera. [21] Todavia, solicitava do episcopado consentisse que um pugilo de especialistas qualificados se entregassem a esses estudos, com aquela liberdade que lhes permitisse enfrentar desassombradamente os problemas. Bem entendia que os zelosos pastores, assoberbados pelos encargos administrativos, se não preocupassem das questões intelectuais do momento [22]; solicitava apenas, implorava até o ensejo de tratar essas

questões. Sem menoscabar tampouco as actividades que levam a resultados imediatos e brilhantes, sentia-se chamado a uma tarefa mais demorada, cujos frutos seriam saborosos, embora tardios de sazonar: esclarecer, formar a inteligência católica. Como a Universidade, embora visasse directamente um fim desinteressado, resultava afinal em grande utilidade prática, assim também a tarefa ingrata de cultivar as inteligências católicas redundaria em resultados de maior alcance. Nunca, por exemplo, seria possível conseguir um movimento de conversões verdadeiramente grandioso, enquanto os protestantes estivessem sob a impressão de que, ao professar o catolicismo, deveriam adoptar uma atitude anacrônica, mutilar ou mesmo cegar sua inteligência; urgia preparar-lhes uma atmosfera cultural respirável. Benefício semelhante adviria aos católicos: resolvidas pelos especialistas as questões que preocupavam os espíritos cultos da época, sanados, ou pelo menos atenuados os conflitos aparentes entre Razão e Fé, poder-se-ia dar ao clero paroquial, e por ele aos simples fiéis, aquele pábulo intelectual de que careciam para apascentar a legítima ânsia de saber, dar resposta às objecções correntias contra a fé, actuar enfim vitoriosamente nesse mundo moderno em que por força teriam de viver. [23]

Aliás, na Igreja primitiva o fervor de vida religiosa não impedia o labor intelectual dos Apologistas e dos Santos Padres, antes o exigia, a fim de que o cristianismo se definisse face à cultura greco-romana. Newman não advogava pois qualquer utopia, nem mesmo ia contra a Tradição. Foi incalculável desgraça, não só para os católicos de língua inglesa, senão para o catolicismo em geral, que Cullen, Manning, Ullathorne e os demais colegas o não houvessem compreendido.

Repelido, pois, pelos ultra-conservadores, era normal que Newman se voltasse para os "católicos liberais". Estes eram representados, na Inglaterra, por um grupo de leigos, entre os quais se destacavam Simpson, Capes, Wetherell e o futuro Lord Acton. Com eles, também

http://www.obrascatolicas.com

Newman concordava sobre vários pontos capitais: a visão clara de que os progressos da ciência moderna não podiam deixar indiferente a religião; que se tornava necessário estructurar novamente as relações entre a ciência e a fé; que os estudos eclesiásticos exigiam uma reforma básica; que as dificuldades deviam ser encaradas directa e lealmente. [24] Discordava, porém, veementemente dos processos empregados pelos "liberais": maneira petulante e provocante de tratar as mais graves questões; irreverências para com opiniões teológicas dignas de acato; desejo de irritar, de escandalizar até; bem mais, a convicção apenas velada de que, sobre certos pontos, ciência autêntica e fé ortodoxa eram antagonistas irreductíveis; — tudo isso repugnava sobremodo a Newman [25] e nem é de estranhar num espírito visceralmente católico como o seu. De facto, essa tendência de certos "liberais" dentro do catolicismo inglês representava uma das primeiras manifestações da grande heresia que, mais tarde, seria denominada "modernismo" e que Pio X fulminaria na Encíclica *Pascendi*.

Os "liberais" propagavam suas ideias na revista *"Rambler"*, e Newman em 1858 embarcou na espinhosíssima tarefa de servir de intermediário entre o episcopado e os directores da Revista. Almejava conseguir uma atitude mais tolerante dos Bispos, fazer-lhes entender a premência dos problemas suscitados pelo contacto do saber moderno com a religião cristã; implorar a máxima indulgência para com autores, ensaiando-se em ciências novas e ainda tacteantes; de outro lado, empenhava-se em obter de Simpson e seus amigos maior ortodoxia, atitude mais comedida e respeitosa. [26] Em Março de 1859, a conselho de Ullathorne e com a aprovação de Wiseman, aceitou de ser director do *"Rambler"*. A obra que malograra em Dublim seria porventura mais feliz na Inglaterra?... A nova direcção colimava combater o racionalismo, dar uma interpretação católica das descobertas da época; planejava grandes coisas! Mas... não caminhou longe. Apenas foi um número publicado, e

Ullathorne ordenava-lhe deixasse a direcção, alegando que o *Rambler* comprometia a paz entre os católicos; ao excelente, porém pouco esclarecido prelado, pareciam devaneios pessimistas os temores de Newman sobre a precariedade de uma paz assegurada pela ignorância e pela compressão do pensamento.

Sempre dócil, Newman acedeu imediatamente; acabrunhou-se todavia com a falta de visão de Ullathorne; o cientificismo apagava a fé das elites, e a única medida de defesa proposta era cerrar os olhos e tapar os ouvidos; cegos e moucos, como poderiam os católicos influir eficazmente sobre a vida inglesa? Era mais uma grande empresa que naufragava... [27]

Houve pior: sempre cioso de realçar a função importantíssima dos leigos na vida da Igreja, Newman publicara no *"Rambler"* um artigo sobre o papel do laicato na Igreja primitiva; relembrava que, após o Concílio de Nicéia, muitos Bispos soçobraram no arianismo, enquanto o povo fiel permanecia campeão obstinado da verdade. Imediatamente o Bispo de Newport denunciou-o a Roma como culpado de heresia, pois afirmara que a Igreja docente havia falhado! E' verdade que Newman parece não haver sido muito feliz no expressar o que entendia, mas houvesse o prelado interpelado o autor em vez de recorrer logo à medida extrema, teria Newman explanado, como o fez mais tarde, que recordara apenas um facto histórico indiscutível: o arianismo de muitos antístites do IV século, contrabalançado pela ortodoxia das respectivas greis; aliás a defecção individual de Bispos ainda que em grande número por deplorável que seja ela, não equivale de modo algum à defecção do corpo episcopal: concílio algum jamais revogou ou tentou revogar o símbolo de Nicéia, que permaneceu sempre a expressão oficial da fé do episcopado como dos fiéis. Quanto ao "sensus fidelium", bem conhecemos o papel importantíssimo que representou na definição de certos dogmas, por exemplo o da Imaculada Conceição.

Ao ter conhecimento da denúncia, Newman escreveu

http://www.obrascatolicas.com

a Wiseman, então em Roma, comprometendo-se a dar todas as satisfações que fossem pedidas pela autoridade suprema; o Cardeal não lhe contestou à carta, mas fez-lhe saber por Manning que estava encerrado o incidente. Tempos depois, qual não foi a surpresa de Newman quando o seu Bispo, Ullathorne, de volta de sua visita "ad limina", deu-lhe a entender que Pio IX estava penalizado e as autoridades romanas descontentes, com o silêncio pertinaz de Newman, recusando justificar-se ou retractar-se! Só em 1867 chegou a desvendar o mistério: Wiseman comunicara a missiva de Newman a Monsenhor Talbot, que aconselhara ao Cardeal de não se envolver no assunto, deixando assim o acusado em melindrosíssima posição. [28] A suspeita sobre a ortodoxia de Newman, então semeada, não tardaria em frutificar. E veio agravar a situação o debate em torno do poder temporal dos papas. Todo o mundo católico indignava-se ante a tentativa da dinastia sarda, de realizar a unidade italiana às expensas do patrimônio de S. Pedro; todos os fiéis vibravam de admiração pelo heroísmo dos zuavos pontificais, e muito natural era que essa exaltação levasse a certas manifestações de zelo intemperante. Assim Manning que, no fim da vida, advogaria o abandono de toda pretensão ao poder temporal e a reconciliação entre o Vaticano e o Quirinal [29]; Manning, na época em que estamos, fazia do poder temporal quase um dogma de fé. Newman, de seu lado, era "ultramontano", por admitir desde sua conversão em 1845 a infalibilidade pontifical — a qual só seria definida em 1870 — por pleitear a plena liberdade não só religiosa senão política dos Papas. "Se eu me conheço a mim mesmo, escrevia em 1863, ninguém pode ter sido mais leal à Santa Sé do que eu; ademais quero pessoalmente bem ao Papa reinante." [30] Com efeito, bastara simples desejo de Pio IX para arrancá-lo a seu extremecido convento e expatriá-lo com imenso sacrifício, a fim de consagrar-se, em Dublim, a uma obra em cuja viabilidade não cria. Mas lhe não era possível admitir com Manning que o poder temporal

fosse um dogma de fé, ou como W. G. Ward, que o Papa falasse quase continuamente "ex catedra". Convicto de que tais excessos contrariavam a verdade que jurara servir, não hesitou, leal como era, em declará-lo. Foi o suficiente para que o acoimassem de "minimista", tíbio, anti-romano, amigo da revolução; ferviam os boatos: Newman pregara em favor de Garibaldi; celebrara missas pelo triunfo dos revolucionários; subscrevera vultosa soma para a campanha desse aventureiro! [31] A massa dos católicos que até então considerava Newman seu mentor espiritual, entrou a suspeitar dele profundamente. [32] Os protestantes a caminho da Igreja eram desaconselhados de frequentar tão duvidoso guia! "Estou debaixo de uma nuvem!" soía dizer o grande e pobre convertido. [33]

Em Roma não era melhor a sua situação. Para resolver dificuldades surtas entre as duas casas de Oratorianos que fundara — em Birmingham uma, outra em Londres — foi a Roma; num ímpeto de fervor religioso, ao descer do comboio, percorreu descalço a distância que separa a Estação da Basílica de S. Pedro. Dos prelados da Cúria, nada conseguiu e um familiar, regressando de lá pouco após, declarou-lhe: "não tendes um único amigo em Roma." [34] E, pior que tudo, tinha a George Talbot!...

Estranharemos, nessas condições, que todos os esforços de Newman hajam sido frustrados? "Todas as vezes que tento fazer qualquer coisa para Deus, descubro-me, após um pouco de tempo, de mãos e pés atados, e talvez distenda os membros ao forcejar para me movimentar, apesar dos laços." [35] Abandonou a pena e a um amigo que lhe indagava o motivo de tão insólito silêncio, retrucou, com humorismo um tanto amargo: "os elefantes de Aníbal jamais puderam aprender o passo de ganso; os capelães de Garibaldi nunca escrevem; livros que se não vendem, não rendem; ocupo-me a ensinar versos sem pé nem cabeça, a meninozinhos." [36]

Afoga-se então no mar sem fundo do desconsolo [37]; altera-se-lhe até mesmo a saúde. [38] Nos retratos do infeliz recluso de Birmingham nada mais encontramos dos

http://www.obrascatolicas.com

traços olímpicos do "fellow" de Oriel; que máscara torturada se nos depara agora! Em 1863 escreve ao fiel Ambrose St. John: "Frederick Rogers visitou-me e passou comigo todo o dia de ontem. Havia vinte anos que não nos encontrávamos. Ao avistar-me, debulhou-se em lágrimas e não queria largar-me as mãos, exclamando: "como você está mudado!" [39] Em carta aos familiares gracejava: "Emagreci e mirrei o ano passado; assemelho-me a um grilo cinzento ou a bruma matinal a esvaecer-se; e, quanto mais envelheço, mais parecem multiplicar-se as aflições e ansiedades." [40]

Não sofria apenas por motivos de ordem pessoal; doía sem dúvida ao seu espírito superior sentir-se à mercê de medíocres e fanáticos [41]; amargurava-o o haver consagrado gênio e dedicação a uma grande causa, e receber em troca quase que só desacatos e incompreensões; pungia-o ainda mais o ser considerado infiel à Verdade — ele que tudo abandonara para servi-la — sentir-se suspeito de heresia; ele, tão devotado ao Santo Padre, ser considerado "capelão de Garibaldi"... Mas a dor que o consumia tinha raízes ainda muito mais profundas: via a religião esvaindo-se e com ela a moral; antevia as consequências tremendas dessa decadência: o mundo à beira de um abismo de barbaria tanto mais terrível quanto a humanidade, desgovernada, maiores meios tinha de fazer o mal. Lembre o leitor, lembre, os bombardeios aéreos, os torpedeamentos, os campos de concentração; lembre Hiroshima e há de convir que os tétricos pressentimentos de Newman não eram o fantasiar mórbido dum espírito atrabiliário. Ora, sentia que poderia fazer algo se lhe concedessem a indispensável liberdade de acção. De certo, não era ingênuo ao ponto de imaginar que sòzinho lograria deter o dilúvio, mas ao menos poderia salvar qualquer coisa, no desastre universal. Via-se, pelo contrário, reduzido à inacção forçada e frustrada a obra que lhe constituía a própria razão de viver!

Esse sentimento de inutilidade aniquilava-o; aplicava a si mesmo a parábola do talento escondido no seio

da terra. [42] Não meçamos esse sofrer, pelos nossos espíritos acanhados e nossos corações mesquinhos! No segredo de seu diário íntimo, expandia-se com profundo desconsolo: "hoje, ao acordar, o sentimento de estar atravancando a terra assaltou-me com tamanha força, que me não pude decidir a botar-me sob o chuveiro. Para que esforçar-me por conservar ou aumentar as forças, se nada delas provém?... Sem dúvida os dias da juventude são, humanamente falando, os melhores; ademais a distância suaviza os acontecimentos, e retorno com ternura aos anos de Oxford e de Littlemore. Então eu desempenhava notável missão — agora, como estou mudado até mesmo na aparência! Até à questão do "tract" n.º 90 e a ida para Littlemore, meus lábios se entreabriam em habitual sorriso; desde então cerrou-se-me a boca e os músculos tanto se enrijaram que não posso deixar de parecer grave e rebarbativo. Já em 1847, quando visitava o Vaticano em companhia de Dalgairns, estacou ele diante uma estátua do Destino, impressionante deveras, melancólica, grave, e disse: "com quem se parece? Conheço tanto este semblante!" Pouco após acrescentou: "Ora, é você mesmo!" — Agora estou tão consciente de meu ar severo, que mal gosto de ver gente. E isso começou quando me voltei para Roma. Desde que fiz o grande sacrifício que Deus de mim exigiu, recompensou-me Ele de mil maneiras — quantas na verdade! Mas também assinalou-me o caminho por quase incessantes mortificações. Sucessos, bem poucos foi servida sua Vontade bendita conceder-me através da vida. Duvido que possa apontar qualquer acontecimento humanamente feliz, afora haver sido "scholar" de Trinity e "fellow" de Oriel. Desde que me tornei católico, apenas o malogro, ao que parece, caiu-me em partilha... Não anoto todas essas oposições e suspeitas por elas mesmas, pois S. Filipe as conheceu abundantes, mas porque lograram aparentemente destruir a minha influência e utilidade. Pessoas que naturalmente se dirigiriam a mim; convertidos que de certo me procurariam, almas inquietas que naturalmente

http://www.obrascatolicas.com

me consultariam, são detidas por uma palavra leviana ou maldosa dita contra mim... Há coisas que estaria especialmente apto a fazer e que não fiz. — Nenhuma delas." [43] Em comovedora página, compara o seu entusiasmo de moço ao seu desalento de velho. Recorda como renunciara ao mundo, de todo o coração; relembra como, jovem pastor anglicano, pedia instantemente ao Senhor que sucesso acadêmico algum lhe seduzisse a alma, que Deus não lhe desse riqueza ou dignidades eclesiásticas. E pergunta: se, por impossível, voltassem esses anos felizes, teria eu ânimo de fazer os mesmos pedidos? Implora a Deus: "oh! livrai-me dessa terrível covardia que é a raiz de todos os meus males. Jovem, era arrojado por ser ignorante; hoje perdi o arrojo por ter ganho experiência, e retraio-me diante dos sacrifícios." Lembra a palavra de Jesus: "Ninguém que, após haver metido a mão ao arado, olha para traz, é apto para o reino de Deus" (Lc 9, 62) e prossegue: "Não seja assim, Senhor, com vossa graça, não seja assim! O que pensava então, Senhor, o que Vos pedia, eu peço hoje. Que vergonha ter receio de pedi-lo!... Esta súplica me tem acompanhado a vida toda — e Vós a tendes atendido — que eu seja posto de lado neste mundo. Permiti agora que Vo-la repita mais uma vez. O' Senhor, abençoai o que escrevo, favorecei-o: que realize muito bem; que consiga muito sucesso; mas, que louvor algum venha a mim por tudo isso, durante minha vida. Deixai que continue a viver, deixai-me viver, como tenho até aqui vivido. Muito antes de conhecer S. Filipe, desejava *nesciri* (ser desconhecido); de mais a mais permiti que eu aprenda de vossa graça *sperni* (ser desprezado) e *spernere me sperni*" (desprezar ser desprezado)." [44]

Desamparado pelos católicos, Newman foi procurado pelos protestantes. Amigos de outrora reataram as relações; rumores começaram a correr de que se arrependia de haver abjurado o anglicanismo. A um correspondente que o interrogava: "Nunca vos pesou o haver deixado a Igreja anglicana?" respondeu: "Nunca; nem

um só instante. Desfrutei da maior paz e contentamento desde que me tornei católico: encontrei em seus sacramentos uma Verdade robusta e força divina que não existem, penso eu, em outra igreja qualquer." [45] A um outro: "Encontrei na Igreja católica muita cortesia, mas muito pouca simpatia entre pessoas gradas, com raras excepções. Entretanto, há uma profundidade, e uma força na religião católica; encontrei tão abundante satisfação em suas crenças, teologia, ritos, sacramentos e disciplina, tal liberdade, unida a tal amparo, que, em comparação, a negligência ou incompreensão de certas pessoas por mais altamente colocadas sejam elas, é como pó no prato da balança." [46] Avultavam, todavia, os boatos; por fim, alguns jornais noticiaram o próximo retorno do filho pródigo ao regaço da Igreja inglesa. No veemente protesto que publicou, Newman declarava entre outras coisas: "Nunca, absolutamente nunca, por um só momento, vacilou a minha confiança na Igreja católica desde que fui em seu grêmio recebido. Professo, e sempre professei que o Soberano Pontífice é centro da unidade e o Vigário de Cristo; sempre tive e tenho ainda desanuviada fé em todos os artigos do credo católico; satisfazem-me sobremodo seu culto, disciplina e doutrina; sinto ardente desejo, e espero contra toda esperança, que os muitos amigos queridos que deixei no protestantismo se tornem partícipes da minha felicidade... Professo, com assentimento absoluto, que o protestantismo é a mais triste das religiões possíveis; pensar num ofício do culto anglicano arrepia-me; pensar nos 39 artigos faz-me fremir de horror. Retorno à Igreja da Inglaterra? — Não! — Rompeu-se o laço e fomos libertados. Eu seria um rematado idiota — para usar um termo comedido — se, na minha velhice, abandonasse a terra onde corre leite e mel, para voltar à cidade da confusão, à casa do cativeiro." [47]

Equivocavam-se os protestantes. Newman não se desgostara do catolicismo; desgostara-se, sim, de alguns católicos influentes. E' bem diverso.

http://www.obrascatolicas.com

2. O Mistério da Cruz.

Não acreditamos dever aceder à sugestão que nos foi feita, de calar ou passar por alto essas tristes desavenças entre servidores da Religião, que talvez mal-edificariam pessoas pouco esclarecidas. Pensamos que, a estas, a leitura da vida de certos santos viria sem dúvida escandalizar ainda mais. Aliás, como poderíamos retratar uma alma cujo característico foi a fidelidade à Verdade, se encobríssemos os acontecimentos que a viriam marcar com indelével cunho? A verdade nua e crua é que os católicos ingleses, tendo em seu meio um luzeiro, empenharam-se por escondê-lo entre nuvens, com irreparável dano das almas e da mesma civilização cristã. Todavia, podemos e devemos não nos contentar com a simples averiguação do facto; podemos e devemos tentar entendê-lo; e então, se desvanece logo o escândalo e até mesmo o espanto. A mais óbvia explicação do desastroso dissídio é o facto de Newman haver sido um precursor; seus olhos aquilinos descobriam sintomas recônditos e consequências longínquas, que os contemporâneos menos bem aquinhoados não logravam alcançar. Tão pouco perspicazes nós mesmos, com que direito lhes lançaríamos pedras? Newman alentava-se, apelando para o futuro: "Aceito essa longa penitência de maledicência e impopularidade pesando sobre mim já lá vão 30 anos... como o preço a pagar pela vitória, ou pelo menos a dilatação desses princípios que me são tão caros; penso que, enquanto viver, continuarei a pagar, porque confio que logo após minha morte eles se propagarão" [48]; "com minhas ideias e esperanças, estive a lavrar um campo; embora elas tenham falhado, preparei todavia o terreno para receber a semente, as chuvas e a messe da graça divina; assim é que realizei algo até aqui, se bem não aquelas obras especiais que projectara." [49] Concluiu a lição inaugural da Universidade de Dublim com as belas palavras: "Basta a um só homem haver lançado uma só pedra de tão nobre e grandioso edifício; basta e é mais que bastante, ter conseguido encetar o que outros prosseguirão mais esperançosamente. Apenas Um dentre os filhos do homem levou a cabo uma obra perfeita, satisfez, esgotou a missão para a qual viera. Apenas Um disse ao exalar o último suspiro: "Consummatum est". Porém todos que se atiram ao dever com fé, esperança e amor, coração resoluto e vontade dedicada, conseguem, por fracos que sejam, cumprir o que, embora incompleto, é todavia imperecível. Ainda seus malogros transformam-se em sucessos, como outros tantos passos num percurso, outros tantos termos de uma longa série que, afinal, realizará as finalidades que se propõe. E hão de unir-se espiritualmente, em seu modesto lugar, àqueles heróis da Escritura e da história eclesiástica, Moisés, Elias e David, Basílio, Atanásio e Crisóstomo, Gregório sétimo, Tomás de Cantuária e outros muitos, que mais trabalharam quando justamente se acreditaram menos felizes, e morreram sem que lhes fosse permitido contemplar o fruto do seu labor." [50]

Mais cristã, logo mais profunda, a explicação que o próprio Newman esboçou na oração fúnebre de um seu caríssimo amigo, Hope-Scott: "Aqueles a quem Deus dedica amor fora do comum, Ele os vigia com zelo fora do comum, e, caso o mundo lhes sorria, tanto mais lhes manda cruzes e penitências. Não se contenta que pertençam a Ele por um título qualquer e, por Lhe serem tão caros e Lhe estarem tão perto, provê aflições, a fim de trazê-los mais perto ainda." [51] E' um eco da grande palavra de S. Teresa: "Mais adianto, mais percebo que Deus trata cruelmente os seus amigos." Não estranhemos, pois, que Newman haja comparado sua vida católica ao Purgatório, donde concluía: "É-me proveitoso ser atribulado; vivo num estado de tribulação crônica." [52] Entre as cruzes que o Senhor envia a seus amigos, a mais preciosa, reservada aos que lhe são mais caros, é a perseguição. A última das Bem-aventuranças (última não só porque Jesus a mencionou por último, senão porque sobre-está às outras), reza: "Bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem e vos perseguirem... alegrai-vos e exultai..." A perseguição não vem apenas pelos inimigos de

http://www.obrascatolicas.com

Cristo; permite Deus, às vezes, que os seus mais fiéis servidores se desentendam e se inflijam grandes padecimentos. E' como um jogo divino, no qual todos os parceiros ganham: o santo perseguidor, porque age não já por paixão, senão por ignorância invencível e zelo puríssimo pela divina glória; o santo perseguido, porque mais pungente é o sofrimento vindo das mãos dos próprios amigos de Deus; ganha enfim o Senhor, porque é infinitamente louvado por tanto e tão cego amor.

Newman, desvalido na Roma de Pio IX, procurava alento, apelando a S. Filipe Néri, a S. José Calasans, a S. Paulo da Cruz, a S. Afonso de Ligório, que haviam conhecido deslustres semelhantes.[63] E poderia haver encontrado outro exemplo na sua mesma Inglaterra: S. Guilherme, Arcebispo de York, que S. Bernardo, enganado por falsos testemunhos, perseguiu sem trégua, até obter do Papa Eugênio III que o santo antístite fosse deposto de sua Sé como indigno. Entretanto S. Bernardo foi um dos varões que mais iluminaram e edificaram a Santa Igreja...

No século anterior, outro Doutor, S. Pedro Damião, havia perseguido S. João Gualberto como favorável à simonia; veementemente exortava o Papa a esmagar o daninho gafanhoto que devorava a messe de Cristo; por felicidade, retumbante milagre veio salvar o pobre "gafanhoto"... Mais perto de nós, S. Afonso de Ligório, iludido pelas artimanhas de uma intrigante, castigou com extremo rigor um súbdito seu: S. Geraldo Majella. O próprio S. Afonso, no fim da vida, foi denunciado a Roma por delito de regalismo; instruída a questão, foi condenado; pediu revisão do processo, obteve-a, porém a Congregação cardinalícia confirmou a sentença, a qual Pio VI tornou irrevogável. Assim o santo ancião viu-se não só privado do cargo de Superior geral, como até expulso da Congregação por ele mesmo fundada. Não houve entretanto injustiça ou imprudência do Papa e de seus conselheiros: as aparências depunham esmagadoramente contra a vítima, assim o confessara o próprio Afonso.

Ensinam os mestres da vida espiritual que permite Deus esses trágicos enganos, essas derelicções supremas, a fim de que os santos mais se assemelhem a seu Filho desamparado sobre a Cruz. Se a finalidade da vida da graça é tornar o cristão um outro Cristo, e Cristo é antes de tudo O Crucificado, mais alto o grau de graça a que está predestinada a alma, maior será sua conformidade a Cristo na Cruz. Identificado a Ele, o santo coopera mais estreitamente na redenção das almas, "completa em sua carne o que falta à Paixão de Cristo pelo seu corpo que é a Igreja."

Aqueles que fundam obras de grande alcance sobrenatural, como são as Ordens religiosas, devem comumente merecer pelos seus sofrimentos as graças que através dos tempos serão espargidas sobre seus filhos espirituais. Newman, sem dúvida, não foi fundador de uma Ordem nova, todavia introduziu na Inglaterra a Congregação do Oratório e sobretudo encabeçou o grande movimento de retorno dos anglicanos à Madre Igreja. No ostracismo, na inutilidade, impetrava graças de luz e força para seus irmãos errantes, como outrora o santo Pe. Domingos Barberi na aparente inércia cooperava misticamente à conversão do próprio Newman. Ambos triunfaram na derrota, irmanados na mesma Cruz. Para o católico esclarecido, o ápice da vida de Newman não é, pois, o cardinalato, senão os longos anos em que galgou o Calvário, entre a maledicência, a incompreensão, o desfavor dos seus. Irreductível oposição separa o ideal naturalístico do "sucesso", da "eficiência", e a mística cristã da "morte na Cruz".

Podemos nós, os católicos de hoje, colher desses acontecimentos preciosas lições. Com efeito, houvessem sido ouvidas as vozes de Newman e de Manning, aquele quando pregava seu ideal de cultura, este, suas concepções sociais, bem outra seria a posição do catolicismo no mundo contemporâneo. Parco consolo nos traz o saber que, mais tarde, esses mesmos ideais se propagaram ao ponto de serem correntios. Sem dúvida; mas já se processara

http://www.obrascatolicas.com

então a dupla apostasia, dos intelectuais e dos obreiros. Hoje, defronta-nos o labor insano de recuperar o terreno perdido. Oxalá, os católicos hodiernos, meditando sobre o trágico malogro de Newman, aprendessem a não mais viver suspirando pela Idade patrística, ou a Idade Média, ou a Contra-reforma; antes — sem renegar o passado — vivessem no seu próprio tempo a fim de conquistá-lo para Cristo, pois já fomos nímias vezes os que chegam tarde demais...

CAPÍTULO VI.

O Fulgor da Púrpura.

1. Apologia pro vita sua.

Em 1863, Charles Kingsley, pastor protestante e romancista popularíssimo, acoimava pùblicamente o clero católico, e notadamente Newman, de inverídico. Países há, em que a mentira é considerada pecadilho de somenos importância. Na Inglaterra — mormente na Inglaterra vitoriana — alcunhar alguém de mentiroso era injúria grave; injúria gravíssima para Newman, paladino da Verdade. Protestou com vigor; trocou-se correspondência agridoce; por fim Kingsley estampou violento panfleto no qual debuxava um Newman entre canalha e imbecil e apodava os sacerdotes de escravos a serviço de odiosa tirania. Persuadido de que Kingsley expressava às claras os preconceitos acariciados, no íntimo, por quase todos os ingleses, Newman decide reagir, defender a própria causa junto aos seus compatriotas, apelar para o sentimento do "fair play", reabilitar-se enfim perante a opinião pública e, pelo mesmo facto, obrigá-la a encarar com objectiva serenidade a Igreja católica e seus ministros. Com óptima estratégia resolve, a fim de atingir maior público, dar a lume a "Apologia pro vita sua" em partes semanais: os que hesitariam, quiçá, a empreender a leitura de alentado volume, cobrariam ânimo diante de pequenos folhetos. Os dois primeiros são sátiras brilhantíssimas em que rebate os doestos de Kingsley. O director do "Spectator", R. H. Hutton, um dos críticos literários mais ouvidos então, sentenciava: "Newman, que não só é um dos maiores escritores ingleses, senão o sumo mestre, talvez, na língua inglesa, da ironia delicada e requintada,

http://www.obrascatolicas.com

mostrou-se ainda em plena posse daqueles dotes que contribuíram para sua maravilhosa maestria no manejar dessa arma perigosa e subtil." Um controversista protestante, Meyrick, interpelava o autor da "Apologia": "A Inglaterra inteira esteve a rir convosco, e os que vos conheceram outrora, rejubilam-se ao vê-lo qual leão, saltar fora da toca, os músculos rijos como sempre, e sorriram-se ao contemplar-vos carregando os restos mortais de Mr. Charles Kingsley (presa não desprezível), batendo os flancos com a cauda e rosnando, ao retirar-vos ao vosso covil." [1]

Destroçado o adversário e interessado o leitor, Newman no terceiro folheto, muda de tom, abandona toda controvérsia e descreve, com inimitável candura e emoção recatada, o lento evolver de sua vida religiosa, desde os anos da meninice. E assim prosseguiu por oito semanas consecutivas. Foram as mais trágicas de sua vida. Sabia que jogava, e para sempre, com a sua reputação; era a última oportunidade que se lhe concedia de advogar a própria causa, e o júri era-lhe extremamente hostil; também o esforço para evocar acontecimentos tão longínquos, a dor de reviver tantas perplexidades e sofrimentos; se ao inglês é inato o pudor na expressão dos pensamentos mais recônditos, Newman era inglês entre os ingleses; custava-lhe sobremodo pôr a alma a nu, diante do público; enfim, a sua mesma paixão pela verdade voltava-se contra ele: receoso de não traduzir com bastante exacção os seus pensamentos passados, recomeçava vezes sem conta os mesmos parágrafos — e o tempo urgia. "Nunca passei por período igual, confiava. Em Oxford, escrevi em duas ocasiões um folheto numa só noite, outro num só dia, mas agora fui obrigado a escrever e a corrigir provas simultâneamente e compus um volume de 562 páginas duma só feita, porém com tanto sofrimento, lágrimas tão abundantes e trabalho tão contínuo (por vezes 16 horas e uma vez 22 horas a fio), que é prodigiosa e tremenda maravilha o haver chegado a cabo sem me arruinar." [2] E' impossível

resumir a "Apologia pro vita sua". A seca enumeração dos factos (aliás já conhecidos nossos) que balizaram a subida dessa alma até à Luz, não poderia dar uma ideia, por longínqua fosse ela, da empolgante narrativa, da segurança de análise, da transparência — fruto de arte suma — da sinceridade que desarma o adversário; da subtileza que traduz os mais fugidios matizes do pensamento, do pudor com que recalca toda expansão, insinuando apenas as íntimas agonias.

O acolhimento dispensado à "Apologia" foi triunfal. A crítica colocou-a ao lado das confissões de S. Agostinho. E não só os letrados aplaudiram; o movimento de Oxford marcara demasiado profundamente a alma inglesa, e o talento do autor era grande demais para que a obra não conquistasse o público em geral. Falou-se de novo em Newman nos clubes, nos salões e até nos ônibos. Ele não apelara em vão ao senso de justiça de seus compatriotas: reconheceu-o a Inglaterra como um grande filho seu, que jamais olvidaria. Causa espanto, comentava um crítico protestante, A. C. Fairnbairn, que um homem consiga determinar ele mesmo o juízo de seus contemporâneos sobre a sua própria vida e faça aceitar por um público hostil a interpretação que ele mesmo dá da sua conducta; e a "Saturday Review" rematava: "Newman escreve como é e como sempre será: um homem que, pelo pensar, o sentir, a educação, é inglês até à medula dos ossos." [3] Pena inglesa não poderia traçar maior encômio. Doravante, estava claro aos olhos britânicos que podia um protestante tornar-se católico, embora não fosse canalha ou imbecil... No mundo anglicano Newman desde então só encontrou deferência e afecto quase unânimes. Um após outro, os amigos de outrora novamente se acercaram, os outros ouviram-no sempre com respeito e simpatia. Muito fundo lhe penetraram no coração as homenagens que lhe vieram, anos após, do tão querido Oxford. No final da "Apologia" escrevera: "Na manhã do dia 23 (de Fevereiro de 1846) deixei o Observatório. Desde então nunca mais

http://www.obrascatolicas.com

revi Oxford, a não ser as suas torres, como se avistam do comboio." [4] Só mesmo um inglês, habituado a refrear as expansões, ao "never show your feelings", poderia adivinhar o que essas linhas banalíssimas encobriam de saudades. Oxford entendeu o discreto apelo. Pela primeira vez em sua história, Trinity College elegeu um "fellow" honorário, e a escolha recaiu sobre John Henry Newman. Regressou a Oxford, após 32 anos de ausência; foi recebido com solenidade e carinho; reviu com alegria e tristeza lugares e pessoas tão estremecidos: os Colégios, Pusey, Mr. Short (então com 89 anos de idade), o "tutor" que guiara os primeiros passos do tímido adolescente e lhe adivinhara o gênio a desabrochar... [5]

Dos católicos também recebeu gratas manifestações de admiração e simpatia (nada atrai amigos como o sucesso); entretanto deveria verificar em breve que os extremistas não haviam desarmado.

Preocupava-o sempre o problema da educação universitária. A Obra que não lograra levar a cabo na Irlanda, não lhe seria possível realizar sob outra forma, em Oxford? Fundador dum ginásio, podia testemunhar as perplexidades dos pais, quanto ao futuro dos filhos; terminados os preparatórios, muitos havia que desejavam matricular-se nas Universidades. Erguendo-se a um ponto de vista geral, percebia que jamais os católicos influiriam sobre o pensamento, a vida pública do país, enquanto fossem privados de educação superior. Oxford e Cambridge, cujos estatutos outrora excluíam estudantes católicos, lhes haviam afinal aberto as portas em 1854. Não haveria, pois, que aproveitar da ocasião? De outro lado, não era negar o protestantismo arraigado das duas Universidades: provara-o a oposição ao "tractarianismo" em 1845, como o provava o racionalismo em que se tinham abismado depois de 1845. Em verdade era de temer o contágio da heresia, o influxo deletério do meio sobre rapazes isolados e desamparados. Compreende-se que o episcopado inglês haja desaconselhado, em 1864, o ingresso de católicos nas Universidades; sem embargo, várias famílias não levavam em conta as advertências dos Bispos. Que fazer? A solução proposta por Newman é bem característica de seu espírito perfeitamente equilibrado. Rejeitava tanto o negativismo dos Bispos como a falta de princípios de certos pais. O ideal parecia-lhe a fundação de uma Universidade católica, mas, se não fora possível na Irlanda, ainda menos o seria na Grã-Bretanha. (De facto, uma tentativa de Manning, em 1874, resultou no mais estrepitoso e ridículo fracasso.) [6] Nestas condições, que resolver? Capitular, expondo os rapazes a perder a fé? Proibir, condenando-os ao obscurantismo? — Nem um nem outro. Encaminhar os jovens católicos à universidade, porém ampará-los de modo a poderem resistir aos influxos deletérios.

Perigos existem em toda parte. Nas escolas militares, no comércio, como nas universidades, maiores ainda na vadiação à qual achavam-se levados, pelas mesmas circunstâncias, muitos jovens católicos abastados. Ser caçador de faisões não é profissão digna dum homem, ainda menos dum cristão. Partindo do princípio de que "é impossível guardar rapazes debaixo de redomas" [7], Newman propunha que se deixasse aos pais liberdade de matricular os filhos em Oxford e ao mesmo tempo oferecia-se como capelão e mentor dos estudantes católicos, na Universidade.

Para perceber concretamente a situação angustiosa em que se encontravam os jovens católicos da nobreza ou burguesia, nada supre a leitura das Reminiscências de Wilfrid Ward, o biógrafo de Newman. Filho do temível W. G. Ward, educado na persuasão de que devia ser padre, entrou no seminário onde, por três anos, elanguesceu até que, a conselho de Ullathorne, retornasse ao século. Inteligentíssimo e amante das letras, desejava ardentemente estudar em Oxford; entretanto, nem mesmo ousou pedi-lo ao pai, de tal modo o sabia oposto ao alvitre; então, sem qualquer perspectiva para o futuro que o alentasse a trabalhar, quedou-se em Londres, enviscado na ociosidade frívola. E jamais perdoaria ao pai

http://www.obrascatolicas.com

o malbarato de sua juventude. [8] Que um sonhador fanático como W. G. Ward se haja aferrado a uma espécie de niilismo prático, fàcilmente entendemos; estarrece-nos, ao contrário, que um grande homem de acção como Manning se tenha deixado enredar pelos sofismas de Ward.

Newman concebia sua missão em Oxford, como de preservação dos estudantes católicos e de contacto com o pensamento dominante, para combater o racionalismo irreligioso. [9] Apoiado sobre o mandato oficial de Ullathorne, o seu Bispo, adquiriu, em 1864, um grande terreno por 8.600 esterlinas e lançou uma subscrição para elevar grandioso templo em memória das conversões de 1845. Por dois meses deixou-se embalar pelas mais róseas esperanças, até que viesse a feri-lo como um raio a notícia de que Ward e Manning empenhavam a máxima diligência para embargar-lhe os passos. Herbert Vaughan, o futuro sucessor de Manning na sé de Westminster, foi enviado a Roma como porta-voz dos extremistas; o resultado não se fez esperar: já no mês de Dezembro, o episcopado inglês proibia aos católicos a frequência das Universidades. Newman comentava: "Quanto ao projecto de Oxford é ainda Vontade bendita de Deus enviar-me malogros. Imagino, a considerar minha vida em conjunto, que Ele se serve de mim; mas, na verdade, considerando-a parceladamente, é uma vida tecida de insucessos." [10]

Todavia, mero negativismo não resolvia o problema do ensino superior; diversas famílias continuavam a mandar seus filhos a Oxford, a despeito das proibições episcopais; a sabedoria inglesa inclinava-se para o caminho das indispensáveis concessões; seriam compensados pela presença, na Universidade, de uma personalidade do valor de Newman. Assim pensou Ullathorne que, em 1865, ofereceu novamente aos Oratorianos a missão de Oxford. A Pusey escrevia Newman: "Pessoalmente, não poderia eu dar um passo mais penoso. Oxford jamais logrará ser para mim o que foi. Estamos cortados um do outro;

seríamos como mortos visitando outros mortos; sentir-me-ia estranho, no mais estremecido dos lares. Encaro a perspectiva com grande mágoa e de certo nada intentaria não fosse o imperativo chamamento do dever." [11] Esse chamado vinha-lhe pela voz de seu prelado. Adquiriu novo terreno; começou a negociar em Roma a fundação em Oxford de uma casa de Oratorianos; chegada a autorização, lançou em 1867 novo apelo para obter fundos; vieram numerosas as subscrições. A 6 de Abril de 1867, véspera da dominga da Paixão, Newman saiu a passeio com um de seus padres; radioso, comentava a próxima ida a Oxford: "Pouco importam os insucessos passados; vejo que Deus me reservou para isto; há sinais de uma reacção religiosa em Oxford contra o liberalismo e o indiferentismo de dez anos atrás. E' decerto o momento em que forte e persuasiva afirmação dos princípios cristãos e católicos será inestimável... Embora não seja moço, sinto-me mais cheio de vida e de pensamento do que nunca. Talvez seja o raiar de um segundo Movimento de Oxford." Ao regressar do passeio, foi-lhe entregue, da parte de Ullathorne, um grande envelope azul. Abriu a carta, leu-a e disse ao companheiro: "Acabou-se; não me permitem mais ir." Sem acrescentar palavra, cobriu a face com a mão. [12] Mais uma vez, vencera Manning.

A proibição romana era lógica: decididas a vedar aos católicos a ida a Oxford, não podiam as autoridades consentir em que lá residisse uma celebridade que serviria de chamariz. Infelizmente, um periódico estampou uma correspondência de Roma em que dava à proibição o sentido mais ultrajante para Newman; afirmava-se como fora de dúvida, que o motivo secreto do veto romano, era a falta de confiança na ortodoxia do oratoriano. [13] Indignados, os maiores nomes do laicato publicaram uma carta de desagravo a Newman; o que sobremodo agastou Manning e Talbot. Não tiveram descanso enquanto não obtiveram de Roma medidas ainda mais severas contra a matrícula de católicos em Oxford. [14]

http://www.obrascatolicas.com

Newman, já adiantado em anos, sentiu que lhe escapara a derradeira oportunidade de se dedicar à obra de alta cultura religiosa que fora o ideal de sua vida. Estava condenado para sempre à inacção. Por mais que lhe doesse, por mais que discordasse das directivas superiores, rendeu-se sem hesitar, guiado pelo seu profundo espírito de fé: "O Papa deve ser obedecido de toda máneira; bem algum pode provir da desobediência. E' possível que o Santo Padre se funde sobre factos errôneos; erradas podem ser as suas advertências, as suas deliberações podem haver sido influenciadas; podem até tê-lo enganado; a conducta de seus conselheiros e mandatários pode patentear arrogância e ardil, tirania e crueldade; mas, quando o Papa fala, formal e autoritativamente, elè fala como Nosso Senhor quer que fale; todas as imperfeições e pecados individuais são superados em vista do fim que Nosso Senhor persegue (como é superada a obra dos maus e dos inimigos da Igreja); portanto a palavra do Papa está de pé e a obediência a ela será abençoada; bênção alguma acompanha a desobediência." [15]

Tão grande lealdade seria recompensada sem tardança. Como as alegações de heterodoxia avultassem, Pio IX consultou o Arcebispo de Dublim, o Cardeal Cullen. Tão favorável foi a resposta, que o Papa convidou Newman para colaborar nos trabalhos preparatórios do Concílio do Vaticano e a assistir a ele, como consultor teológico. [16]

2. A Justificação da Fé.

A hostilidade dos ultra-conservadores não só paralisou a actividade exterior de Newman como lhe dificultou a produção literária. Não favorece a inspiração, escrever sabendo que cada linha será esquadrinhada por olhos de lince à cata de uma expressão menos feliz ou dum termo menos claro que possam ser arguidos de heterodoxia. Lamentamos tanto mais a relativa inoperosidade de Newman, quanto sabemos que a velhice não lhe quebrantara o talento. Pouco após à "Apologia", produzia "The Dream of Gerontius", obra-prima poética, em que sondava com olhos de vidente os mistérios do além-túmulo. No fim do mesmo ano publicava, respondendo aos ataques de Pusey contra o culto católico à Virgem Maria, pequeno e admirável livro que aliás lhe valeu novas censuras de Talbot e consócios. [17] Por mais que tão implacável hostilidade o levasse a coibir toda manifestação pública de seu modo de pensar, sentia, entretanto, que um assunto havia sobre o qual imperioso dever lhe incumbia de quebrar o silêncio: as relações entre a razão e a fé. Já nos "Oxford University Sermons" pregados entre 1826 e 1843, tocara na magna questão; ao depois, consagrara-lhe diuturnas reflexões: lera, discutira, carteara-se com amigos perplexos e duvidosos da fé, ilaqueados pelo cientificismo. Entre estes sobressaia William Froude. Irmão menor de Hurrell Froude, seu colega e grande amigo de Oriel College, William graduara-se no mesmo colégio, sob a direcção de Newman; mais tarde tornara-se um dos primeiros engenheiros navais de seu tempo; embora céptico arraigado, conservava fiel amizade ao antigo mestre, cujo carácter e talento admirava; com ele frequentemente correspondia, propondo-lhe as objecções cientificistas. [18] Estimulado pela gravidade e premência do problema, Newman, após várias tentativas infrutíferas, compôs entre 1866 e 1870 *"An Essay in aid of a Grammar of Assent"*. Terminada a obra, confiava ao poeta Aubrey de Vere: "Meu Ensaio versa um assunto que me vem atormentando há vinte ou trinta anos. Sentia que tinha algo a dizer; entretanto, todas as vezes que tentava dizê-lo, a visão se esvaecia, embrenhava-se em espesso matagal ou embolava-se qual ouriço, ou mudava de cor qual camaleão. Guardo uma série de inícios, uma dúzia talvez, todos diferentes e de anos diversos, que deram em nada. Por fim, estando em Glion, acima do lago de Genebra, sobreveio-me um pensamento que era o fio, o "Sésamo, abre-te" de todo o as-

http://www.obrascatolicas.com

sunto; logo o anotei e o persegui pelo Lago de Lucerna. De regresso a casa, meti mãos à obra e levei-a lentamente a cabo." [19] Poucos livros foram tão mal interpretados quanto a "Grammar". Não por ser obscura, mas por isso que muitos intérpretes não levaram em mente o objectivo perseguido pelo Autor. Assim, foi dito que rejeitava a Apologética tradicional, que enclausurava o homem no radical imanentismo; até mesmo o eminente teólogo A. Gardeil farejava laivos de subjectivismo Kantiano e o não menos eminente L. de Grandmaison censurava, qual enorme defeito, a omissão das provas clássicas da existência de Deus. De outro lado, os heresiarcas modernistas, Loisy, Tyrell e outros, apegavam-se a Newman como ao patrono máximo. Tal a confusão, que Pio X julgou oportuno intervir; nas Letras apostólicas "Tuum illud opusculum", de 10 de Março de 1908, o Pontífice vindicava a perfeita ortodoxia do grande Oratoriano. [20] De facto, sabemos já que, longe de desprezar a apologética, Newman por várias vezes a ela contribuiu; longe de ser imanentista, insistiu sempre sobre a realidade da Revelação externa; tampouco era subjectivista, apenas, um ensaio de psicologia como é a "Grammar" está obrigado a coarctar-se ao lado subjectivo da religião; ainda por ser psicólogo, não insiste sobre o papel da graça divina no acto da fé, embora o assinale expressamente. [21] Limitar o campo da pesquisa não equivale a negar os aspectos omitidos; por não haver elaborado uma obra de apologética ou um tratado teológico "de Fide", Newman jamais cogitou em condenar um e outro. Tentemos, pois, descobrir a meta almejada pelo Autor.

Uma derradeira vez, enfrentava o adversário perene: o racionalismo. Firmado no princípio de Locke, segundo o qual só é lícito admitir uma verdade, quando demonstrada com raciocínio apodíctico, concluía o racionalismo que poderia ser aceita a revelação religiosa tão-sòmente se fosse esculpida no próprio sol [22]; constituiria falta de honestidade intelectual assentir numa fé, cuja prova rigorosa o crente não houvesse *pessoalmente* feito. [23] Re-

bate a apologética cristã, que os mistérios da fé não contrariam a razão; posto que não susceptíveis de demonstração, apresentam-se a nosso assentimento, apoiados sobre motivos irrefragáveis de credibilidade. Por outras palavras, demonstra-se ser sumamente razoável o acto de fé na Revelação cristã. Newman, repetimos, admitia sem rebuços, a validez da resposta; todavia ela não ocorria à dificuldade concreta que o preocupava. Valia, sim, para o teólogo conhecedor das razões invictas de crer; porém o grosso dos fiéis e a totalidade das crianças, são pessoalmente incapazes de manejar os imponentes petrechos armazenados no Arsenal da Apologética. Seguir-se-ia que a fé desses milhões fosse irracional, desonesta? Imersos na caligem da fé, deveriam eles ser trazidos ao sol da Razão? E' esse o velho ideal da "Aufklärung" alemã, do "livre-pensamento" latino, do "liberalismo" britânico: o raiar do Saber racional espanca a trevosa superstição cristã, trazendo duma feita, ao gênero humano, Virtude e Felicidade. O "Essay in aid of a Grammar of Assent", colima justificar a legitimidade da fé comum dos fiéis. Embora de feição sistemática, este ensaio — como aliás o "Essay on the development of christian doctrine" — é um capítulo de autobiografia; no primeiro Essay, narra seus motivos *pessoais* de passar do anglo-catolicismo ao catolicismo romano, tentando arrastar consigo os anglicanos da alta Igreja; no segundo, desce mais fundo no próprio coração, em busca dos motivos *pessoais* que o fazem aceitar a mesma Revelação cristã, a fim de propô-los aos incréus e confirmar os duvidosos. [24] Sem, portanto, negar ou desprezar as provas impessoais, preocupa-se com o aspecto *pessoal* no acto de fé. Newman empenha-se, antes de tudo, em mostrar a impossibilidade de racionalizar completamente os nossos actos concretos. Quando me sento à mesa, não tenho certeza *científica* alguma de que os alimentos sejam sãos e nutritivos, que um louco qualquer não lhes deitou veneno, que a água que vou beber não esteja contaminada, etc. Não só não tenho, como não posso ter. Recorrer a um laboratório?

http://www.obrascatolicas.com

Mas que certeza científica tenho eu da exactidão das análises? O próprio químico, se, antes de ingerir qualquer alimento, quisesse repetir suas complicadas provas, sucumbiria em breve à fome. O lema racionalista: só aceitar legìtimamente o que é fruto de demonstração rigorosa, não só paralisaria qualquer actividade como nos condenaria à morte. "A vida é para a acção. Se insistimos em tudo provar, nunca chegaremos à acção; para agir, somos obrigados a presumir muita coisa, isto é, a ter fé." [25] Assim é que em toda nossa vida concreta, agimos sem poder apresentar demonstração científica qualquer da validez de nossas convicções, nem sentimos a mínima necessidade de o fazer. Estou convencido que hei de morrer, que a natureza age uniformemente, que a Inglaterra é uma ilha, que Alberto e Afonso são irmãos, etc.; entretanto, é-me impossível demonstrar apodìcticamente qualquer dessas verdades. Logo, vistas sob o prisma racionalista, tais verdades serão sòmente "prováveis", embora concretamente ninguém vacile em qualificá-las de "certas" "Não tenho demonstração absoluta de que meu Pai não era assassino, ou meu íntimo amigo, velhaco; todavia não seria apenas falta de coração, seria também irracional não duvidar absolutamente de tais hipóteses ou possibilidades." [26]

Ao indagar como chegámos a essas certezas concretas, verificamos que resultam de uma série de presunções, cada qual insuficiente por si, porém de cuja dependência mútua e harmoniosa convergência brota a convicção. Desta sorte, o médico amiúde estabelece seu diagnóstico; o magistrado por um conjunto de "indícios circunstanciais" convence-se da culpabilidade do réu. Que resta ao racionalista senão "aceitar as coisas e resignar-se ao que encontra? Em vez de imaginar o impossível — uma ciência capaz de forçar a certeza em matéria concreta — confessar que não há critério autêntico da verdade a não ser o testemunho que a própria mente dá à verdade e que esse facto, por mais que intrigue, é característica normal e inevitável da condição humana sobre a

terra." [27] Donde a sentença de Butler, que Newman fazia sua: "a probabilidade é o guia da vida." [28] Não a probabilidade isolada e débil que, por ser mera opinião, deixa lugar à dúvida, mas as sólidas probabilidades de cuja concorrência jorra a verdade absoluta, embora não susceptível de demonstração "científica". [29] Apoiados sobre tais probabilidades na vida real, podemos agir e de facto agimos, sem o mínimo temor de errar. Em todos esses casos, temos a mesma falta de demonstração científica, os mesmos indícios acumulados e convergentes, a mesma prova indirecta ou "per impossibile", e um resultado que é não apenas provável senão certo. [30] Se, pois, cada fiel não logra administrar a prova rigorosa de suas razões de crer, não incorre em desonestidade intelectual: prescinde tão bem de argumentações científicas para sua vida religiosa como para a profana. [31]

Aprofundando essas considerações, Newman é levado a distinguir duas espécies de conhecimento, o "nocional" ou absoluto e o "real" ou concreto individual. Antecipa, assim, as teses mestras de Bergson sobre a oposição entre análise racional e intuição do individual; antecipa outrossim o contraste afirmado por Blondel entre o "noético" e o "pneumático". O conhecimento nocional, de forma lógico-matemática, ministra certezas válidas para todos os casos, lugares e tempos; mas, como procede por abstracção e generalização, quanto mais exacto é, mais se elonga do actual, do existencial. Construa-se a ponte ou não, permanecem inalterados os cálculos do engenheiro; grande é a diferença, entretanto, para quem deseje atravessar o rio. Na célebre comparação bergsoniana, se todos os movimentos do universo simultâneamente se processassem com rapidez duas vezes maior, nada haveria que modificar nas fórmulas matemáticas que os exprimem; apenas nossa consciência se aperceberia da mudança. Entre o "nocional" e o "real", abre-se sempre intransponível hiato. "As palavras que designam coisas reais encerram inúmeras riquezas implícitas; ao contrário, nos processos deductivos, o triunfo da clareza

http://www.obrascatolicas.com

e rigor de espírito... consiste em despi-la de todas essas acepções naturais, em exauri-las dessas associações profundas e vastas que lhes conferem poesia, retórica, história; em extenuar cada termo até que se torne fantasma, uno e o mesmo em todos os lugares, "omnibus umbra locis" de maneira a poder apresentar apenas um aspecto irreal da coisa concreta à qual pertence, seja este relação ou generalização ou qualquer outra abstracção, enfim, uma noção hàbilmente fabricada no laboratório mental, mansa e submissa a contento, por existir tão-só como abstracção." [32]

Conhecimento rigoroso que satisfaz plenamente a razão, a ciência abstracta, por mais multiplique as malhas da rede em que tenta aprisionar o real, deixa sempre escapar a individualidade concreta, o existencial. Ainda mais lhe escapará a Pessoa, por se encontrar no ápice da individualidade. Por isso mesmo, o racionalismo mais coerente é o soviético que dilui a personalidade na massa anônima. — Inversamente, e pelo mesmo motivo, Newman sempre preferiu o Pessoal ao Abstracto. [33]

O assenso "nocional" é, ou pode ser, comum a todos os homens; por mais divirjam a índole, carácter, gostos, sempre a geometria de Pedro será a geometria de Paulo. O assenso "real" envolve, ao contrário, um coeficiente pessoal; depende da observação, experiência, faro, de cada qual; são esses assensos que constituem as convicções, plasmam o carácter. Ainda quando partilhados por vários indivíduos, não perdem por isso o cunho pessoal. "Em nossos dias, a crença de tantos milhares de homens na divindade de Jesus Cristo não se torna "nocional" pelo facto de ser comum; pode permanecer real e pessoal porquanto originada nas diversas mentes por experiências e disposições variadas, diferentemente combinadas; por exemplo: imaginação ardente ou forte, grande sensibilidade, compunção e horror ao pecado, frequência da Missa e outros ritos da Igreja, meditação dos Evangelhos, familiaridade com hinos e poesias religiosos, consideração dos motivos de credibilidade, exemplo e ensinamento dos

pais, amigos devotos, ocorrências providenciais, pregação eficaz. Em cada caso, a imagem mental e as experiências de que surge, seriam um resultado pessoal e, posto que idêntica em todos os homens, permaneceria em cada caso particular tão idiossincrática em suas circunstâncias que subsistiria por si, qual produto peculiar, não ligado a uma lei. Não obsta que, ao mesmo tempo, esta imagem constituísse fonte de simpatia e laço de convivência entre aqueles cujas mentes foram assim levadas, diversamente, ao mesmo assentimento; laço, aliás, muito mais forte do que qualquer outro resultante de uma multidão de "noções" unânimemente admitidas. Ainda que tal assentimento "real" não surgisse, se possível fosse, da concorrência de causas diversas, mas tivesse sempre a mesma origem — como o estudo da Escritura, a intuição ou o temperamento religioso — em todo caso sua mera presença testemunharia a existência de uma história particular, de uma formação pessoal, o que se não verifica da mera noção abstracta. Esta pode ser formada à vontade, num átimo, enquanto as experiências morais, qué se perpetuam nesses assensos reais, devem ser procuradas para serem encontradas, e fomentadas, cultivadas, para se tornarem bem próprio." [34] Os gestos de um autômato podem ser calculados rigorosamente, não já a actividade de uma Pessoa que age como Pessoa e não como autômato. Exigir, pois, que a religião pessoal se reduza — ou pelo menos sempre se alicerce — sobre uma série de proposições demonstradas com a máxima exacção dialética, é esquecer que a vida religiosa sincera e profunda abrange nossa personalidade inteira, penetrando-lhe os mais arcanos recessos. Podemos, devemos até submeter a religião à análise científica, porém não teremos então religião concreta e pessoal, assentimento real e verdades vivas, teremos ciência ou filosofia de religião, ou ainda, na melhor das hipóteses, teologia; em todos os casos, uma série de teses gerais e abstractas, amparadas por um exército de argumentos dispostos em ordem de batalha. Para nós, fiéis, muito ao contrário, o cristianismo, embora fundado sobre

http://www.obrascatolicas.com

acontecimentos passados, "não é enfadonha questão de arqueologia; não o contemplamos dentro de conclusões deduzidas de documentos mudos e de acontecimentos mortos; mas atingimo-lo pela fé que abraça realidades vivas, pela apropriação e uso de seus dons sempre renovados." [35]

Pelo mesmo motivo Newman negava aos protestantes verdadeira fé. Não só por admitirem doutrinas errôneas, como ainda por se deterem no puro assenso "nocional". Eles pegam das Escrituras e começam a interpretar, a deduzir conclusões; não atingem a mensagem apostólica em sua concretização, tal qual vive no ensinamento da Igreja, mas apenas conceitos abstractos de coisas sagradas; reduzem o Cristianismo a uma série de teses, nimbadas de sentimentalismo: "não é uma religião de pessoas e coisas, de actos de fé de devoção intuitiva, mas de cenas sagradas do passado e de sentimentos piedosos." [36]

De outro lado, a Apologética apresenta-nos razões de crer válidas, irrefragáveis até, mas que — pela índole mesmo da ciência — deixam de lado os motivos mais íntimos, mais pessoais, mais persuasivos. [37] A corrente de fé vai de pessoa a pessoa e não de uma faculdade raciocinante a outra. "Não aprouve a Deus de salvar seu povo pela dialéctica", essa sentença de Santo Ambrósio, escolheu-a Newman como epígrafe da "Grammar of Assent". De facto, não é, de ordinário, a argumentação teológica que converte o incréu ou desperta o tíbio, antes, é a religião vivida, actuosa, a irradiar de uma pessoa possuída de Cristo. "Com pouca dificuldade os homens persuadem-se de escarnecer princípios, ridicularizar livros, galhofar dos homens virtuosos — mas não lhes suportam a presença: não podem enfrentar e abater a santidade encarnada numa pessoa. Assim é que a conduta silenciosa de um homem de carácter desperta nos espectadores sentimentos em seu favor, bem diversos dos que são originados pela Razão, versátil e gárrula." [38] Contemporâneo de Newman, o cura quase iletrado do vilarejo de Ars,

Jean Marie Vianney, via acorrer a seu encontro boa centena de mil peregrinos por ano. Superstição, fanatismo, obscurantismo? Pelo contrário: bom senso que adapta os meios ao fim. Desejosos de recobrar ou fortalecer sua vida religiosa, acorriam os romeiros àquele cujas atitudes ou palavras privilegiadas penetravam até ao âmago da personalidade.

Embora distinguisse os dois tipos de conhecimento, o "nocional" e o "real", Newman não procurou desirmaná-los, ainda menos declará-los irreconciliáveis, à guisa de Kierkegaard e da longa coorte dos irracionalistas germânicos. O comedimento inglês fê-lo perceber que, longe de se excluir, "nocional" e "real" completam-se. Por exemplo, se verdade é que, todos os recursos da ciência pedagógica não suprem aquela arte de plasmar os caracteres, aquele dom de educador nato, que atinge as recônditas regiões onde se processa o misterioso encontro de pessoa a pessoa — todavia, esse inegável facto não significa que possamos prescindir dos adminículos da pedagogia, muito ao contrário. Assim o "tino" médico não dispensa a ciência médica, nem esta substitui aquele; assim teologia e religião concreta não se hostilizam, antes uma reclama e até exige a outra.

Ademais, a religião de que trata Newman não é um mito que o psiquismo projecta das latébras do inconsciente na consciência viva: é a religião cristã, revelação objectiva contida nos Livros sacros e na Tradição, proposta à nossa crença pela Igreja católica. Como, pois, discernir *concretamente* a credibilidade dessa religião, de que recurso se valerá o ignorante de teologia? — Dispõe ele de uma faculdade que lhe permite julgar objectiva e quase infalivelmente: e é o *illative sense*. Nada apresenta de misterioso tal faculdade; tampouco é um expediente excogitado para resolver embaraçosa pergunta; muitos a denominam intuição, instinto espiritual, experiência, sabedoria, simpatia divinatória, faro, gosto, etc. Variam as denominações, designam, porém, idêntico e indiscutível facto. Newman refere-se explicitamente àquele bem conhecido

http://www.obrascatolicas.com

passo da Ética a Nicômaco, onde Aristóteles ensina que o hábito intelectual ou moral confere especial facilidade e quase infalibilidade no julgar a matéria própria ao homem experimentado, alguns indícios bastam para descortinar a verdade concreta. [39]

Da observação do facto, Newman infere a existência de uma função mental correspondente. A fim de conseguir em matéria concreta uma certeza genuína, necessitamos dum órgão mais delicado, flexível, elástico, que a argumentação lógica: é o *illative sense.* [40] Designa tal "sentido" a fonte dos raciocínios implícitos — subconscientes, poderíamos hoje dizer — que desfecham em juízos concretos, explícitos e certos. "Aquele minucioso e contínuo raciocinar empírico faz triste figura sobre o papel, mas, silenciosamente vai acumulando esmagador conjunto de provas e, se nosso ponto de partida for exacto, leva-nos a um resultado certo." [41] Claro que esse sentido tem pontos diversos de aplicação. Outros serão os "raciocínios implícitos" do político, do comerciante, do médico, do artista; comum a todos é o chegar a conclusões "reais" ou existenciais, não precedidas de argumentação explícita, e menos ainda por demonstração lógico-matemática. Muitas vezes seremos incapazes até de justificar, posteriormente, o juízo proferido; mas teremos a "sensação" de havermos atingido a verdade sem saber como; assim também o campônio prevê o tempo sem poder amiúde pormenorizar os indícios que o guiaram; as crianças e as almas inocentes quase adivinham quem lhes é favorável ou adverso. Ao espírito perspicaz uma palavra basta para que perceba e julgue complicada situação. O gosto, a habilidade, a invenção nas artes; a discrição e o juízo no agir, são actos espontâneos, irredutíveis à análise. O instinto intelectual não corre de noção em noção, mas vai de realidade concreta a realidade concreta. [42] Objectará de certo o racionalista que amiúde as "intuições", quando submetidas a verificação, revelam-se falazes. Sem dúvida; mas os próprios métodos científicos porventura jamais terão falhado? Por que então forcejam os sábios em aprimorá-los mais e mais? Assim é que, por verificar-se às vezes enganoso, não deve o *illative sense* ser rejeitado, senão simplesmente apurado.

Newman empenha o máximo esforço em determinar as condições de exercício correcto do *illative sense* na esfera religiosa. Como não se adquire tino médico lavrando a terra ou gosto artístico vendendo secos e molhados, assim o senso religioso se estiola e desvirtua em condições adversas, tanto mais fàcilmente quanto mais delicado é seu manejo e mais sublime o seu objecto. Para desenvolver-se e se apurar, exige o terreno privilegiado da vida moral. A falar com exacção, o "senso religioso" reside, segundo Newman, na consciência moral. Teríamos que aduzir aqui os textos já citados no início desta obra, em que Newman descreve como, na adolescência, encontrou Deus através o sentimento do dever. E' mister, para bem entendê-los, recordar que não pretendem "demonstrar lògicamente" a existência de Deus pela existência do dever, nem podem pretendê-lo, pois que visam dar ao leitor, não já uma concepção abstracta, "nocional" de Deus, senão uma apreensão pessoal, "real". Newman narra sua própria experiência, tentando sugerir, despertar, experiência análoga, — uma "aspiração" que soergue até Deus, diria Bergson. Ele não ignorava ser tal experiência moral condicionada pelas circunstâncias de meio e educação [43]; estamos, todavia, que não se deixaria impressionar de todo pelos sofismas da chamada "escola sociológica francesa" que tanto contribuíram para deteriorar o senso moral nos países latinos. [44] Admitiria, na medida em que se acham averiguadas, as variações das concepções morais através das épocas e culturas, manteria, entretanto, que são tão ineficazes contra a "moral natural" quanto a alquimia contra a química ou a astrologia contra a astronomia. Que durante períodos intérminos hajam os homens admitido as mais aberrantes ideias em matéria de ciência, nada prova contra a capacidade da inteligência humana de atingir a verdade científica. No domínio moral, os erros, abusos, deslizes, por maiores hajam sido,

http://www.obrascatolicas.com

tampouco provam que o homem não possa encontrar, nos refolhos da consciência, normas que lhe permitam agir como Pessoa e não como macaco aperfeiçoado. Indício seguro encontramos no facto de, por entre tantas aberrações morais, despontarem máximas e exemplos — em todas as épocas e civilizações — que revelem a existência de um senso moral embora latente e sufocado. Bem certo, a verdade moral é mais trabalhosa de se atingir e fácil de perder-se que a científica, justamente por ser "real" e não "nocional", envolvendo a pessoa toda inteira e pondo em jogo o seu destino. (Tivessem as matemáticas influxo sobre a vida moral e logo seriam postas em dúvida, afirmava Leibniz.) Mas assim como não consideramos fantástica ou mítica a ciência, embora seu andar cambaleante e os erros que lhe balizam a rota, assim Newman manteria que a experiência do "dever voz de Deus" representava legítima conquista da consciência humana, embora precedida de inúmeros desvios.

Todos não logram realizar essa experiência, como todos não logram compreender matemáticas. Que uma criança não descubra espontâneamente Deus presente à consciência moral, prova tão pouco contra a legitimidade do facto, quanto a incapacidade da criança normal de reinventar sòzinha a geometria — qual novo Pascal — desautoriza as proposições de Euclides. O homem não vive isolado; recebe a ciência do meio social; receberá também as concepções morais; importa apenas que esse meio, longe de lhe perverter, apure-lhe as predisposições nativas à ciência e à vida moral.

Alguns filósofos, Kant por exemplo, mantendo embora a realidade e império da obrigação moral, pretendem que não argúi a existência dum Supremo Legislador; é a Razão humana, dizem, que dita a si mesmo a própria lei. Insurge-se Newman contra esse racionalismo descarnado que só levaria à moral da "respeitabilidade", ensimesmada e burguesa.[45] De facto, o imperativo da razão, muito em breve desfechou no imperativo do instinto; por haver pretendido usurpar o lugar de Deus, o racionalismo

corrompeu-se no amoralismo infra-humano de Nietzsche e de Freud.

Alguns então imaginaram substituir o ídolo "Eu" pelo ídolo "Sociedade". A voz do dever será a voz da "Sociedade". Mas como a pessoa humana repugna ao próprio aniquilamento, esta nova moral é-lhe imposta à força de terrível pressão colectiva; despoja-se o homem das mais elementares liberdades; não é educado, senão adestrado; forceja-se para despersonalizá-lo a fim de que se degrade à condição de formiga ou abelha, e aí temos as hordas de Hitler ou de Stalin, dispostas a qualquer crime que pareça aproveitar ao grupo social. O processo de Nüremberg e o processo das atrocidades russas — que já se poderia fazer e se fará de certo após a próxima guerra — constitui a mais acabrunhadora prova experimental da inumanidade da "moral sociológica". Negue-se de uma boa vez a moral, e com ela negue-se a humanidade do homem, ou então aceite-se a experiência newmaniana da "voz do dever, voz de Deus".

A fidelidade a essa luz interior, a sempre maior generosidade em cumprir os ditames do Deus que fala à consciência e também o arrepender-se pelos deslizes, o temor do castigo, a ânsia de ser auxiliado, colocam o homem nas melhores condições possíveis para a actuação do "senso religioso".[46] Dócil à voz de Deus, autor da natureza, ressoando na consciência moral, estará predisposto a reconhecer a voz de Deus, autor da graça, que se faz ouvir na Revelação exterior, motivo formal da fé cristã.[47]

O gosto artístico afinado prepara ao choque estético que fará discernir infalìvelmente a obra de arte — embora nem sempre logremos analisá-la segundo os cânones da ciência estética; assim, ao senso religioso apurado bastará amiúde um mínimo de evidência objectiva para julgar infalìvelmente da credibilidade do cristianismo. "A fé decifra, no lusco-fusco, a mensagem da verdade."[48] Tal discernimento não será irracional ou absurdo, nem tampouco desonesto. Julga o fiel na vida religiosa,

http://www.obrascatolicas.com

como julga na vida concreta; segue a lei da natureza humana, aceitando sem vacilar os ditames do seu "illative sense". [49] O facto de nossos "assentimentos reais", isto é, a aceitação de verdades concretas, não resultar dum raciocínio de tipo lógico-matemático, explica que ao submetermos essas verdades à luz da razão científica, muitas vezes surgem questões, interrogações, dificuldades. Não é que essas verdades concretas sejam duvidosas, é que são de outro tipo, e cumpre ter sempre em mente que *"dez mil dificuldades não constituem uma dúvida,* como dez mil pôneis não fazem um cavalo." [50] Devemos tentar a racionalização de nossas certezas instintivas (será o papel da teologia, na esfera religiosa) lembrando embora que, pela força das coisas, jamais chegaremos à mesma evidência científica do que em matéria abstracta.

Newman emprestava, pois, ao factor moral decisiva importância como preparação à fé no incrédulo e como salvaguarda e fomento da religião no crente. "Com boas disposições a fé é fácil, sem boas disposições a fé não é fácil." [51] Faria suas as palavras de S. Tomás de Aquino: "vita ducit ad cognitionem veritatis", é a vida que leva ao encontro da Verdade. Ao contrário "quem ama o pecado, não deseja que o Evangelho seja verdadeiro." [52] Temos, é certo, numerosos exemplos de conversões quase violentas de almas atascadas no vício, emperradas na revolta, que a Graça vem prostrar; todavia, chegam de ordinário a Deus os incréus de coração recto, ou que pelo menos sentem certa inquietude moral, têm remorsos de suas faltas, anseiam por se salvar, aspiram a um Deus de bondade. Ao contrário, o orgulho, a luxúria, o demasiado apego às coisas da terra, embotam o senso religioso; a mediocridade moral sufoca-o de todo.

Conhecia Newman, por experiência, o amontoado de dificuldades, umas objectivas, subjectivas outras, que embargam a conversão; mas sabia também que não prevalecem "onde há desprendimento do mundo, apreensão penetrante do Invisível, simples determinação de cumprir a vontade de Deus"; tornam-se intransponíveis, ao contrário, onde "o desejo da verdade elanguesce e os propósitos religiosos são fracos." [53] Este é um tema que Newman não se cansava de versar, ilustrando-o cada vez com observações psicológicas das mais penetrantes. [54] Transladaremos apenas aqui um fragmento do Sermão "Dispositions for Faith", em que contrasta os que procuram a fé com e sem as devidas disposições morais: "Tomemos um homem de cada qual dessas classes e suponhamos que lhe chegue a notícia de que lhe veio uma mensagem do mundo invisível. Como reagirão respectivamente? E' claro: naquele que estava a procurar, ou a esperar ou pelo menos a desejar tal mercê, o efeito será espantoso. Sentir-se-á profundamente abalado, vibrará todo inteiro, tanto assim que bastará que, ao examiná-la, essa mensagem lhe pareça corresponder a suas necessidades, ele será grandemente tentado de aceitá-la mediante um mínimo de demonstração e até mesmo sem ela. Pelo menos há de se aplicar em investigar as credenciais, e fará o possível para alcançá-las todas, sejam em número maior ou menor. Do outro lado, aquele que carece das devidas disposições religiosas, não será de todo impressionado. Não lhe interessa a notícia, nem tomará o trabalho de investigá-la. Permanecerá quedo em casa e não lhe ocorrerá sequer que seria bom erguer-se e procurar ao redor de si. Está tão pouco abalado como se houvesse tido conhecimento de haver surgido um grande homem nos antípodas ou que estalara uma revolução no Japão. Aí temos a diferença decisiva entre ambos. Ao ser Cristo pregado como Salvador do mundo, aquele homem é activo, este passivo; aquele vai ao encontro da verdade, este pensa que a Verdade deveria vir até ele; aquele inquire as provas de que Deus falou, este aguarda que lhe sejam demonstradas; não sente interesse pessoal; acredita que não lhe importa a ele, mas importa a Deus Todo-Poderoso; não se preocupa de tirar proveito do que sabe; não coordena as coisas; não soma os factos, nem acumula provas; deixa que Aquele que lhe fala faça tudo isso para ele, e se apesar de tudo incumbe-lhe ainda qualquer

http://www.obrascatolicas.com

incômodo, sente-se disposto a tudo abandonar. A supor que alguma prova lhe seja proposta de facto, não sente gratidão ou qualquer afecto delicado para com Aquele que lha propõe, antes declara sem compunção: "não vejo" ou então: "não segue", porque é um crítico e um juiz, não um homem que procura; ele negocia e regateia quando deveria implorar a luz. Donde nada aprende correctamente e chega a rejeitar a mensagem divina, porque não vai ao encontro das provas, não penetra nelas; enquanto seu vizinho, que tem interesse real em se salvar, encontra e crê." [55] Portanto, o apóstolo que procura levar os incréus à fé, deve antes de tudo induzir as disposições morais convenientes; nunca fiar-se na dialéctica: "aprendei primeiro a atirar balas, fazendo-as dobrar esquinas, e depois podereis não desesperar de fazer conversões a força de silogismos." [56] Essa aparente desconfiança na razão provinha, em Newman, de duas averiguações. A primeira, mais corriqueira, é que a religião abrange a pessoa toda inteira e exige a entrega do próprio eu a Deus: logo não basta a simples percepção da verdade religiosa; não basta ao apóstolo convencer as inteligências, deve ainda tocar os corações, render as vontades. [57] A segunda observação, mais original, é que a mesma percepção intelectual da validez das provas e demonstrações religiosas, já depende das disposições íntimas, porquanto as verdades da religião bem longe de serem abstractas, impessoais, são concretas, repercutem fundamente sobre nossa vida moral. [58] Eis por que, faltando as devidas disposições, "ainda que um morto ressuscitasse, esses não acreditariam." (Lc 16, 31.) A mesma preponderância do factor moral verifica-se na perda de religião. [59] Crianças, cuja alma desabrochou ao sol de fé, que percebiam o Invisível e com ele se familiarizavam, para quem Jesus, Maria, os Anjos eram personagens da vida cotidiana, chegam à adolescência e logo a sede de prazer e ânsia de independência lhes murcham o senso religioso. Passados alguns anos, ei-los, em grande número, materialistas empedernidos. Os argumentos pseudo-científicos de que se

socorrem mascaram a derrocada moral de que foram vítimas. [60] Em verdade, "a fé põe à prova o coração humano"! [61]

O que explana em forma sistemática na "Grammar of Assent", Newman já tentara descrevê-lo de modo ainda mais concreto, vivido, no seu livro "Callista, história de uma conversão no III século." Pinta uma jovem pagã, embevecida pelo ideal grego — harmonia das formas, harmonia das almas — que por ter espírito recto, sente crescente insatisfação ante o contraste entre a beleza de seu ideal e a deformidade de seus actos. Tão alto o que sonha, tão mesquinho o que realiza! Sente o vazio da religião pagã, a esterilidade prática da filosofia helênica. Amargura-se e se desalenta, torturada pela sede da redenção. O contacto com os cristãos desperta-lhe n'alma uma grande esperança — sente o secreto acordo entre o que deseja e o que se lhe oferece — ao mesmo tempo que se torna mais lancinante o sentimento de sua mediocridade moral e da inutilidade dos seus esforços para salvar-se pelas próprias forças... Em meio a essas lutas, apura-se-lhe o discernimento religioso; certo dia, lê o Evangelho de S. Lucas; tão cedo ressoa a palavra do Mestre, reconhece a Voz tão ansiosamente aguardada, a Voz que já amava sem a conhecer. Deveras, sòmente um Deus poderia assim falar! O acordo entre os imperativos da consciência moral e as doutrinas reveladas servia de ponto de apoio ao "illative sense", para que discriminasse a verdade. Como estranharíamos, aliás, que o Autor da natureza, querendo saná-la e alevantá-la pela graça, haja predeterminado uma secreta harmonia entre as aspirações da alma e o dom gratuito que lhe confere? [62]

3. O Cardinalato.

Por sorte, a "Grammar of Assent" aprouve a W. G. Ward, o temeroso, que lhe consagrou vários e encomiásticos artigos na "Dublin Review". [63] Newman estava, pois, a coberto das iras dos ultra-conservadores. Alguns anos depois, quando tomou da pena para revidar os ata-

http://www.obrascatolicas.com

ques de Gladstone contra a infalibilidade pontifical [64], foi o próprio Manning que o defendeu em Roma, contra denúncias malévolas. [65] Nos dias negros do ostracismo apelara para o Tempo, "o grande remediador e vingador de todas as ofensas, o Pai da Verdade." [66] E não esperara em vão: os seus dois mais encarniçados rivais aplacavam-se afinal. Quanto a Talbot, desde 1869 fora recolhido a um manicômio.

A resposta a Gladstone, em 1874, foi o último livro de Newman. Alquebrado pelos anos e pelos sofrimentos, contentou-se desde então em publicar nova edição, revista e anotada, de suas obras completas em 37 tomos. Uma correspondência imensa também o atarefava. Capaz como raros de entrar no pensamento alheio e de orientar os perplexos, era constantemente consultado por almas inquietas e dolentes; até mesmo protestantes convictos pediam-lhe conselhos sobre seus problemas espirituais. A todos respondia palavras repassadas de cristianismo profundo e reveladoras de excepcional intuição psicológica. Só o arquivo dos Oratorianos guarda um acervo de 70.000 missivas [68]; contam-se às centenas os correspondentes que Newman guiou à verdadeira Igreja. [69] Era-lhe nativa a arte de apaziguar, de elevar bem alto. Fala o coração ao coração, "cor ad cor loquitur", a divisa que escolherá para as armas cardinalícias pinta à maravilha sua acção sobre as almas. Quanto à sua influência oculta, declarou o grande editor londrino, Kegan Paul, convertido logo após a morte do Cardeal: "A única gota amarga na taça da alegria foi não poder mais Newman ter conhecimento de tudo quanto por mim fizera; que eu fora levado por sua mão, quando procurava a arca fluctuando sobre as águas procelosas do mundo... Como as obras de Newman estavam sempre sob os olhos do público e a santidade de sua vida era bem conhecida, continuou até na solidão a exercer extraordinário influxo sobre os homens... Nenhuma conversão intelectual se deu na Inglaterra ou na América durante os vinte anos de seu retiro, sem que a ela houvesse cooperado, e

quando os convertidos adejavam como pombas às janelas, era sua mão que lhas abria." [70] A Newman, os anos de velhice trouxeram calma, embora relativa. Cessadas as perseguições, pairava todavia sobre ele a nuvem da suspeita; sobretudo não olvidava as ocasiões irremediàvelmente perdidas. Ainda em 1873 escrevia a uma correspondente: "Podeis estar certa de que muitos outros, além de vós, sentem a tristeza de ver passarem-se os anos sem que uma oportunidade lhes advenha de servir a Deus. Podeis estar segura que vos compreendo, pois fazem muitos anos tento romper os obstáculos que me tolhem; tudo em vão. Submetamo-nos à vontade amorável de Deus; aquiete-nos a fé em que Ele quer o melhor para nós; Ele de nós não precisa; pede apenas nossos bons desejos." [71] Vinha acentuar a melancolia dessa atmosfera o desaparecimento sucessivo dos seus melhores amigos; cada qual chagava-lhe o hipersensível coração. Em Maio de 1875, morria-lhe o fidelíssimo e insubstituível companheiro de 32 anos, Ambrose St. John. Esmagado pela dor, Newman atirou-se sobre o leito onde jazia o amigo morto e permaneceu ali a noite inteira, imóvel. [72] "Não duvido, antes percebo que esse golpe tão rude era necessário para preparar-me à morte, pois nada a não ser isso poderia desapegar-me da vida." [73] Passou desde então a viver em presença da morte; pôs em ordem os papéis, classificou as cartas e sobretudo dispôs a alma a ir ao encontro de Deus. Nem mesmo em sonho, fantasiava que acontecimento qualquer poderia advir que lhe mudasse o colorido da vida, quando, em fins de Janeiro de 1879, pediu-lhe Ullathorne que o visitasse com urgência; acamado com influenza, mandou a palácio um de seus padres, e este regressou trazendo-lhe a inacreditável nova: o Papa desejava conferir-lhe o capelo cardinalício... Tanto mais lacônico quanto mais comovido, Newman contentou-se com responder aos Oratorianos que o felicitavam: "A nuvem que se adensava sobre mim dissipou-se para sempre." Quanta mágoa exalava aquele suspiro! [74]

http://www.obrascatolicas.com

Sem embargo, Newman descobria naquela promoção algo mais que a mudança de sua situação pessoal: não era apenas a lucerna tardiamente colocada sobre o candelabro, não era apenas o estigma da heterodoxia, da deslealdade, para sempre extirpado. Havia muito mais: a elevação à púrpura, nas condições em que era feita, só podia significar a aprovação, pelo mesmo Chefe da cristandade, dos grandes princípios pelos quais Newman se batera e sofrera. E assim também o entendia Leão XIII. Ao receber em audiência a Lord Selborne, caiu a conversa sobre Newman; logo se iluminou o semblante do Santo Padre que exclamou: "E' *meu* Cardeal! Não foi fácil não; não foi fácil! Diziam-me que ele era demasiado liberal; mas eu havia resolvido honrar a Igreja, honrando a Newman. Sempre tive por ele verdadeiro culto e orgulho-me por haver podido honrar um homem igual." [75]

Indagará talvez o leitor como se explica o desfecho triunfal e inesperado duma vida tão encontrada e abatida. A explicação, entretanto, nada tem de misterioso: a 20 de Fevereiro de 1878 subia ao sólio pontifical Leão XIII; mudara a atmosfera; na Inglaterra, afigurou-se a um grupo de leigos encabeçados pelo primeiro par do Reino, o duque de Norfolk, que o momento havia chegado de representar respeitosamente a Sua Santidade que o maior campeão do catolicismo da Grã-Bretanha lutara por mais de 30 anos pela Igreja, sem receber o mais ligeiro testemunho público de confiança e reconhecimento. Foram ter com Manning; este ouviu-os, abaixou a cabeça e quedou-se alguns momentos em silêncio; bem entendia a censura implícita; mas, a despeito de sua intolerância e autoritarismo, Manning era uma nobre alma; não só não se opôs, não só aceitou de encaminhar o pedido, como se comprometeu a apoiá-lo sem ressalvas. [76] Leão XIII acedeu de mui bom grado a uma solicitação que correspondia às suas íntimas intenções: Newman seria criado Cardeal logo no primeiro consistório do novo pontificado.

Entretanto, como já acontecera tantas outras vezes, as grandes esperanças estiveram a pique de se baldar. Os Cardeais que não governam dioceses devem, segundo a praxe, residir na cúria romana. Quase octogenário, Newman não resistiria à transplantação; ser-lhe-ia fatal deixar o seu convento, expatriar-se, suportar o clima de Roma que lhe fora sempre adverso. Em sua resposta a Manning, ele apontava essas dificuldades, e, delicado como era, não ousava impetrar dispensa de não residir em Roma. Manning interpretou a resposta como uma recusa e comunicou-a até aos jornais. Felizmente, o Duque de Norfolk e Ullathorne intervieram e esclareceram o mal-entendido. [77] Leão XIII concedeu graciosamente a dispensa e o Secretário de Estado, Cardeal Nina, em carta oficial, comunicava a Newman: "o Santo Padre, apreciando altamente o gênio e sabedoria que vos distinguem, vossa piedade, o zelo que manifestastes no exercício do sagrado ministério, vosso devotamento e filial apego à Santa Sé Apostólica, os assinalados serviços que por longos anos prestastes à Religião, decidiu dar-vos uma prova pública e solene de sua estima e benevolência. Para esse fim, dignar-se-á de vos elevar às honras da sagrada púrpura no próximo consistório..." [78]

Ao júbilo dos católicos, fazia eco o contentamento dos protestantes — unanimidade rara! O deão de St. Paul's, catedral anglicana de Londres, R. C. Church, em artigo do "Guardian" observava: "Aquele que vimos, com desespero e indignação, abandonar-nos em 1845, tornou-se, em virtude dos acontecimentos que dele fizeram um católico romano, o homem de que tanto se ufanam os ingleses em 1879; é esse um facto ainda mais insólito do que saber o antigo "fellow" de Oriel cercado hoje da pompa e honra do cardinalato... A vida do Cardeal Newman foi, de princípio a fim, a vida de um estudioso, de um recluso. Viveu na sombra, nada procurou para si, renunciou a toda ideia de fazer carreira; o acesso às altas posições não se abriu a ele, e sentiu-se contente de ser deixado de lado. No princípio, seus raros

http://www.obrascatolicas.com

dotes intelectuais, a força de carácter, o poder de acção sobre os corações, fizeram dele uma personagem de destaque. Sobreveio a série de acontecimentos que, aparentemente, rompia toda e qualquer harmonia entre ele e a grande massa dos seus compatriotas. Pareceu, senão olvidado, pelo menos fora das cogitações, salvo duns poucos amigos — velhos amigos que o haviam conhecido demais e demais intimamente para podê-lo esquecer jamais, amigos novos, agrupados em torno dele pelos acontecimentos. Falava-se nele, como em alguém que havia cometido um grande erro e, por isso, malograra; renunciara à influência útil que exercia de uma banda, sem nada encontrar da outra; demasiado subtil e imaginativo para a Inglaterra, demasiado independente para Roma. Parecia de tal modo decaído de toda simpatia e importância, que os críticos superficiais podiam alegremente jogar com o seu nome. Veio então a primeira surpresa, e foi a "Apologia", cujo prodigioso sucesso relembra Church, prosseguindo: "Todavia, embora de ano para ano seu nome se tornasse mais conhecido, o mundo não sabia grande coisa sobre ele. Chefe de uma comunidade religiosa e de uma casa de educação em Birmingham, levava vida simples, calma e sem pretensão, ocupado com os negócios cotidianos de sua casa, com os seus livros, sua correspondência e com levar a termo suas obras literárias e teológicas. Salvo qualquer referência ocasional em livros ou periódicos, a insinuar a ideia que o mundo fazia de sua importância, não se ouvia falar nele. Aos que indagavam a seu respeito, nada havia a responder. Foi então que, após haver sido posto de lado por Pio IX, lembrou-se dele Leão XIII. O Papa ofereceu-lhe o cardinalato porque em seus próprios termos "pensava ser agradável aos católicos ingleses e à mesma Inglaterra." Não se equivocou. De certo, nada poderia fazer o Papa que fosse tão bem e tão cordialmente acolhido. Após haver rompido há quase 35 anos com a Inglaterra e todas as coisas inglesas, na cólera e na dor, após uma longa existência de retiro modesto que honra pública alguma veio assinalar,

enfim, antes de morrer, Newman é reconhecido pela Inglaterra protestante como um de seus maiores homens." [79]

Embora Leão XIII houvesse proposto a Newman de lhe fazer levar o barrete cardinalício, preferiu ele viajar até Roma; viagem que, aliás, quase lhe custou a vida, prostrado que foi por grave enfermidade. Leão XIII timbrou em recebê-lo em primeiro lugar, antes de qualquer outro dentre os novos purpurados; cumulou-o de provas de afecto singular e especial distinção. [80] Newman cobrou forças bastantes para participar de todas as cerimônias que marcam a criação de Cardeais. Impressionou os assistentes a atmosfera de profunda espiritualidade que dele irradiava. Um protestante escrevia: "O semblante de Newman assemelhava-se inteiramente à face de um santo." [81] Por ocasião da recepção do "biglietto", pronunciou um discurso sobre o liberalismo religioso, de que transcrevemos largos trechos em nosso primeiro capítulo. Pusey, ao ler a fala cardinalícia, observava: "E' o John Henry Newman de outrora, dizendo abertamente a verdade, mas não ferindo um só coração." [82]

Terminadas as festas, recepções e congratulações, retornou à solidão e, desprezando todo e qualquer fasto, transcorria os dias como dantes, na oração, estudo e correspondência. Continuou a preocupar-se vivamente com a situação intelectual da cristandade e pensava valer-se da autoridade que lhe conferia a dignidade cardinalícia, para urgir a necessidade de reformar os estudos eclesiásticos, de enfrentar as dificuldades modernas, em filosofia, história, exegese. [83] Infelizmente, a saúde periclitante não lhe permitiu jamais o retorno a Roma.

Em 1882 veio novamente à tona a questão dos estudantes católicos em Oxford. Lord Braye, porta-voz do laicato inglês, levou a Leão XIII enérgica missiva de Newman, advogando a revogação da proibição e censurando àsperamente o que denominava "o niilismo" de alguns chefes católicos que "sabiam proibir, mas não sabiam dirigir ou criar." [84] Leão XIII deixou-se impressionar pela argumentação; todavia, por deferência para

http://www.obrascatolicas.com

com Manning, sustou a decisão; porém, morto o Arcebispo em 1892, a questão foi novamente levada ao Papa, que afinal concedeu a suspirada licença, em 1895. Nem houve que se arrepender da permissão, bem ao contrário. Hoje, não só leigos católicos, como até sacerdotes e religiosos graduam-se em Oxford e Cambridge. Por ironia da sorte, o principal advogado da revogação foi Wilfrid Ward, o próprio filho de W. G. Ward... [85] E assim Newman triunfava após a morte; porém 40 anos preciosos e insubstituíveis haviam sido perdidos por obra de dois irreductíveis!...

Paz e alegria — alegria toldada pelo sentimento do pouco que havia podido trabalhar por Cristo — permearam os últimos anos de Newman. [86] Ullathorne relata em carta de Agosto de 1887 que fora visitar o velho amigo: "Achei-o muito alquebrado, porém muito contente. Conversámos longa e alegremente. Quando afinal me levantava para despedir-me, um acto seu provocou uma cena que jamais poderei olvidar. Disse-me em voz submissa e humilde: "Caro Sr. Bispo, quer fazer-me um grande favor?" e deixando-se cair de joelhos, abaixou a veneranda cabeça: "dê-me a sua bênção". Que poderia eu fazer, vendo-o nessa atitude? Impossível recusar sem embaraçá-lo muito; pus-lhe então a mão sobre a cabeça e disse: "Senhor Cardeal, embora seja contra todas as praxes, rogo a Deus vos abençoe e que a plenitude de seu Espírito Santo esteja em vosso coração." Acompanhou-me à porta, recusando cobrir-se com o barrete e comentou: "Estive minha vida inteira dentro de casa, enquanto batalháveis pela Igreja lá fora no mundo." [87]

Entretanto não perdia Newman ocasião, por menor fosse ela, de promover o reino de Deus. Aos 89 anos foi, embora sob a neve, a um estabelecimento industrial cujos proprietários, "quakers" fanáticos, obrigavam os operários católicos a assistirem a prédicas diárias da seita; aos protestos, respondiam que só se renderiam à opinião de Newman; este conseguiu que os católicos tivessem suas reuniões separadas; ao regressar, exclamou: "Fosse-me

permitido continuar a trabalhar assim, seria feliz de viver ainda." [88] A extrema velhice privou essa alma, votada à mais profunda piedade, dos seus mais caros exercícios pios: a missa, o breviário e até o rosário; mas seu espírito, lúcido até ao fim, conservara e intensificara o que já caracteriza o jovem e brilhante universitário: a Intuição do Invisível. "Sua vida foi uma vida de Oração", depõem os amigos e familiares. [89] O chamado do Mestre chegou-lhe em Agosto de 1890. No dia 9 prostrou-o uma congestão pulmonar. Sentindo então chegar a morte, formulou um pedido que bem pinta a sensibilidade daquele coração: nos seus dias de ostracismo e extrema pobreza, um desconhecido deixara-lhe na portaria do convento um lenço de seda, acompanhado de respeitosa mensagem. — Newman mandou buscar o lenço, cuidadosamente guardado por mais de 30 anos, e quis que lhe servisse na última agonia... Extinguiu-se serenamente no dia 11, contando 89 anos e sete meses de vida. Em Londres, Manning, mais que octogenário, já renunciara havia muito à pregação; entretanto, naquela ocasião, assomou de novo ao púlpito e exordiou: "Acabamos de perder a nossa maior testemunha da fé..."

Um cemitério campestre guarda os restos de John Henry Newman; ele jaz, como desejara, junto ao muito caro Ambrose St. John; sobre a campa lavraram-lhe o epitáfio que ele próprio escolhera, para compendiar seu duplo trânsito, das sombras do protestantismo à luz da verdade católica, das sombras da vida terrena à luz da Verdade que é DEUS: *ex umbris et imaginibus in veritatem.*

http://www.obrascatolicas.com

Notas.

INTRODUÇÃO.

1) John Campbell Shairp, *Studies in Poetry and Philosophy*, p. 244, citado à página 433 do 2.° volume das *Letters and Correspondence of John Henry Newman during his Life in the Church of England*, edited by Anne Mozley, London 1898. — Shairp, de religião anglicana, poeta e crítico de valor, estudou em Oxford, quando Newman estava no apogeu de sua influência; foi posteriormente professor nas universidades de Edimburgo e de Oxford.

2) W. H. Sheldon & S. S. Stevens, *The Varieties of temperament*, New York, Harper, 1942, p. 198.

3) No último capítulo da obra *Les deux Sources de la morale et de la Religion*, Paris, Alcan, 1932.

4) Carta de Pio XII, ao Arcebispo de Westminster, sobre o centenário da conversão de Newman. (*Revista Eclesiástica Brasileira*, Março de 1946, p. 184.)

CAPITULO I.

1) Carta de 1861 a Miss Holmes (citada por Wilfrid Ward, *The Life of John Henry Cardinal Newman*, London, Longmans, 1912, col. I, p. 607.)

2) *Letters & Correspondence*, etc., I, p. 14.

3) Ward, I, p. 20-21; carta de 1845 a H. Wilberforce (Ward, I, p. 81 seg.).

4) *Apologia pro vita sua*, p. 17; *Letters*, I, p. 288; carta de 1871 a Hutton. (Ward, II, p. 332.) A desconfiança de si não apagava, todavia, a consciência de seus talentos e capacidades. (*Letters*, I, pp. 43, 59, 91, 104, 429.)

5) *Letters*, II, p. 176; Diário de 1860. (Ward, I, pp. 577, 583 seg.)

6) Em 1833, durante um périplo no Mediterrâneo, escreve à irmã Harriet: "Descrição alguma poder-te-ia dar uma ideia do que tenho visto, nem quero fatigar-se com o meu encanto. Todavia, não parece um estranho paradoxo que, embora satisfeito, não me ache interessado? Creio que não sentiria pena — antes ficaria alegríssimo — se, de repente, fosse transportado a meu quarto de Oxford, a porta cerrada, deitado a fio comprido sobre o sofá. Afinal, todo movimentar-me, representa um esforço; não sei se por efeito do cansaço dum espírito em

http://www.obrascatolicas.com

actividade constante, ou se, por ter sofrido muitas decepções e muito ter padecido da indelicadeza e descortesia das pessoas com quem convivi, retraio-me involuntàriamente do contacto do mundo. Talvez um pendor natural favoreça esse sentimento, ou ainda a consciência quase mórbida de minhas deficiências e absurdos — como quer que seja, nem as atenções mais amáveis nem os mais sublimes espectáculos, tem força bastante sobre mim para tirar-me de meu caminho. Embora tenha empreendido esta vagueação de plena vontade, entretanto desejo sinceramente que já tivesse terminado. Coisas a admirar, apenas as suporto e prefiro tê-las já visto a vê-las actualmente, posto que no momento elas sobremodo de encantem e quase me fascinem." (*Letters,* I, 281 seg.) Da pouca comunicabilidade com os homens, restam-nos muitos indícios. Durante o primeiro ano de residência no Oriel College, vivia muito só, donde dizerem-lhe: "*nunquam minus solus, quam cum solus.*" (*Apolog.* págs. 15-16.) — Nos meses que precederam a abjuração, palestrava com os amigos sobre os mais variados assuntos, exceptuando aquele que tanto o angustiava. (W a r d, I, pág. 85.) Ao escrever a Apologia derretia-se em lágrimas ante a tarefa — dolorosa a ponto de se lhe tornar quase impossível — de fazer uma confissão pública. (W a r d, II, págs. 23, 25; *Apolog.* pág. XXVII.) Do retraimento face às coisas, resta-nos curioso exemplo: durante a gravíssima enfermidade que o prostrou na Sicília, salvaram-no os desvelos de um servidor napolitano. Reconhecendo que lhe devia a vida e que "um criado inglês nunca teria feito o que o napolitano fizera", Newman, ao regressar à Inglaterra, deu-lhe, além do salário combinado, farta gratificação e um elogioso atestado; recusou-lhe, porém, a lembrança que pedia o fâmulo: uma velha manta azul com 10 anos de uso! Explica a estranha recusa, ponderando que para o napolitano pouco valor teria a manta, enquanto o dono a ela dedicava verdadeira amizade: "tão poucas são as coisas que simpatizam comigo, que me apego às mantas!" (*Letters,* I, 377.)

7) Cf. os sermões: *Unreal words* (*Parochial...* v. pág. 29 seg.); *Knowledge of God's will without obedience* (*op. cit.* I, 27 seg.); *Promising without doing* (*op. cit.* I, 165 seg.).

8) W a r d, *op. cit.* II, págs. 336 seg.; cf. as curiosas páginas sobre perfumes: *Loss and Gain,* págs. 96 seg.

9) *Letters,* I, pp. 202; 212-214. No primeiro trecho confessa que sua grande tentação era deixar a Universidade, para ser cura de aldeia. Cf. *Historical Sketches,* III, pp. 62 seg.

10) W a r d, II, pp. 336 seg.; *Loss and Gain,* pp. 96 seg.

11) Cf. o interessante depoimento de E. Mozley (*Letters,* I, p. 294 nota) e a carta de 1837 a F. Rogers (*op. cit.* I, p. 208).

12) *Apologia,* p. 2.

13) *Parochial...* VI, p. 98.

14) Cf. *Grammar of Assent,* p. 178.

15) *Parochial...* IV, p. 262; *Mixed Congregations,* p. 204; cf. *The minds of little children* (*Parochial...* II, pp. 64 seg.).

16) Condensamos, nesses parágrafos, a *Grammar of Assent,* pp. 112-115; cf. *Parochial...* II, pp. 18; 161 seg.

17) Neologismo cunhado — para ressalvar a especificidade dos fenômenos religiosos — pelo psicólogo inglês R. H. T h o u l e s s, *An introduction to the psychology of religion,* 2.ª ed., Cambridge 1928, pág. 237.

18) J. C. S h a i r p (W a r d, I, p. 64).

19) *Apologia,* p. 16.

20) H. T a i n e, *De la destinée humaine.* Newman atribui quase as mesmas palavras a uma personagem sua, cristão apóstata do terceiro século: "O que vós outros, escravos, denominais orgulho, eu o chamo dignidade... Nunca serei um acaçapado, um sabujo. Quero ser senhor e mestre de minh'alma. Cada faculdade será minha. Não haverá domínio partilhado." *Callista,* p. 164. — *Essays critical and historical,* I, p. 33: "O racionalista faz de si mesmo o seu centro, não o seu Criador." Cf. *Idea of a University,* p. 192; *Mixed Congreg.,* p. 108.

21) Cf. *Parochial...* IV, p. 293: "Tão grande é a diferença entre estar suspenso ao pensamento de Deus e descansar sobre si mesmo; entre elevar o coração a Deus e fazer descer céus e terra até nós; entre exaltar a Deus e exaltar a razão; entre medir as coisas pelo poder de Deus e por nossa ignorância — tão grande é a diferença entre quem acredita e quem não acredita nos mistérios cristãos." Cf. os sermões: *Saving knowledge; Self contemplation; The danger of a accomplishments,* (*Parochial...* II, pp. 151 seg.; 163 seg.; 368 seg.)

22) *Callista,* p. 22. 23) *Apologia,* p. 3. 24) *Letters,* I, p. 19.

25) *Apologia,* p. 4; *Autobiographical Memoir* (no 1.º vol. das *Letters,* p. 24).

26) Estudamos a psicologia dessas conversões em *La conscience religieuse,* Paris, 1935, pp. 54 seg.

27) *Autobiogr.,* p. 108.

28) Newman não cessa de precaver os fiéis contra o emocionalismo religioso; o que devemos visar não é o tumulto dos sentimentos, mas a generosidade total da vontade. Cf. os sermões: *Religious emotions* (*Parochial...* I, pp. 177 seg.) e *Subjection of the reason and feelings to the revealed world* (*op. cit.* VI, p. 255).

29) *Autobiogr.,* p. 109. Essa declaração parece contradizer outras em que relata a "grande mudança que lhe adveio" (*op. cit.,* p. 110; cf. diário apud W a r d, I, p. 575 e carta a Brownlow, apud W a r d, I, p. 652; *Letters,* I, p. 19). A contradição resolver-se-á se atentarmos que na psique de Newman adolescente esboçavam-se tendências divergentes (umas religiosas, outras céticas) que só podiam coexistir enquanto eram implícitas, mas que não lograriam expandir-se conjuntamente sem comprometer-lhe o equilíbrio mental. Houve mister escolher, logo sacrificar estas em prol daquelas. Donde a impressão simultânea de mudança (opção e também recalque do cepticismo) e de continuidade (conservação e fortalecimento das tendências religiosas).

http://www.obrascatolicas.com

30) "Esta proposição: "Deus existe", quando apreendida *realmente*, é objecto duma adesão forte, enérgica, que causa uma revolução na mente; ao contrário, quando admitida como simples *noção* requer apenas aceitação fria e ineficaz, por mais incondicional seja ela." (*Grammar of Assent*, p. 126.) — Da passagem do nocional ao real, deu Newman o seguinte exemplo: um predicante vê, nos Livros Sagrados, tão-sòmente literatura: "para ele as tremendas verdades não passam de concepções sublimes ou belas, e são aduzidas, com ou sem propósito, para aformosear o estilo ou tornear os períodos. Suponhamos, porém, que o coração lhe seja afinal trabalhado por pungente dor ou cuidado ângustiante: eis que a Escritura se lhe transforma num livro novo. *Tal é a mudança que tantas vezes se verifica no que é denominado conversão religiosa*, e que representa em si um progresso, quaisquer que sejam a fraqueza ou o erro que a acompanham num caso particular. Temos um santo e impressionante exemplo na confissão do patriarca Job, quando contrasta a sua apreensão de Todo-Poderoso antes e depois de sua aflição. Antes como depois, era idêntico e verdadeiro o conteúdo da apreensão dos Atributos divinos, todavia mudou-se-lhe consideràvelmente a índole após a provação. "Dantes, diz ele, ouviavos a fala, mas agora meus próprios olhos Vos vêem; por isso censuro-me a mim mesmo e me penitencio no pó e na cinza." (*Grammar*, pp. 79-80, grifos nossos.) Cf. o sermão *Difficulty of realizing sacred priviledges*. (*Parochial*, VI, p. 94.)

31) *Essay on the development of christian doctrine*, p. 434.

32) *Loss and Gain*, pp. 230-231. — Em carta de 1869 (W a r d, II, pp. 330) escreve: "Um outro pensamento que lhe quero propor é de saber se nossa natureza não nos ensina a existência de algo que toca de muito mais perto o problema religioso, do que meros exercícios intelectuais, quero dizer: nossa consciência. Temos a ideia do dever — dever que sugere qualquer coisa ou qualquer pessoa à qual se refere, diante da qual somos responsáveis. Essa qualquer coisa que tem direitos sobre nós, chamamo-la Deus... Para conquistar princípios religiosos, devemos interrogar nossos corações, e — já que a questão é pessoal — nosso próprio coração; interrogar nossa própria consciência, interrogar, direi, o Deus que ali habita." Cf. *Essay on the development*, p. 48 e *Grammar*, pp. 63, 104.

33) *Callista*, pp. 314-315. Cf. o sermão *Dispositions for faith* (*Occasional sermons*, p. 65); *Difficulties of Anglicans*, II, pp. 247 seg.

34) *Apologia*, p. 4.

35) *Op. cit.* p. 28. (Este sermão se encontra em *Parochial*... II, pp. 358 seg.) Ao perder a irmã preferida, Mary, passa uma temporada fora de Oxford. "O campo é belo, frescor das folhas, perfumes, paisagem variegada. Entretanto nunca sinto tão intensamente a índole transitória deste mundo como quando mais encantado estou por essas cenas campestres... Gostaria que fosse possível expressar por palavras aqueles sentimentos indiferentes, vagos, embora subtis que traspassam a alma e a tornam dolente. Nossa querida Mary parecia encorporar-se em cada árvore, esconder-se atrás de cada colina. Que véu, que cortina, este mundo sensível! Belo sim, todavia um véu." (*Letters*, I, p. 161; cf. p. 172.) — Em 1860 escreve a Miss Holmes: "Tinha razão de pensar que suas reminiscências de família haveriam de me interessar. Causa espanto pensar quão evanescentes, quão aparentemente estéreis e inúteis são os dez mil pequenos detalhes e complicações da vida cotidiana e da história familiar. Serão porventura tão pouco registados e conservados como as folhas de outono? Ou então reflectirão, como num espelho terrestre, as maiores verdades do alto? Assim penso eu dos sons musicais e suas combinações — momentâneas apenas — mas não serão, justamente, o momentâneo abrir e fechar do Véu que pende entre os universos do espírito e dos sentidos?" (W a r d, I, p. 604.) — Na *Apologia*, Newman observa que embora o seu "sacramentalismo" se tenha desenvolvido pela leitura de Orígenes e de Clemente de Alexandria, não o devia a esses Padres; correspondia à feição naturalmente "platônica" do espírito de Newman. Em arrojado voo subia directamente ao mundo imaterial, a cuja luz contemplava o visível.

36) Sermão *Moral effects of communion with God*. (*Parochial*... IV, pp. 228-229.) Cf. *Christ manifested in remembrance* (ib. p. 262).

37) Sobre o renovamento mental que segue a verdadeira conversão, escreve Newman o seguinte: "Observa-se amiúde em pessoas pouco cultas que até então mal pensavam no mundo invisível, que, ao voltarem-se para Deus, ao olharem em si mesmas, regularem o coração, reformarem a conduta, meditarem sobre o juízo, o céu e o inferno, pareceram tornar-se, intelectualmente falando, seres diversos do que eram. Antes, tomavam as coisas como vinham, não reflectiam mais sobre isso que aquilo; mas, agora, cada acontecimento adquire significado; avaliam pessoalmente tudo quanto lhes advém; atentam ao tempo e às sazões; comparam o presente com o passado; e o mundo não mais é enfadonho, monótono, sem proveito e esperança; antes, é um drama variegado e complexo, com partes distintas, com um intento, e tremenda moralidade." *Idea of a Univers.*, p. 133.

38) *Grammar*, p. 389.

39) Carta de 1859 a Mrs. Ward. (W a r d, I, p. 645.)

40) *Faith and obedience*. (*Parochial*... III, p. 79.)

41) *The testimony of conscience*. (*Parochial*... V, p. 241; cf. p. 448.)

42) *The strictness of the law of Christ*. (*Parochial*... IV, p. 4.) Sobre a generosidade, ver os sermões: *Self denial the test of religious earnestness* (*Parochial*... I, p. 57 seg.) e *The duty of self denial*. (*Parochial*... VII, pp. 86 seg.)

43) *Letters*, I, p. 311.

44) *Letters*, II, pp. 116, 152, 172; W a r d, I, pp. 578, 583, 586, 590, 600, 607.

http://www.obrascatolicas.com

45) Que as tendências cépticas estivessem apenas recalcadas, prova-o a capacidade que Newman possuía de entender a mentalidade dos incréus, o que aliás, muito lhe facilitou o labor apologético. Ler, entre vários outros, o sermão *Faith and the world.* (*Sermons bearing on subjects of the day*, p. 78.)

46) *Letters*, I, p. 21. — *Apolog.*, p. 4: "Acreditei (em 1816) que a conversão interior por mim experimentada e da qual hoje (1864) estou tão certo como da existência de meus pés e mãos..."; *op. cit.* p. 198: "Se me perguntarem por que acredito em Deus, responderei: porque acredito em mim. De facto, é-me impossível acreditar em minha existência (da qual estou absolutamente certo), sem crer na existência daquele que vive em minha consciência, como Ser pessoal que tudo vê e tudo julga."

47) *Letters*, I, p. 20; *Apologia*, p. 5.

48) Newman observa sagazmente que um mais profundo alheamento do mundo físico seguiu-se à opção pela virgindade (*Apologia*, p. 7; cf. *Loss and Gain*, pp. 192-201). Libertou assim enorme soma de energia psíquica que poderia sublimar-se religiosamente.

CAPITULO II.

1) *Loss and Gain*, p. 18. — Sobre Oxford ver *Historical Sketches*, III, pp. 213 seg.

2) *Letters*, I, p. 30 nota.

3) *Ib.* p. 35.

4) *Autobiogr.*, p. 40.

5) Sobre Oriel College ver *Idea of a University*, pp. 154 seg.

6) Citado por Thureau-Dangin, *La renaissance catholique en Angleterre au XIX siècle*. Paris, Plon, 5 éd., 1905, I, p. 20 nota.

7) *Loss and Gain*, pp. 354-355.

8) *Letters*, I, p. 60.

9) *Autobiogr.*, p. 53.

10) *Ib.*, p. 63; *Apolog.*, p. 17.

11) *Autobiogr.*, p. 64.

12) *Letters*, I, p. 65.

13) *Ib.*, p. 51.

14) *Autobiogr.*, p. 14.

15) *Ib.*, p. 93.

16) *Apolog.*, p. 11.

17) *Autobiogr.*, p. 131.

18) *Letters*, I, p. 76.

19) *Autobiogr.*, p. 132.

20) *Letters*, I, p. 1444.

21) *Autobiogr.*, p. 106.

22) *Apolog.*, p. 12.

23) *Ib.*, p. 10.

24) *Autobiogr.*, p. 107.

25) Cf. a carta a H. Wilberforce. (Ward, I, p. 80.) Sobre Blanco White ver *Present position of catholics*, pp. 142 seg.; é

sintomático que os "evangélicos" ingleses que, no século passado, mantinham numerosas escolas primárias, hoje se contentam com o vago deísmo das escolas oficiais. Cf. H. O. Evennett, *The catholic schools of England and Wales*. Cambridge University Press, 1944.

26) Ward, II, pp. 460 seg.

27) *Essays critical and historical*, I, pp. 31 seg. *(On the introduction of rationalistic principles into revealed religion); Apolog.*, p. 288; *Idea of a University*, p. 28.

28) *Apolog.*, p. 49; cf. p. 10; *Autobiogr.*, p. 110; *Loss and Gain*, pp. 65 seg.; *Parochial...* II, pp. 259 seg.; *Sermons on subjects of the day*, p. 363; *Discussion and arguments*, pp. 126 seg. *(Difficulties of latitudinarianism).*

29) *Jornal do Comércio*, 12 de Dezembro de 1945.

30) *Present position of catholics...* pp. 55-56.

31) *Autobiogr.*, p. 111; *Apolog.*, p. 7. Cf. o interessante livrinho de D. Gorce, *Newman et les Pères*. Paris, Edit. du Cerf, s. d.

32) Cf. Ward, I, pp. 42-50.

33) *Letters*, I, p. 272.

34) *Op. cit.*, pp. 295, 310.

35) *L. c.*, p. 311.

36) *L. c.*, p. 295.

37) *L. c.*, pp. 296, 331.

38) *L. c.*, p. 297.

39) *L. c.*, pp. 300, 315, 345.

40) *L. c.*, p. 310; cf. *Loss and Gain*, p. 176. E ainda: Roma é "uma cidade que um cristão nunca pode contemplar sem que lhe acudam os pensamentos mais amargos, mais melancólicos, mais amorosos." (*Discussions and arguments*, pp. 2 seg.)

41) *Letters*, I, pp. 316, 317, 343.

42) *L. c.*, pp. 324, 315, 318, 329.

43) *L. c.*, p. 391.

44) *L. c.*, pp. 336, 338, 344.

45) *L. c.*, pp. 315, 316, 320, 325, 330, 333, 343.

46) "Quando, há dois anos, os rebeldes estiveram às portas, os habitantes diziam que nada podia prejudicar Roma, e continuaram seus afazeres como sempre." *L. c.*, p. 343.

47) *L. c.*, pp. 325, 329, 331, 332, 342.

48) *L. c.*, p. 342.

49) *L. c.*, pp. 341 seg.

50) *L. c.*, p. 338.

51) *L. c.*, pp. 338, 344.

52) *L. c.*, p. 363.

53) *L. c.*, p. 365.

54) *L. c.*, pp. 358, 363, 367, 376; *Apolog.*, pp. 34 seg.

55) Newman pregou um de seus mais incisivos sermões sobre o perigo mortal de "conhecer a vontade de Deus sem cumpri-la." (*Parochial...* I, pp. 27 seg.) Tal foi o pecado de Judas. (*L. c.* p. 29.)

http://www.obrascatolicas.com

56) *Letters,* I, p. 368.

57) *L. c.,* p. 365.

58) *L. c.,* p. 364. O fenômeno reveste alguma semelhança com os sonhos premonitórios. — W a r d (I, p. 51) observa que as numerosas poesias compostas durante o cruzeiro referem presságios de grandes movimentos na Igreja; cf. *Apolog.,* p. 119.

59) *Letters,* I, p. 359.

60) *Op. cit.,* I, p. 361.

61) *Letters,* I, pp. 178 seg.

62) *Ib.,* I, p. 209; cf. p. 395. — Convertido ao catolicismo, burilou, em termos candentes, as terríveis consequências religiosas do "erastianismo" ou sujeição do anglicanismo ao Governo. (*Difficulties of Anglicans,* I, pp. 8 seg.)

63) Em artigo escrito já no ano de 1833 e publicado em 1836 (reproduzido no volume *Discussions and arguments,* pp. 1 a 43), Newman expressou, com muita nitidez e brevidade, os princípios que guiaram o Movimento de Oxford; reuniu os seus principais escritos sobre o assunto, nos dois volumes *The via media of the Anglican Church.*

64) *Apologia,* p. 31.

65) *Letters,* I, p. 394.

66) Cf. P. S y n a v e, *La révélation des vérités divines naturelles d'après S. Thomas d'Aquin.* (*Mélanges Mandonnet,* t. I, pp. 327 seg. Paris, Vrin, 1930.)

67) *Apologia,* p. 243; cf. os textos apud W a r d, I, pp. 413-415; II, pp. 415 seg.; 461, 461, 475, 566, 576; os sermões: *"Faith and experience"* (*Sermons on subjects of the day,* pp. 63 seg.); *"Religion a weariness to the natural man", "The Gospel a sign addressed to Faith".* (*Parochial...* VII, pp. 12 seg.; VI, pp. 116-117.)

68) Cf. o curioso documento sobre a atitude de Newman no púlpito. (*Letters,* II, pp. 195 seg.)

69) *Callista,* p. 35.

70) C. F. H a r r o l d, *A Newman treasury,* New York, Longmans, 1945, p. 10, observa com razão que muitas vezes Newman foi julgado "enigmático", "misterioso", simplesmente em virtude da "apreensão do supra-sensível" de que era dotado e que, ao homem animalizado de nossos dias, se afigura de facto um enigma, senão um absurdo.

71) Citado por W a r d, I, p. 61.

72) W a r d, II, p. 473.

73) Citado por J. M o o d y, *John Henry Newman,* New York, Sheed & Ward, 1945, p. 57.

74) Citado por W a r d, I, pp. 63 seg.; 77 seg.

75) Abjurado o anglicanismo, Newman concitava os antigos companheiros de luta: "Tendes um destino, o destino da Verdade. A verdade é vossa senhora, e não vós, os senhores da verdade; deveis ir aonde ela vos leva." (*Diff. of Anglicans,* I, p. 124.)

CAPITULO III.

1) *Essay on the development,* p. 200: "A conversão gradual de uma religião falsa para uma verdadeira apresenta, por certo, muitas características de um processo contínuo, de um desenvolvimento mental, mesmo quando as religiões que constituem os dois extremos do percurso são antagônicas. Cumpre observar que tal mudança consiste sobretudo em adições, em acréscimos, não em destruição... A fé católica é, em grande parte, síntese de verdades que as heresias dividiram entre si; e erraram por separá-las. De maneira que um espírito religioso apegado a qualquer forma de paganismo ou de heresia em que foi criado, se em seguida fosse trazido à luz da verdade, seria transplantado do erro à verdade, não já perdendo o que possuía mas antes ganhando o que não tinha... Aquela parte da doutrina primitiva que deveria descartar como de todo falsa, ele não a rejeitaria directa, senão indirectamente, a saber na adesão à verdade que lhe é contrária. A verdadeira conversão apresenta sempre feição positiva e não negativa." Cf. *Grammar,* pp. 245 seg. — *Callista,* pp. 291 seg.: "Por certo, mais tarde, ela (Callista) poderia ter narrado, retrospectivamente, muitas coisas sobre si mesma, e teria reconhecido que embora variasse continuamente, pois que mudava, entretanto tal mudança não envolvia contradição, antes era como que um expandir-se por círculos concêntricos. Só com o decorrer do tempo, realizaria o que os princípios prometiam. Cada dia era, de certa maneira, a prole do dia precedente e o genitor do que se lhe seguia; e o fim ao qual tendia não podia ultrapassar o intento com que se pusera a caminho. Todavia, tivesse então sido perguntada sobre os princípios que seguia, sobre a sua coerência, a sua lógica, se se guiava pela razão ou pelos impulsos, ou por sentimento ou por fantasia, ou paixão, nada poderia ter respondido. Que sabia sobre si mesma, a não ser que, com grande espanto seu, mais reflectia sobre o que lhe diziam do cristianismo, mais sentia-se atraída por ele, mais lhe agradava à alma toda, mais parecia corresponder a suas necessidades e aspirações, mais se lhe aprofundava o pressentimento que o cristianismo era verdadeiro."

2) *Grammar of Assent,* pp. 413-414.

3) Em carta de 1836 a Keble, Newman declara que os seus adversários consideravam-no "cripto-papista. (*Letters,* II, p. 136. Cf. pp. 7, 9, 30, 52, 55, 206, 230.) Antecipando as descobertas dos psicólogos contemporâneos, Newman anteviu a importância capital de certas experiências infantis para o decurso da vida inteira. (*Parochial...* IV, pp. 39 seg.) No seu caso, apresenta como sinais de "cripto-papismo" no decorrer da sua infância: o hábito de persignar-se, o desenho de um rosário executado aos dez anos de idade, o amor pelo dogma, o culto da virgindade religiosa. (*Apologia,* pp. 2, 3, 4, 7.) Observamos, também, mais tarde, que ele deplora que as igrejas não mais se abrissem cotidianamente, como outrora, em tempos católicos. (*Letters,* I, p. 202; *Parochial...* II, p. 397.)

http://www.obrascatolicas.com

4) Apud Ward, II, p. 527.

5) Em 1851, o restabelecimento da hierarquia católica na Inglaterra foi considerado "agressão papal". Verdadeira borrasca anti-papista varreu o país: efígies de Pio IX e do Cardeal Wiseman foram pùblicamente queimadas de ponta a ponta da Ilha; discursos inflamados de políticos, panfletos indignados, artigos incendiários, levaram ao auge o horror à Roma. Padres católicos eram vaiados; o próprio Newman saindo certa feita à rua, um fanático despejou-lhe sobre a cabeça um saco de farinha! (Ward, I, p. 252 nota.) Newman mesmo conservou-nos 23 espécimes da fúria anti-papista no apêndice do volume *Sermons preached on various occasions*, pp. 317-327. Um convertido e amigo de Newman que lhe dedicou a *Grammar of Assent*, Edward Bellasis, narra que na casa paterna, rezava-se cada dia a seguinte oração: "Senhor, nós Vos suplicamos de confundir, no mundo todo, a heresia e o erro; de frustrar as maquinações do papismo, dentro ou fora da Igreja. Sejam confundidas todas as invenções do Bispo de Roma contra a verdade sagrada. Senhor, possa o papismo sofrer breve a derrota final e possa Babilônia, já há muito confundida, deixar de oprimir a terra." (Citado por Thureau-Dangin, *op. cit.*, I, p. XXX, nota.)

6) *Apolog.*, pp. 7, 25, 52, 120.

7) *Letters*, I, p. 332.

8) Dessa hipersensibilidade, que lhe será causa perene de sofrimentos, encontramos sobejas manifestações em sua vida e obras. Citemos apenas duas. Quando deixou Littlemore, a 22 de Fevereiro de 1846, beijou o leito, a lareira e outras partes da casa. (Carta a Copeland apud Ward, I, p. 117. Cf. *Loss and Gain*, pp. 353 e seg.); em Junho de 1868 quis rever aqueles sítios tanto estremecidos. Depõe uma testemunha ocular: "passava pela igreja de Littlemore, quando observei um homem mui pobremente trajado, debruçado sobre a cancela do adro, chorando. Parecia imerso em dor profunda. Vestia um velho sobretudo cuja gola levantara, ao passo que descera as abas do chapéu, como para ocultar as feições"; reconhecido o peregrino, propus-lhe que visitasse um velho amigo; Newman "imediatamente desatou em pranto, exclamando: oh! não, não!" (Ward, II, p. 206.)

9) Essa intuição dos direitos de Deus sobre nós, que inspira a obra toda de Newman, expressa-se de modo particularmente límpido no sermão *The strictness of the Law of Christ*. (*Parochial*... IV, pp. 1 seg.)

10) O sermão *The ventures of Faith* (*op. cit.* IV, p. 295) explana que o vigor da vida religiosa, mede-se pelos sacrifícios que por ela estamos dispostos a fazer, pelos riscos que por ela nos aventuramos a correr. Cf. o sermão *Divine calls* (*op. cit.* VIII, p. 31): "Tomar a sério a religião é estar decidido a fazer sempre a vontade de Deus; a dizer simplesmente: Falai, Senhor, vosso servidor escuta! — Senhor, que desejais que eu faça? — Oh! fora mais abundante em nós esse espírito! Oh! pudesse tudo reduzir-se para nós ao sentimento de que uma só coisa está diante de nós: fazermos a vontade de Deus!" — "E' deveras difícil encontrar um homem que se entregue sinceramente a seu Salvador" (*op. cit.*, I, p. 238).

11) *Loss and Gain*, p. 18. Cf. a carta de Pio XII ao Arcebispo de Westminster, sobre a conversão de Newman. (*Revista Eclesiástica Brasileira*, Março de 1946, p. 184.)

12) *Letters*, II, p. 392; *op. cit.*, I, p. 106. "Penso que realmente desejo a verdade e abraçá-la-ia onde fosse que a encontrasse." No prefácio da *Apologia*, p. XVII, diz que amou a verdade mais que aos amigos caríssimos; *Discussions and arguments*, p. 5: "Pereça a Igreja (conquanto, mercê da beatífica promessa não seja isso possível) — todavia pereça a Igreja antes que a verdade falhe! Para o cristão, a pureza da fé é mais preciosa do que a própria unidade." — *Essay on the development*, p. 357: "Existe a verdade, existe uma só verdade; o erro religioso é em si de natureza imoral: abraçá-lo (salvo se involuntàriamente), é culpável, logo deve ser temido. Demandar a verdade não é satisfazer uma curiosidade; atingi-la nada tem da exaltação duma descoberta; a mente é súbdita da verdade e não superior a ela; está obrigada a venerá-la, não a palrear sobre ela; verdade e erro estão colocados diante de nós para provar-nos o coração; nossa escolha é como um tremendo sorteio em que se joga nossa salvação ou nossa condenação"; *loc. cit.*, p. 445: "não decidais que a verdade é aquilo que desejais seja verdadeiro."

13) *Apolog.*, p. 4.

14) *Grammar*, pp. 349 seg.

15) *Loss and Gain*, p. 202: "Impossível deter o crescimento da mente. Eis que Charles durante dois anos havia afastado o espírito das controvérsias religiosas. Entretanto suas opiniões desenvolveram-se esse tempo todo sem que percebesse. Nem poderia ter sido de outro modo, desde que ele quisesse viver religiosamente. Para adorar o Criador e obedecer-lhe impunham-se actos intelectuais, conclusões e juízos, acompanhando tal adoração e tal obediência. Muito possível não tivesse claramente consciência do que acreditava, até o momento em que fosse interrogado; mas bastava então uma simples discussão com um amigo para levar-lhe à mente de modo distinto, o que ele realmente admitia"; cf. *op. cit.*, p. 67.

16) *Divine calls* (*Parochial*... t. VIII, p. 22): "Tais são os exemplos de chamamentos divinos, na Escritura. Distinguem-se por exigirem obediência imediata e por chamarem-nos não sabemos para que; chamarem-nos a caminhar nas trevas... São indeterminados e obscuros em suas consequências. Não vemos claramente o caminho, não percebemos quais serão os efeitos do que já fizemos, quais os resultados para nossa conduta e nossas opiniões. Talvez revistam a máxima importância, entretanto. Esse insignificante acto que de repente é exigido de nós, que resolvemos e executamos mui ràpidamente, será porventura uma porta de entrada para o segundo e terceiro céus... Muitas pessoas, ao olhar para o passado, acham bem digno de nota

http://www.obrascatolicas.com

que em épocas diversas, hajam variado tanto em suas concepções sobre a verdade divina, os meios de agradar a Deus, o que é permitido ou vedado, em que consiste a superioridade ou a excelência... E o ponto decisivo terá sido um acto em aparência insignificante, uma princípio cujo alcance não se percebia claramente." — *Letters*, I, p. 180: "Salvo milagre, as verdades de ordem moral são conquistadas a custa de estudo demorado, de reflexão calma, silenciosamente como cai o orvalho." (Cf. *ib.*, p. 203.)

17) Segundo a cronologia apensa aos *Sermons bearing on subjects of the day*, p. 417, o Sermão *Sudden conversions* foi pregado a 25 de Janeiro de 1832; o livro de W. James, *The varieties of religious experience*, veio a lume em 1902.

18) *Sudden conversions*. (*Parochial*... VIII, pp. 226-227.)

19) *Apologia*, p. 73: "Minha mudança de opinião resultou não de influências estranhas, mas do trabalho de minha mente e dos acontecimentos em torno de mim"; cf. p. 93. — Nas *Difficulties of Anglicans*, I, p. 167, descreve, de maneira quase truculenta, como se tornara insustentável a sua posição no seio do anglicanismo.

20) *Apologia*, pp. 46, 48, 205.

21) *Op. cit.*, pp. 54 seg.; *Letters*, I, p. 181.

22) *Letters*, II, p. 53.

23) *Apologia*, p. 48.

24) *Difficulties of Anglicans*, I, pp. 387 seg.

25) *Apologia*, p. 117.

26) *Letters*, II, pp. 256, 276, 263, 266, 281, 384; *Apologia*, pp. 104, 117; *Difficulties of Angl.*, I, pp. 151, 373; é curioso observar que o próprio Newman, já em 1833, formulara, como objecção ao anglicanismo, o mesmo argumento agostiniano sem lhe perceber todavia o verdadeiro alcance. (*Discussions and arguments*, pp. 7 seg.)

27) *Apolog.*, pp. 117, 339.

28) *Letters*, II, p. 256. — Uma semana antes, participara ao mesmo outro golpe "romanista", desta feita de natureza afectiva: "aquele capuchinho dos *Promessi Sposi* cravou-se-me no coração como um dardo" (*l. c.* p. 255).

29) *Apolog.*, p. 162.

30) *Letters*, II, p. 257. — Uma vez convertido, Newman trouxe o amigo à fé romana.

31) *Op. cit.*, pp. 380, 411.

32) *Apolog.*, p. 169; *Loss and Gain*, p. 294.

33) *Apolog.*, p. 119. — A Henry Wilberforce escreve: "Como é terrível ver-se a gente obrigada a tomar decisões capitais, envolto em tais trevas! Todavia eu, que tanto preguei sobre o dever de caminhar noite adentro para onde Deus chama, sou o último a ter o direito de me lastimar." (Ward, I, p. 82.)

34) *Apolog.*, p. 15.

35) *Op. cit.*, p. 118.

36) *Op. cit.*, pp. 148 seg.; 339. Cf. *Diff. of Angl.*, I, pp. 165 seg.; *The Via Media*, I, pp. 16 seg.

37) Depoimento de Thomas Mozley. (Thureau-Dangin, *op. cit.*, p. 74.)

38) *Apologia*, p. 139.

39) *Op. cit.*, p. 106.

40) *Letters*, II, p. 285.

41) *Op. cit.*, II, pp. 282, 336, 338, 348, 404; *Apolog.*, p. 150.

42) *Sermons bearing on subjects of the day*, pp. 318-323; 332 seg.; 335, 358, 345 seg., 363.

43) *Apolog.*, pp. 120, 151, 156, 201 seg. Cf. *Essays critical and historical*, II, pp. 70 seg.

44) *Letters*, II, p. 285; *Apolog.*, p. 155.

45) *Loss and Gain*, pp. 231 seg.

46) *Letters*, II, p. 285.

47) *Letters*, II, pp. 318, 335, 380, 385; *Apolog.*, pp. 152, 220, 317 seg. *Diff. of Angl.*, I, p. 152.

48) *Letters*, II, pp. 315 seg.; 321, 324 seg.; 335, 338; *Sermons on subjects of the day*, p. 340 nota; *Loss and Gain*, p. 52. Cf. *Essays critical and historical*, II, p. 374.

49) *Diff. of Angl.*, I, pp. 59-62.

50) *Ib.*, I, pp. 5 seg.

51) *Letters*, II, p. 268.

52) Ward, I, p. 81; cf. *Apologia*, p. 229; *Idea of a Univers.*, pp. 37 seg., 447 seg.; *Diff. of Angl.*, I, pp. 30 seg.; *Grammar*, pp. 495 seg. Num de seus sermões católicos, Newman debuxou de maneira impressionante o contraste entre o anglicanismo, cujo ideal é o burguês rico e respeitado, e o catolicismo, cujo ideal é o Santo. (*Mixed Congregations*, pp. 83-103.)

53) J. G. Keller, *What about the hundred million?* (*American Eccles. Review*, Washington, Maio de 1945, pp. 321-349.)

54) *Apologia*, p. 229.

55) Ward, I, p. 82.

56) *Letters*, II, pp. 262-288; 310 seg.; 315, 317, 319, 325, 330, 335, 337 seg.; 340, 373.

57) *Apolog.*, pp. 89, 228.

58) *Op. cit.*, pp. 66, 92, 119, 147, 659.

59) *Op. cit.*, pp. 54, 134, 156; *Loss and Gain*, pp. 204 seg. O anglicanismo "implica retorno ao estado incoativo em que vivia a Igreja antes da era constantiniana. E' a infância que se substitui à idade varonil." (*Discussions and arguments*, p. 18.)

60) *Letters*, II, p. 379.

61) *Apolog.*, pp. 54, 121.

62) *Op. cit.*, p. 209.

63) *Op. cit.*, p. 119; *Letters*, II, pp. 339, 403, 412, 415 seg.; Ward, I, pp. 81, 129; *Loss and Gain*, p. 342.

64) *Letters*, II, pp. 398, 402, 411; *Apolog.*, p. 228; *Loss and Gain*, p. 367. O temor de perturbar as almas continuou a dominar Newman em sua carreira católica; cf. as cartas citadas por Ward, I, p. 242, II, pp. 328 seg., 335, 474 seg., 491, 646.

65) *Apolog.*, p. 239. Cf. a carta citada por Ward, I, p. 242.

http://www.obrascatolicas.com

68) *Letters*, II, pp. 398, 411, 415, 416; *Apolog.*, pp. 92, 229; W a r d, I, pp. 112-113.

67) W a r d, I, p. 21.

68) *The parting of friends.* (*Sermons bearing on subjects of the day*, pp. 407-409.)

69) *Loss and Gain*, p. 291. "Aproximou-se da Cruz, descobriu-se, ajoelhou-se e beijou o madeiro. Por algum tempo orou, impetrando a graça de ir aonde quer que Deus o chamasse, quaisquer que fossem as consequências, as provações, as perdas."

70) *Letters*, II, p. 413. "Não estou condenando quem não aja como eu. Apenas encaro a mim mesmo. Se Deus me dá uma certa luz, é um motivo para que eu aja" (*l. c.*, p. 404). "Não posso descobrir um outro motivo (de conversão) a não ser o sentimento do imenso risco para minha alma se permanecer onde estou" (*l. c.*, p. 398). Cf. *Grammar*, p. 261.

71) *Apolog.*, p. 231. Cf. *Loss and Gain*, pp. 334, 243, 367; *Sermons on subjects of the day*, p. 261.

72) *Apolog.*, p. 119. Cf. *Loss and Gain*, p. 133.

73) Newman atribuía tal importância a esta passagem que por duas vezes a reproduziu: no prefácio do *Essay on the development* (p. IX) e na *Apolog.*, p. 54. *Loss and Gain*, pp. 278-279.

74) *Apolog.*, p. 165. "Que minha simpatia pela Igreja romana haja crescido, não o nego; mas que minhas razões para fugir-lhe a comunhão tenham diminuído ou sido alteradas, seria talvez difícil provar. Ora, desejo guiar-me pela razão e não pelo sentimento" (*op. cit.*, p. 189). "Experimento um grande pavor de seguir meus afectos, que me poderiam transviar. Devemos apenas seguir nossa ideia do dever" (*op. cit.*, p. 230). — Donde o grande valor apologético dessa conversão.

75) *Op. cit.*, p. 169; cf. p. 119; *Callista*, p. 317.

76) *Op. cit.*, p. 169; cf. p. 119.

77) *Letters*, II, p. 386. — "Meu estado de espírito é o que os teólogos denominam "indiferença" e consiste em considerar como dever não nos apegarmos a coisa alguma, mas estarmos dispostos a aceitar o que a Providência quiser" (*op. cit.*, p. 399).

78) *On divine calls. Parochial...* VIII, p. 8.

79) *Apolog.*, pp. 123, 125.

80) *Op. cit.*, p. 196.

81) *Op. cit.*, p. 228.

82) *Essay on the development*, p. 7.

83) *Ib.*, pp. 819.

84) *Actos dos Apost.*, c. 15, v. 41.

85) *Essay...* p. 382.

86) *Ib.*, pp. 29, 36.

87) *Ib.*, p. 73.

88) Essa doutrina é explanada de modo a um tempo simples e admirável no sermão *The Incarnation.* (*Parochial...* II, pp. 26-40.)

89) *Essay...* pp. 59 seg.

90) *Ib.*, p. 40.

91) *Ib.*, p. 75.

92) *Ib.*, p. 91.

93) *Ib.*, p. 88.

94) *Ib.*, p. 169.

95) *Ib.*, pp. 148, 419 seg.

96) *Ib.*, p. 361.

97) *Ib.*, p. 127.

98) Alude a Oxford.

99) *Op. cit.*, p. 98.

100) *Ib.*, pp. 171, 206.

101) *Ib.*, p. 246.

102) *Ib.*, p. 272.

103) *Ib.*, p. 321.

104) *Ib.*, p. 181.

105) *Ib.*, p. 353.

106) *Ib.*, p. 186.

107) *Ib.*, p. 355.

108) *Ib.*, p. 359.

109) *Ib.*, p. 365.

110) *Ib.*, p. 368.

111) *Ib.*, p. 384.

112) *Ib.*, p. 195.

113) *Ib.*, p. 401.

114) *Ib.*, p. 200.

115) *Ib.*, p. 426.

116) *Ib.*, p. 437. Houve quem asseverasse que Newman, qual precursor do modernismo, advogava um evolucionismo transformista. Entretanto, ele mesmo havia repudiado tal heresia com extremado vigor: "Em teologia, a única questão é: que foi revelado? Todo saber doutrinal dimana de uma só fonte original. Se logramos alargar nosso panorama e multiplicar nossas proposições, deve ser tão-sòmente pela comparação e combinação de verdades primitivas; se quisermos resolver questões novas, deve ser consultando antigas respostas. A noção de um saber doutrinal inteiramente novo, simples adição vinda de fora, é intolerável a ouvidos católicos e nunca foi admitida por quem quer que fosse que tivesse uma compreensão, aproximada sequer, de nossa fé. A Revelação está toda inteira na doutrina; os Apóstolos são os seus únicos depositários, seu único instrumento é o método dedutivo e a única sanção, a autoridade eclesiástica. A Voz divina folou uma vez por todas. O único problema é discernir-lhe o sentido." *Idea of a Univers.*, p. 223. Sobre o valor teológico da teoria de Newman, ver E. D. B e n a r d, *A Preface to Newman's Theology*. St. Louis, Herder, 1945, pp. 83-156, e o resumo que demos da teoria do P. Marín-Sola, na *Rev. Ecles. Bras.*, Junho de 1945, pp. 253-263.

117) Carta a H. Wilberforce. (W a r d, I, p. 616.)

118) *Loss and Gain*, p. 423.

119) *Apologia*, p. 235.

http://www.obrascatolicas.com

CAPITULO IV.

1) Ward, I, p. 99.
2) *The second Spring (Sermons preached on various occasions)* p. 172 seg.). Nas últimas linhas Newman alude à lei de emancipação política dos católicos, votada pelo parlamento inglês em 1829. — Segundo escreve Thureau-Dangin (*op. cit.*, I, p. XI) os católicos ingleses estavam reduzidos em 1814 a 160.000 apenas.
3) *Apologia*, p. 236.
4) *Difficulties of Anglicans*, I, p. 81; cf. as belas páginas de pungente saudade em *Loss and Gain*, pp. 353 seg.
5) Ward, I, pp. 650, 591.
6) *Ib.*, p. 654.
7) *Apologia*, p. 238.
8) *Diff. of Anglicans*, I, p. VI.
9) *Ib.*, II, p. 3.
10) Ward, I, p. 118.
11) *Loss and Gain*, pp. 327 seg. — Sobre a Bênção do SS., ver *Present position of catholics*, p. 255.
12) Thureau-Dangin, *op. cit.*, I, p. 322.
13) *Ib.*, I, p. 321.
14) *Ib.*, II, pp. 26 seg.
15) Formam o 1.º volume da obra *Difficulties of Anglicans*.
16) O título actual da obra é *Lectures on the present position of Catholics in England*.
17) Esse trecho, expungido da obra por ordem do tribunal, encontra-se em Ward, I, p. 279 nota.
18) Thureau-Dangin, II, p. 275.
19) Cartas publicadas por Ward, I, pp. 294 seg.
20) *Ib.*, p. 292.
21) *Ib.*, p. 303.
22) *Ib.*, p. 367.
23) *Ib.*, p. 381; cf. p. 628.
24) *Idea of a University*, p. 232.
25) *O Jornal*, 8-1-1946.
26) Pio XII, *Alocução do Natal de 1945.*
27) Citado por Tristão de Ataíde em *O Jornal*, 6-1-1946.
28) C. F. Harrold, *A Newman Treasury*, New York, Longmans, 1945, p. 43. — Com sumo prazer lemos na revista *Verbum* de Dezembro de 1945, pp. 441-442, o seguinte tópico: "Ainda há pouco o presidente da Universidade de Yale, uma das mais notáveis da grande república, nomeou uma comissão para estudar "o papel que deveria desempenhar a religião numa universidade." O relatório de seus trabalhos preconiza a instituição de um grande departamento de religião "para desenvolver entre os estudantes mais altos valores espirituais e morais." Depois de acentuar a "anarquia intelectual e moral" e o "aumento acentuado de desonestidade escolar", conclui a Comissão: "E' tão importante o aspecto religioso da vida humana que uma universidade que descuida o seu ensino se torna gravemente faltosa para com os estudantes." E mais adiante, o presidente da Comissão, o Dr. Lovett: "Penso que uma universidade não pode ser neutra no terreno religioso; meu desejo é que o aspecto moral da religião se torne uma força na vida dos estudantes e do mundo. Precisamos do auxílio que nos pode trazer a religião."

29) Essas cartas foram novamente publicadas por Newman em 1872, no volume *Discussions and arguments*.
30) *Discussions and arguments*, p. 268.
31) *Ib.*, p. 270.
32) *Ib.*, p. 274.
33) *Ib.*, p. 293. Cf. *Sermons to mixed Congregations*, pp. 180 seg.
34) *Discussions and arguments*, p. 295.
35) *Ib.*, p. 304.
36) *Idea of a University*, pp. IX, XII seg. Cf. *What is a University?* (*Historical Sketches*, III, pp. 6 seg.)
37) *Idea of a University*, pp. 103, 126, 151.
38) *Ib., pp.* IX, 122 seg.
39) *Ib.*, p. 111.
40) *Ib.*, pp. 111 seg.; 120 seg.
41) *Ib.*, pp. 166 seg.
42) *Ib.*, p. 178.
43) *Ib.*, p. 142.
44) *Ib.*, p. 135.
45) *Ib.*, pp. 139 seg.
46) Carta a Mrs. Maskell. (Ward, II, p. 416.)
47) *Idea of a University*, p. 71.
48) Ward, I, p. 355.
49) *Op. cit.*, II, p. 469.
50) *Occasional Sermons*, p. 13.
51) *Idea of a University*, p. 235.
52) *Ib.*, p. 469.
53) Ward, I, p. 405.
54) *Idea of a University*, pp. 387 seg.
55) *Ib.*, p. 219.
56) *Ib.*, pp. 430, 439 seg.
57) *Ib.*, p. 461.
58) *Ib.*, p. 462.
59) *Ib.*, pp. 471, 474, 478. — Pio XII, em recente Encíclica, rasgava à exegese católica novos e amplos horizontes; em seguida brindava-nos com magnífica tradução latina dos Salmos, feita sobre o original hebraico; foram possíveis esses progressos graças ao adiantamento da filologia, da crítica textual, história, arqueologia, realizado através de espantoso fervilhar de erros, hipóteses aventurosas e teorias capciosas. Do embate de tantos erros, surgiu a verdade ou, ao menos, maior aproximação da verdade. E' o que já previa Newman em 1850; cf. *Difficulties of Anglicans*, I, pp. 155-156.
60) *Idea of a University*, pp. 466 seg.
61) *Ib.*, p. 97.
62) *Ib.*, pp. 45 seg.

http://www.obrascatolicas.com

63) *Ib.*, p. 33.
64) *Ib.*, p. 72.
65) *Ib.*, pp. 77, 399, 401.
66) *Ib.*, p. 89.
67) *Ib.*, p. 77.
68) *Ib.*, p. 512. Cf. *Sermons on subjects of the day*, pp. 60 seg.
69) *Idea of a University*, p. 513.
70) *Ib.*, pp. 120 seg.; 203.
71) *Ib.*, pp. 513 seg.

CAPITULO V.

1) Ward, I, pp. 423-428.
2) *Ib.*, pp. 569, 584, 587.
3) Thureau-Dangin, III, pp. 11 seg.; 261-271; 307.
4) Maisie Ward, *The Wilfrid Wards and the Transition*, New York, Sheed & Ward, 1934, I, p. 207. Sobre a triste perseguição movida por Manning a Newman ver as páginas imparciais de Thureau-Dangin, II, cap. 7 e III, cap. 2.
5) Thureau-Dangin, I, pp. 165 seg.; 298 seg.; Maisie Ward, *op. cit.*, pp. 3 seg.
6) W. Ward, II, p. 213.
7) Maisie Ward, I, p. 11.
8) Thureau-Dangin, II, p. 358.
9) W. Ward, II, p. 566.
10) *Ib.*, p. 147.
11) Cf. as passagens, demasiado longas para serem citadas aqui, da *Apologia* pp. 257-260, especialmente pp. 258-259.
12) Ward, I, p. 498.
13) *Ib.*, p. 524.
14) *Ib.*, p. 553. Cf. *Apologia*, p. 263.
15) Ward, I, p. 560.
16) *Ib.*, p. 488.
17) Carta aberta reproduzida na *Apologia*, p. 370.
18) Ward, I, p. 516; cf. pp. 513, 637.
19) *Ib.*, II, p. 474; cf. I, p. 605; II, p. 49.
20) *Idea of a University*, p. 486.
21) *Ib.*, pp. 473, 479; Ward, II, pp. 474 seg.
22) Ward, I, p. 438.
23) *Ib.*, p. 584; *Apologia*, p. 260.
24) Ward, I, p. 392; 397 seg.; 433 seg.; 494.
25) *Ib.*, I, pp. 417 seg.; 440; 474, 478, 495, 557.
26) *Ib.*, I, pp. 432, 439, 492, 495, 497, 500, 539.
27) *Ib.*, I, p. 499.
28) *Ib.*, I, pp. 503 seg.; 636; II, pp. 124, 128, 157, 161, 165-166, 169-174, 179.
29) Thureau-Dangin, III, pp. 255-259.
30) Ward, I, p. 586.
31) *Ib.*, I, pp. 521 seg.; 581, 585; II, pp. 43, 47, 162-163, 175.

32) *Ib.*, I, pp. 546, 548-549, 583.
33) *Ib.*, I, pp. 526, 540, 602.
34) *Ib.*, I, pp. 451, 587.
35) *Ib.*, I, p. 596.
36) *Ib.*, I, p. 579. — Alude a última frase a um dos raríssimos empreendimentos bem sucedidos de Newman. Em 1859 fundara um internato para meninos que se tornou afamado; Newman abandonou os processos de delação e espionagem usados então; interessava-se muito pelos estudos dos alunos; ensinava-lhes a recitar, a representar comédias latinas, assistia aos ensaios de música de câmara; era popularíssimo entre os rapazes. (Thureau-Dangin, III, pp. 100 seg.; Ward, I, pp. 452, 454, 457.)
37) Ver a carta desalentada a Ambrose St. John em Ward, I, p. 546.
38) Ward, I, pp. 534, 594.
39) *Ib.*, p. 611.
40) *Ib.*, p. 602.
41) *Ib.*, pp. 323, 439, 588 seg.
42) *Ib.*, pp. 323, 585-586, 590, 600, 607, 613.
43) *Ib.*, I., pp. 582 seg.; II, pp. 124 seg.
44) *Ib.*, I, p. 578. Essa sentença, aliás, foi tomada por S. Filipe a S. Bernardo. *(Sermo XV in Coena Domini.)* — Sobre o ideal de S. Filipe Néri ver o sermão *The mission of St. Philip* (*Occasional sermons*, especialmente p. 242).
45) Ward, I, p. 654.
46) *Ib.*, p. 201; *Apologia*, p. 238.
47) Ward, I, p. 580; cf. *Difficulties of Anglicans*, II, pp. 348-349.
48) *Ib.*, p. 593; cf. pp. 449, 500.
49) *Ib.*, p. 596.
50) *Idea of a University*, p. 267.
51) *Occasional sermons*, p. 277.
52) Ward, I, pp. 601, 602.
53) *Ib.*, I, pp. 483, 589; II, p. 125.

CAPITULO VI.

1) Ward, II, pp. 5, 34. — Nas edições subsequentes da *Apologia*, Newman omitiu as sátiras; foram novamente publicadas em 1913, na edição da Oxford University Press: *Newman's Apologia pro vita sua. The two versions of 1864 and 1865, preceded by Newman's and Kingsley pamphlets, with an introduction by Wilfrid Ward.*
2) Ward, II, pp. 30-31.
3) Thureau-Dangin, II, pp. 355 seg.
4) *Apologia*, p. 237.
5) Ward, II, pp. 425 seg.; *Apologia*, pp. 390-391.
6) Ward, II, p. 198; Maisie Ward, I, pp. 46 seg., 268.
7) Ward, II, pp. 136, 149, 194.

http://www.obrascatolicas.com

8) Maisie Ward, I, pp. 74 seg.; 262 seg.
9) Ward, II, pp. 56, 58.
10) *Ib.*, II, p. 67; Thureau-Dangin, II, pp. 371 seg.
11) Ward, II, pp. 122, 130.
12) *Ib.*, pp. 138 seg.
13) *Ib.*, pp. 543 seg.
14) *Ib.*, pp. 143 seg.; Thureau-Dangin, III, pp. 81 seg.
15) Ward, II, p. 193. Newman, é claro, não se referia aos pronunciamentos "ex cathedra", que são infalíveis; referia-se aos outros, que, embora falíveis, não deixam por isso de requerer plena e filial obediência.
16) *Ib.*, pp. 192, 240.
17) *A letter addressed to the Rev. E. B. Pusey D. D. on occasion of the Eirenicon.* (*Difficulties of Anglicans*, II, pp. 1-170.) Ver em Thureau-Dangin a carta abominável de Talbot a Manning, em que, após haver afirmado que várias passagens da obra não eram católicas nem cristãs, concluía: "O espírito (de Newman) deve ser esmagado." E Manning respondeu: "O que me escreve sobre Newman é verdadeiro."
18) Essa correspondência foi publicada por G. H. Harper, *Cardinal Newman and William Froude, F. R. S., a correspondence.* Baltimore, The Johns Hopkins Press, 1933.
19) Ward, II, p. 245.
20) Maisie Ward, II, pp. 282 seg.; B. D. Benard, *A preface to Newman's theology*, St. Louis, Herder, 1945, pp. 112 seg.; a doutrina newmaniana foi exposta com exacção e clareza por S. Juergens. *Newman on the psychology of faith in the individual*, London, Burns, Oates & Washbourne, 1928.
21) *Grammar*, p. 352; *Dispositions for Faith* (*Occasional sermons*, p. 61).
22) *Grammar*, p. 378.
23) *Apologia*, p. 294.
24) Essa feição pessoal, autobiográfica, está nitidamente indicada na *Grammar*, pp. 384-385: na pesquisa religiosa "a verdadeira modéstia é o egotismo", etc.
25) *Discussions and Arguments*, p. 295.
26) Ward, II, p. 276. — Carta a W. Froude. (Harper, *op. cit.*, p. 202.)
27) *Grammar*, p. 350.
28) *Apologia*, p. 10.
29) *Grammar*, pp. 237, 288.
30) *Ib.*, pp. 319-320; *Apologia*, pp. 20-21.
31) Entre as proposições condenadas pelo Santo Ofício no decreto *Lamentabili* de 3 de Julho de 1907, a 25.ª reza: "O assenso da fé repousa últimamente sobre uma congérie de probabilidades." Ora, Newman afirma não apenas acúmulo, antes *convergência de probabilidades independentes*. Um simples acúmulo não nos faz sair do provável, logo do duvidoso, enquanto a "convergência" no seio da "independência", nos leva à certeza, porquanto a *razão suficiente* (este princípio reveste valor absoluto) de tal concorrência de indícios independentes, só pode ser a

verdade para a qual convergem. Cf. Benard, *op. cit.*, pp. 180 seg. — Ainda mais elongava Newman do erro de Hermes, segundo o qual, em matéria religiosa, só atingimos probabilidades. Vezes sem conta afirmou que conhecemos verdades religiosas absolutamente certas. O que Newman indaga, é *como* chegamos a tais verdades. Ele mantém que em matéria concreta (p. ex.: o facto histórico que Napoleão existiu, ou que Deus se revelou) atingimos a certeza por uma série de provas que nos ministram, cada qual isolada, apenas uma probabilidade maior ou menor, mas cuja intersecção e mútua independência são de tal ordem, que nos fazem sair do campo da probabilidade para chegar à plena certeza. Vimos, por exemplo, no capítulo III, que Newman elaborou 7 critérios para discriminar entre evolução e corrupção dogmática. Cada qual, isolado, dá apenas probabilidade, mas a convergência acrescida da mútua independência desses 7 sinais, gera a certeza absoluta.
32) *Grammar*, p. 267.
33) *Apologia*, p. 29.
34) *Grammar*, pp. 86 seg.
35) *Ib.*, p. 488.
36) *Ib.*, p. 57; cf. o sermão *Faith and private judgment* (*Mixed congregations*, pp. 194, 199, 204, 207).
37) *Oxford University sermons*, pp. 271 seg.
38) *Personal influence the means of propagating the truth* (*op. cit.*, p. 92).
39) *Grammar*, pp. 414 seg.
40) *Ib.*, p. 271.
41) Carta a W. Froude. (Harper, *op. cit.*, p. 204.)
42) *Grammar*, pp. 330, 334-335; cf. Juergens, *op. cit.*, pp. 67 seg.
43) *Grammar*, pp. 112, 115.
44) Newman não ignorava as objecções dos filósofos, contemporâneos seus, contra a consciência moral. Cf. *Difficulties of Anglicans*, II, p. 249.
45) *Idea of a University*, pp. 191 seg.
46) *Occasional sermons*, pp. 20 seg.
47) *Ib.*, pp. 64-68; Ward, I, p. 645.
48) *Faith without sight.* (*Parochial...* II, p. 23.)
49) Juergens, *op. cit.*, pp. 219 seg.
50) *Apologia*, p. 239; carta a H. Wilberforce. Ward, II, p. 250.) Na *Grammar*, p. 217, qualifica essas dificuldades de "moscas importunas".
51) *Occasional sermons*, p. 63. Cf. o sermão *Faith without sight.* (*Parochial...* II, pp. 17-24.)
52) *Parochial...* VIII, p. 113.
53) *Difficulties of Anglicans*, I, pp. IX-XII; *Present position of catholics*, p. X.
54) Os principais textos foram agrupados por E. Przywara. *A Newman Synthesis*. New York, Sheed & Ward, 1945, pp. 17-41.

http://www.obrascatolicas.com

55) *Occasional sermons*, pp. 69 seg.; *Parochial*... II, pp. 17 seg.; *Essays critical and historical*, I, p. 34.
56) *Discussions and arguments*, p. 294.
57) *Sermons to mixed congregations*, pp. 207, 224-225; *Diff. of Anglicans*, I, p. 399.
58) Cf. a importantíssima carta de Junho de 1869 a uma alma inquieta. (Ward, II, pp. 329-331.)
59) *Occasional sermons*, p. 73.
60) Cf. a dramática narrativa das apostasias em *Sermons to mixed congregations*, pp. 8-15; *Occasional sermons*, pp. 9-11.
61) *Oxford University sermons*, p. 226.
62) *Callista*, pp. 220 seg.; *Oxford Univ. sermons*, pp. 247 seg.
63) Ward, II, pp. 271 seg.
64) *A letter addressed to His Grace the Duke of Norfolk on occasion of Mr. Gladstone's recent expostulation.* 1874. (*Diff. of Anglicans*, II, pp. 175-378.)
65) Cf. a enérgica missiva de Manning ao Cardeal Franchi, em J. Moody, *John Henry Newman*. New York, Sheed & Ward, 1945, p. 288.
66) Ward, II, pp. 129, 270; cf. pp. 91, 439.
67) Thureau-Dangin, II, p. 87.
68) O número é indicado por G. H. Harper, *op. cit.*, p. 182. — Sobre Newman epistológrafo, ver a interessantes páginas de Ward, II, pp. 314-348.
69) Testemunho do duque de Norfolk. (Ward, II, p. 437.)
70) Thureau-Dangin, III, pp. 226 seg.
71) Carta a Miss Munro. (Ward, II, p. 328.)
72) Ward, I, pp. 21-22.
73) *Ib.*, II, p. 412.
74) *Ib.*, p. 438.
75) Thureau-Dangin, III, p. 232.
76) *Ib.*, p. 230.
77) Ward, II, pp. 438 seg.
78) *Ib.*, p. 583.
79) Thureau-Dangin, III, pp. 240 seg.
80) *Ib.*, p. 243.
81) Ward, II, p. 463.
82) Thureau-Dangin, III, p. 244.
83) Ward, II, pp. 498 seg.
84) *Ib.*, p. 486.
85) Maisie Ward, I, p. 275. Sobre a situação actual dos estudantes católicos nas Universidades de Oxford e Cambridge, ver H. O. Evennett, *The catholic schools of England and Wales*. Cambridge University Press, 1944, p. 91.
86) Ward, II, p. 530.
87) *Ib.*, p. 531.
88) *Ib.*, pp. 534 seg.
89) *Ib.*, p. 512.

INDICE.

Introdução 5

Capítulo I.
O ENCONTRO COM DEUS.
1. Delineia-se um Carácter 15
2. A Primeira Imagem de Deus 17
3. Crise e conversão 20

Capítulo II.
RETORNO A IGREJA ANTIGA.
1. O Universitário 29
2. Roma Sinal de Contradição 43
3. O Movimento de Oxford 47

Capítulo III.
EM DEMANDA DE ROMA.
1. A Primeira Dúvida 63
2. A Agonia 75
3. A Grande Descoberta 81

Capítulo IV.
CRISTO E MINERVA.
1. Loss and Gain 101
2. Primeiras Nuvens 108
3. Ilusões cientificistas 115
4. Humanismo Cristão 123
5. Medicina, Moral e Religião 133

Capítulo V.
SOL POR ENTRE NUVENS.
1. Historia Calamitatum 139
2. O Mistério da Cruz 160

Capítulo VI.
O FULGOR DA PÚRPURA.
1. Apologia pro vita sua 165
2. A Justificação da Fé 172
3. O Cardinalato 189

Notas 199

http://www.obrascatolicas.com